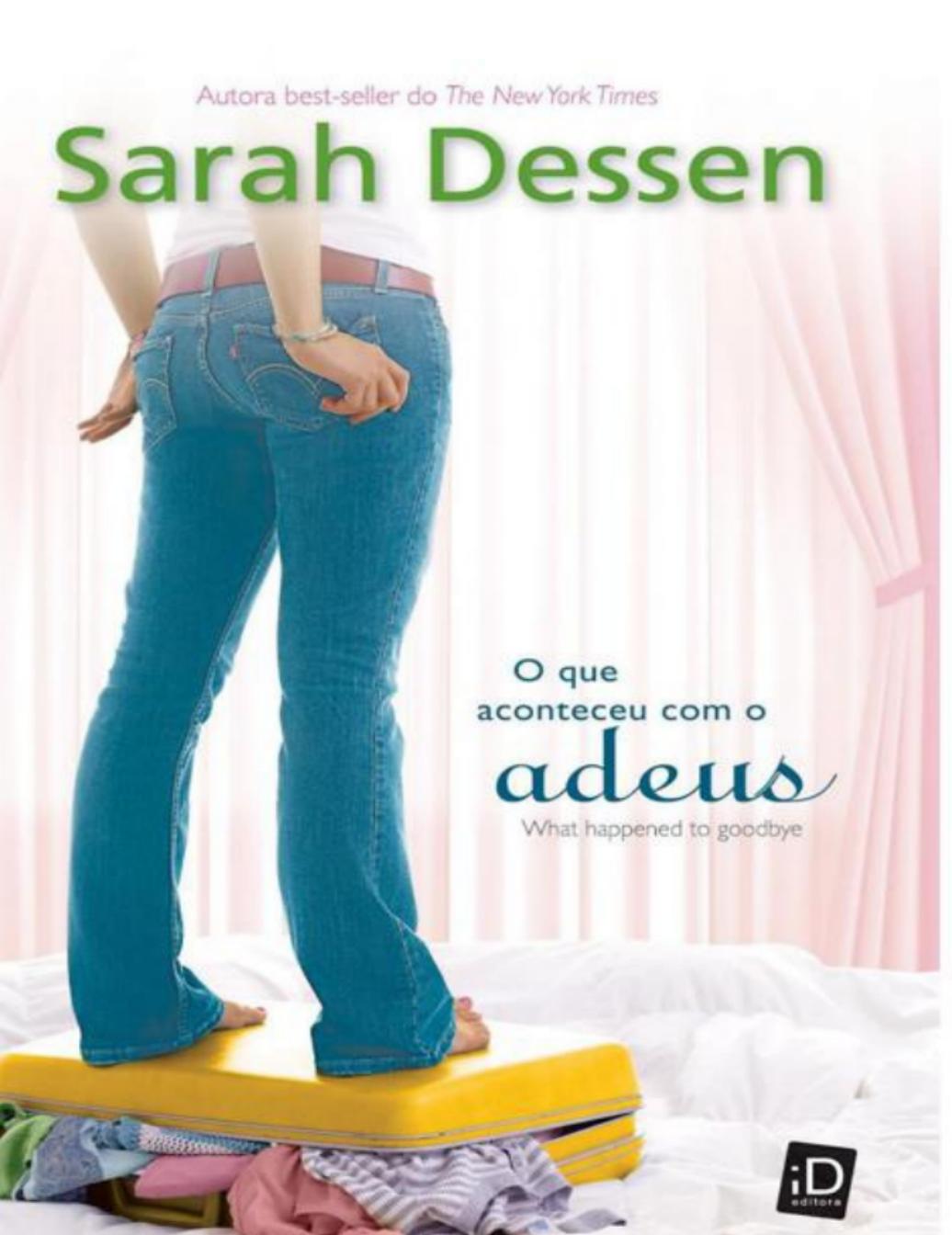


Autora best-seller do *The New York Times*

Sarah Dessen



O que
aconteceu com o
adeus
What happened to goodbye



AFTER DARK



Autora best-seller do *The New York Times*

Sarah Dessen

O que
aconteceu com o
adeus
What happened to goodbye



1



2



3

Para Gretchen Alva, com amor e admiração.



4

*Break away from
What you've known
You are not alone
We can build
a brand new home
You are not alone*

— Ben Lee, “Families Cheating at Board Games”

Rompa com tudo
que você conhece

Você não está sozinho

Podemos construir

um lar totalmente novo

Você não está sozinho

[tradução livre]



5

Um

A MESA ESTAVA GRUDENTA, uma mancha embaçava o meu copo de água, e já estávamos sentados há dez minutos sem nenhum sinal da garçonete. Mesmo assim, eu sabia o que papai diria. A esta altura, já fazia parte da rotina.

— Bem, vou lhe dizer... Vejo potencial por aqui.

Enquanto dizia isso, ele olhava ao redor examinando a decoração. O

Luna Blu era descrito no cardápio como “Cozinha Italiana Contemporânea, boa como antigamente!”, mas, ao que pude constatar, pelos poucos

minutos em que estávamos ali, a última afirmação era questionável.

Primeiro, eram 12:30h de um dia de semana, e nós estávamos em uma das duas únicas mesas ocupadas no lugar. Segundo, eu acabara de notar uma boa camada de pó na planta de plástico colocada no canto da mesa. Mas papai tinha que ser otimista. Era seu trabalho.

Encarei-o com firmeza enquanto ele examinava o cardápio, com a testa franzida. Ele precisava de óculos, mas parou de usá-los após perder três pares em seguida, então agora ele vivia contraindo os olhos. Em qualquer outra pessoa isso poderia parecer estranho, mas no papai, só aumentava o seu charme.

— Eles têm lula e *guacamole* — papai falou, erguendo a mão para tirar o cabelo dos olhos. — Muito original. Acho que temos que pedir os dois.



6

— Humm! — disse eu, enquanto uma garçonete com botas de pele de carneiro e minissaia passou por nós, sem sequer nos lançar um olhar.

Papai a seguiu com os olhos, depois se voltou para mim novamente.

Eu sabia que ele estava se perguntando, como sempre fazia quando

realizávamos uma das nossas várias escapadas, se eu estava chateada com ele. Eu não estava. Claro, era sempre irritante sair e deixar tudo para trás de novo. Mas, dependia de como você encarava as coisas. Pense numa mudança que faça tremer a terra, arruinar a vida, e já era. Ou encare como uma transformação, uma chance de se reinventar e de recomeçar, e tudo bem. Estávamos em Lakeview. Era início de janeiro. Eu podia ser qualquer pessoa daqui para a frente.

Houve um estrondo, e nós dois erguemos o olhar na direção do balcão, pelo visto, uma garota de cabelos pretos compridos, com braços cobertos por tatuagens, tinha derrubado uma caixa grande de papelão no chão. Ela suspirou, visivelmente irritada, e depois se pôs de joelhos, recolhendo os copos de papel que rolaram à sua volta. Enquanto os recolhia, ela ergueu o olhar e nos viu.

— Oh, não! — disse ela. — Vocês estão esperando faz tempo?

Papai baixou o cardápio.

— Não muito.

Ela olhou para ele, deixando claro que duvidava daquilo, e depois se levantou, examinando o restaurante.

— Tracy! — ela gritou, apontando para nós. — Tem uma mesa aqui para você. Você poderia recebê-los e oferecer as bebidas, por favor?

Ouvi ruído de passos e, após um instante, a garçonete que usava botas apareceu vinda de algum canto. Ela parecia prestes a dar más notícias ao pegar o bloco de pedidos.

— Bem vindos ao Luna Blu! — ela recitou com voz tediosa. —

Querem beber algo?



7

— Como está a lula? — papai perguntou.

Ela olhou para ele como se isso pudesse ser uma pergunta, capciosa.

Então, finalmente, respondeu:

— Está boa.

— Maravilha! Queremos uma porção dela e do *guacamole*. Ah, e também uma salada da casa, pequena— papai falou sorrindo.

— Hoje só temos vinagrete — Tracey respondeu.

— Perfeito! — papai retrucou. — É exatamente o que queremos.

Ela olhou para ele por cima do bloquinho, com uma expressão cética. Então suspirou, prendeu a caneta atrás da orelha e saiu. Eu estava prestes a chamá-la, pois queria pedir uma coca, quando o celular do papai vibrou subitamente e saltou na mesa, tilintando contra o garfo e a faca. Ele o pegou, olhou para a tela, contraindo os olhos, e o colocou na mesa novamente, ignorando a mensagem como tinha feito com todas as outras que tinham chegado desde que saímos de Westcott naquela manhã.

Quando ele olhou para mim novamente, fiz questão de sorrir.

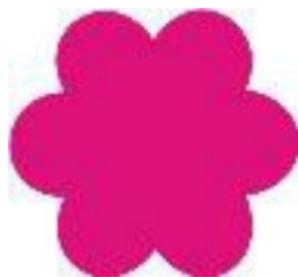
— Tenho uma sensação boa em relação a este lugar — eu lhe disse.

— Grande potencial.

Ele olhou para mim por um tempo, depois esticou o braço apertando meu ombro.

— Sabe de uma coisa? — ele prosseguiu. — Você é uma garota incrível.

O celular tocou novamente, mas desta vez nenhum de nós olhou para ele. E lá de Westcott, outra garota incrível enviava torpedos ou ligava, perguntando-se por que será que seu namorado, aquele cara tão charmoso, mas que simplesmente não conseguia se comprometer, não estava respondendo suas ligações ou mensagens. Talvez ele estivesse no chuveiro. Ou tenha esquecido o celular de novo. Ou talvez estivesse sentado em um



8

restaurante numa cidade a centenas de quilômetros de distância com a filha, prestes a recomeçar a vida mais uma vez.

Alguns minutos depois, Tracey voltou com o *guacamole* e a salada,

colocando-os entre nós com um baque na mesa.

— A lula vai demorar mais um pouco — informou. — Vocês querem mais alguma coisa?

Papai me encarou e contra minha própria vontade senti uma pontada de fadiga, ao pensar em fazer tudo aquilo outra vez. Mas eu tinha tomado minha decisão há dois anos. Ficar ou partir; ser uma coisa ou muitas outras. Digam o que quiser do meu pai, mas a vida com ele nunca era monótona.

— Não — ele disse para Tracey, embora mantivesse os olhos em mim sem piscar nem um pouco, grandes e azuis, assim como os meus. —

Tudo bem.

Todas as vezes em que papai e eu nos mudávamos para uma nova cidade, a primeira coisa que sempre fazíamos era ir diretamente ao restaurante que ele deveria assumir e pedir uma refeição. Sempre solicitávamos as mesmas entradas: *guacamole*, se fosse um restô mexicano, lula, nas cantinas italianas, e uma salada verde simples, invariavelmente.

Papai acreditava que esses eram os pratos mais básicos, que qualquer restaurante que valesse a pena deveria fazer e fazer bem, e assim, proporcionando o fundamental, já havia o ponto de partida para o que viesse depois. Com o tempo, essa também se tornara uma medida de quanto eu deveria esperar que ficássemos no lugar em que chegamos. Guacamole decente e alface ainda crocante, eu não deveria me apegar demais. Mas uma lula superborrachuda ou folhas contornadas por uma



9

linha preta viscosa, valeria a pena investir na prática de algum esporte na escola, ou talvez até me associar a alguns clubes, já que ficaríamos por um tempo.

Após a refeição, pagávamos a conta — deixando uma boa gorjeta, mas sem exagerar — e saíamos ao encontro de nossa casa alugada. Assim que soltávamos o caminhão-reboque, papai voltava ao restaurante para se apresentar oficialmente, e eu botava a mão na massa para transformar a casa em nosso lar.

A EAT INC., a empresa de conglomerado de restaurantes para a qual papai trabalhava como consultor, sempre arranjava as casas para a gente. Em Westcott, a faixa litorânea da Flórida que acabamos de deixar, eles alugaram um chalé simpático para nós, a um quarteirão do mar, todo decorado em tons de rosa e verde. Havia flamingos de plástico por toda parte: no gramado, no banheiro, pendurados em fios de pequenas luzes no console da lareira. Brega, mas simpático. Antes disso, em Petree, um subúrbio perto de Atlanta, tivemos um *loft* adaptado em um arranha-céu habitado principalmente por solteiros e homens de negócio. Tudo era

escuro e de teca, os móveis modernos com ângulos agudos, e era sempre silencioso e muito frio. Talvez isso tenha sido tão perceptível para mim por causa de nossa primeira casa, em Montford Falls, um sobrado em uma rua sem saída totalmente habitada por famílias. Havia bicicletas em todos os gramados, e bandeirolas decorativas tremulando na maioria das varandas: papais-noéis gordinhos no Natal, corações vermelhos no dia dos namorados, gotas de chuva e arco-íris na primavera. O exército de mães todas com calças de ioga, empurrando carrinhos enquanto faziam sua caminhada ao encontro do ônibus escolar nas manhãs e tardes — nos estudava sem constrangimento desde o momento em que chegamos. Elas observavam papai chegar e sair nas suas horas estranhas e me lançavam olhares solidários quando eu ia buscar as compras ou a correspondência. Eu já sabia muito bem que não fazia mais parte do que se considerava uma unidade familiar tradicional. Mas seus olhares confirmavam isso, caso eu tivesse perdido a referência.



10

Tudo era tão diferente naquela primeira mudança que eu não senti que precisava ser diferente também. Então a única coisa que mudei foi meu

nome, corrigindo meu professor gentilmente, mas com firmeza, no meu primeiro dia de aula. “Eliza”, eu lhe disse. Ele passou os olhos pela lista de chamada, depois riscou o que estava lá e escreveu este nome. Foi tão fácil. Foi desse modo, nos instantes apressados entre os avisos, que eu embrulhei e joguei fora dezesseis anos da minha vida e renasci, tudo antes até mesmo da primeira aula começar

Eu não estava exatamente muito certa do que papai achava disso.

Na primeira vez em que alguém procurou por Eliza, alguns dias depois, ele pareceu confuso, mesmo quando eu pedi o telefone e ele o entregou, mas nunca disse nada. Eu sabia que ele entendia, à sua própria maneira. Nós dois tínhamos deixado a mesma cidade e as mesmas circunstâncias. Ele tinha que permanecer o mesmo, mas não duvido por um segundo que ele teria mudado se houvesse opção.

Como Eliza, eu não era diferente de quem tinha sido antes. Eu herdei o que mamãe chama de sua aparência “trigueira”: alta, cabelos loiros avermelhados e olhos azuis, ou seja, eu me parecia com as outras garotas populares da escola. Adicione a isso o fato de eu não ter nada a perder, o que me dava confiança, e eu me adaptei bem com os atletas e as líderes de torcida, coletando amigos rapidamente. Ajudava o fato de todos em Montford Falis se conhecerem desde sempre: mesmo que você parecesse familiar, ser sangue novo a tornava exótica, diferente. Curti tanto essa sensação que, quando nos mudamos para Petree, nosso próximo lugar, fui mais longe, chamando-me de Lizbet e me enturmando com as atrizes e os dançarmos do pedaço. Eu usava meia-calça rasgada, gola

olímpica preta e batom vermelho-vivo, os cabelos puxados para trás no coque mais apertado possível, enquanto contava calorias, fumava e transformava tudo numa Senhora Produção. Era diferente, com certeza, mas também exaustivo. E foi provavelmente por causa disso que em Westcott, nossa parada mais recente, fiquei mais que feliz em ser Beth, secretária do conselho estudantil e extremamente prestativa. Eu escrevi para o jornal escolar, ajudei com o anuário e dei aulas particulares de



11

reforço para crianças do ensino fundamental. No meu tempo livre, organizei lavagens de carros e vendas de bolos e biscoitos para arrecadar fundos para a revista literária, o grupo de debate, as crianças de Honduras, para as quais o clube de espanhol queria construir um centro de recreação. Eu era aquela garota que todo mundo conhecia, pois meu rosto estava espalhado por todo o anuário. O que tornaria o meu desaparecimento mais perceptível quando eu desaparecesse do livro seguinte.

O mais estranho nisso tudo era que antes, na minha vida antiga, eu não tinha sido nada disso: nem líder estudantil, nem atriz, nem atleta. Lá, eu era apenas a média, a normal, a esquecível. Apenas a Mclean.

Este era meu nome verdadeiro, meu nome de batismo, também era o nome do técnico de basquete mais vitorioso da Universidade Defriese — local de formação de meus pais, além de ter o time preferido de todos os tempos de papai. Dizer que ele era fã do time de basquete da Defriese era um eufemismo, comparável a dizer que o sol era simplesmente uma estrela. Ele vivia e respirava a DB — como ele e seus colegas obcecados o chamavam —, e era assim desde a infância, vivida a apenas oito quilômetros de distância do campus. Ele ia ao acampamento de basquete da Defriese no verão, sabia as estatísticas de cada time e jogador de cor e usava o uniforme do time em praticamente todas as fotos escolares, do jardim de infância até o último ano. Sem dúvida alguma, o tempo de jogo que ele finalmente atuou, após dois anos esquentando o banco como reserva, foram os melhores catorze minutos de sua vida.

Excetuando, claro — ele sempre acrescentava apressadamente —, o meu nascimento. Isso foi ótimo também. Tão ótimo que não houve dúvida de que eu receberia o nome em homenagem a Mclean Rich, seu ex e único técnico e o homem que ele mais admirava e respeitava. Mamãe, sabendo que era inútil resistir a essa escolha, concordou, apenas com a condição de que eu tivesse um nome do meio normal — Elizabeth —, que me ofereceria alternativa se eu assim desejasse. Eu nunca achei realmente ser esse o caso. Mas nunca se pode prever tudo.



12

Três anos depois, meus pais, namorados dos tempos de faculdade, estavam muito bem casados e cuidando de mim, a única filha. Morávamos em Tyler, cidade estudantil cujo epicentro era a Universidade Defriese, onde tínhamos um restaurante, o Mariposa Grill. Meu pai era o chef, mamãe lidava com os negócios na frente e atrás do balcão, e eu cresci sentada no escritório apertado, colorindo faturas, ou empoleirada sobre uma mesa de preparo de alimentos, observando os ajudantes de cozinha jogarem coisas na fritadeira. Nós comprávamos ingressos para a temporada da DB na parte mais alta do ginásio, onde papai e eu gritávamos até perder a voz enquanto os jogadores se movimentavam como formigas, bem lá em baixo. Eu sabia as estatísticas sobre a equipe da Defriese do mesmo modo que outras meninas acumulavam conhecimento sobre as princesas da Disney: jogadores do presente e do passado, média de arremessos dos titulares e dos reservas, de quantas vitórias Mclean Rich precisava para ser o mais vitorioso de todos os tempos. No dia em que ele conseguiu isso, papai e eu nos abraçamos, brindando com cerveja (ele) e *ginger ale* (eu), como uma família orgulhosa.

Quando Mclean Rich se aposentou, nós lamentamos e, em seguida, ficamos preocupados com os candidatos à sua substituição, estudando as carreiras e táticas ofensivas que tinham. Concordamos que Peter Hamilton, um jovem cheio de energia e com um bom currículo, era a melhor escolha, e comparecemos as reuniões de boas-vindas a ele com as mais altas expectativas. Na verdade, expectativas que pareceram totalmente garantidas quando Peter Hamilton em pessoa apareceu no Mariposa uma noite, e gostou tanto da comida que quis usar nosso salão de festas privativo em um banquete para o time. Papai estava em pleno paraíso DB, com duas de suas grandes paixões — o basquete e o restaurante — finalmente reunidas. Foi ótimo. Então, mamãe se apaixonou por Peter Hamilton, o que não foi nada ótimo.

Já seria bem ruim se ela tivesse deixado papai por qualquer pessoa.

Mas para mim e papai, fanáticos que éramos pela DB, Peter Hamilton era um deus. Porém, ídolos tombam, e às vezes eles caem bem em cima de você e o esmagam. Eles destroem a sua família, envergonham você diante



como você o via.

Mesmo depois de todo esse tempo, ainda parecia impossível que ela tivesse feito aquilo, os próprios atos e fatos ainda conseguiam me deixar sem ar repentinamente em momentos aleatórios. Nas primeiras semanas incertas e estranhas depois que meus pais sentaram-se e me contaram que estavam se separando, eu vivia rememorando o último ano, tentando entender como isso podia ter acontecido. Na verdade, sim, o restaurante estava agonizando, e eu sabia que tinha havido polêmica entre eles em relação a isso. E eu tinha certeza de que mamãe sempre dizia que papai não passava tempo suficiente com a gente, ao que ele respondia, que seria muito mais fácil se nós vivêssemos em um muquifo na beira da estrada. Mas todas as famílias têm esse tipo de discussão, não é? Isso não significa que é aceitável fugir com outro homem. Especialmente se for o técnico do time preferido do seu marido e da sua filha.

Mas a única pessoa que tinha as respostas para essas perguntas não falava. Pelo menos, não tanto quanto eu queria. Talvez eu devesse ter previsto isso, já que mamãe nunca foi o tipo superconfessional e sentimental. Mas nas poucas vezes em que tentei trazer à tona a pergunta de um milhão de dólares — por quê? —, nos primeiros dias incertos da separação e nos ainda-não-muito-estável que se seguiram, ela simplesmente não me dizia o que eu queria ouvir. Em vez disso, sua política era uma frase:

“O que acontece em um casamento diz respeito às duas pessoas nele envolvidas. Seu pai e eu te amamos muito. Isso nunca vai mudar.” Nas

primeiras vezes isso foi dito com tristeza. Então, um toque de irritação.

Quando o tom se tornou ríspido, parei de perguntar.

HAMILTON, DESTRUIDOR DE LARES! — exclamavam os blogs de esporte. COM LICENÇA, VOU FICAR COM SUA ESPOSA. Engraçado como as manchetes podiam ser tão fofas quando a verdade era tão obviamente cruel. E como era estranho para mim, essa coisa que sempre fez parte da minha vida — de onde meu próprio nome vinha —, agora era,



14

literalmente, da minha vida. Era como amar um filme, saber todas as cenas e então subitamente se ver dentro dele. Mas não é mais um romance ou uma comédia, apenas o seu pior e avassalador pesadelo.

Claro que todos comentavam. Os vizinhos, os jornalistas esportivos, o pessoal da minha escola. Eles provavelmente ainda comentavam três anos, e os pequenos gêmeos Hamilton depois, mas felizmente eu não estava por lá para ouvir. Eu os deixara lá, junto com a Mclean, quando papai e eu prendemos um caminhão-reboque no nosso velho Land Rover e

nos dirigimos para Montford Falls. E para Petree. E para Westcott. E agora, aqui.

Foi a primeira coisa que vi quando estacionamos na entrada da garagem da nossa nova casa alugada. Não a tinta branca texturizada, as vigas de um verde alegre ou a varanda grande e acolhedora. No início, eu nem notei as casas vizinhas dos dois lados, semelhantes em tamanho e estilo, uma com o gramado cuidadosamente aparado, o caminho ladeado por arbustos arrumados; a outra, com carros estacionados no quintal, copos plásticos espalhados ao redor. Em vez disso, havia apenas “aquilo”, pousado bem no fim da entrada de carros, esperando para nos recepcionar pessoalmente.

Estacionamos bem embaixo “daquilo”, sem que nenhum de nós dissesse algo. Então papai desligou o motor, e nós dois nos inclinamos para frente, espiando através do pára-brisa enquanto ela surgia sobre nós. Uma cesta de basquete. É claro, às vezes a vida é mesmo hilária. Por um tempo, nós apenas ficamos olhando. Depois papai tirou a mão da chave do carro.



— Vamos tirar a bagagem — ele disse, abrindo a porta. Fiz o

mesmo, seguindo-o até o reboque. Mas juro que era como se eu pudesse sentir a cesta me observando quando tirei a minha mala e a carreguei pelos degraus.

A casa era simpática, pequena, mas muito aconchegante, e obviamente fora reformada há pouco. Os utensílios de cozinha pareciam novos e não havia nenhuma marca de tachinha ou prego nas paredes.

Papai voltou para fora, ainda descarregando, enquanto eu fiz um giro rápido, levando meus pertences. Televisão a cabo já instalada e wireless: isso era bom. Eu tinha meu próprio banheiro: ainda melhor. E pelo que parecia, estávamos a uma caminhada breve do centro, o que significava menos chateação com transporte em comparação ao último lugar. Eu estava me sentindo realmente bem com tudo, à parte apenas as lembranças do basquete, pelo menos até sair na varanda de trás e encontrar alguém esticado ali, sobre uma pilha de almofadas de mobília de jardim.

Eu literalmente guinchei — o som agudo tão menininha do qual eu provavelmente me envergonharia se não estivesse tão assustada. A pessoa sobre as almofadas ficou igualmente surpresa, ao menos julgando pelo jeito que ele pulou, virando-se para me olhar enquanto eu corria de volta pela porta aberta atrás de mim, agarrando a maçaneta para poder fechá-la entre nós. Enquanto trancava a porta, com o coração ainda aos pulos, pude perceber que era um cara de jeans e cabelos compridos, usando uma camisa de flanela desbotada e Adidas surrado nos pés. Ele estava lendo livro bem grosso quando eu o interrompi.

Nesse momento, enquanto eu observava, ele sentou-se, colocando o livro ao lado. Jogou os cabelos bagunçados, pretos e meio encaracolados para trás, depois pegou uma jaqueta, que ele tinha, tipo, embolado sob a cabeça, e a sacudiu. Era de veludo cotelê puído, com algum tipo de insignia na frente, e eu fiquei ali observando enquanto ele a vestia, completamente calmo, antes de se levantar e pegar o que estava lendo, que agora eu via, era um livro didático de algum tipo. Depois ele pôs o cabelo para trás com



16

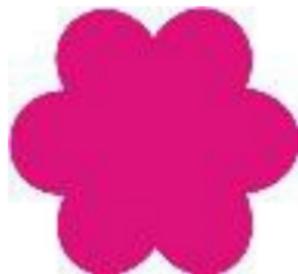
uma mão e se virou, olhando diretamente para mim através do vidro da porta que havia entre nós. Desculpe — ele moveu os lábios. Desculpe. — Mclean! — papai gritou do vestibulo, a voz ecoando pelo corredor vazio. — Peguei seu laptop. Quer que eu deixe no seu quarto? Fiquei ali, congelada, olhando para o carinha. Os olhos dele eram azul-vivo, o rosto pálido invernal, mas com bochechas coradas. Eu ainda tentava decidir se devia gritar por socorro quando ele sorriu para mim e me deu um mínimo e estranho cumprimento, tocando os dedos na própria têmpora. Então ele se virou e empurrou a porta de tela que dava para o quintal. Caminhou pelo deque, por baixo da cesta de basquete e sobre a

cerca da casa vizinha, que ele saltou, para minha surpresa, de um jeito bem gracioso. Quando ele estava subindo os degraus laterais, a porta da cozinha se abriu. A última coisa que vi foi ele endireitando os ombros, como se estivesse tonificando os músculos, antes de desaparecer lá dentro.

— Mclean? — papai chamou novamente. Ele se aproximou, seus passos ecoando pela casa. Ao me ver, ele ergueu o estojo do meu laptop. — Sabe onde quer deixar isso?

Olhei de novo para a casa vizinha, na qual o carinho tinha acabado de entrar, imaginando qual era a história dele. Ninguém fica no que imagina ser uma casa vazia quando mora bem ao lado, a não ser que não queira ficar em casa. E era a casa dele, isso era óbvio. Dá para saber quando uma pessoa pertence a algum lugar. Não dá para fingir, por mais que se tente.

— Obrigada — eu disse para papai, virando-me para vê-lo deixar em qualquer lugar.



Dois

QUANDO SEU PAI É UM CHEF, as pessoas sempre acham que é ele quem cozinha na casa. Não era assim que acontecia na nossa família.

Na verdade, depois de passar horas na cozinha de um restaurante preparando comida ou supervisionando os outros, a última coisa que papai queria fazer quando finalmente saía era acender o fogão.

Por isso, mamãe era sempre deixada com suas próprias habilidades, que decididamente não eram nada gourmet. Papai conseguia fazer um molho Frango com peito de frango, Sopa Creme de Brócolis com batatas assadas, Sopa Creme de Cogumelos com, bem, qualquer coisa. Caso estivesse se achando muito sofisticada, ela salpicava pedacinhos de batatas chips em cima do que tinha feito e chamava de guarnição. Nós comíamos legumes enlatados, parmesão que vinha de uma latinha e peito de frango congelado, preparado no micro-ondas. E tudo bem. Nas raras noites em que papai estava em casa e podia ser convencido a cozinhar, era sempre na churrasqueira. Lá, ele virava filés de salmão ou bistecas grossas entre arremessos na nossa maltratada cesta de basquete, cuja tábua estava tão completamente coberta de adesivos da Defriese que mal se podia ver algum branco por baixo.

Lá dentro, mamãe abria uma salada de pacote, salpicava alguns *croutons* industrializados e cobria com molho pronto. O contraste pode parecer estranho. Mas de algum modo, funcionava.

No início, quando o casamento dos meus pais implodiu, fiquei em

estado total de choque. Talvez eu fosse ingênua, mas sempre achei que eles



18

tinham compartilhado a Grande História de Amor Americana. Ela vinha de uma família rica do sul que criava beldades; ele, o tardio filho único de um trabalhador da indústria automobilística e de uma professora do terceiro ano. Eles não podiam ser mais diferentes. Mamãe era uma debutante que literalmente frequentou a escola de etiqueta; papai limpava a boca na manga da camisa e não tinha nenhum terno. Funcionou até a mamãe decidir que não queria mais aquilo. Simples assim, e tudo mudou. Quando ela trocou papai pelo Peter, honestamente, eu não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo, mesmo sendo testemunha dos escombros ao meu redor: as risadas de deboche nos corredores da escola, a saída dela de casa, a fadiga repentina e pesada nas feições do meu pai. Estava em tal torpor que nem mesmo pensei em contestar quando decidiram que eu passaria os dias de semana com mamãe na Casa Hamilton, e os fins de semana em nossa antiga casa com papai. Eu andava que nem sonâmbula com tudo isso e com tudo mais.

Peter Hamilton morava no The Range, um condomínio fechado

exclusivo perto de um lago. Era preciso passar por uma guarita para entrar, e havia uma entrada separada para os jardineiros e o pessoal da manutenção, assim, os moradores poderiam ser protegidos da visão de classes inferiores. Todas as casas eram enormes. O vestibulo da casa de Peter era tão grande que o que se dizia lá subia, subia e subia na direção do teto alto acima, deixando-o sem fala. Havia um salão de jogos com uma máquina de fliperama da Defriese (presente de boas-vindas do clube de apoio) e uma piscina com a insígnia da Defriese pintada no chão da parte mais funda (com os cumprimentos do empreiteiro, que um grande fã da DB). Sempre ressoava na minha cabeça, sem nunca falhar, que a única pessoa que teria apreciado essas coisas de verdade era a única que nunca as teria: papai. Eu não podia nem mesmo falar delas, já que falar no assunto soaria mais como outro insulto.

Quanto a cozinhar, Peter Hamilton nunca fazia nada. Nem mamãe.

Em vez disso, eles tinham uma empregada, Jane, que estava quase sempre disposta a preparar o que você quisesse e até o que você não quisesse.



Havia um lanche bonito e saudável esperando por mim na mesa todos os

dias após a escola, um jantar balanceado — carne, legumes, massa, pão — servido pontualmente às seis em dias sem jogo. Mas eu sentia falta das Sopas Cremes e das batatas chips, do mesmo modo que sentia falta de tudo relativo à minha vida antiga. Eu só a queria de volta. No entanto, foi somente quando mamãe contou que estava grávida dos gêmeos que eu entendi que isso nunca aconteceria. Como um balde de água sobre a cabeça, a notícia da chegada iminente deles me tirou do torpor.

Mamãe não me falou sobre isso quando se separou do papai, mas se eu fizesse as contas — e oh, como eu odiava ter que fazer as contas — ficava claro que não só ela sabia daquilo, mas que aquele era o motivo de ela finalmente ter contado a verdade. Tudo que eu sabia era que havia tantas novidades me atingindo com golpes rápidos (como: estamos nos separando, você vai se mudar para outra casa durante metade da semana, ah, e o restaurante vai fechar) que eu achei que nada mais podia me chocar.

Eu estava errada. De repente, eu tinha não só um novo padrasto e uma nova casa, mas também uma nova família. Não era suficiente destruir aquela que eu amava: ela também a estava substituindo.

Meus pais se separaram em abril. Naquele verão, quando eu soube que tinha meios-irmãos a caminho, papai decidiu vender o Maripósa e assumir um emprego como consultor. O proprietário do EAT INC., um antigo colega de faculdade, vinha tentando contratá-lo há séculos, e agora o que eles ofereciam parecia ser justamente o que papai precisava. Uma mudança de direção, uma mudança de lugar. Uma mudança, ponto-final. Então ele aceitou, planejou começar no outono e prometeu voltar quando

pudesse para me visitar, e me levar durante o verão e as férias. Não passou pela cabeça dele nem por um instante que eu queria ir com ele, assim como não passou pela cabeça de mamãe que eu não moraria o tempo todo com ela e Peter. Mas eu estava cansada deles — dela — tomando decisões por mim. Ela podia ficar com a nova vida brilhante e reluzente, com o marido novo e filhos novos, mas também ela não teria a mim. Decidi que iria com papai.



20

Não foi sem grandes dramas. Advogados foram chamados; reuniões foram feitas. A partida de papai foi adiada, primeiro por semanas, depois por meses, enquanto eu passava horas sentada a uma mesa de conferências em um escritório ou outro enquanto mamãe, grávida e de olhos avermelhados, me lançava olhares de traição, tão irônicos que eram quase engraçados. Quase. Papai ficava quieto enquanto os advogados dela e dele me fizeram esclarecer novamente que essa era uma escolha minha e não por pressão dele. A secretária do tribunal, ruborizada, agia como se passasse o tempo todo olhando para Peter Hamilton, sentado lado de mamãe, segurando a mão dela com uma expressão séria que eu reconhecia

das prorrogações duplas a poucos segundos do fim, sem mais nenhum tempo a pedir. Após cerca de quatro meses de discussão, ficou decidido que — surpresa! — eu, na verdade, podia tomar essa decisão sozinha.

Mamãe empalideceu, porque é claro que ela não entendia nada sobre fazer o que os outros querem, mas apenas o que ela queria, e os sentimentos dos outros que se ferrassem.

Nossa relação desde que parti era no máximo morna. De acordo com os arranjos da tutela, eu tinha de visitá-la no verão e nos feriados, as duas visitas feitas com o entusiasmo de alguém obedecendo às ordens de um tribunal. Todas as vezes, aquilo tudo ficava claro: mamãe queria apenas um recomeço evidente e imediato. Ela não tinha nenhum interesse em discutir nossas vidas passadas ou o papel que ela podia ou não ter desempenhado no fato de que essas vidas não existiam mais. Não, eu deveria misturar-me de forma consistente com a nova vida dela e nunca olhar para trás. Uma coisa era reinventar a mim mesma por escolha.

Porém, quando forçada, eu resistia.

Nos cerca de dois anos que estivemos na estrada, eu senti saudades da minha mãe. Quando eu realmente ficava com saudade de casa naqueles primeiros dias solitários e incertos em um novo lar, não sentia falta da minha casa antiga ou dos amigos, de qualquer coisa específica, nem do conforto que ela representava. Eram as pequenas coisas, como o cheiro dela, o jeito como ela sempre me abraçava, forte demais, como ela se parecia comigo o suficiente para que me sentisse segura com um mero



21

olhar. Então eu me lembrava de que não era por ela que ansiava, tanto, mas por uma miragem de quem eu pensava que ela fosse. A pessoa que se importava com a nossa família o bastante para nunca querer nos partir em pedacinhos. Que amava tanto a praia e não hesitava em fazer as malas para uma viagem ao leste em um impulso-do-momento, independente do clima, da estação ou de nós realmente termos dinheiro para pagar o Poseidon, o motel simplório com vista para o mar que preferíamos. Que sentava no canto do balcão no Mariposa, óculos pousados no nariz, revendo recibos nas horas vagas entre o serviço de almoço e jantar, que costurava quadrados de tecido diante da lareira, usando cada resto e pedaço de nossas roupas velhas para fazer colchas que eram como dormir soterrada em lembranças. Não era somente eu que tinha partido. Ela também. No entanto, o momento em que eu mais pensava em minha mãe não era no primeiro dia em uma escola nova, ou em algum feriado em que não estávamos juntas, ou mesmo quando a via de relance — rapidinho —,

quando as câmeras de TV a focavam em algum jogo da Defriese, antes que eu pudesse mudar de canal. Em vez disso, de modo muito estranho, era quando eu preparava o jantar. De pé em uma cozinha estranha, colocando a carne na panela. Acrescentando pimenta verde picada a um pote de molho comprado pronto. Abrindo uma lata de sopa, um pouco de frango e um saco de batata chips ao anoitecer, desejando criar algo do nada. Sempre que papai surgia para assumir um novo restaurante, havia uma pessoa que praticamente personificava a resistência. Alguém que tomava todas as críticas como pessoais, lutava contra cada mudança e com quem se podia contar para liderar a brigada dos resmungões. No Luna Blu, essa pessoa era Opal.



22

Ela era a atual gerente, a garota alta com tatuagens que firmemente nos conseguiu uma garçonete. Quando eu cheguei no dia seguinte para jantar, antes do horário habitual, ela estava vestida como uma pin-up antiga: cabelos escuros puxados para trás e para cima, batom vermelho-vivo, jeans e um suéter felpudo rosa com botões perolados. Ela foi agradável ao me trazer uma coca, sorridente e graciosa quando anotou

meu pedido. No entanto, sim que eu recebi a comida, e eles se sentaram para conversar, ou evidente que papai teria seu trabalho dificultado.

— Não é uma boa ideia — ela lhe dizia do outro lado do balcão. —

As pessoas vão se revoltar. Elas estão contando com os rolinhos de alecrim.

— Os clientes habituais estão contando com eles — papai

respondeu. — Mas você não tem tantos clientes habituais assim. A verdade

é que eles não são práticos nem tem bom custo-benefício para serem

oferecidos às pessoas como um aperitivo grátis. O que você quer são

clientes pedindo mais bebidas e comida, não os poucos se empanturrando

com coisas grátis.

— Mas eles têm um propósito — Opal prosseguiu, a voz

ligeiramente fria. — Assim que as pessoas experimentam os rolinhos, elas

ficam com mais fome e pedem mais coisa do que pediriam normalmente.

— Então aquelas pessoas que eu vi aqui ontem à noite, bebendo

cerveja de promoção e comendo os rolinhos e nada mais, são as exceções?

— papai retrucou.

— Tinha só, tipo, duas pessoas no bar ontem à noite!

— Exatamente — papai apontou para ela.

Opal ficou apenas olhando para ele, o rosto corando. A verdade é

que ninguém reagia bem quando seus chefes traziam uma arma alugada

para dizer que o que estavam fazendo não funcionava. Não importa se o

lugar estava perdendo dinheiro ou se tinha a pior reputação /

comida/banheiros da cidade, e que qualquer e toda melhora seria benéfica

apenas para eles. As pessoas sempre reclamavam no começo, e geralmente



os funcionários veteranos reclamavam mais alto, razão pela qual a EAT INC. frequentemente os demitia antes mesmo de nós darmos as caras. Por algum motivo, isso era diferente e, portanto, difícil.

— Tudo bem — ela falou, num tom regular, controlado —, vamos supor que nós nos livremos dos rolinhos. O que ofereceremos às pessoas no lugar? Pretzels? Amendoins? Talvez elas pudessem jogar as cascas no chão para acrescentar algo mais nessa ambientação que você, certamente, diz estar faltando?

— Não, estou pensando em picles, para falar a verdade — papai sorriu.

— Picles — repetiu ela olhando para ele.

Eu o observei pegar o cardápio que estava diante dele. Era o mesmo que eu encontrara na mesa de nossa cozinha naquela manhã, repleto de anotações e riscos de caneta preta de ponta porosa, tão destruído que parecia um dos meus relatórios de quando tinha feito inglês avançado com o professor Reid-Barbour, o mais exigente da minha última escola.

Baseando-se apenas numa espiada, as coisas não pareciam promissoras

para a maioria das entradas e todas as sobremesas.

Então ele deslizou o cardápio entre eles no balcão, e os olhos de Opal se arregalaram. Ela parecia tão espantada que nem pude continuar olhando, em vez disso, voltei-me para a batalha com o *sudoku* no jornal que alguém tinha deixado atrás do balcão.

— Ai, meu Deus — ela disse com a voz baixa. — Você vai mudar tudo, não vai?

— Não — papai respondeu.

— Você eliminou todos os nossos pratos de carne! — suspirou profundamente. — E os aperitivos! Não sobrou, tipo, nada...

— Ah, sobrou sim — papai disse calmamente. — Sobraram picles.



24

— Ninguém pede os picles — Opal inclinou-se para mais perto, franzindo a testa na direção do cardápio.

— O que é uma pena — papai comentou —, porque eles são muito bons. Especiais. E com um incrível custo-benefício. A entrada de cortesia perfeita.

— Você quer dar picles fritos para as pessoas assim que entrarem

pela porta? — Opal insistiu em perguntar. — Estamos em um restaurante italiano!

— O que me leva à próxima pergunta... — papai disse, virando o cardápio. — Se é isso mesmo, por que vocês servem guacamole, tacos e *fajitas*? Ou até mesmo pickles?

Ela franziu a testa para ele.

— Estou certa de que você já sabe que os donos anteriores deste lugar tinham um restaurante mexicano muito bem-sucedido. Quando a nova gerência chegou e mudou o cardápio, fazia tido manter alguns pratos mais populares.

— Sei bem disso — papai respondeu. — Mas as PDRs normais não sabem.

—PDRs?

— Pessoas Da Rua. Seu cliente genérico, a pessoa que passa por aqui procurando um lugar para comer — ele limpou a garganta.

— Meu argumento é: este restaurante tem crise de identidade. Vocês não sabem o que são, e minha tarefa é ajudá-los a descobrir.

Opal permaneceu olhando para ele.

— Mudando tudo... — reclamou ela.

— Não tudo — papai replicou virando o cardápio. — Lembre-se dos pickles.



Não foi muito bonito. Na verdade, assim que eles terminaram papai finalmente veio juntar-se a mim, ele parecia exausto, e não era a primeira vez que fazia isso. Quanto a Opal, desapareceu na cozinha, deixando as portas baterem alto atrás dela. Um instante depois, algo caiu estrondosamente no chão, seguido por um palavrão.

— Então... — papai disse, puxando o banco ao meu lado e sentando.

— Ocorreu tudo bem.

Sorri e empurrei meu prato para perto dele, para poder servir-se das batatas e do vinagrete que eu não tinha comido.

— Acho que ela gosta dos rolinhos.

— Os rolinhos não são realmente o problema — ele pegou uma batata, cheirou e colocou-a de volta no prato. — Ela está me fazendo um corta-luzl.

Ergui as sobrancelhas, surpresa. Desde todo o episódio Peter Hamilton, o amor de papai pelo basquete da Defriese tinha se reduzido a quase nada, o que era compreensível. Mas como ele tinha sido um fã por tanto tempo, a lenda e jargão do time eram uma parte tão grande de sua

vida que era impossível quebrar certos hábitos. Como invocar o movimento ofensivo mais famoso de Mclean Rich — que consistia em distrair o time adversário com um passe ou jogada, para que não percebesse uma jogada maior se desenrolando ao mesmo tempo —, quando ele achou que alguém estava tentando enrolá-lo. No entanto, ele não notou ou feriu não reconhecer esse deslize, então eu também deixei passar em branco.

— Ela vai mudar de ideia — decidi dizer, em vez disso. — sabe que a primeira reunião é sempre a mais difícil.

— Verdade — ele respondeu, então o observei passando a mão nos cabelos, deixando-os cair de volta sobre a testa. Ele sempre os deixava compridos e meio bagunçados, o que o fazia parecer ainda mais novo do

1 Recurso técnico muito comum no basquete.



que era, embora o divórcio tenha acrescentado algumas rugas ao contorno de seus olhos. Ainda assim ele mantinha o tipo de boa aparência descuidada que tinha garantido uma namorada nova, se não uma madrasta em potencial em cada cidade em que tínhamos aportado até agora.

— Então... — falei. — Pronto para a última atualização?

Ele se recostou, respirando fundo. Então bateu uma mão na outra e as sacudiu — sua maneira típica de se recompor — e disse:

— Claro. Vá em frente.

Tirei minha lista do bolso, desdobrando-a no balcão entre nós.

— Vamos lá! — comecei. — Todos os aparelhos estão instalados e funcionando, só que metade dos canais da TV a cabo não funcionam, mas isso deve ser consertado amanhã. A reciclagem é quinta-feira, a coleta de lixo na terça. Posso me matricular na escola segunda de manhã, só preciso levar meu histórico escolar e chegar cedo.

— E onde fica?

— A uns dez quilômetros. Mas tem um ponto de ônibus municipal a, tipo, um quarteirão da gente.

— Legal — disse ele. — E as compras?

— Encontrei um Park Mart² e fui lá hoje de manhã. A torradeira da cozinha não funciona, então comprei uma nova. Ah, mandei fazer mais uma chave.

— Já conheceu alguns vizinhos?

Pensei no garoto que encontrei na varanda enquanto pegava minha coca e dava um gole. Mas não foi bem que tenhamos nos conhecido, então neguei com a cabeça.

² Rede de lojas de conveniência muito popular nos EUA.



— Mas acho que na casa da direita mora uma família, de professores. Na da esquerda, estudantes. Eu ouvi som de baixo durante toda a noite passada.

— Eu também — ele comentou, esfregando o rosto de novo. — Não que eu estivesse realmente dormindo.

Olhei para o cardápio rabiscado que estava do lado contrário dele.

— Então. Picles, é?

— Você experimentou ontem — respondeu papai. — Estavam bons, não é?

— Melhores que estes tacos. Eles se desmancharam no momento em que os peguei.

Ele esticou o braço, pegando meu garfo e servindo-se de um bocado do meu prato. Mastigou, com o rosto impassível, antes de devolvê-lo, dizendo:

— A carne não foi bem escorrida. Essa é meia batalha vencida em um bom taco. Além disso, tem muito coentro nesse vinagrete.

— Mas eles ainda têm seguidores leais — lembrei-o.

Ele balançou a cabeça.

— Bem, acho que eles vão se unir ao povo do pão.

— *Vive la revolution!* — exclamei, só para fazê-lo rir. Funcionou mais ou menos.

Houve outro estrondo vindo da cozinha, este seguido de uma sequência de barulhos. Ele suspirou, afastando-se do balcão.

— Hora de conhecer os funcionários da cozinha — ele falou, tendo menos entusiasmo. — Você vai ficar bem sozinha à noite?

— Claro — respondi. — Tenho um monte de coisas para desempacotar



28

— Bem, ligue ou venha para cá caso sinta-se solitária. Vou sair em um horário decente.

Assenti, fechando os olhos enquanto ele beijava minha bochecha, depois bagunçou meus cabelos enquanto passava atrás de mim.

Observando-o ir, notei o andar vagaroso e como seus ombros pareciam tensos, senti o mesmo impulso de proteção e tinha virado minha segunda natureza desde o divórcio. Provavelmente havia um termo para isso,

algum tipo de codependencia, uma filha agindo mais como esposa, já que a dita esposa se fora. Mas o que eu podia fazer? Nós tínhamos um ao outro.

Isso era tudo.

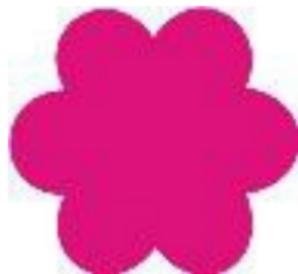
Meu pai conseguia tomar conta de si mesmo. Eu sabia disso do mesmo modo que sabia que havia muitas coisas na vida que eu não conseguiria consertar, por mais que tentasse. Era provavelmente por isso que eu trabalhava tanto para dar conta de tudo. Arrumar as coisas na casa nova, cuidar dos detalhes, manter o caos que escolhemos o mais organizado possível. Eu só podia consertar o coração partido, ou lhe devolver o amor pelo time. Mas comprar uma torradeira nova, ver se tínhamos sabonete ou papel-toalha suficientes e concordar sobre os picles?

Isso dava para eu fazer.

Essas coisas tornaram-se especialmente relevantes agora que eu não sabia se teria uma chance de fazê-las novamente. Eu estava no segundo semestre do meu último ano e as minhas inscrições nas faculdades já tinham sido enviadas — o que, no mínimo, tinha sido um desafio com o meu histórico escolar feito colcha de retalhos. No outono, como nos dois anteriores, eu provavelmente saberia que estaria em outro lugar, e mais uma vez, eu não saberia onde. O que eu sabia, porém, era que estaria sozinha. Esse pensamento me deixava melancólica o suficiente para querer fazer tudo o que podia para papai, como se eu pudesse compensar minha possível ausência.

Paguei minha conta — essa era outra das regras de papai, nada de mordomias — levantei e saí para uma caminhada curta até nossa casa. Era

um dia frio, início de janeiro, com aquele tipo de luz da tarde que



29

enfraquecia rapidamente e sempre fazia parecer que o escuro tinha lhe envolvido sorrateiramente. Entrei na rua logo à esquerda do Luna Blu, que eu estava bem certa de ser um atalho para a nossa rua, quando me deparei com Opal. Ela estava sentada sobre um engradado de leite perto da porta lateral do restaurante, de costas para mim, falando com um cara de jeans e avental, que fumava um cigarro.

— É preciso muita coragem para simplesmente chegar aqui e se considerar um superespecialista em tudo — dizia ela. — Ah, e dá para ver que ele está acostumado com as mulheres todas caindo a seus pés e concordando com tudo que ele fala, mesmo quando é algo estúpido beirando ao ofensivo. É evidente que o cara se ama. Então, você viu aquele cabelo? Que tipo de adulto crescido não consegue ter nem um simples corte apropriado para a idade?

O cara com o cigarro, alto e magro, com um pomo de Adão bem saliente soltou uma gargalhada, apontando para mim quanto eu me aproximava. Opal virou-se, rindo também. Então os olhos se arregalaram e

ela ergueu-se bruscamente.

— Oi! — ela disse rápido demais. — Hã, eu não percebi... Como estava o jantar? Bom?

Fiz que sim com a cabeça, calada, depois enfiei as mãos mais fundo nos bolsos enquanto passava por eles. Cerca de dois segundos depois, ouvi passos atrás de mim, correndo para me alcançar.

— Espera! — Opal gritou. Depois: — Por favor.

Parei, virando-me na direção dela. De perto, percebi que ela era mais velha do que eu imaginara no início, provavelmente perto dos trinta e não dos vinte. As bochechas estavam coradas, causa do frio ou por estar constrangida, quando disse:

— Olha. Eu só estava desabafando, tá? Não é nada pessoal.

— Tudo bem — respondi. — Não tem nada a ver comigo.



Ela me fitou por um instante, depois cruzou os braços sobre o peito.

— É só que... — ela falou e parou, tomando fôlego. — É meio

enervante, de repente, ficar sob vigilância assim. Sei que isso não é

desculpa. Mas eu agradeceria se você não... Você sabe...

— Não se preocupe.

Opal acenou com a cabeça vagorosamente.

— Obrigada.

Virei-me e comecei a andar novamente, curvando minha cabeça

contra o frio. Mal tinha dado alguns passos quando a ouvi dizer:

— Ei, eu não perguntei seu nome antes. Como você se chama?

Eu nunca escolhia o momento. Ele sempre me escolhia. De algum modo, eu apenas sabia o que funcionaria no exato instante em que era necessário.

— Sou a Liz — respondi, virando-me para ela.

Gostei do som do nome. Simples, três letras.

— Liz — ela repetiu, selando o acordo. — Prazer em conhecê-la.

De volta a casa, tirei as coisas da minha mala, terminei de guardar as compras e movimenteï nosso sofá de quatro lugares pela sala até decidir que ele ficava melhor no exato ponto em que papai e eu o tínhamos largado sem cerimônias no dia anterior, quando o tiramos do caminhão. Mas só para ter certeza, eu me joguei sobre ele com um copo de leite na mão e liguei meu laptop.



31

Minha página inicial ainda era a última página da Ume.com, a da Beth Sweet. Em cima tinha uma foto minha, tirada na praia, nosso chalé como uma mancha rosa e verde atrás de mim. Havia minha lista de atividades (anuário, voluntariado, conselho estudantil) e interesses (viajar, ler, ficar com os amigos). Os ditos amigos estavam logo abaixo, todos os cento e quarenta e dois, rostinho após rostinho que eu, provavelmente, nunca mais veria. Desci a barra de rolagem para a sessão de comentários, passando os olhos pelos mais novos:

Cara, já estamos com saudade! A última reunião do conselho foi uma droga sem você.

Beth, a Misty me disse que você se mudou. Péssima notícia, mas espero que esteja bem. Me liga!

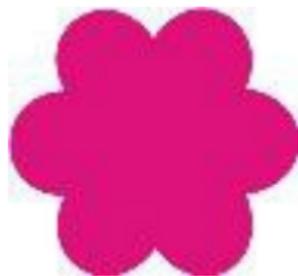
O que aconteceu com o adeus?

Aproximei-me um pouco da tela, lendo essas seis palavras novamente, e depois mais uma vez. Então, contrariando meu senso, cliquei no rosto o lado delas, entrando na página de Michael.

Lá estava ele, sentado na mureta da praia, com a roupa de surfe, os cabelos molhados, pingando na parte de trás. Ele olha para a direita, para o

oceano, não para a câmera, e ao vê-lo eu senti aquela mesma fisgada nervosa no estômago. A gente se conhecia havia apenas alguns meses, desde que nos encontramos na praia uma manhã quando eu estava dando uma volta e ele pegava ondas. Eu passei das 6h45 até as 7h15 com ele por semanas, preparando-me para... Bem, nada, como aconteceu.

Mas ele estava certo. Eu não tinha me despedido. Como sempre, tinha sido mais fácil desaparecer, poupando-me dos detalhes confusos de outra despedida. Agora, meus dedos pairavam sobre o sensor, movimentando o cursor até a sessão de comentários antes que eu pudesse



32

me deter. Qual era o sentido? Qualquer coisa que eu dissesse seria apenas uma reflexão tardia.

Na verdade, desde a separação de meus pais, eu não tinha muita fé em relacionamentos e muito menos estava a fim de começar um relacionamento propriamente duradouro. Em casa, tinha várias amigas que conhecia desde o primário, meninas com quem eu joguei futebol na liga Rainbow e de quem continuei próxima no ginásio. Tive alguns namorados e sofri decepções mais de uma vez. Eu era uma garota normal em uma

cidade normal, até o divórcio acontecer.

Então, subitamente, eu não era apenas mais uma do grupo: ninguém tinha um técnico como padrasto, um escândalo em casa e novos irmãos a caminho como consequência. Tudo era tão público e desagradável, e embora meus amigos tenham tentado ficar ao meu lado, era difícil demais explicar o que estava acontecendo. Então eu me afastei de tudo e de todos que conhecia. Somente quando fomos para Petree que percebi, eu estava mudando antes mesmo de começarmos a nos mudar, a minha reinvenção começara quando ainda estava no mais familiar dos lugares. Porém, assim que o ambiente fosse totalmente novo, eu também poderia me renovar.

Desde que começamos a nos mudar, fiquei mais esperta em lidar com as pessoas. Sabia que não ficaria para sempre, então também mantinha meus sentimentos em um estágio temporário. O que significava fazer amigos facilmente, mas nunca tomar posições, e escolher garotos que não durariam a longo prazo, ou prazo nenhum, na verdade. Geralmente meus melhores relacionamentos começavam quando eu sabia que estávamos prestes a mudar para uma nova cidade. Então eu podia entregar-me e relaxar, sabendo que não importava o que acontecesse, eu poderia romper a relação e fugir. Foi por isso que comecei a sair com o Michael, um garoto mais velho, de fora da escola, e com quem eu nunca poderia ter algum tipo de futuro. Assim, quando não desse certo, não seria surpresa nenhuma.

Cliquei de novo na página de Beth Sweet e saí. SEJA VOCÊ EM

UME!, dizia a página seguinte. CADASTRE-SE EM SUA NOVA CONTA



AGORA! Eu tinha acabado de digitar meu e-mail Liz Sweet quando o computador fez um barulho animado, e minha câmera ativou-se sozinha.

Droga, pensei, colocando rapidamente meu laptop na mesa de café e voando para a cozinha. HiThere!, o aplicativo de conversa por vídeo tinha vindo instalado no computador e, por mais que tentasse, não conseguia desativá-lo. O que não deveria ser problema sério, já que nenhum dos meus amigos o usava. Infelizmente, outra pessoa sim.

— Mclean? — uma pausa, um pouco de estática. — Querida? —

Você está aí?

Apoiei-me na geladeira, fechando os olhos enquanto a voz de mamãe, suplicante, espalhava-se pela casa vazia. Este era seu último recurso, depois de eu ignorar seus torpedos e e-mails, o jeito com que ela, de alguma forma, sempre conseguia me rastrear.

— Bem... — ela falou, e eu sabia que se olhasse para a tela a veria lá, esticando o pescoço, procurando o meu rosto em mais um cômodo que ela não reconhecia. — Acho que você não está em casa. Eu tinha um tempo livre; queria dizer oi. E eu estava pensando nas suas inscrições para a

faculdade, se você ficou sabendo de algo, e em como... Se você entrasse na

Defriese, a gente podia...

Esse pensamento foi interrompido por um guincho súbito, seguido por outro. Então, balbucios e algo que parecia uma luta antes de ela falar novamente.

— Tudo bem, você pode sentar no meu colo, mas cuidado com o computador. Connor! O que foi que acabei de falar? — mais sons abafados.

— Madison, querida, olhe para a câmera. Olhe aqui? Você pode dizer oi para a Mclean? Diga, oi, Mclean! Oi, irmã... Connor! Dê esse lápis. Fala sério, vocês dois, só...

Eu me afastei da geladeira e saí pela porta da cozinha para a varanda. Lá fora, o ar estava frio, o céu limpo, e eu simplesmente fiquei ali,



34

olhando para a cesta de basquete, a voz dela finalmente abafada atrás de mim.

De onde eu estava, tinha uma vista parcial da sala de jantar da casa vizinha, onde uma mulher de cabelos curtos e crespos, usando uma malha xadrez e óculos, estava sentada na cabeceira da mesa. Havia um prato

vazio à frente, o garfo e a faca cruzados de maneira impecável no centro. À esquerda dela havia um homem que supus que fosse o marido, alto e magro, também de óculos, bebendo um copo de leite. Os rostos estavam sérios, ambos focados em quem estava sentado na outra ponta. No entanto, tudo o que eu conseguia ver era uma sombra.

Voltei para dentro, parando na cozinha para ouvir. Havia apenas silêncio, e a geladeira zumbindo, mas mesmo assim me aproximei do laptop com cautela, andando na ponta dos pés até ele, e dei uma espiada para ter certeza de que havia apenas a proteção de tela à vista antes de sentar-me novamente. Como o esperado, havia um balão de mensagem HiThere! Balançando animadamente de um lado para o outro me aguardando.

Queria dizer oi, uma pena que você não estava! Vamos ficar em casa o dia todo, ligue e conte sobre sua casa nova.

Te amo. Mamãe.

Mamãe era como Teflon, juro por Deus. Eu podia falar um milhão de vezes que não queria falar com ela no momento e que precisava de espaço, mas isso não fazia a mínima diferença para ela. Até onde ela sabia, eu não estava furiosa preferindo evitá-la. Eu só estava ocupada.

Fechei meu laptop, tendo perdido qualquer ânimo que tinha para criar uma conta nova no Ume.com. Recostei, olhando para o teto. Um segundo depois, o baixo começou a ressoar de novo do outro lado da casa.



Levantei-me e então atravessei o corredor até chegar ao meu quarto.

Da minha cama, eu tinha a vista perfeita da cerca até a casa branca e pequena à nossa direita. Ainda havia vários carros estacionados no quintal e então observei um utilitário estacionado ao lado deles, batendo no meio-fio e quase arranhando a caixa de correio. Um instante depois, o portamalas se abriu e um cara de com aparência forte saiu de trás do volante. Ele assobiou com os dedos — uma aptidão que sempre admirei — e foi até a traseira do carro, puxando algo enquanto outros caras saíam pela da frente da casa para juntarem-se a ele. Um instante depois, carregavam um barril pelos degraus da frente. Quando passaram pela porta, alguém comemorou lá dentro. Assim que a porta fechou-se atrás deles, o baixo ficou ainda mais alto.

Olhei para a rua na direção do Lima Blu, perguntando-me se deveria aceitar a oferta de papai e ir para lá. Mas fazia frio, eu estava cansada e, na verdade, eu não conhecia ninguém dali. Então em vez disso, voltei para a cozinha.

Na outra casa vizinha, o casal tinha se mudado da mesa para a

cozinha, onde a mulher de xadrez estava perto da pia enquanto rido deixava a água escorrer e empilhava alguns pratos. Enquanto ela falava, mantinha-se olhando para a porta dos fundos, balançando a cabeça, e depois de um tempo ele esticou uma mão molhada, apertando o ombro dela. Ela se apoiou nele, a cabeça contra o peito dele, e se mantiveram juntos enquanto ele continuava lavando.

Era um estudo de contrastes, sem dúvida. Como uma escolha que eu poderia fazer. Uma história ou outra: os jovens arruaceiros da faculdade, com a noite deles mal começando, e o casal de meia-idade cuja noite chegava ao fim. Voltei para o sofá onde me deitei, dessa vez não me esquecendo de virar o laptop para o outro lado primeiro. Olhei para o teto por um tempo, sentindo o baixo vibrar suavemente embaixo de mim. *Tóin. Tóin. Drip. Drip.* Eram meio relaxantes esses sons de vidas sendo vividas à minha volta, para melhor ou para pior. E ali estava eu, no meio de todas elas, recentemente renascida e ainda esperando a minha começar.



Acordei assustada com um estrondo.

Sentei, piscando no início, sem saber onde estava. Isso era comum nos primeiros dias em casas novas, então não me apavorei tanto quanto no passado. Ainda assim, levei um minuto para encontrar meu ponto de apoio e acalmar meu coração que martelava, antes de sentir-me pronta para levantar do sofá e ir investigar.

Não levou muito tempo para achar a fonte do barulho. Na beira de nossa varanda da frente, um vaso de flor estava partido em cacos, a terra espalhada em todas as direções. O provável culpado, um cara corpulento de camiseta da U3 com alguns colares de Mardi Gras, aquele Carnaval de Nova Orleans, cambaleava de volta na direção da festa no vizinho, enquanto algumas pessoas na varanda de lá aplaudiam, rindo.

— Ouh, ouh! — um cara magrelo de jaqueta gritou para ele, apontando na minha direção. — Cuidado, Grass. Você foi pego!

O cara grandalhão virou-se de modo desajeitado e olhou para mim.

— Desculpe! — ele gritou animadamente. — Mas você é legal, não é?

Eu não tinha muita certeza do que isso significava, além de que eu provavelmente precisaria de uma vassoura e de um saco de lixo. Mas antes que eu pudesse responder, uma garota ruiva jaqueta acolchoada chegou ao quintal lateral entre as duas casas, segurando uma cerveja. Ela abriu a lata, entregou para ele e cochichou alguma coisa no ouvido dele. Um instante depois, ele voltou até mim, segurando-a como uma oferta de paz.

3 No livro todo, a autora utiliza a abreviatura “U” para designar, provavelmente, a Universidade

local

e/ou seu time de basquete. Optamos por manter como no original.



37

— Para você — ele disse, fazendo uma estranha quase reverência e praticamente caindo durante o gesto. Alguém gritou lá atrás. — Minha dama.

Mais risadas. Estendi a mão, pegando a lata, mas não respondi.

— Viu — ele disse, apontando para mim. — Eu sabia. Legal.

Então eu era legal. Parecia. Observei ele voltar para os amigos, abrindo caminho pela multidão e entrando de volta. Eu estava prestes a despejar a cerveja nos arbustos e buscar o saco de lixo quando pensei na casa do outro lado com o casal triste mais velho, e reconsiderarei. Meus nomes sempre me escolheram, e o que se seguia sempre eram os detalhes da garota que teria esse nome, seja quem fosse. Beth ou Lisbet, ou Eliza, nunca teriam nem mesmo pensado em juntar-se a uma festa de estranhos. Mas Liz Sweet poderia ser esse tipo de garota. Então voltei para dentro,

peguei minha jaqueta e saí para descobrir.

— Jackson High? — a loira perto do barril de cerveja revirou os olhos, suspirando dramaticamente. — Coitadinha. Você vai odiar.

— É uma prisão — acrescentou o namorado, de camiseta preta e sobretudo com uma argola pendurada nas duas narinas. — Como Gulag, mas com sinal.

— Sério? — eu disse, tomando um golinho da cerveja.

— Totalmente! — a garota, pequena e curvilínea, que vestia o meteorologicamente incongruente traje de vestido justinho, botas de pele de carneiro e uma jaqueta pesada, ajustou o enorme decote. — O único jeito de sobreviver com um senso profundo de ironia e bons amigos. Sem nenhum desses, você já era.



38

Assenti com a cabeça, sem dizer nada. Estávamos na cozinha da casa branca, lugar onde fui parar após abrir caminho pela multidão agrupada na varanda e na sala de estar. Julgando pela decoração — adesivos de basquete da U cobrindo a geladeira, placas de trânsito roubadas nas paredes —, os residentes eram universitários, embora muitas

das pessoas reunidas fossem da minha idade. Na cozinha, que tinha copos amassados ao seu redor, uma mesa e cadeiras velhas, não havia nada muito além do barril. A única outra decoração era uma fileira de sacolas de supermercado de papel, transbordando de embalagens de cerveja, caixas de pizza e um recorte de papelão de um fisiculturista segurando uma bebida energética. Alguém tinha desenhado uma barba na cara dele, enormes mamilos no peito e algo que eu nem queria olhar direito em suas partes baixas. Legal.

— Se eu fosse você — a loira aconselhou enquanto outro grupo de pessoas entrava pela porta lateral, trazendo com elas uma rajada de frio e barulho —, imploraria para meus pais me matricularem na Fountain School.

— Fountain School? — perguntei.

— É, tipo, uma escola independente totalmente livre e alternativa — o cara de sobretudo explicou. — Você pode fazer tanto meditação quanto ginástica. E todos os professores são velhos hippies. Não batem sinal lá, cara. Eles tocam flauta para recomendar que você mude de sala.

Eu não sabia o que dizer disso.

— Eu amava a Fountain School — a garota loira suspirou, tomando um gole da cerveja.

— Você estudou lá? — perguntei.

— Nós nos conhecemos lá — o cara disse, envolvendo a cintura dela. Ela se aconchegou nele, puxando o casaco dele em volta do vestido pequeno demais. — Mas então teve essa, tipo, busca totalmente estilo Big

Brother, e ela foi expulsa.



39

— Todo aquele papo de respeitar os outros e suas escolhas — a garota continuou —, e eles têm a coragem de revistar a minha bolsa em busca de drogas. Sério, o que é isso?

— Você desmaiou no Círculo da Confiança — o garoto enfatizou.

— O Círculo da Confiança — ela disse. — Cadê a confiança nisso tudo?

Olhei à minha volta pensando que talvez fosse hora de buscar outras opções de conversa. Mas as outras únicas pessoas na cozinha eram dois caras tomando doses de tequila e uma garota recostada na geladeira tendo uma conversa chorosa e bêbada ao celular. A menos que saísse, eu estava presa.

A porta se escancarou de novo atrás de mim, e senti outra rajada de ar gelado. Um instante depois, a garota de jaqueta acolchoada que foi responsável por eu ganhar uma cerveja estava ao meu lado, tirando uma garrafa de água do bolso e desenroscando a tampa.

— Ei, Riley! — a garota de vestido justo disse para ela, apontando o

dedo para mim. — Ela é nova. Começa na Jackson na segunda.

Riley era magra, de olhos azuis, com os cabelos puxados para trás em um rabo de cavalo na base do pescoço, e tinha anéis de prata em quase todos os dedos. Ela sorriu para mim com simpatia e falou:

— Não é tão ruim quanto eles disseram, juro.

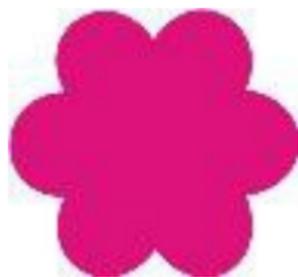
— Não escute o que ela diz, ela é uma otimista inveterada — o cara me falou. Para ela, ele acrescentou: — Ei, você viu o Dave por aí?

Ela sacudiu a cabeça.

— Ele estava encarando uma conversa séria com os pais hoje à noite.

Acho que talvez eles não o tenham deixado sair depois.

— Outra conversa? — a loira se espantou. — Essas pessoas com certeza gostam de conversar, hein?



40

Riley deu de ombros, tomando um gole da água. O batom, rosa-vibrante, deixou uma meia-lua perfeita na boca da garrafa.

— Acho que ele esperava que eles fossem relaxar um pouco — ela respondeu. — Quer dizer, já faz dois meses. Mas ele não estar aqui não é um bom sinal.

— Os pais dele são superprotetores — a loira explicou para mim. —

E uma loucura.

— Como no Gulag — o namorado acrescentou. — Mas em casa.

— Sério. O cara está sob vigilância estrita à vida toda e então, uma noite, ele é azarado o suficiente para ser pego com uma cerveja em uma festa — a loira fez um gesto de ajuste-no-decote, revirar-de-olhos, um movimento que ela claramente dominava.

— Foi uma cervejinha! Até o tribunal apenas o puniu com serviço comunitário. Mas aos olhos deles, ele poderia muito bem ter matado a avó de alguém ou algo assim.

— Pegaram pesado — o namorado dela concordou.

Observei Riley dar outro gole e então consultar o relógio. Quando fez isso, notei que ela tinha uma tatuagem na parte interna do pulso esquerdo, um simples contorno preto de um círculo do tamanho de uma moeda de dez centavos.

— Bem... — ela disse. — São nove e quarenta. Saímos daqui às dez e meia no máximo, para obedecer ao horário de voltar para casa. Sem exceções, sem sumir. *Capisce?*

— Você é tão mãe! — a loira reclamou. Riley só a fitou. — *Capisce* — ela disse por fim.

— Dez e meia — o cara repetiu e depois a saudou. — Entendido.

Riley me lançou um sorriso e voltou para a sala de estar, abrindo caminho até o sofá. Ali, um cara de cabelos escuros com uma jaqueta do



exército gesticulava de modo selvagem, contando uma história para algumas garotas com copos plásticos que pareciam agarrar-se a cada palavra. Observei-a sentar do outro lado dele, empurrando uma mecha de cabelo para trás da orelha também para ouvi-lo. Quando me voltei para o cara do Gulag e a Problemas de Confiança, encontrei-os súbita e apaixonadamente dando uns amassos — as mãos dele deslizavam por baixo da jaqueta dela. Olhei para a garota da geladeira, ainda chorando, e decidi sair para tomar ar.

Na varanda lateral, as pessoas fumavam e se movimentavam ria na tentativa de se manterem aquecidas. Era uma noite gelada, refrescante, as estrelas tão brilhantes que pareciam próximas o suficiente para tocá-las. Sem nem pensar, comecei a observá-las. Um, pensei quando encontrei Cassiopeia. A dois era Órion. Três, a Ursa Menor. Algumas pessoas pisam em rachaduras, batem na madeira ou jogam sal por sobre os ombros. Eu nunca deixava de olhar para o céu noturno sem encontrar pelo menos três constelações. Isso fazia com que eu me sentisse mais segura, mais centrada. Era como se não importasse onde estivesse, eu poderia encontrar algo

possível de ser reconhecido.

Foi mamãe que me ensinou sobre as estrelas. Ela fez especialização em astronomia — uma das muitas coisas surpreendentes sobre ela, na verdade —, e papai lhe comprou um telescópio no aniversário de cinco anos de casamento. Ela o deixava no terracinho do lado de fora do quarto deles e, em noites de céu límpido, nós nos aconchegávamos em volta dele, ela encontrando as constelações e as apontando para mim. — Um — ela diria, apontando para a Ursa Menor. — Dois — eu diria, apontando outra por conta própria. Então nós duas procuraríamos o melhor que pudéssemos por outra. Quem a encontrasse e nomeasse primeiro era a vencedora. Por causa disso, sempre que eu via o céu noturno, não importava onde estivesse, lembrava-me da mamãe. Às vezes eu me perguntava se quando ela olhava para cima, pensava em mim também.

Uau, pensei ao sentir um nó subir na garganta. De onde veio aquilo?

Eu só tinha tomado uns quatro goles de cerveja, mas era óbvio que aquilo



42

fora o suficiente para desencadear a maior nostalgia. Eu estava baixando minha lata quando vi as luzes azuis.

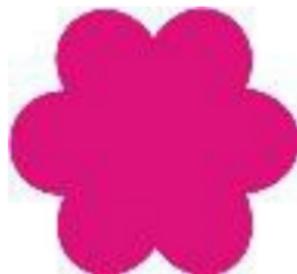
— Polícia! — uma voz gritou de trás de mim e, de repente, todos abaixo dos vinte e um anos se puseram em movimento. Pessoas de dentro saíram correndo pela porta, enquanto algumas no deque pularam as grades e desceram os degraus, atravessando o jardim até a escuridão. Vi umas duas pessoas dispararem pela minha varanda e pelo outro lado até a entrada da garagem, enquanto outros ainda desciam pela rua, com as bolsas e jaquetas agitando atrás deles. Uma garota magra de tranças, usando abafadores de orelha, não teve tanta sorte, sendo encurralada por um policial que vinha pela calçada. Observei quando ele a levou pelo braço até o carro, largando-a no banco traseiro. Ali, ela se curvou contra a janela que ficava do outro lado, colocando as na cabeça.

— Você! — uma luz brilhante passou por mim e então fixou bem nos meus olhos, tornando tudo invisível além dela. — Fique onde está! Meu coração começou a disparar, meu rosto corou subitamente apesar do frio. Enquanto a luz tornava-se mais brilhante, mais próxima, tremendo ligeiramente a cada passo que o policial dava na minha direção, eu tinha que fazer uma escolha. Mclean, Eliza, Lizbet e Beth teriam permanecido paradas, obedecendo à ordem. Mas não Liz Sweet. Ela disparou.

Sem nem pensar, desci os degraus do deque, atingi a grama e comecei a atravessar o quintal enlameado e congelado. A luz e o policial me perseguiram, atingindo um braço aqui, um pé ali. Quando cheguei à ala espessa de arbustos que demarcava o começo de meu próprio quintal, ele gritou para eu parar. Em vez disso, me arremeti neles de cabeça, caindo do

outro lado.

Aterrissei na grama e me levantei imediatamente para continuar correndo.



43

— Ei! — o policial berrou quando os arbustos começaram a farfalhar, a lanterna dançando sobre eles. — Se você sabe o que é bom para você, pare bem aí onde está. Agora!

Eu sabia que devia fazer exatamente isso: ele estava logo atrás de mim, e nunca chegaria até minha casa antes que a luz me atingisse de novo. Mas, em pânico, lancei-me adiante de qualquer jeito, mesmo quando o ouvi se aproximando. Dei um passo correndo, e mais outro, então de repente senti uma mão se fechar em torno do meu braço esquerdo e me puxar para o lado. Antes mesmo de saber o que acontecia, tropecei em uma mureta à esquerda e caí de novo. Dessa vez, no entanto, não aterrissei sobre algo, mas sobre alguém.

— Ai — disse a pessoa, quando juntos caímos pelo que parecia ser um lance de escada, embora de repente tenha ficado tudo escuro demais para se dizer com certeza. Um segundo depois, ouvi passos, barulho de

arrastar, e então houve dois baques, como portas se batendo. Seja onde estivesse, o chão era plano e tudo cheirava a terra. Além disso, estava escuro. Muito escuro.

— O quê... — comecei a dizer, mas isso foi tudo o que consegui antes de ser silenciada.

— Espera um pouco — disse uma voz — Deixa ele ir embora.

Um momento depois, ouvi um barulho, *tump-tump-tump*, aumentando gradualmente, vindo de cima. À medida que se aproximava, uma luz amarela apareceu. Quando olhei para cima, pude vê-la esparramando-se através das frestas do que eram, na verdade, duas portas fechadas sobre nós.

— Droga! — ouvi alguém dizer, com a respiração ofegante. De repente, as portas tremeram, erguendo-se ligeiramente, antes de serem soltas com um baque. Então a luz começou a recuar, voltando por onde veio.



No silêncio que se seguiu, fiquei lá sentada, tentando entender tudo o que tinha acontecido. Cochilo, vaso quebrado, goles de cerveja, Gulag, luzes azuis e agora... O quê? Ocorreu-me que eu provavelmente deveria estar nervosa, já que não era apenas eu que estava embaixo da terra, como não estava sozinha. E ainda assim, por alguma razão, havia uma calma estranha à minha volta, algum tipo de familiaridade, mesmo em meio a toda essa estranheza. Era uma sensação das mais esquisitas. Nunca experimentara nada como aquilo.

— Vou acender uma luz— disse a voz. — Não entre em pânico.

De todas as coisas para se dizer a alguém que você acabou de puxar para um lugar escuro com você, essa provavelmente era a pior. Mesmo assim, um segundo depois, suando houve um clique suave e uma lanterna se acendeu, não fiquei nem um pouco surpresa em ver meu vizinho, o invasor de varandas, sentado ao meu lado, de jeans e um blusão xadrez grosso, um gorro de tricô apertado sobre os cabelos compridos. Estávamos na base, de um lance curto de degraus que levava até uma porta dupla, trancada com uma fechadura de gancho.

— Oi — ele falou, todo à vontade, como se estivéssemos nos encontrando sob a mais normal das circunstâncias. — Sou o Dave.

Nos últimos anos, enquanto viajava com papai, eu tive minha dose de novas experiências. Escolas diferentes, vários tipos de culturas, todos os amigos novos. Mas em cinco minutos, ficou claro que eu nunca tinha encontrado em minha vida alguém como Dave Wade.

— Desculpe pelo susto — ele falou enquanto eu estava lá sentada,

boquiaberta, olhando para ele. — Mas achei que seria melhor levar um susto do que ser presa.



45

Não consegui responder no começo, distraída demais com o ambiente. Estávamos no que parecia ser um porão, um espaço pequeno com paredes de tábuas de madeira e piso de terra. Uma mica e velha cadeira de jardim tomava a maior parte do espaço: uma pilha de livros estava ao lado dela, com outra lanterna pousada em cima.

— Que lugar é este? — perguntei.

— Abrigo de tempestades — ele respondeu, como se essa fosse a pergunta óbvia que se faria a alguém depois de ser puxada para o subsolo.

— Para furacões, esse tipo de coisas.

— Este lugar é seu?

Ele sacudiu a cabeça, colocando a lanterna no chão entre nós. Neste momento, uma mariposa passou voando, lançando sombras estranhas.

— É parte da casa nos fundos da minha. Ninguém mora lá há anos.

— Como você descobriu isso?

— Encontrei quando eu era menor. Você sabe, explorando.

— Explorando — repeti.

Ele deu de ombros.

— Eu era uma criança estranha.

Nisso eu acreditava. E mesmo assim, novamente, fiquei surpresa com o fato de não ter ficado com medo nenhuma vez durante todo o incidente. Pelo menos não com medo dele, mesmo antes de eu saber quem ele era.

— Então você simplesmente fica aqui?

— Às vezes. — Ele levantou, espanou-se e sentou na cadeira, que rangeu — Quando não estou invadindo a sua varanda dos fundos.

— Pois é — respondi enquanto ele se recostava, cruzando as pernas.

— O quê, você não gosta de ficar em casa ou algo do tipo?



46

Ele me olhou por um segundo como se avaliasse a resposta.

— Ou algo do tipo — ele respondeu.

Concordei com a cabeça. Cavar e ir para baixo da terra pode ter sido meio estranho. Mas isso eu entendia.

— Olha, eu não queria te assustar. Eu só estava saindo e vi as luzes

então ouvi você vindo. Na verdade, peguei você em uma reação, por impulso.

Olhei para as portas lá em cima novamente.

— Você tem bons instintos.

— Acho que sim. Mas sabe o que é estranho? Eu só coloquei essa tranca na semana passada. Foi pura sorte. — Ele lançou um olhar para ela, então se voltou para mim. — O importante é você não ser presa por beber sendo menor de idade. Não é legal. Sei experiência própria.

— Como você sabe que nunca fui presa? — perguntei.

Ele me examinou, todo sério.

— Você não parece ser do tipo.

— Nem você — retruquei.

— Verdade — ele pensou por um tempo. — Retiro o que disse. Você pode muito bem ser uma delinquente, assim como eu.

Olhei para baixo novamente, estudando o espaço pequeno e organizado.

— Este não parece um covil para delinquentes.

— Não? — sacudi a cabeça. — O que você esperava? Um grupo de escoteiros?



Fiz uma careta, então apontei para a pilha de livros: na luz difusa, dava para ler com dificuldade uma das lombadas, que dia algo sobre geometria abstrata e física.

— Isso é leitura da pesada.

— Não confie nisso — disse ele. — Eu só precisava de algo de deixar a lanterna.

Acima de nós, ouvi uma súbita explosão de música. Parece que os policiais tinham ido embora, e a festa recomeçava com qualquer desgarrado com idade legal que tinha sobrado. Dave levantou-se, subiu os degraus, soltou a tranca, e então abriu vagorosamente para cima uma das portas e colocou a cabeça para fora. Observando lá de baixo, me ocorreu que, de alguma forma, ele parecia mais novo: eu podia facilmente imaginá-lo como um menino de oito ou nove anos, cavando túneis nesse mesmo quintal.

— Caminho livre — ele informou, deixando a porta cair até abrir completamente, atingindo o chão com um baque. — Agora já deve dar para voltar para casa.

— Espero que sim — respondi. — Já que são só, tipo...

— ... quatro metros e quarenta e cinco centímetros até o seu deque

— ele terminou para mim. Ergui as sobrancelhas e ele suspirou. — Já disse.

Garoto estranho

— Só quando garoto?

Ele apenas sorriu.

— Cuidado para não tropeçar.

Ele subiu os degraus até o gramado, então virou a luz para mim enquanto eu o seguia, oferecendo-me a mão quando me aproximei do topo.

Eu a segurei, mais uma vez não achando nada estranho, os dedos dele se fecharam em volta dos meus, apoiando-me quando entrei no mundo novamente.



48

— Seus amigos estavam na festa — eu lhe disse. — Eles estavam procurando você.

— É. Mas já foi uma noite meio longa.

— Nem me — fale enfiei as mãos nos bolsos. — Bem... Obrigada pelo resgate.

— Não foi nada — ele respondeu.

— Você, tipo, salvou minha vida — comentei.

— Estou apenas sendo um bom vizinho.

Sorri e me virei para atravessar aqueles quatro metros e quarenta e cinco centímetros até a minha casa. Mal tinha dado alguns passos quando ele disse:

— Ei. Se salvei a sua vida, você deveria me dizer o seu nome.

Eu já tinha ficado nessa posição várias vezes durante os últimos dois anos, sem mencionar esta de hoje. O nome que eu tinha escolhido, a garota que eu decidira ser aqui estava posicionado ponta da língua. Mas naquele lugar, naquele momento, alguma coisa aconteceu. Como se aquela viagem rápida embaixo da superfície tivesse mudado não são a trajetória da minha vida até aqui, mas também me mudou.

— Mclean — respondi.

Ele acenou com a cabeça.

— Prazer em conhecê-la.

— O prazer é meu.

Dava para ouvir a música da festa, as mesmas batidas de baixo ressoava enquanto atravessei o deque. Quando abri a porta lateral, olhei para trás bem a tempo de vê-lo descendo a escada, o brilho da lanterna erguendo—se ao seu redor.



49

Entrei em casa, tirando os sapatos, e atravessei o corredor até o banheiro. Quando acendi a luz, a luminosidade surpreendeu-me, assim

como o suave pó de terra que cobria meu rosto. Como se eu também tivesse estado em túneis, escavando, e tivesse se acabado de subir para o ar livre.



50

Três

A JACKSON HIGH não era o Gulag. Também não era nenhuma Fountain School. Na verdade, era bem parecida com todas as outras escolas públicas que frequentei: grande, anônima e com cheiro de anticéptico.

Depois de preencher o típico calhamaço de papéis e ter uma reunião apressada com um obviamente ocupado orientador, entregaram-me o horário e indicaram a minha sala.

— Tudo bem, galera, vamos acalmando! — dizia o professor, um homem muito alto com seus vinte e poucos anos, que estava com tênis de couro e camisa, quando me aproximei da porta. — Como sempre, temos coisas que levam vinte minutos para serem feitas em cinco. Então

colaborem, certo?

Ninguém parecia estar ouvindo, embora tenha havido uma redução pouco perceptível no volume quando as pessoas se dirigiram para um semicírculo de mesas e carteiras, algumas puxando cadeiras, outras se acomodando nas mesas ou se largando pelo chão. Um celular tocou; alguém no fundo soltou uma tosse seca. Ao lado da porta, havia uma televisão mostrando dois alunos, uma garota loira e um cara com dreads curtos sentados numa bancada provisória de notícias, com uma placa abaixo deles que dizia JACKSON FLASH! O professor ainda falava. — Hoje é o último dia para entregarem seus pedidos do anuário — anunciava, lendo vários papéis que estavam na escrivaninha diante dele



51

enquanto mais algumas pessoas entravam. — Haverá uma mesa no pátio durante os três intervalos. Mais uma coisa, as portas vão abrir cedo para o jogo de basquete hoje à noite, então quem chegar antes, pega os melhores lugares. E onde está a Mclean? Pulei ao ouvir isso e ergui a mão.

— Aqui! — respondi, embora a palavra tenha saído mais uma

pergunta.

— Bem-vinda à escola Jackson High! — ele falou, enquanto todo mundo, em massa, virou-se para me olhar. Na tela da televisão, os repórteres estudiantis estavam acabando e acenavam quando a tela ficou preta. — Qualquer dúvida, fique à vontade para perguntar para mim ou para qualquer um aqui. Somos uma turma bem legal!

—Na verdade—interrompi, tentando corrigi-lo por reflexo —, meu...

— Mudando de assunto... — ele continuou sem me ouvir pediram para falar de novo que vocês não devem tocar na tinta fresca do lado de fora da lanchonete. A maioria das pessoas saberia disso sem ser preciso dizer nada, mas parece que alguns de vocês não são como a maioria. Então: fiquem com as mãos sujas longe da tinta fresca. Obrigado!

O sinal tocou, abafando as várias reações ao recado. O professor suspirou, baixando o olhar para os papéis que obviamente ficaram para trás, depois os arrumou em uma pilha enquanto todos se levantavam novamente.

— Bom dia para todos! — ele gritou sem grande entusiasmo, enquanto as pessoas começaram a se esparramar pelo corredor.

Eu fiquei para trás, ao lado de sua mesa até ele olhar para cima e me ver. — Sim? O que você quer?



52

— Eu só... — comecei, quando um grupo de garotas com uniformes de líder de torcida se aproximou, tagarelando. — Eu só queria dizer que

meu nome não é...

— Wendy! — ele gritou subitamente. Seus olhos se estreitaram. —

Nós não acabamos de ter uma conversa sobre como se vestir de forma adequada para a escola?

— Professor Roberts... — uma garota grunhiu atrás de mim — não pegue no meu pé, por favor. Não estou num bom dia.

— Provavelmente porque é janeiro, e você está seminua. Vá se trocar! — ele respondeu. Olhou de volta para mim, mas apenas por um segundo antes da atenção ser desviada novamente por estrondo no fundo da sala. — Ei! — disse ele. — Roderick, eu já falei para não se apoiar nessa prateleira! Fala sério...

Era óbvio que era inútil tentar fazer isso agora, então sai para o corredor, observando meu horário quando Wendy — garota alta que usava, o que eu tinha de admitir, uma saia muito curta para qualquer estação resmungava atrás de mim. Refiz meus passos até a sala do orientador, com a intenção de tentar conhecer o resto do prédio a partir de lá. Assim que o encontrei, virei à direita na direção do que eu esperava que fosse a Ala B, passando por um grupo de pessoas aglomeradas diante do escritório principal.

— ... claro que a senhora entende nossa posição — dizia um homem mais velho de cabelos cacheados que vesti camisa e jaqueta, de costas para mim. — A educação de nosso filho tem sido uma das nossas prioridades desde que percebemos seu potencial quando ele era criança. Foi por isso que o colocamos na Kiffney Brown As oportunidades lá...

— ... eram excepcionais — uma mulher baixa e magra terminou por ele. — E, como à senhora sabe, foi depois que ele foi transferido para cá que todos esses problemas começaram.



53

— Claro — a mulher diante deles, de calça social e um corte de cabelo sério gritando “sou diretora”, mesmo sem o crachá plastificado pendurado em volta do pescoço, respondeu. — Mas acreditamos que ele pode conseguir tudo o que precisa, tanto acadêmica quanto socialmente, aqui na Jackson. Acho que trabalhando juntos, todos nós podemos ajudá-lo a fazer isso.

O homem concordou com a cabeça. A esposa, segurando com uma expressão cansada e parecendo menos convencido olhou para mim quando passei. Ela parecia familiar, mas eu não sabia de onde, pelo menos não de cara. Então continuei andando, virei à esquerda e consultei meu horário de novo.

Eu estava verificando as portas e os números das salas quando vi Riley. Ela estava sentada em um banco, ligeiramente inclinada para frente e esticava o pescoço para espiar o corredor, com a pousada ao lado.

Reconheci-a na hora, pelos anéis nos dedos e a mesma jaqueta acolchoada, agora amarrada na cintura. Ela não olhou para mim quando passei muito concentrada em observar o grupo no corredor.

Minha aula de matemática deveria ser na sala 215, mas só encontrei as salas 214, 216 e um banheiro em manutenção. Finalmente entendi, o que eu procurava estava no próximo corredor abaixo, então dei meia-volta.

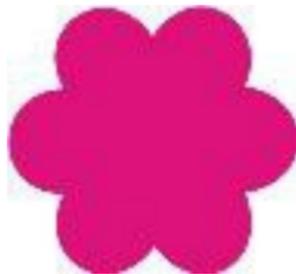
Estava me aproximando de Riley de novo quando ela se levantou, pegou a mochila e disparou pelo corredor principal na minha frente. O grupo estava mais à frente agora, na escadaria. A única pessoa no corredor era um garoto de cabelos curtos usando uma camisa clássica branca e calças cáqui.

— O que eles disseram? — Riley perguntou, enquanto corria até ele.

Ele olhou para o grupo, depois se virou para ela.

— Eles concordaram em me deixar ficar se eu continuar meus cursos na U. E tem mais umas centenas de outras restrições.

— Mas você pode ficar — ela disse, para confirmar.



— Parece que sim.

Ela estendeu os braços, envolvendo-os no pescoço dele e lhe deu um abraço. Ele sorriu para ela, depois lançou um olhar para o grupo perto do escritório.

— Ei, você não devia estar na aula?

— Tudo bem — Riley falou, agitando a mão. — É aula de teatro, eles nem vão notar que sumi.

— Não desperdice uma falta assim — ele retrucou. — Não vale a pena.

— Eu só queria ter certeza de que eles não iam tirar você da escola.

Eu estava morrendo de medo.

— Está tudo bem. Não precisa entrar em pânico — ele respondeu.

Não precisa entrar em pânico. Foi só quando ouvi isso que entendi.

Olhei para o cara novamente: cabelos curtos e arrumados. O Aluno de Colegial genérico. Só que ele não era um deles. Ele era Dave Wade, vizinho e morador do abrigo de tempestades. As roupas podiam ser diferentes, os cabelos curtos, mas eu conhecia o rosto dele. Era a única coisa, não importa o que acontecesse, que nunca poderia ser mudada realmente.

Riley se afastou dele.

— Tudo bem. Mas nos vemos no almoço, tá?

— David? — a mãe dele estava parada na porta do escritório, mantendo-a aberta. Logo atrás, eu pude ver o pai dele e a administradora desaparecendo por um corredor. — Estamos prontos para entrar.

Dave fez que sim com a cabeça para ela e depois olhou para Riley.

— O dever me chama — ele falou e lhe lançou um sorriso tristes de

ir embora. Ela o observou partir, mordendo os lábios antes de se virar e começar a descer a escada. Um instante depois, a porta bateu e eu a vi



55

acelerando pelo caminho que levar o prédio ao lado, a mochila balançando nas costas.

Olhei para meu horário de novo, tomei fôlego e então andei outro corredor, examinando as portas para encontrar a sala 215. Eu não estava exatamente ansiosa para interromper a aula que o professor já tinha começado, muito menos para procurar um lugar para sentar-me com todos aqueles olhares em cima de mim. Mas era melhor que muitas outras opções, especialmente de que Dave tinha me poupado na noite anterior. Eu tinha sorte de estar lá. Então estiquei a mão até a maçaneta, respirei fundo e entrei.

Duas aulas mais tarde, desbravei a lanchonete, tentando a sorte com um burrito de frango que não parecia completamente intragável. Levei-o para fora, junto com alguns guardanapos e uma garrafa de água e me

sentei sobre uma mureta que corria ao longo do edifício principal. Mais além, um grupo de garotos com equipamentos nas mãos praticavam jogos em duplas; do outro lado, um cara muito alto, de ombros largos, e uma garota loira e bonita compartilhavam um iPod e um par de fones de ouvido, discutindo — ainda que de modo amistoso — sobre o que tocava enquanto eles ouviam.

Peguei meu celular, liguei-o, cliquei para abrir uma nova mensagem de texto e digitei o número do papai. ESTOU ALMOÇANDO, escrevi. E VOCÊ?

Apertei ENVIAR e depois examinei o pátio diante de mim, estudando as diferentes turmas e panelinhas típicas. Uns chapa dos chutavam uma bola de tecido, as garotas do teatro falavam alto demais, e aqueles que se preocupavam com o planeta sentavam-se em várias mesas alinhadas no corredor, coletando dinheiro e vendendo bolos por várias



56

causas. Eu desenrolei o papel-alumínio de meu burrito, imaginando a que grupo exatamente Liz Sweet pertencia, quando vi a garota loira e peituda que eu tinha encontrado na festa de sexta à noite. Ela atravessava o

gramado, vestindo jeans justos, botas altas e uma jaqueta curta de couro vermelho, que obviamente era mais para se mostrar do que para aquecer-se. Ela pareceu irritada ao passar, dirigindo-se para um grupo de mesas de piquenique na beira do estacionamento. Depois de sentar-se em uma delas, ela cruzou as pernas, pegou um celular e olhou para o céu ao colocá-lo na orelha.

Meu telefone tocou e eu o peguei, examinando a tela.

MAL CONSEGUI, papai respondeu. OS NATIVOS SÃO INCANSÁVEIS.

Papai esperava encontrar resistência ao entrar pela primeira vez em um restaurante, mas parece que o Luna Blu era um caso radical. Havia vários “eternos”, como ele os chamava, pessoas que tinham trabalhado lá por anos com os proprietários originais, um casal idoso que se mudara para a Flórida no ano anterior. Eles tinham imaginado que conseguiriam gerenciar as coisas à distância, mas o balanço financeiro logo provou o contrário e eles decidiram vendê-lo para o EAT INC., para curtir os anos dourados. De acordo com o que papai tinha me contado no café da manhã do dia anterior, o Luna Blu funcionava há cerca de um ano com pouco além da boa-vontade de seus frequentadores antigos, e mesmo eles não apareciam com a frequência anterior. No entanto, não fazia sentido tentar dizer isso aos funcionários nativos. Assim como muitos antes deles, eles não estavam nem aí que papai fosse apenas o mensageiro. Eles queriam mais é dar um tiro nele

Experimentei comer o burrito. Na hora em que abri minha água

tomei um gole, encarei outra mordida e vi que Riley aproximava da loira na mesa. Observei-a largar a mochila no e depois sentar-se no banco ao lado dela, apoiando a cabeça no ombro da loira. Depois de um tempo, a amiga esticou a mão, dando uns tapinhas nas costas dela.



57

—Oi!

Pulei de susto, derrubando alguns feijões na minha blusa, olhei para cima. Uma garota de suéter verde-vivo, calças cáqui e tênis brancos, com uma faixa verde combinando no cabelo, sorria para mim.

— Oi! — respondi, visivelmente pouco entusiasmada.

— Você é nova aqui, não é?

— Sou — respondi, olhando de novo para Riley e sua amiga.

— Sim. Acho que sou.

— Ótimo! — ela estendeu a mão. — Sou a Deb, do comitê estudantil de boas-vindas. É meu trabalho recepcioná-la aqui na Jackson e ver se você está conseguindo se virar por aqui.

Comitê de hospitalidade? Isso era novidade.

— Uau! — falei. — Obrigada.

— De nada! — Deb se abaixou, passando a mão na parede atrás de mim, depois sentou-se ao meu lado, colocando a bolsa — grande, matelassê, também verde — ao lado . — Eu era nova no ano passado — ela explicou. — E esta escola é tão grande que difícil se orientar nela, eu realmente achei que precisávamos de algum tipo de programa para ajudar as pessoas a se sentirem bem aqui. Então comecei a Embaixadores da Jackson. Ah, um instante, eu me esqueci do seu presente de boas-vindas!

— Ah! — eu comecei — Não precisa...

Mas ela já abria o zíper da bolsa verde e tirou de lá uma pequena sacola de papel, fechada com uma fita azul e amarela. Havia um adesivo na frente que dizia ESPÍRITO DE TIGRE DA JACKSON! Também em azul e amarelo... E brilhante. Ela a entregou para mim, com muito orgulho, e eu senti que não havia escolha a não ser aceitar.

— Aí dentro — ela explicou —, você vai achar um lápis, uma caneta e os horários para todos os esportes de inverno. Ah, e uma lista de



telefones que você pode precisar, como o da orientação, o do escritório principal e o da biblioteca.

— Uau! — exclamei novamente. Do outro lado do pátio Riley e a amiga dividiam um pacote de pretzels, passando-o de uma para a outra.

— Além disso — Deb continuou —, tem algumas ofertas incríveis de lojas locais. Tem um cupom para uma bebida de graça na *Frazier Bakery* e, se comprar um *muffin* na *Jump Java*, você pode adquirir outro pela metade do preço!

Sentada ali, percebi que uma de duas coisas podia acontecer a partir disso. Ou eu odiaria Deb, ou nós seríamos as melhores amigas, e Liz Sweet acabaria sendo igual a ela.

— Isso é muito legal — comentei e ela sorriu para mim, obviamente orgulhosa. — Amei!

— Ah, não foi nada — ela respondeu. — Só estou tentando fazer as pessoas se sentirem um pouco mais em casa do que eu senti.

— Você teve muitos problemas?

Por um instante e apenas um instante, o sorriso dela ficou um pouco menos confiante.

— Um pouco — ela respondeu, depois se animou. — Mas as coisas agora estão ótimas, sério. Gosto muito daqui.

— Bem, eu já me mudei muito. Então, não vai ser tão ruim, espero.

— Ah, com certeza não. Mas se você tiver qualquer problema meu cartão está aí dentro também. Qualquer coisa me ligue mande um e-mail, tá? Estou falando sério.

Assenti com a cabeça.

— Obrigada, Deb.



59

— Obrigada a você! — ela sorriu para mim e então colocou a mão na boca. — Ai, meu Deus, eu sou tão mal-educada! Nem perguntei o seu nome. Ou per...

— Mclean!

Eu pisquei, certa de não ter ouvido direito. Mas então ouvi novamente. Sim, alguém estava me chamando. Pelo meu nome verdadeiro.

Virei a cabeça. Lá, na mesa de piquenique, estava a garota loira, agora em pé, com as mãos em concha sobre a boca. Gritando. Para mim.

— Mclean! — ela disse e depois acenou. — Ei! Estamos aqui!

— Oh! — Deb falou, olhando para ela e então de volta para mim. —

Bem. Parece que você já está se enturmando.

Olhei de volta para a mesa, onde Riley também me observava, com o pacote de pretzels em uma das mãos.

— Acho que sim — respondi.

— Bem — Deb falou —, talvez você não precise do kit. Mas eu sei pensei...

— Não — eu lhe disse, de repente, sentindo-me mal por algum

motivo. — Foi ótimo ganhá-lo. Sério.

Ela sorriu para mim.

— Que bom. Foi legal te conhecer, Mclean.

— Digo a mesma coisa também.

Ela se levantou, então deu um giro rápido sobre um dos tênis e começou a descer pelo caminho, estendendo a mão para arrumar a faixa de cabelo enquanto andava. Olhei para a loira. Venha, ela fez com a boca, acenando para mim mais uma vez. Então essa era a minha hora, pensei, escolhendo-me novamente embora não exatamente do jeito que eu esperava. Mesmo assim ergui-me, lançando meu burrito em uma lata de



60

lixo próximo e atravessei o pátio para ver o que aconteceria a seguir. Esta quase lá quando olhei para trás na direção que Deb tinha tomado, encontrando-a um instante depois perto do estacionamento ônibus. Ela estava sentada debaixo de uma árvore, com a bolsa verde ao lado, bebendo um refrigerante. Sozinha.

O nome da loira era Heather. Ainda não estava claro com ela sabia o meu.

— Eu tinha que salvar você — ela explicou quando me aproximei da mesa dela. — Essa Deb é uma idiota esquisitona. Considerarei um ato de caridade chamar você para cá.

Olhei de volta para Deb, sentada sob a árvore.

— Ela não parecia tão ruim.

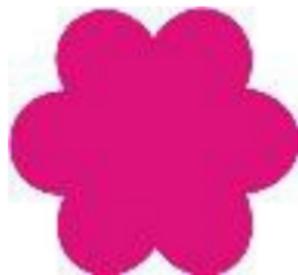
— Você está brincando, né? — Heather disse, incrédula. — sentava ao meu lado na aula de biologia do ano passado. Passou o semestre inteiro tentando me recrutar para seus vários grupos, sendo que ela era o membro exclusivo de todos eles. . Era como compartilhar um bico de Bunsen com um fanático religioso.

— O que tem na sacola? — Riley perguntou, apontando para o kit de boas-vindas que eu ainda segurava.

— Um presente de boas-vindas— respondi. — Dos embaixadores estudantis.

— *Embaixadora* — Heather me corrigiu, arrumando o decote amplo.

— Oiii? Ela é a única!



Eu não tinha certeza do que estava fazendo ali, agora que tinha sido salva de Deb. Mas antes de descobrir havia mais um a esclarecer.

— Como você sabia o meu nome? — perguntei a Heather. Ela estava verificando o celular e ergueu o olhar para mim, espremendo os olhos por causa da luz do sol.

— Você me disse na festa, antes de os policiais chegarem.

— Não — retruquei. — Não disse não.

Ela e Riley trocaram um olhar. Agora eu estava agindo que uma fanática religiosa. Heather completou:

— Então acho que Dave deve ter mencionado.

— Dave?

— Dave Wade? Seu vizinho? Você o encontrou no sábado, ki? — ela perguntou. — Ele não é exatamente esquecível.

— Ele não é tão esquisito quanto parece — Riley me disse.

— Ele é meio esquisito... — Heather acrescentou. Quando Riley lançou um olhar para ela, prosseguiu — O quê? O cara fica num porão de uma casa abandonada. Isso não é normal.

— É um abrigo contra tempestades. Não foi ele que construiu nem nada.

— Você está ouvindo o que está dizendo? — Heather suspiro alto.

— Olha, você sabe que eu adoro o Dave. Mas ele é tipo, excêntrico.

— E quem não é? — Riley disse pegando outro pretzel.

— Não. — Heather ajustou o decote novamente. — Eu, por

exemplo, sou completamente normal sob todos os aspectos.

Riley bufou, comendo outro pretzel, e as duas ficaram caladas por um tempo. Então, pensei: é agora que eu me apresento como Liz Sweet e esclareço tudo. Depois só preciso fazer o mesmo na sala de aula amanhã, e



62

tudo ficará certo, bem onde eu preciso ficar para tudo isso funcionar do jeito que quero. Mas por alguma razão, parada ali, não consegui. Porque, apesar de meus melhores esforços contra isso, Mclean já tinha uma história. Ela era a garota que tinha descoberto Dave na varanda dos fundos e depois se refugiado no esconderijo dele. A garota na festa a garota que Deb recepcionou com seu próprio estilo maluco e esquisito. Ela não era a mesma Mclean que eu fora nos primeira catorze anos de minha vida. Mas ela era a Mclean. E, no momento, nem mesmo um novo nome podia mudar isso.

Heather olhou para Riley.

— Então, falando no *Eggbert4*, qual é a história? Os pais dele o arrancaram daqui à força ou o quê?

Riley negou com a cabeça.

— Eu o vi depois da chamada. Ele disse que vão deixá-lo ficar, mas ele tem um monte de tarefas para fazer. Eles se reuniram para falar sobre isso com a professora Moriarty durante a manhã toda.

— Nossa, que saco! — Heather grunhiu. Para mim, ela acrescentou:

— A professora Moriarty é a diretora. Ela me odeia.

— Não odeia — Riley retrucou.

— Na verdade, ela odeia sim. Desde aquele, você sabe... incidente quando eu bati na guarita. Lembra?

Riley pensou por um segundo.

— Ah, é, aquilo foi mau — disse ela. Depois olhou para mim e acrescentou: — Ela é uma péssima motorista. Nunca olha quando dá a ré.

— Por que sempre sou eu quem tem que olhar? — Heather perguntou. — Por que as outras pessoas não podem ficar de olho em mim?

4 Esse nome denomina vários elementos da cultura norte-americana, incluindo um personagem de

videogames. Mas, segundo o Urban Dictionary (www.urbandictionary.com) Eggbert é um sujeito

metido
de nerd, que se acha o máximo na cama, que se aproxima das mulheres para em seguida deixá-

las,
dizendo que iria fazê-las sofrer.



— A guarita é um objeto. Ela é indefesa.

— Diga isso ao meu para-choque. Ainda estou pagando o dinheiro que devo ao papai por aquela droga de sessões de estética corporal. .

Riley revirou os olhos.

— Pensei que estávamos falando do Dave.

— Certo. O Dave. — Heather se virou para mim. — O que quero dizer é que ele é, tipo, o sonho de um orientador. Um geniozinho que pulou praticamente todo o ensino fundamental e estava fazendo cursos na faculdade e então voltou a este inferno por *vontade própria*. Algo que eu nunca vou entender.

— Ele queria ser normal — Riley falou baixinho, pegando outro *pretzel*. Então, olhando para mim, ela explicou — O Dave nunca estudou em escola pública. Ele ia mesmo para a faculdade mais cedo, por ser muito inteligente e ter pulado tantos anos. Mas então ele resolveu que queria, sabe, viver como um adolescente normal. Daí ele arrumou um emprego depois das aula batendo vitaminas na Frazier Bakery, onde meu namorado daquela época trabalhava.

— Nicolas — Heather disse, suspirando. — Cara, aquele gato sabia agitar. Você devia ver os bíceps dele.

Riley a ignorou e continuou:

— O Dave e eu, a gente se conhecia desde criança, mas perdeu o contato. Mas assim que ele começou a trabalhar com Nic, a gente voltou exatamente onde tinha parado e começou sair juntos.

— E foi aí que ele se apaixonou loucamente por ela — Heather

focou. Riley sacudiu a cabeça. — O quê? É sério. Bem, parece que ele superou isso agora, mas tinha uma época...

— Ele é como um irmão para mim — Riley protestou. — nunca poderia pensar nele desse jeito.



64

— E ela só namora mulambentos — Heather contou. Riley suspirou.

— Verdade: É uma doença.

Heather lançou-lhe um olhar compreensivo antes de estender o braço, batendo nas costas dela do mesmo jeito que eu a vi fazer antes à distância. Então ela olhou para mim.

— Então, vai sentar ou não? Você está me deixando nervos aí parada.

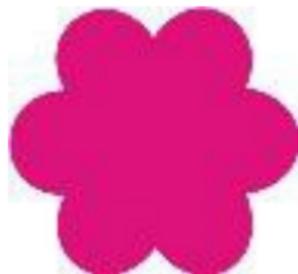
Olhei de novo para Deb, sozinha sob a árvore, e depois para os grupos aleatórios, divididos de maneira tão confusa quanto os gêneros do reino animal espalhados entre nós.

—Claro. — falei, colocando minha sacola dentro da mochila. — Por que não?

Após as aulas, peguei um ônibus até o Luna Blu, depois atravessei o beco até a entrada da cozinha. Encontrei papai no escritório apertado — parece que era uma despensa adaptada — sentado à escrivaninha. Havia papéis espalhados ao redor, e ele estava com o telefone na orelha.

— Ei, Chuckles. É o Gus — ele dizia. — Então, olha, não é ruim quanto você temia. Mas, para ser honesto, está longe de ser bom.

Charles Dover era o proprietário do EAT INC. Ex-jogador da DB e da NBA, ele tinha mais de dois metros de altura e a compleição de um trólebus, a última pessoa que alguém gosta de chamar por um nome como o Chuckles. Mas papai era um dos melhores amigos dele desde seus próprios dias de “glória” lido com o banco de reserva da Defriese. Agora Chuckles era comentarista de TV e multimilionário. Ele viajava bastante pelo por causa da televisão e adorava comer bem, o que o levou a ser dono de uma



65

empresa que compra e recupera restaurantes antes de vendê-los para novos proprietários. O Mariposa era o restaurante preferido dele quando

estava na cidade para jogos da Defriese, e agora que tinha atraído papai para longe de lá, ele o fazia trabalhar muito. Mas pagava bem e cuidava muito bem da gente

Larguei minha mochila no chão do escritório sem querer perturbá-lo e fui direto ao restaurante propriamente dito. Estava vazio exceto por Opal, que estava em pé diante da porta da frente, cercada por uma pilha de caixas de papelão. O homem da UPS5, que estacionara lá fora, estava em pleno processo de trazer ainda mais caixas.

— Tem certeza de que não houve algum engano? — ela perguntou enquanto ele punha outra caixa ao lado do balcão da recepcionista. — Isso bem mais do que eu esperava.

Ele lançou um olhar para a prancheta equilibrada sobre a caixa de cima.

— Trigésima caixa das trinta caixas. — Ele conferiu e então entregou para ela. — Todas aqui e contabilizadas.

Opal assinou a folha e a devolveu para ele. Ela usava uma camisa de algodão de mangas compridas estampada com caubóis e cavalos, minissaia preta e botas vermelho-cheguei que passavam da altura dos joelhos. Eu ainda não tinha entendido se o visual era punk ou retrô. Talvez puntrô.

— Sabe — ela disse ao cara da UPS —, ridículo o que uma pessoa tem que fazer para garantir vagas de estacionamento nesta cidade.

Ridículo.

— Não dá para enfrentar a prefeitura — ele respondeu, arrancando uma folha e lhe entregando. — Ei, você tem mais daqueles picles fritos?

Aqueles que eu comi aqui no outro dia estavam bons demais.

Opal suspirou.

5 Empresa que faz entregas.



66

— *Et tu, Jonathan?* — ela disse de modo triste. — Pensei que você adorasse nossos rolinhos!

Ele deu de ombros.

— Eram bons, claro. Mas esses picles? Crocantes e, vamos dizer, tão picilentos? Putz! Eles são demais

— Demais... — Opal repetiu, sem inflexões na voz. — Tudo bem.

Volte e peça ao Leo para servir alguns para você.

— Obrigado, querida.

Ele passou por mim, acenando a cabeça, e eu respondi de volta.

Opal colocou as mãos nos quadris, examinando as caixas, e acrescentou olhando para trás:

— E diga para ele mandar alguém aqui para me ajudar a carregar estas caixas lá para cima, tá bom?

— Entendido — o homem da entrega respondeu, entrando na

cozinha, a porta balançou para frente e então para trás, atrás ... Observei

Opal curvar-se sobre uma das caixas, examinando-a, e então se ergueu, esfregando as costas.

— Posso ajudar, se você quiser — sugeri.

Ela se virou, surpresa, e o seu rosto relaxou — um pouco — ao meu ver.

— Ah, obrigada. A última coisa que preciso é que o Gus venha aqui e comece a perguntar um montão de coisas. Ele já está pegando bastante no meu pé.

Dei um tempo, para ela perceber o que tinha acabado de dizer. Um.

Dois. Então...

— Ai, meu Deus. — O rosto dela enrubescou. — Eu não quis isso.

Eu só...



67

— Tudo bem — falei, indo até lá e pegando uma das caixas menores. — Suas caixas de segredos estão seguras comigo.

— Bem que eu queria que elas fossem caixas de segredos — ela disse com um suspiro. — Isso seria infinitamente menos humilhante.

— Então o que elas são?

Ela respirou fundo e continuou:

— Prédios, árvores e infraestrutura de plástico.

Baixei o olhar para a caixa. MODEL COMMUNITY VENTURES, dizia o endereço do remetente.

— É uma longa história — Opal continuou, içando uma caixa até o quadril. Eu a segui até o salão ao lado. — Mas a versão condensada é que vendi minha alma para a líder do Conselho da cidade.

— Sério?

— Não me orgulho disso — ela disse e depois atravessou o pequeno corredor, passou pelos banheiros e empurrou uma porta com o quadril, revelando um lance de degraus estreitos. Assim que começamos a subir, prosseguiu: — Eles queriam fechar o estacionamento aqui do lado, o que seria uma catástrofe total em termos de negócios. Eu sabia que eles estavam procurando alguém para assumir o projeto de montar esta maquete da cidade para o centenário neste verão, e que ninguém queria se comprometer. Então eu me ofereci. Com uma condição.

—O estacionamento?

— Sacou!

Chegamos ao topo da escada, adentrando em um salão comprido ladeado de janelas de vidro altas e sujas. Havia umas poucas mesas empilhadas ao longo de uma parede, algumas latas de lixo vazias e, inexplicavelmente, duas cadeiras de jardim bem no centro, com um



engradado de leite emborcado entre elas. Em cima havia um pacote de cigarros, uma garrafa de cerveja vazia e um extintor de incêndio.

— Uau! — exclamei, pousando a minha caixa. — Que lugar é este?

— Atualmente é o depósito — ela respondeu. — Mas como você pode ver, os funcionários o usam em algumas ocasiões.

— Para criar incêndios?

— Não deveria ser — ela andou até lá, pegando o extintor examinando-o. — Puxa! Andei procurando isso por toda a parte. Esses caras da cozinha são uns cleptomaniacos, juro.

Andei até uma das janelas grandes, espiando para fora. Havia um terraço estreito, com grades de aço escovado, que dava uma vista perfeita da rua lá embaixo

— Isso é legal — disse eu. — Uma pena que vocês não podem colocar os clientes aqui.

— Antigamente a gente fazia isso — ela respondeu, pegando a garrafa de cerveja e lançando-a na lata de lixo próxima, seguida pelos cigarros. — Há muito tempo.

— SÉRIO? Há quanto tempo você trabalha aqui?

— Comecei no colegial. Foi meu primeiro emprego — ela pegou o engradado de leite, carregou-o até a parede oposta, depois dobrou as cadeiras, uma por uma. — No fim, sai para a faculdade, mas mesmo assim eu voltava e servia as mesas no verão. Assim que me formei, planejava conseguir

Um emprego em tempo integral com minha formação dupla em a e história da arte, mas não deu muito certo. — Ela olhou para mim, então revirou os olhos. — Eu sei, eu sei. Quem iria imaginar, certo?

Eu sorri, voltando a olhar pela janela.

— Pelo menos você fez o que gostava.



69

— Essa sempre foi minha defesa, mesmo quando eu estava exatamente dura — ela justificou, espanando o engradado de leite com a mão. — De qualquer modo, eu estava aqui novamente e desempregada quando os Melmans decidiram que precisavam de mais alguém para substituí-los no dia a dia. Então eu concordei, mas só temporariamente. E veja só, ainda estou aqui.

— É uma profissão difícil de abandonar. Às vezes impossível —

respondi. Ela olhou para mim. — Isso é o que o papai diz.

Ela permaneceu quieta por um tempo, apenas pegando as cadeiras dobradas e empilhando-as recostadas na parede.

— Sabe — ela disse finalmente —, eu entendo que ele está aqui só para fazer o trabalho dele e que nós precisamos de algumas mudanças.

Tenho certeza de que ele é um cara legal. Mas parece... é como se estivéssemos sendo invadidos. Sitiados.

— Você fala como se fosse uma guerra.

— É mais ou menos assim que eu sinto — ela respondeu. Então sentou-se no engradado de leite, apoiando a cabeça nas mãos. — Quer dizer, metade do cardápio se foi, e o brunch foi cortado. Acho que talvez eu devesse ter ido embora com os rolinhos. Fora com os velhos, que venham os novos e tudo mais.

De repente, ela parecia cansada sentada ali falando isso, e senti que devia dizer algo para apoiá-la, embora nós mal nos conhecêssemos. Mas antes que eu pudesse, houve um barulhão vindo das escadas, e o cozinheiro magrelo que eu reconheci do beco há alguns dias atrás apareceu em cima, carregando uma caixa. Papai também com uma caixa nos braços, estava logo atrás dele.

— E aí, Opal, onde você quer que a gente coloque? — o cozinheiro perguntou.

Opal ergueu-se num pulo.



— Leo! — ela disse, andando até eles com rapidez para tirar a caixa dos braços de papai. — Não acredito que você pediu para o Gus fazer isso.

— Você disse para chamar alguém para me ajudar!

— Alguém... — ela murmurou baixinho. — Não o chefe, pelo amor de Deus.

— Tudo bem — papai disse despreocupado. Para mim acrescentou:

— Mclean! Eu nem sabia que você estava aqui. Comigo foi o resto do dia?

Opal virou-se, olhando para mim confusa, e eu me lembrei de repente que tinha dito que meu nome era Liz. Engoli em seco e disse:

— Foi legal, eu acho.

— Gus, sério — Opal lhe disse. — Sinto muito... Eu vou levar mais um segundo para trazer o resto das caixas aqui, juro. — Ela lançou um olhar hostil para Leo, mas ele simplesmente ficou parado ali, remexendo as tiras do avental.

— O quê? — ele exclamou quando ela continuou a olhar para ele. —

Ah, você quer dizer eu?

— Sim — ela respondeu, parecendo mais cansada do que nunca. —

Eu estou dizendo você.

Ele deu de ombros e desceu os degraus fazendo barulho. Opal ainda parecia mortificada, mas papai mal pareceu notar quando andou até ficar ao meu lado na janela, olhando para a rua lá fora.

— Este é um belo espaço — ele prosseguiu, olhando ao redor. —

Costumava ser um salão de jantar?

— Há cerca de dez anos — Opal respondeu.

— Por que pararam de usá-lo?



71

— O senhor Melman achava que demorava muito para as pessoas subirem e descerem as escadas. A comida ficava fria até chegar aqui, pois a cozinha era longe demais.

— Hum! — papai disse, andando até uma das paredes e batendo nela. — E um prédio tão velho, estou surpreso que não haja um elevador de comida.

— Havia — Opal contou. — mas ele nunca funcionou direito. Você colocava comida lá e nunca a achava novamente.

— Onde ficava?

Ela foi até a parede da escada, tirando uma das mesas de lá. Atrás dela, na parede, a marca de algo quadrado, ligeiramente protuberante, era visível.

— Nós o cobrimos — Opal disse. — Porque as pessoas continuavam andando nele depois do fechamento. Muita responsabilidade.

— Fala sério — papai comentou e foi até lá, examinando-o.

Enquanto ele observava Opal olhou ara mim de novo e eu perguntei no que ela estava pensando.

— Então... — papai disse, virando-se para o salão propriamente dito. — O que são essas caixas? Eu não sabia que tínhamos um pedido grande para hoje.

— Hã... — Opal falou, assim que Leo reapareceu, carregando três caixas empilhadas precariamente, uma sobre a outra.

— Não temos. Isso é... outra coisa.

Papai olhou para ela.

— Outra coisa?

— Eu estava contando para a Liz — ela olhou para mim e eu senti que papai fez a mesma coisa mesmo sem olhar para ele —, que é uma maquete para o Conselho da cidade. Eles precisavam de alguém para



coordenar o projeto e de um lugar para ele. E eles estavam prestes a fechar o nosso estacionamento, então tipo, me ofereci.

A voz dela foi murchando enquanto examinava sem emoção as várias caixas que Leo acrescentava para sua coleção. Papai disse:

— É uma maquete do quê?

— Da cidade. É para o centenário neste verão — Opal explicou. Ela pegou um pedaço de papel do bolso traseiro, lendo em voz alta: —

“Proporcionando tanto um projeto comunitário quanto arte pública, este mapa vivo permitirá aos seus cidadãos ver sua cidade sob uma perspectiva totalmente nova”.

— Parece que vai ocupar bastante espaço — papai comentou.

— Eu sei — ela enfiou o papel de volta no bolso. — Eu não tinha percebido como é enorme. Vou achar outro lugar para isso, rápido. Só tenho que fazer algumas ligações.

— Oi, Opal! — uma voz gritou das escadas. — O cara da roupa de mesa está aqui, e nosso pedido de toalhas está em falta. E aquela moça ainda está te esperando.

— Que moça?

— Aquela que o Leo falou — a voz respondeu.

Opal se virou para Leo, que estava à janela.

— Ops! — ele disse. — Rã, tem um telefonema para você.

Ela não disse nada, só lhe lançou outro olhar duro antes se dirigir para as escadas, sem comentários. Papai olhou para Leo, então disse:

— Assim que todas as caixas estiverem aqui em cima, você tem que fatiar os pimentões. E veja se a entrada está limpa na hora de abrir. Sem nenhum pedrisco, e limpe a porta de vidro.

— Claro, chefe — Leo respondeu sem nenhum entusiasmo.



73

Papai observou, com expressão indecifrável, enquanto Leo atravessava o salão vagarosamente e descia as escadas. Assim que aporta ao fim das escadas fechou-se, ele disse:

— Não sei dizer se isto é um restaurante ou uma instituição de caridade. Sério, esse cara não sabe nem mexer numa garrafa com spray.

— Ele parece mesmo meio inútil — concordei.

— É uma epidemia aqui — ele andou até as janelas olhando para fora. — Infelizmente, não posso demitir todo mundo. Pelo menos não de uma vez.

Fiquei com ele, observando a rua abaixo. Era um belo lugar, emoldurado por árvores altas dos dois lados, inclinadas na nossa direção.

— A Opal parece legal.

— Eu não preciso que ela seja legal. Preciso que ela tenha controle

sobre os funcionários e implante as mudanças que eu peço para ela fazer.

Em vez disso, ela discute cada detalhe, desperdiçando quantidade incontável de tempo.

Ficamos calados por mais um momento. Então falei:

— Você sabia que ela trabalha aqui desde que estava no colegial?

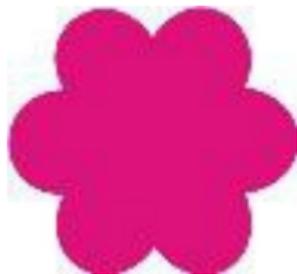
— Sério? — ele não parecia exatamente interessado.

Assenti com a cabeça.

— Foi o primeiro emprego dela. Ela realmente ama este lugar.

— Isso é bom. — ele disse — Mas todo o amor do mundo não salva um navio naufragando. Você tem que tirar a água ou pular fora.

Pensei em Opal sentada sobre o engradado de leite, parecendo tão exausta. Talvez ela estivesse pronta para encontrar uma ilha que precisasse de uma dançarina ou de uma historiadora de arte em algum lugar, e papai



74

estivesse fazendo um favor oferecendo-lhe uma prancha por onde andar.

Eu queria acreditar nisso. Também fazia parte do trabalho.

— Olha, desculpe pela explosão. Estou num humor horrível agora

— ele disse, colocando a mão no meu ombro. — Ei, quer descer para a

refeição dos funcionários? É o primeiro teste do cardápio novo. Seria bom ter alguém que realmente gosta de mim por lá.

— Sou toda sua — respondi.

Ele sorriu para mim, e eu o segui pela escada. Estávamos na metade quando ele parou, olhando de volta para mim.

— Ela te chamou de Liz — ele comentou. Não era exatamente uma pergunta. Mas eu sabia o que ele estava perguntando.

— Foi um mal-entendido — respondi. — Vou esclarecer as coisas.

Ele assentiu com a cabeça e foi em frente pelo resto do caminho até o bar e o salão de jantar principal. Ali, os funcionários estavam reunidos para o encontro noturno obrigatório e a refeição dos funcionários, que ele punha em prática em todos restaurantes. Olhei para Opal, localizando-a no final do balcão, aninando os pratos alinhados por todo o balcão, uma comida ente em cada prato, com a expressão preocupada no rosto.

— Atenção, todos. Prestem atenção, por favor? — papai pediu.

O grupo ficou mais quieto e depois silenciou. Eu o observei endireitar os ombros e respirar fundo.

— Hoje à noite — ele começou, com a voz alta e confiante —, começamos a primeira fase do renascimento do Luna Blu. Nosso cardápio está mais enxuto, nossos pratos menos complicados, nossos ingrediente mais frescos e de procedência local. Vocês reconhecerão alguns itens. Outros são novos. Agora, se vocês puderem pegar um cardápio e ler comigo, vamos começar de cima.

Opal passou os cardápios plastificados, de uma página, empilhados

em um banco próximo. Enquanto o grupo os examinava, houve alguns



75

grunhidos. Alguns suspiros. Uma vaia, embora eu não pudesse dizer de onde ela vinha. Não seria fácil, neste momento ou nesta noite. Mas papai já tinha enfrentado coisa pior. Enquanto ele prosseguia, eu me sentei em um compartimento bem atrás dele, para que ele soubesse que eu estava lá.

— Um desastre.

Essa foi a resposta de duas palavras que recebi na manhã seguinte, quando encontrei papai já acordado fazendo ovos mexidos na cozinha, e perguntei como as coisas tinham ocorrido na noite anterior. Eu tinha tentado ficar acordada para esperá-lo, mas caí no sono por volta da meia-noite e ele ainda não tinha retornado. Agora eu sabia por quê.

— O primeiro cardápio novo sempre é difícil — eu o lembrei, tirando dois pratos do armário.

— Isso não foi difícil — ele respondeu, batendo os ovos com uma girada de pulso. — Foi ridículo. Nos tínhamos coisas demais para fazer na

primeira hora e não conseguimos nos recuperar, com apenas metade das mesas ocupadas. Nunca vi tamanha e desenfreada desorganização. E a atitude! É espantoso.

Coloquei os pratos sobre a nossa mesinha da cozinha, depois peguei alguns garfos e guardanapos e me sentei.

— Que droga!

— O que é uma droga — ele disse a seguir — é que agora eu tenho que voltar lá e tentar consertar tudo antes do serviço da noite.

Fiquei calada quando ele se virou, deslizando uma porção generosa de ovos amarelos e tenros no prato à minha frente. Mas o que eu disse era verdade: a primeira noite de um cardápio novo sempre era terrível, com os



76

funcionários implodindo ou explodindo; os clientes saindo infelizes ou totalmente irritados, e papai decidindo que qualquer esforço era inútil.

Essa sequência era quase obrigatória, fazia parte do processo. No entanto, ele nunca parecia recordar-se disso de um lugar para outro, e lembrá-lo era inútil.

— A verdade é que — ele continuou, pondo um pouco de ovo no

outro prato antes de se sentar à minha frente — um restaurante é forte como o seu chef. E esse lugar não tem chef.

—E o Leo?

— Ele é gerente de cozinha, embora só Deus saiba quem é que achou que ele era qualificado para a função. O chef demitiu-se cerca de uma semana, depois que o Chuckles começou a fazer perguntas sobre umas coisas suspeitas que os contadores encontraram nos registros. Parece que ele se recusou a dar explicação.

— Então você precisa contratar alguém?

— Eu contrataria — ele disse —, mas nenhum chef que valha a pena aceitaria o emprego no estado atual do lugar. Eu preciso implantar o novo cardápio, aperfeiçoar as operações e limpar a casa, literal e figurativamente, antes de até mesmo pensar em convidar mais alguém.

— Isso parece fácil — eu falei.

— Fechar as portas e cortar nossas perdas seria o mais fácil — retrucou. — Estou achando que essa é a melhor solução.

— Sério?

— Sim — ele suspirou, depois olhou para fora da janela da minha, dando mais uma garfada no ovo. Para alguém que ganhava a vida graças ao amor pela comida, papai comia rapidamente e de modo desorganizado. Ele nunca saboreava ou se demorava, apenas devorava tudo que estivesse no prato como se alguém estivesse cronometrando. Ele estava quase



terminando quando me levantei para servir-me de um copo de leite, tendo comido apenas alguns bocados do meu prato.

— Bem, acho que alguma hora isso ia acontecer — falei com cuidado.

Papai engoliu e depois olhou para mim.

— Acontecer o quê?

— Zero potencial — respondi. Quando ele ergueu as sobrancelhas, prossegui: — Você sabe. Um lugar que não pode ser arrumado, nem mesmo por você. Uma situação sem solução.

— Acho que sim — ele respondeu, limpando a boca com o guardanapo. — Algumas coisas não podem ser salvas.

Esse era um fato que nós dois conhecíamos bem. E talvez não fosse uma coisa tão ruim deixar o barco afundar, eu pensei enquanto abria a geladeira. Claro, significaria outro lugar, outra mudança, outra escola. Mas pelo menos eu poderia começar direito, não como tinha começado ali onde eu estava presa como Mclean, apesar de minhas melhores...

— A verdade é — ele falou, de repente, interrompendo minha

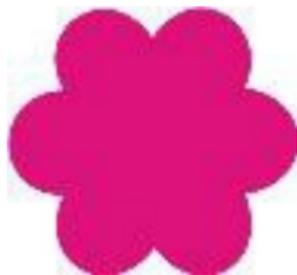
sequência de pensamentos, que se acumulava rapidamente como uma bola de neve — que tem alguns bons talentos na cozinha.

Se eu estivesse prestando mais atenção, provavelmente teria ouvido aquilo, o baque do fundo sendo atingido, seguido pelo início dessa leve ascensão.

— Não o Leo, claro — ele continuou, olhando para mim. — Mas alguns dos ajudantes de cozinha e um dos cozinheiros auxiliares. E há possibilidades no salão, também, se pudermos eliminar os pessimistas e chorões.

Eu me senti de novo, colocando o copo na minha frente.

— Os clientes gostaram do novo cardápio?



78

— Os poucos que tivemos, que receberam os pratos quentes completos — ele respondeu com um suspiro —, ficaram entusiasmados.

— E os picles?

— Foram um sucesso. Opal ficou furiosa — ele sorriu, sacudindo a cabeça. — Mas o novo cardápio é bom. Simples, saboroso, mostra todos os nossos pontos fortes. Os poucos que temos, pelo menos.

Agora eu tinha certeza de que ele ficaria. Isso, quando ele passava do uso de “eles” para “nós” — de um forasteiro para alguém dentro do grupo — era outro sinal.

O celular dele, pousado sobre a pia, pulou e vibrou de repente. Ele estendeu a mão, pegando-o e abrindo-o.

— Gus Sweet. Ah, certo. Eu queria mesmo falar com você.

Enquanto uma voz soava da outra linha, dei uma espiada na de nossos vizinhos, bem a tempo de ver a mãe de Dave Wade saindo pela porta lateral. Ela estava de jeans, um suéter branco com desenho de tranças, sapatos confortáveis e uma sacola sobre o ombro, e carregava uma vasilha coberta com papel-alumínio mãos. Enquanto descia os degraus, ela se movimentava com cuidado, olhando para baixo para não tropeçar.

— Sim, foi exatamente isso que eu disse — papai comentava enquanto ela atravessava a entrada da garagem e começou a subir nossos degraus, com o mesmo cuidado. — Por quê? Porque eu não gostei da aparência do pedido que recebi ontem.

A senhora Wade estava quase na nossa porta. Levantei-me para recebê-la, ao mesmo tempo em que ela se inclinava na tela, cobrindo os olhos com a mão livre. Quando me viu, ela pulou para trás, surpresa.

— Oi! — ela disse quando eu abri a porta. — Sou Anne Dobson-Wade, sua vizinha. Queria dar as boas-vindas da vizinhança, então preparei alguns brownies.

— Ah! — ela estendeu o prato para mim e eu o recebi. — Obrigada.



— Eles não têm nozes, glúten e nem açúcar, são feitos apenas com ingredientes orgânicos. Eu não sabia se vocês tinham alguma alergia — ela completou.

— Não temos — respondi. — Mas, hã, obrigada pela consideração.

— De nada! — ela sorriu para mim, alguns cabelos balançavam ao vento que soprava por trás dela. — Bem, como eu disse, estamos aqui do lado. Se precisar de alguma coisa ou se tiver qualquer dúvida sobre o bairro, espero que fale com a gente. Moramos aqui faz séculos.

Acenei com a cabeça em resposta, ao mesmo tempo em que Dave saiu pela porta da casa dele, de camiseta verde e jeans, e começou a arrastar a lata de lixo até o meio-fio. A mãe dele se virou, dizendo-lhe algo, mas ele não a ouviu devido ao som das rodas raspando na calçada, e continuou andando. Então papai começou a gritar.

— Eu não me importo se você os abastece há cem anos. Não fique me fintando. Consigo reconhecer uma entrega malfeita quando a vejo — ele parou, permitindo à outra pessoa, que agora falava ainda mais rápido, dizer algo. — Olha, isso não está em discussão, certo?

A senhora Dobson-Wade olhou para o papai, claramente assustada com o tom.

— É uma ligação de trabalho — expliquei, enquanto, por trás dela,

Dave voltava pela entrada da garagem. Quando me viu falando com a mãe dele, ele diminuiu a velocidade e então parou completamente.

— Quem eu sou? — papai dizia enquanto Dave Wade e eu, estranhos, porém nem tanto, nos olhamos por cima dos ombros pequenos e ossudos da mãe dele. — Sou o novo chef do Luna Blu. E você é o meu ex-fornecedor de produtos. Tchau.

Ele desligou e depois bateu o celular na mesa para reforçar, o barulho me fez pular. Só então ele ergueu o olhar e nos viu perto da porta.



80

— Esta é a senhora Dobson-Wade — falei, mantendo minha própria voz calma, como para provar que não éramos loucos de pedra. — Ela trouxe brownies para a gente.

— Ah — ele esfregou as mãos e então se aproximou. — Isso... obrigado.

— De nada! — houve um momento constrangedor, sem ninguém

falar nada, até que ela disse:

— Eu tinha acabado de contar para a sua filha que nós moramos aqui há mais de vinte anos, então se precisarem de alguma informação sobre o bairro, ou sobre as escolas, perguntem para

— Claro — papai respondeu. — Embora essa aqui já esteja se virando sozinha muito bem, pelo que eu sei.

— Você está na Jackson? — a mãe de Dave me perguntou.

Concordei com a cabeça. — É uma boa escola pública. Mas há outras opções no setor privado se você quiser tentar. Excelentes opções, na verdade.

— Sério? — papai respondeu.

— Nosso filho estava em uma delas, Kiffney-Brown, até o passado.

Ele decidiu se transferir, não que nós não estivéssemos felizes — ela suspirou, balançando a cabeça. — Você sabe como são os adolescentes. É tão difícil quando eles decidem ter ideias próprias.

Senti papai olhar para mim, mas desta vez mantive meu olhar diretamente à frente. Eu não iria dar nenhuma resposta.

— Bem — ele disse finalmente. — Acho que... isso é verdade, às vezes.

A senhora Dobson-Wade sorriu, como se ele tivesse concordado mais do que concordou de fato.

— Eu o ouvi dizendo que o novo chef do Luna Blu?



81

— Sou mais um interino — papai respondeu.

— Oh, nós adoramos o Luna Blu — ela contou. — Os rolinhos são ótimos!

Papai sorriu.

— Bem — ele disse —, da próxima vez que for lá, pergunte por mim. Vou verificar pessoalmente que esteja bem servida. Meu nome é Gus

— Anne — ela disse. Então olhou para trás, vendo Dave, que estava lá parado e ainda olhava para mim sem se aproximar. — Meu marido, Brian, virá em um minuto, e este meu filho, David. David, este o Gus e ...

Todos olharam para mim.

— Mclean — completei.

Dave ergueu a mão em um aceno simpático, mas ainda manteve a distância. Pensei no que Heather e Riley me disseram: Geninho, fazedor de vitaminas, habitante do porão. Bem neste momento, pensei, ele não se parecia com nenhuma dessas pessoas que elas descreveram, o que era inquietante de uma maneira completamente familiar

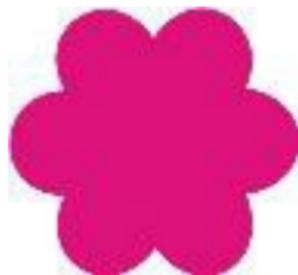
A porta lateral bateu novamente e o senhor Wade finalmente

apareceu. Era alto e magrelo, com barba, e carregava uma sacola de carteiro que ele prendeu na lateral enquanto descia os degraus. Na outra mão tinha um capacete de bicicleta coberto com adesivos refletivos.

— Brian! — a senhora Wade chamou. — Diga oi para nossos novos vizinhos.

O senhor Wade aproximou-se animado, com um sorriso no rosto, e se juntou ao nosso pequeno grupo na varanda. Um ao lado do outro, ele e Anne pareciam um conjunto perfeito de acadêmicos enrugados com seus óculos grossos, ele com o capacete, com a sacola da NPR⁶ sobre o ombro.

6 National Public Radio, rede nacional de rádio nos EUA.



82

— Foi bom conhecê-los — ele falou, apertando a minha mão e depois a do papai. — Bem-vindos à cidade.

— Obrigado — disse papai.

— Gus é chef interino do Luna Blu — Anne o informou.

— Ah, nós adoramos o Luna Blu! — Brian comentou. — Aqueles rolinhos! Eles são o jantar perfeito para uma noite fria.

Eu mordi o lábio, fazendo questão de não olhar para papai enquanto

estávamos todos ali, sorrindo uns para os outros. Enquanto isso, atrás deles, Dave me lançou um olhar difícil de interpretar — quase de desculpas — e andou até a sua casa, entrando. O som da porta se fechando atrás dele foi como um apito sendo soprado para acabar com uma confusão. Com ele, todos nós nos separamos.

— Tenho de cuidar do laboratório — a mãe de Dave disse, ando da porta. Brian sorriu, seguindo-a e colocando o capacete. — Por favor, avise-me se pudermos ajudar enquanto vocês estão se assentando

— Com certeza — papai respondeu. — Obrigado novamente pelo brownies.

Eles acenaram; nós acenamos. Então ficamos ali, em silêncio, observando-os descer os degraus da varanda, de volta para a entrada da garagem deles. Sob a cesta de basquete eles pararam, e Brian se inclinou para que Anne pudesse dar-lhe um beijo na bochecha. Então ela foi para o carro, e ele para a bicicleta, presa à varanda da frente deles. Ele pedalou pela entrada da garagem, ela deu ré no carro; e na rua, ele virou à esquerda, e ela à direita.

— Bem — papai disse depois de um tempo. — Eles gostam mesmo daqueles rolinhos, hein?

— Fala sério — levantei a vasilha que ela me dera, dando uma cheirada hesitante. — Brownies podem ser feitos sem açúcar, glúten e nozes e ainda serem bons?



— É o que vamos descobrir — ele falou, levantando o filme plástico que os cobria. Ele estendeu a mão, pegou um e enfiou tudo na boca, devorando-o. Depois de mastigar pelo que pareceu uma eternidade, ele finalmente engoliu. — Não.

Entendido. Coloquei a vasilha sobre a mesa.

— Tudo certo no front dos produtos? As coisas pareciam meio tensas.

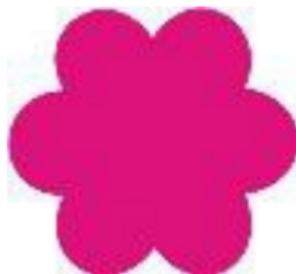
— O cara é um idiota — papai resmungou, levantando-se para colocar o prato do café da manhã na pia. — Sem falar que é um ladrão. Talvez agora eu consiga algumas verduras decentes. Droga, isso me fez lembrar que marquei uma reunião na feira dos produtores daqui a dez minutos. Você vai ficar bem por aqui?

— Sim — respondi. — Claro.

Enquanto ele pegava o celular e saía da cozinha, olhei a casa de Dave atrás de mim. Os pais dele pareciam bem legais, nada dos tipos Gulag severos que Heather tinha descrito. Mas novamente, como Riley disse, ninguém era totalmente normal, não dá para julgar vendo apenas de fora.

Uma coisa, no entanto estava clara: não havia como fugir de Mclean agora.

Eu era, ei eu estava aqui e parecia que nos ficaríamos juntas por aí. Não havia nada a fazer além de tirar a água do barco e remar.



84

Quatro

— Sou eu — mamãe respondeu. — Não desligue.

Eu *sabia* que tinha sido uma má ideia atender sem verificar o identificador de chamadas. Normalmente, eu ficava ligada em relação a essas coisas, mas em plena aglomeração no corredor principal antes da entrada, eu baixei a guarda.

— Mãe, não dá para falar agora — expliquei, quando alguém com uma mochila enorme me empurrou para o lado, por trás.

— Você sempre diz isso, independente da hora em que ligo — retrucou ela. — Tenho certeza de que você tem um minuto ou dois.

— Estou na escola. A próxima aula começa em cinco minutos.

— Então me dê quatro minutos. — Revirei os olhos, irritada como se pudesse ver a cena, ela acrescentou: — Por favor, Mclean. Estou com saudade.

E lá estava ela, a menor das minúsculas pontadas, como aquelas cócegas na garganta pouco antes de as lágrimas começarem. Para mim era incrível como ela sempre conseguia encontrar meu ponto fraco, aquele que nem eu era capaz de identificar por conta própria. Era como se ela o tivesse construído dentro de mim de algum modo, assim como cientistas em filmes de ficção científica sempre colocavam um botão secreto para



85

desativar o robô caso ele enlouquecesse e se virasse contra eles. Porque nunca se sabe.

— Mãe — retruquei, desviando-me do corredor principal e entrando em um vão lateral onde eu tinha certeza de que meu armário deveria ficar

—, já te disse. Eu só preciso de um tempo.

— Já se passaram duas semanas! — ela protestou. — Você planeja ficar chateada comigo por quanto tempo?

— Não estou planejando nada. Eu só... — suspirei, tão cansada de

tentar explicar por que precisava de espaço. Isso estava o tempo todo em negociação, ela tentando me puxar para mais perto, e eu me esforçando para recuar. Mesmo com centenas de quilômetros entre nós, eu ainda me sentia sob o controle dela. — preciso de um tempo.

— De mim — ela disse, tentando esclarecer.

— De tudo isso. Estou em um lugar novo, escola nova...

— Porque você quer — ela me lembrou. — Se dependesse de mim, você ainda estaria aqui, curtindo todas as vantagens de seu último ano com os amigos que você conhece desde sempre.

— Sim, mas não depende de você.

Ela suspirou alto, o som como uma onda invadindo meu ouvido.

Esse era o ponto essencial, o assunto principal ao qual sempre retornávamos, não importa quantas voltas em círculos dávamos antes ou depois. Mamãe queria controle sobre mim, e eu não queria ceder para ela. Isso a deixava louca, então, por sua vez, ela me deixava louca. E o ciclo se repetia.

Isso me lembrava de quando eu era pequena e meus avós tinham um gato chamado Louis Armstrong. Meus pais viviam ocupados demais com o restaurante para lidar com bichos de estimação e, como consequência, eu era louca por qualquer animal que caísse em minhas mãos. Louis, no entanto, era velho e mau, não tinha o mínimo interesse em



crianças e mergulhava sob o sofá no minuto em que me ouvia chegando. Sem me intimidar, eu me sentava no carpete abaixo da mesinha e tentava fazê-lo emergir: chamava o seu nome, oferecia comida, uma vez até estiquei meu braço e tentei puxá-lo de lá, apenas para receber arranhões no braço inteiro como recompensa.

Depois disso, eu praticamente desisti, preferindo passar meu tempo na casa de meus avós assistindo televisão no velho aparelho deles, que só tinha três canais. Então, um dia, a coisa mais estranha possível aconteceu. Eu estava sentada, assistindo a algum filme antigo e obscuro enquanto os adultos conversavam na sala ao lado e senti algo se esfregar na minha perna. Olhando para baixo, fiquei chocada ao ver Louis Armstrong, não mais esquivo, passando e me dando um ligeiro abano com o rabo. Claro, não era a adoração completa que eu almejava. Mas era algo. E eu nunca teria conseguido isso — ou o lento desenvolvimento até a quase-afeição que se seguiu nos poucos meses seguintes — se não o tivesse deixado em paz.

Eu tinha tentado explicar isso à mamãe. Até mesmo fiz menção ao

gato. Mas ela simplesmente não entendeu, ou escolheu não entender.

Esqueça os gatos e os sofás. Eu era filha dela, eu pertencia a ela. Eu deveria cooperar.

Esse último chega-para-lá, há apenas algumas semanas, tinha um impulso familiar. Ela tinha ligado um ou dois dias antes de sairmos de Westcott enquanto eu estava ocupada empacotando as coisas. Cometi o erro de contar tudo para ela, e ela explodiu.

— De novo? — ela reclamou. — No que o seu pai está pensando?

Como ele pode achar que isso é bom para você?

— Mãe, é um trabalho de consultor — eu lhe disse pela milésima vez. — O trabalho não vai até você. Você vai até o trabalho.

— Ele vai até o trabalho — ela respondeu. — Você deveria estar aqui, na mesma escola até se formar. É ridículo que a gente tenha deixado acontecer de outro jeito



87

— Eu escolhi assim — respondi, repetindo o que eu considerava meu mantra.

— Você é uma adolescente — ela falou. — Sinto muito, Mclean, mas

por definição, você não sabe como fazer as escolhas certas!

— Mas, se eu ficasse com você — retruquei, tentando manter o volume de minha voz —, essa seria a escolha certa?

— Sim! — Então, entendendo o meu ponto de vista, ela suspirou, irritada. — Querida, qualquer um diria que viver em um lar estável com dois pais responsáveis e um sistema de suporte bem esquematizado é infinitamente melhor que..

— Mãe... — ela continuava falando, então eu repeti mais alto: —

Mãe.

Finalmente, silêncio. Então ela disse:

— Só não entendo por que você quer me magoar assim.

Não tem a ver com você, pensei, mas então ela estava chorando, o que sempre me tirava a vontade de brigar.

Se nós tivéssemos parado nesse ponto, a discussão provavelmente teria morrido. Mas, em vez disso, ela voltou para o seu advogado, que por sua vez ligou para papai fazendo todo tipo de ameaças sutis sobre “entrar com a papelada” e “revisar nosso acordo atual à luz de acontecimentos recentes”. No final, nada aconteceu, mas a coisa toda me fez decidir evitá-la até que eu me sentisse calma o suficiente para conversar. E eu não me sentia assim, ainda não.

Nos últimos poucos meses, todo esse assunto, nosso assunto, tinha sido ampliado ainda mais por conta das minhas inscrições em faculdades. Quando eu mal começava o ensino médio, ela me enviara um pacote por FedEx em Petree contendo uma pilha de livros com capítulos com os

seguintes títulos: “Tinta fresca: como escrever uma redação poderosa”; “O fator X: a faculdade ao alcance da sua mão”; “Pontos fortes: apresentação



88

sob a melhor ótica possível”. Foi só quando liguei para agradecer — nossa relação era decente na época — que eu comecei a entender seu interesse repentino e apaixonado pelo meu futuro universitário.

— Bem, eu achei que seria útil — ela explicou. Pude ouvir um dos gêmeos perto do aparelho, fazendo barulho. — A admissão antecipada da Defriese está chegando.

— Admissão antecipada? — perguntei.

— Andei lendo algumas coisas e realmente acho que é a melhor opção — ela continuou. — Desse modo sua inscrição fica vigente pelo maior período possível, mesmo se você não entrar no primeiro grupo de aceitos.

— Rã? — respondi, fechando o livro vagarosamente. — Na verdade, eu ainda não decidi em que faculdades quero me inscrever.

— Ah, eu sei que você ainda não fez as escolhas finais. Mas é claro que a Defriese estará na lista. — Ela passou para o outro braço o bebê que

segurava, o choro esmorecendo. — Você poderia até morar aqui em casa e não ter que se preocupar com acomodações estudantis.

Congelei ali na minha cozinha de Petree, olhando para a geladeira de aço inoxidável.

— Mãe — falei vagorosamente —, acho que eu não quero fazer isso.

— Bem, como você pode saber? — ela perguntou, a voz subindo de tom. — Você ainda está no começo do primeiro ano.

— Então por que você me mandou estes livros?

— Porque eu queria ajudar! — ela fungou. — E eu não vejo porque você não iria querer voltar para cá e viver comigo, o Peter e as crianças.

— Não vou escolher minha faculdade baseada no que você quer, mãe — falei com calma.



89

— Claro que não! — disse ela. Agora ela chorava. — Quando foi que você se importou com o que eu queria?

Por fim, enfiei os livros embaixo da cama e tentei esquecer tudo. No entanto, quando chegou a hora de pensar sobre universidades, eu os desenterei e dei uma olhada nas dicas, que foram bem úteis. No fim, eu

me inscrevi mesmo na Defriese, embora não na admissão antecipada, e apenas como uma oferenda de paz. Não tinha nenhuma intenção de ir para lá, a não ser que não entrasse em nenhum outro lugar. O último lugar dos últimos lugares.

— Mãe — eu disse agora enquanto observava a fileira de armários próximos, finalmente localizando o de número 1899 —, eu preciso mesmo me preparar para a primeira aula.

— Só se passaram dois minutos.

Não falei nada. Que resposta se pode dar a isso?

— O que eu quero dizer... — prosseguiu ela, rapidamente — é que eu nem tive chance de falar com você sobre a praia. Foi por isso que eu liguei. Eu tenho notícias realmente fantásticas!

— Quais?

Ela suspirou. Mais uma vez, eu não estava dizendo minhas falas com emoção suficiente.

— Bem — ela começou, ignorando minha falta de entusiasmo ---, acabamos de receber a notícia de que a reforma passou por todas as inspeções. O decorador está com os pintores agora mesmo. E você sabe o que isso significa.

Aguardei.

— Você finalmente pode vir com a gente! — obviamente, este era o Grande Final. — Então, eu sei o quanto você ama a praia, e nós temos tantas boas lembranças de ir para lá juntas. Não consigo acreditar que o Peter e eu temos essa casa há dois anos e que você nem mesmo a viu!



Estamos planejando ir para dar uma olhada no próximo fim de semana, e então tentar ir para lá o máximo possível. Andei olhando seu calendário escolar e notei...

— Mãe — eu a interrompi bem no meio da fala —, eu preciso mesmo ir para a aula.

Silêncio. Então:

— Tudo bem. Mas você me promete que liga depois? Quero muito falar com você sobre isso.

Nao, obrigada, pensei. Em voz alta, respondi:

— Vou fazer o possível. Agora tenho que ir.

— Te amo! — ela disse, lutando para encaixar essas duas palavras enquanto dava. — Vai ser fantástico! Assim como...

Clique.

Estendi a mão, pegando o trinco do meu armário com muita força e dando um puxão. Ele se escancarou com um borrão de rosa, quase me atingindo no rosto. Quando segurei a porta, mantendo-a parada, vi que ainda havia um espelho preso lá dentro, com cor viva de framboesa e decorado com penas rosas. A palavra SEXXY estava escrita na parte de

baixo da moldura. Eu estava olhando para meu rosto nele, sem fala, quando Riley surgiu de repente atrás de mim.

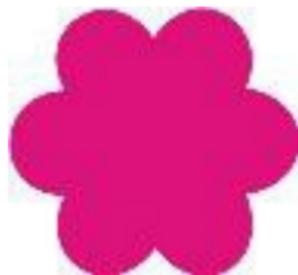
— Já decorando?— disse ela, examinando as penas.

— Não é meu — eu falei, sem energia para explicar melhor depois da conversa com mamãe.

— Claro que não. — Ela sorriu, seu rosto simpático enquanto eu abria minha bolsa, guardando alguns livros em uma das prateleiras vazias.

— Ei, eu preciso perguntar uma coisa para você.

Tinha que admitir que fiquei surpresa. Nós tínhamos nos encontrado apenas duas vezes, e a segunda vez só ocorreu por causa da



91

intervenção de Heather, ou ato de caridade, como preferir. Fechei o armário, as penas passando como um borrão por nós de novo, e comecei a andar na direção da minha sala.

— Tudo bem.

Riley colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha — eu notei a tatuagem de novo, aquele círculo simples —, então começou a andar ao meu lado. Os corredores ainda estavam lotados com pessoas e barulho,

toda aquela energia de um dia que ainda não tinha começado para valer.

— É sobre o Dave — Riley disse enquanto desviávamos de duas garotas que carregavam estojos de violão. — Ele estava no ônibus nesta manhã?

— Ônibus?

— Para a escola — ela explicou. — Vocês pegam o mesmo ônibus, certo?

— Eu pego o ônibus municipal.

— Ah, tá. Tudo bem.

Parecia que isso deveria ser o fim de nossa conversa: pergunta feita, pergunta respondida. Mas ela continuou andando comigo, embora a minha sala de espanhol fosse a única no corredor sem saída em que estávamos.

— Mas eu o vi. A mãe dele me levou uns *brownies*.

— Ah, cara.— Ela ergueu a sobrancelhas. — Deixe-me adivinhar: sem nozes, sem glúten, sem açúcar e sem sabor.

— É bem isso — respondi. — Como você sabe?

Ela deu de ombros.

— Experiência. A casa do Dave não é o melhor lugar para procurar um lanche. A não ser que esteja com desejo de gérmen de trigo e carne seca vegetariana.



— Carne seca vegetariana?

— Legumes desidratados — Riley explicou.

Ergui as sobrancelhas.

— Pois é. É tão gostoso quanto parece.

— Pobre Dave! — exclamei.

— Acho que é por isso que ele gosta tanto de trabalhar na Frazier

Bakery — ela me dizia quando uma cara com fones de ouvido trombou comigo de lado. — O açúcar e a química são abundantes ali, e ele tem uma vida inteira para compensar.

Estávamos na minha classe agora. Pela porta aberta, dava para ouvir o Señor Mitchell cumprimentando as pessoas em seu animado espanhol tipo imersão.

— Os pais dele me pareceram legais, na verdade. Eu fiquei meio surpresa.

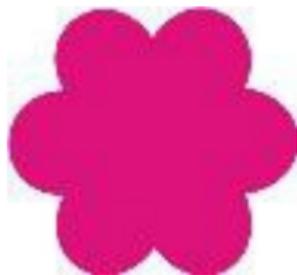
— Surpresa? Por quê?

— Não sei. — Troquei a mochila de ombro. — Você e a Heather deram a impressão de que eles eram super-rigorosos.

— Ah, tá — ela prosseguiu, acenando a cabeça. — Bem, a verdade é que o Dave mudou muito desde que se transferiu para cá. Acho que é uma coisa boa, porque agora ele é, tipo, uma pessoa de verdade. Mas isso apavora os pais dele. Acho que eles preferiam quando ele era como eles, completamente sob controle.

— Sim. Entendo. — Eu estava pensando na mamãe quando disse isso, o tom lamurioso e desesperado de suas últimas palavras antes de eu desligar na cara dela. Pare de tentar, eu queria dizer e fazê-la entender. Pare de forçar e talvez eu até procure você. Talvez. — Mas a gente não consegue evitar mudar. É algo que acontece.

— É, verdade — ela sorriu. — Ei, nos vemos mais tarde, tá?



Concordei com a cabeça, e ela se virou, enfiando as mãos nos bolsos da jaqueta e percorrendo o corredor de volta. Lembrei-me dela sentada naquele banco alguns dias antes, inclinando-se para frente para ouvir quando Dave estava com os pais e a diretora. Eu já nem conseguia mais

imaginar como seria, ter tanto — ou mesmo um pouquinho — investido em uma amizade. Já era difícil o bastante cuidar de mim mesma.

O sinal tocou e o Senhor Mitchell se virou, notando a minha presença.

— *Hola, Mclean!* — ele falou, fazendo um sinal para eu me aproximar, como se não tivéssemos acabado de nos conhecer, apenas no dia anterior. Esquisito como era fácil para um desconhecido assumir essa familiaridade. Especialmente quando aqueles que deveriam conhecê-lo melhor geralmente não assumiam, nem um pouco.

Meu celular, guardado na mochila, vibrou duas vezes durante a aula de espanhol. Quando dei uma olhada na tela a caminho da segunda aula, vi apenas um nome, duas vezes: HAMILTON, PETER. Eu o enfiei de volta, desta vez mais fundo, visualizando mamãe a observar o relógio enquanto imaginava qual era, exatamente, minha definição de *mais tarde*. Minutos? Horas? Talvez ela estivesse me ligando para perguntar. Não seria surpresa nenhuma.

Eu não conseguia acreditar que ela estava trazendo o assunto da praia à tona de novo. Desde que Peter comprara aquela casa de presente de casamento — porque casas são um presente tradicional, certo? —, ela me pressionava para fazer uma visita. Antes, era sempre difícil demais, envolvia pelo menos um voo e possivelmente dois, longe o suficiente de tudo para que eu pudesse usar isso como desculpa para escapar de qualquer convite. Mas agora não só eu estava a quatro horas de Colby, a



cidade onde ficava a casa, mas também estava bem no caminho que os levava para lá. Mas que sorte.

Eu não tinha nada contra a praia. Na verdade, houve um tempo em que era a coisa que eu mais amava. Como papai estava sempre no restaurante, as férias de família de verdade eram uma raridade: era como se o desastre pudesse pressentir todas as vezes que ele se aventurava fora dos limites da cidade e atacasse de acordo. Mas mamãe tinha crescido no litoral, na Carolina do Sul, e não havia nada que ela amasse mais que partir num impulso e dirigir em direção ao leste até ver o mar. Tanto fazia se era o dia mais quente de julho ou o mais frio de fevereiro. Eu voltava da escola ou acordava em uma manhã de sábado, e ela estava com aquele olhar no rosto.

— Vamos pegar a estrada? — ela convidava, mas ela já sabia que eu não recusaria. O carro já estaria carregado com nossos travesseiros, uma geladeirainha, roupas quentes no inverno, cadeiras de praia no verão.

Nunca gostávamos de gastar dinheiro em bons hotéis, mesmo fora de temporada, assim encontramos o Poseidon, um motel precário da década

de 1960 em North Reddemane, uma cidadezinha logo abaixo de Colby. A piscina era repleta de rachaduras, os quartos cheiravam a mofo, que mal dava para perceber; e tudo, da campainha no balcão da recepção remendada com fita adesiva às colchas, tinha testemunhado um milhão de visitantes e dias muito melhores. Mas a vista era incrível, as portas de tela de todos os quartos se abriam praticamente na areia e ficava a uma caminhada dos dois outros negócios da cidade que praticamente vendiam tudo o que precisávamos. Depois de termos ficado lá uma vez, nunca mais fomos para outro lugar.

Passávamos nossos dias andando pela praia ou tomando sol, com intervalos para comer no Shrimpboat, que, por ser o único restaurante em North Reddemane, servia café da manhã, almoço e jantar. Ao lado do Shrimpboats, havia o Gert's Surfshop, uma cabana de tábuas de madeira e posto de gasolina que vendia iscas, suvenires baratos e produtos básicos. Mamãe e eu, no entanto, tínhamos um fraco pelos braceletes de barbante



95

feitos à mão, decorados com conchas e contas de formas diferentes, com GS escrito à canetinha Sharpie na parte de trás. Não tínhamos ideia de quem

os fazia, apenas que eles sempre estavam no mostrador perto da caixa registradora da frente e nós parecíamos ser as únicas que os compravam, algo que fazíamos em todas as viagens. Mamãe os chamava de Gerts, e houve uma época em que meu pulso nunca exibia menos que dois ou três deles, em vários estágios de desgaste.

Essa era a mamãe de quem eu gostava de me lembrar, cabelos presos em rabo de cavalo desordenado, óculos escuros baratos e cheirando a protetor solar e sal. Ela lia livros românticos de má qualidade durante o dia (seu prazer mais constrangedor) e, de noite, sentava-se comigo nas cadeiras instáveis fora do nosso quarto e mostrava as constelações.

Comíamos camarão frito, assistíamos a péssimos programas de televisão e fazíamos longas caminhadas, seja no frio cortante ou em um dia perfeito de verão. No término do fim de semana, voltávamos o mais tarde possível, chegando em casa para encontrá-la praticamente como a tínhamos deixado, papai tendo passado por lá só para dormir, tomar banho e pegar algo para comer de vez em quando. Não me lembro de ele ter estado conosco alguma vez no Poseidon, mas tudo bem. Era uma coisa nossa.

Mas agora, como tudo mais depois do divórcio, a praia seria diferente. E a verdade era que aqueles fins de semana, espontâneos e desleixados, foram alguns dos melhores momentos que eu passei com a mamãe antes de tudo desmoronar. Eu tinha o suficiente separado em Antes e Depois: minha casa, meu nome, até mesmo a minha aparência. Eu não queria todas as minhas memórias refeitas, retrabalhadas, remodeladas, como a casa de praia elegante dela. Eu gostava delas como eram.

Era evidente, no entanto, que mamãe tinha outras ideias: por volta da hora do almoço, eu tinha quatro recados. Peguei um queijo quente barato e molenga e fui até a parede, dando uma mordida antes de ouvi-los.

— Querida, sou eu. Só estava imaginando quando você tem um intervalo entre as aulas. Eu quero muito falar com você sobre a casa! Me liga.



96

Bip.

— Mclean, sou eu. Vou levar as crianças ao mercado, então quando você ligar, use o meu celular. Se eu não atender, significa que estou naquele ponto logo antes da cidade, onde o celular não pega, então deixe uma mensagem e eu ligo para você assim que receber. Mal posso esperar para fazer os planos! Te amo.

Bip.

— Mclean? Hã, oi. É a Opal, do restaurante. Estou aqui com o seu pai... Ele sofreu um pequeno acidente — uma pausa, na pior hora possível. Ouvi um interfone, alguns murmúrios. — Ele está bem, mas estamos no hospital, e ele disse que o cartão do seguro está na casa e que você sabe onde está. Você pode me retornar neste número quando ouvir a

mensagem?

Bip.

— Oi, querida, sou eu de novo. Voltei do mercado, vi que você ainda não ligou, então, quando você ligar, tente em casa...

Mexi de modo desajeitado no celular, apertando o botão FIM uma, duas vezes, tentando limpar a tela para poder fazer a ligação. Meu coração, de repente, disparou com aquelas palavras preenchendo minha mente: *acidente, hospital*. E por trás delas, difícil de se ver: bem. Bem. Bem.

Meu celular levou séculos para completar a ligação, cada som parecia uma eternidade enquanto eu olhava em volta para o pátio inteiro à minha volta, sem ver nada. Finalmente, uma resposta.

— Alô?

— Opal, é a Mclean. Acabei de ver a sua mensagem, papai está bem?

O que aconteceu? Quando ele...

— Ei, ei — disse ela. — Calma. Mclean? Está tudo bem. Ele está bem. Aqui.



Naquele momento pude ouvir que eu respirava com dificuldade, quase ofegante. O som, primitivo, ocupou o telefone pelos segundos

seguintes e então, como em um sonho, papai subitamente estava ali.

— Eu falei para ela não ligar — disse ele. Ele parecia entediado, como se estivesse esperando na fila do correio. — Eu sabia que você entraria em pânico.

— Eu não estou em pânico — eu lhe assegurei, embora nós dois soubéssemos que eu estava. Respirei fundo como era recomendado e perguntei — O que aconteceu?

— Apenas um escorregão com a faca.

— Sério? — fiquei surpresa.

— Não a minha — acrescentou ele, parecendo ofendido. — Foi um dos ajudantes de cozinha. Eu estava dando uma pequena aula sobre filés... e as coisas saíram do controle.

Meu coração finalmente começou a bater de modo normal de novo enquanto eu perguntava:

— Como assim, saíram do controle?

— Apenas alguns pontos — ele respondeu. — E um remendinho.

— Estou surpresa que você tenha ido ao hospital — eu disse, o que era a verdade. As mãos do meu pai eram cobertas por cicatrizes de vários acidentes e queimaduras, e normalmente, a não ser que tivesse atingido uma veia ou algo assim, ele esperava até depois do trabalho para lidar com aquilo, se é que ele fazia algo.

— Não foi ideia minha — ele grunhiu. — Pode acreditar.

— Você tem que ir ao hospital quando corta a mão! — ouvi Opal dizer ao fundo. — É a política da empresa. Sem mencionar o bom senso.



98

— De qualquer modo — papai continuou, ignorando-a —, a conclusão é que eu preciso do meu cartão do seguro saúde, que eu acho que está em casa...

— Está — respondi. — Vou lá pegar.

— Mas você está na escola. Eu mando o Leo buscar.

Pensei em Leo, grande e desengonçado, remexendo na caixa de arquivos onde eu mantinha os documentos importantes.

— Não — retruquei — É o melhor eu fazer isso. Olha, já já estarei aí.

— Espere — ele disse quando eu estava prestes a desligar. — Você não precisa de uma carona?

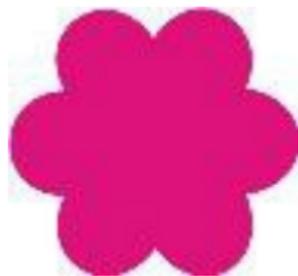
Não tinha pensado nisso. Estava para responder quando passei os olhos pelo pátio e vi um único banco ao lado da entrada do ginásio. Uma garota estava sentada ali, com uma bolsa verde floral ao lado, vestindo uma capa de chuva verde com abafadores de ouvido combinando, ela bebia uma coca zero pelo canudinho.

— Acho que tenho uma carona aqui — contei para ele, levantando-me e pegando minha bolsa. — Já estou indo.

— Teve uma vez.. — Deb disse enquanto manobrava o carro pequeno e organizado, na pista para virar à direita — em que mamãe derrubou uma xícara inteira de água fervente na barriga. Sabe, como aquela que tem na lanchonete para fazer chá, super-quente? Tivemos que levá-la ao pronto-socorro.

Eu concordei com a cabeça, forçando um sorriso.

— Sei.



99

— Mas ela ficou bem! — acrescentou rapidamente, olhando para mim. — Completamente boa. Nem ficou cicatriz, embora nós achássemos que fosse ficar.

— Puxa... — disse eu.

— Eu sei! — ela sacudiu a cabeça, acelerando um pouco quando sinalizações para o hospital começaram a aparecer. — Medicina moderna. É incrível.

Eu espiei à frente, notando a enorme placa de EMERGÊNCIA com

uma flecha abaixo à medida que aparecia. Apesar de papai ter me acalmado, eu estava tensa, de forma estranha, meu estômago contraído desde que desliguei o telefone. Talvez Deb tenha notado, e era por isso que ela falava sem parar desde que a abordei e pedi uma carona. Mal tive tempo de explicar a situação antes que ela se lançasse em uma dúzia de histórias para ilustrar que Acidentes Acontecem, Mas No Final As Pessoas Ficam Bem.

— É só um cortinho de nada — insisti pela décima vez. Eu não estava certa se essa afirmação era para mim ou para ela. — Ele se corta o tempo todo. Faz parte do trabalho.

— Não consigo acreditar que seu pai é um *chef!* — ela observou, diminuindo a velocidade na pista para virar. — Isso é tão emocionante.

Ouvi falar que o Luna Blu é fantástico.

— Você nunca foi lá?

Ela negou com a cabeça.

— Nós não saímos muito para comer fora.

— Oh — eu não sabia muito bem o que dizer disso. — Bem, tenho que levar você lá um dia. Para agradecer pela carona.

— Sério? — ela pareceu tão surpresa que senti uma pontada de pena, embora não soubesse muito bem por quê. — Puxa, seria tão legal. Mas não precisa. Eu estou feliz só em poder ajudar.



100

Quando saímos da rua até a entrada do pronto-socorro, vi uns dois médicos passando, ambos de jalecos. À esquerda, um homem de cadeira de rodas com uma máscara de oxigênio estava sentado ao sol. Nada disso acalmava os meus nervos, então eu me distraí dizendo:

— Sim, mas deve ser meio cansativo, certo? Ser uma embaixadora estudantil e todo mundo sempre pedindo ajuda?

Deb se inclinou mais sobre o volante, examinando as opções para estacionar. Ela era tão precisa e responsável, com a faixa de cabelo verde perfeita, o carro organizado com um bloquinho de anotações preso no painel e uma caneta ao lado. Ela parecia mais velha do que era, mais velha do que deveria ser.

— Na verdade não — ela respondeu, entrando em uma vaga próxima.

— Não?

Ela sacudiu a cabeça.

— Na verdade você é a primeira pessoa que me pediu alguma coisa.

— Sério? — eu não pretendia soar tão surpresa e pude dizer

imediatamente pela reação dela — um ligeiro rubor, uma engolida nervosa — que isso não ajudou muito a reforçar a sua confiança. Rapidamente, acrescentei: — Quer dizer, estou feliz. Isso me torna inesquecível, acho. Deb desligou o motor e depois se virou para mim. A expressão dela era óbvia, de gratidão, de felicidade. Como será que deve ser, sendo tão autêntica, tão frágil que seu mundo inteiro de pensamentos fica tão fácil de ler no seu rosto? Eu não conseguia nem imaginar.

— Puxa, que legal ouvir isso! Eu nem tinha pensado nisso!

Houve uma explosão súbita de sirene atrás de nós e uma ambulância surgiu, disparando pela entrada do pronto socorro. *Ele está bem*, eu tentei me acalmar, mas mesmo assim meu coração disparava.



101

— Vamos lá — Deb falou, abrindo a porta e pegando a bolsa no banco traseiro. — Você vai se sentir melhor assim que o vir.

Enquanto andávamos pelo estacionamento, ela buscou algo na bolsa, retirou um pacote de chiclete e ofereceu a mim. Recusei com a cabeça, e ela o colocou de volta, sem pegar um pedaço para ela. Fiquei pensando se ela mascava chiclete, ou se o carregava apenas para oferecer.

Eu tinha quase certeza que sabia a resposta.

Mais cedo, quando paramos em casa, não fiquei surpresa quando ela foi bem-educada e cheia de elogios.

— Mas que lugar mais lindo! — ela exclamou, diante de nossa sala mal mobiliada. — Que colcha maravilhosa!

Olhei para o sofá. Jogada sobre um dos braços estava uma das colchas de mamãe, feita há muito tempo atrás quando ela tinha começado com o passatempo. Na verdade, ela tinha muito jeito com aquilo e conseguia fazer todos os tipos de padrões complexos. Na nossa casa antiga, tínhamos um monte delas, tanto na decoração quanto para usar quando estivesse frio. Quando partimos, eu tinha encaixotado a maioria delas junto com o resto de nossas coisas num depósito, apenas para ganhar uma nova, na hora em que estava diante da garagem de Peter me despedindo.

— Eu fiquei trabalhando nela sem parar — mamãe explicou, enquanto a pressionava em minhas mãos. Os olhos dela estavam vermelhos: estivera chorando a manhã toda.

Eu a peguei, olhando para os quadrados costurados com capricho.

O tecido era rosa, amarelo e azul, e variado: brim, veludo cotelê, algodão.

— Está muito bonita!

— São roupas de bebê — ela me disse. — Para você ter algo para se lembrar de mim.

Eu a peguei e agradei. Depois a coloquei numa caixa no caminhão-reboque, onde ela ficou praticamente o tempo todo, até eu levar algumas



coisas de volta para casa durante as férias de verão e deixá-la no meu armário. Eu sabia que deveria ter ficado com ela, mas como com tantas outras coisas de mamãe, eu estava cheia. Era como se debaixo da colcha, eu sufocasse.

— Obrigada — falei para a Deb, de volta a casa. — Acabamos de mudar, então as coisas ainda estão meio bagunçadas.

— Eu amaria morar aqui — disse ela. — É um bairro tão legal!

— É mesmo? — perguntei, dando uma olhada na caixa de arquivos, procurando o cartão saúde de papai.

— Claro, aqui é o bairro histórico — ela caminhou até a entrada, examinando o batente. — Minha mãe e eu visitamos uma casa à venda nesta rua, há algumas semanas.

— Sério? Vocês estão pensando em mudar?

— Ah, não! — ela respondeu, silenciando por um instante. Depois apenas prosseguiu — Nos fins de semanas, às vezes, só para nos divertimos, visitamos casas abertas ao público e fingimos que vamos comprar. Estudamos onde vamos colocar os objetos e o que faríamos no

quintal... — ela foi parando de falar, parecendo constrangida. — Sei, parece muito idiota.

— Não acho — encontrei o cartão dentro de um livro de selos e o coloquei no bolso. — Também faço coisas do tipo, às vezes.

— Sério? O quê, por exemplo?

Agora eu tinha sido pega. Engoli em seco e depois respondi.

— Sabe, tipo, quando mudo de escola, eu sempre me transformo um pouco. Finjo ser alguém diferente do que era no último local.

Ela ficou apenas me encarando, e pensei o que havia nela para eu ficar tão sincera. Como se ela estivesse doente de verdade, e isso fosse realmente contagioso.



103

— Puxa... — ela disse, finalmente. — Mas aposto que isso é difícil.

— Difícil? — respondi, voltando para a porta e abrindo para ela. Ela saiu, ajustando a bolsa no ombro, enquanto eu trancava a porta.

— É, deve ser difícil ficar mudando todas as vezes. É como começar tudo de novo. É, tipo, sei lá...

Dei uma olhada na casa de Dave Wade, pensando em Riley e nas

perguntas dela sobre ele. Não havia carros na entrada, nenhum sinal de vida. Seja onde estivesse, ele não estava em casa.

— ... sentiria falta de quem eu tivesse sido antes — Deb terminou. —

Ou algo assim.

Então eu não falei nada; não sabia como responder. Em vez disso, apenas a segui até o carro, tínhamos chegado ao hospital. Porém, naquele momento, enquanto subíamos para as portas basculantes do pronto socorro, olhei para ela novamente com inveja de sua confiança, apesar de saber o que os outros pensavam dela. Talvez mudar fosse mais fácil para alguns do que para outros. Eu mal a conhecia, mas já não conseguia concebê-la sendo qualquer outra Deb que não essa.

Lá dentro, fomos bafejadas por aquela mistura hospitalar de desinfetante e inquietude. Dei o nome de papai para um homem agachado

atrás de uma janela de vidro, que digitava alguma coisa no computador, depois ele me passou um papel que dizia A1196. Os quatro dígitos me fizeram voltar para aquela manhã em que procurara o meu armário, quando a minha maior preocupação tinha sido me livrar de mamãe, do celular e do meu pé.

— Acho que é por aqui — Deb falou, a voz dela mais calma eu mesma me sentia, enquanto nos conduzia para baixo num saguão, pegando a direita. De alguma forma, ela apenas parecia *saber*, quando eu precisava que ela tomasse a iniciativa, como se meu medo fosse palpável. Não havia quartos, mas cubículos com cortinas, algumas abertas, outras fechadas. Enquanto passávamos, tentei não olhar, mas ainda



104

vislumbrei: um homem deitado na cama de camiseta, com as mãos sobre os olhos, uma mulher de avental hospitalar, com a boca aberta, adormecida.

— A1194 — Deb dizia alto. — A1195... Aqui, é aqui!

A cortina estava fechada e, por um instante, ficamos lá enquanto eu pensava se deveríamos bater, ou mesmo saber se estávamos no local certo.

Então, ouvi algo.

— É sério. Você precisa deixar as coisas rolarem. Já está feito.

Houve um suspiro profundo.

— Tudo bem, entendo que os picles tiveram boa aceitação, mas isso não significa...

Abri um pouco as cortinas, e lá estavam eles: papai, sentado na cama, com a mão e pulso envoltos em ataduras e gaze, e Opal, numa cadeira ao lado, de pernas cruzadas, parecendo irritada.

— Cá está ela — meu pai falou. Ele sorriu para mim, que foi a coisa mais tranquilizadora que já tinha visto desde sempre. — E aí?

— Esqueça um pouco de mim — respondi, andando até ele.

— Como está?

— Totalmente bem — ele falou rapidamente, batendo na cama ao lado dele. Eu me sentei, e ele pôs o braço bom nos meus ombros, e eu senti um nó subir pela garganta. O que era ridículo, pois era óbvio que era verdade, ele estava bem. — Foi só um corte superficial.

Sorri, engolindo em seco, e dei uma olhada em Opal. Ela me observava, o rosto tão gentil que eu tive de olhar para o outro lado.

— Esta é Deb — falei, apontando para ela com a cabeça, para onde estava, em pé na abertura da cortina, com a bolsa no ombro. — Ela me deu... Ela é minha amiga.



105

Ao ouvir isso, Deb sorriu, com satisfação óbvia. Depois, deu um passo adiante e esticou a mão.

— Oi — ela falou. — Muito prazer! Sinto muito pelo acidente.

Mclean ficou tão preocupada!

Papai ergueu as sobrancelhas, me encarando, e eu me senti ruborizar.

— Talvez seja porque eu é que tenha telefonado — Opal acrescentou. — Eu não sou exatamente conhecida por manter a calma em emergências.

— Isso não foi uma emergência — papai falou, apertando o meu ombro de novo. Eu me inclinei sobre ele, absorvendo aquele cheiro familiar: loção pós-barba, sabão em pó e um aroma de fumaça de grelha. — Se fosse por mim, apenas teria enrolado um band-aid e continuaria cortando.

— Ah, não! — Deb disse contrariada. — É preciso receber atenção médica quando há um corte. E as infecções por estafilococos?

— Viu? — Opal apontou para Deb, justificando-se. — Infecção por

estafilococos.

— *Toc toc* — veio uma voz de fora das cortinas. Um instante depois, uma enfermeira gordinha, de cabelos vermelhos e usando um avental decorado com corações entrou. Ela olhou para papai, depois para a prancheta nas mãos. — Bem, senhor Sweet, precisamos do seu cartão e um pouco de burocracia e já nos livramos do senhor.

— Ótimo — papai respondeu, pegando a prancheta que ela oferecia a ele.

— Ah, puxa, não fale isso! Assim eu fico magoada — a enfermeira prosseguiu, a voz era tão alta, enquanto ela sorria abertamente para ele. Do outro lado, Opal ergueu as sobrancelhas. No entanto, eu não fiquei nada surpresa. Cresci vendo o efeito que meu pai produzia nas mulheres. Talvez



106

fossem os cabelos meio compridos, ou aqueles olhos azuis, ou a maneira que ele se vestia e se portava, mas parecia que onde quer que fôssemos, as mulheres ficavam atraídas por ele, como imãs. E quanto menos ele retribuía, mais elas insistiam. Era tão estranho.

Entreguei o cartão do meu pai para a enfermeira, depois arrumei a

prancheta enquanto ele abria a caneta com a mão boa, dando uma olhada nos documentos diante dele. Enquanto assinava, espiei a enfermeira, que sorria para mim:

— Que graça, tomando conta do pai. Sua mãe está fora da cidade?

Era óbvio que ela tinha notado a ausência de aliança, mas só estava verificando: era um truque que eu já observara antes, feito por garçonetes, recepcionistas de hotel e até por uma de minhas professoras. Tão na cara.

— Desculpe — Opal falou de repente, antes que eu pudesse responder —, mas preciso ter certeza de que essas despesas serão enviadas para nossa empresa. Você me ajuda com isso, ou preciso falar com outra pessoa?

A enfermeira olhou para ela como se só agora notasse a sua presença, embora Opal — de jeans desbotados, botas de caubói vermelhas e um blusão laranja-vivo fosse difícil de não ser percebida.

— Vou encaminhá-la para o departamento correto para ver isso — ela falou friamente.

— Muito obrigada — Opal respondeu, igualmente educada.

Deb, meio dentro da cortina, olhou para Opal, depois para a enfermeira, depois novamente para Opal. Mas, como sempre, papai estava distraído e devolveu a prancheta, pulando da cama.

— Tudo bem, vamos arrasar com o quiosque de tacos.

— Senhor Sweet! — a enfermeira falou. — Ainda temos que preencher mais alguns formulários, O senhor precisa...



107

— O que preciso... — papai respondeu, agarrando o casaco que estava sobre o travesseiro — é voltar à cozinha antes que o lugar todo desmonte. Como Opal disse, envie a cobrança para a EAT INC. Você está com as informações, certo?

Opal concordou com a cabeça e tirou um cartão de sua bolsa, no chão.

— Claro que sim.

— Perfeito. Então dê a ela e vamos — Opal entregou o cartão para a enfermeira, que não pareceu nada entusiasmada em pegá-lo De novo, papai não reparou enquanto ele se enfiava no casaco e depois olhou para mim.

— Você precisa voltar à escola, certo?

Olhei para o relógio.

— Quando chegar lá, já estará praticamente na hora do sinal de saída.

Ele suspirou, era evidente que não gostou daquilo.

— Vamos para casa, então. Vamos deixá-la a caminho do

restaurante.

—Pode deixar, eu a levo — Deb se ofereceu. Quando papai olhou para ela, ela sorriu, como se realmente precisasse da aprovação dele para fazer aquilo. — Isto é, não há nenhum problema.

— Ótimo, vamos, então — ele respondeu, empurrando a cortina para o lado. Ele já estava fora e seguia pelo corredor, antes que alguém de nós pudesse mesmo chegar perto dele.

Todos olharam para mim, mas eu só ergui os ombros. Aquele era o meu pai ditador, o lado da personalidade dele que surgia durante os momentos mais corridos e quando nós estávamos nos mudando. Ele nem sempre era uma pessoa mandona, mas, sob certas circunstâncias, ele se



108

comportava como um general em campo de batalha, tivesse ou não soldados disponíveis.

A enfermeira arrancou algumas folhas de papel, entregou uma para Opal, que a pegou e seguiu o caminho por onde papai tinha se ido. A outra ela passou para mim, junto com o cartão de papai, parecendo que levou um tempo até completar a troca.

— Se seu pai tiver problemas com o ferimento — ela disse, quando finalmente a soltou —, meu telefone direto está no papel de alta. Meu nome é Sandy.

— Tudo bem — respondi. Deu para sentir o choque de Deb atrás de mim, como se o calor emanasse dela. Com certeza, ao me virar, ela estava de olhos arregalados, boquiaberta. — Obrigada.

Saí para o corredor e ela correu atrás de mim, ainda espantada.

— Ai, meu Deus! — ela sibilou enquanto passávamos pelo homem de camiseta, agora sentado na cama, um médico se inclinava sobre ele. — Aquilo foi totalmente inadequado! — Isso acontece — respondi, achando papai e Opal lá fora, na entrada principal.

— Mclean! — ele gritou impaciente. — Vamos!

Deb imediatamente retomou o passo, seguindo as ordens como um soldado exemplar. Enquanto ia atrás, dei uma espiada nos papéis de alta, com a caligrafia cheia de curvas de Sandy realçando seu nome e o telefone à caneta vermelha. Parecia uma correção, algo marcado correto que estava errado, e eu o dobrei e enfiei no fundo do bolso enquanto saía pelas portas, disposta a deixar esse lugar para trás também.





109

Cinco

O BARULHO ERA ESTRANHAMENTE familiar, mas no início eu não o identifiquei.

Tomp. Tomp. Tomp. Clenque.

Abri os olhos, pisquei e depois olhei para o ângulo no teto, seguindo-o até a beirada do friso, onde ele se encontrava com a janela. Adiante, havia apenas vidro transparente, um pouco de céu e o telhado corroído da casa da qual Dave tinha tomado o porão. No entanto, ela era tão enorme que eu não tinha certeza de sequer ser uma moradia. No fim, achei que era mais provável ser uma empresa, fechada há muito tempo: as janelas estavam bloqueadas com tábuas, o mato crescia por toda parte ao redor dela. Eu tinha visto uma placa À VENDA que parecia igualmente antigo do outro lado quando eu estava indo até o ponto de ônibus. Mas, neste momento, olhando por este ângulo estranho, percebi outra coisa: algumas letras pintadas no teto, outrora vermelhas, agora desbotadas em tom mais leve de rosa. Não deu para entendê-las todas, mas parece que a primeira se parecia com um S.

Tomp. Tomp. Suish.

Eu me sentei na cama, olhando para a janela ao meu lado. A caminhonete de meu pai já não estava lá. Eram apenas 9 horas da manhã,

após urna sexta-feira corrida na qual ele trabalhara praticamente com uma mão só, mas a feira do produtor era aos sábados de manhã, e ele sempre



110

gostava de chegar lá na primeira hora para escolher o melhor que estivesse à disposição.

Tomp. Tomp. Risadas. Depois um estrondo.

Senti a casa vibrar ligeiramente, depois tudo se acalmou de novo.

Fiquei sentada durante um momento, esperando sei lá o quê... sem noção...

até que finalmente deslizei os pés no piso e peguei o jeans de uma cadeira

próxima, onde eu o jogara tarde da noite anterior. Do lado de fora fazia

silêncio agora; meus passos eram tudo que conseguia ouvir enquanto

andava até o corredor.

Assim que pisei na cozinha, pensei ainda estar adormecida,

sonhando, ao ver a bola de basquete rolando na minha direção. Atrás dela,

a porta para o deque estava aberta, o ar frio soprava para dentro e eu só

fiquei parada lá, olhando enquanto a bola se aproximava cada vez mais,

indo cada vez mais devagar a cada volta. Tão estranho, pensei. Eu tinha

certeza de ter acordado, visto que a caminhonete não estava lá, mas...

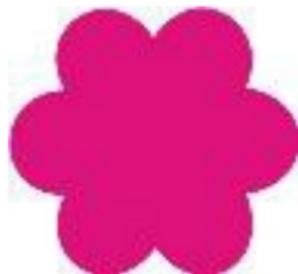
— Oops! Desculpe!

Eu saltei, assustada, depois ergui o olhar e me deparei com um cara sentado na soleira, pouco além da entrada da porta aberta. Ele tinha mais ou menos a minha idade, com *dreadlocks* apertados e curtos saltando da cabeça em todas as direções, e usava jeans e uma camiseta vermelha de mangas compridas. O rosto era familiar, mas eu estava sonolenta demais para descobrir por quê. Olhei para bola, depois novamente para ele.

— O quê...

— Meu companheiro lança a bola com entusiasmo demais — ele justificou enquanto entrava, pegando-a a meus pés. Quando ele olhou para mim, com um sorriso de desculpas, minha memória o localizou em um lampejo numa tela de TV, segurando alguns papéis. Era isso: ele estava nos anúncios matinais da escola. O que não seria tão ruim, se a mira dele não fosse tão péssima.

— Ah. Sei. Eu só... não estava entendendo o que está acontecendo.



111

— Não vai se repetir — ele me assegurou. Depois se virou, erguendo a bola com as duas mãos sobre a cabeça e arremessando-a na

direção da entrada da garagem: — Lá vai!

Houve um *tã*, seguido de uma série de batidas, soando cada vez mais distantes. Um instante depois alguém disse:

— Que tipo de lance foi esse?

— Cara, você nem tentou pegar.

— Porque estava muito longe — o amigo respondeu. — Você estava mirando o quê, a rua?

O carinha olhou para mim, depois riu, como se eu fizesse parte da piada.

— Desculpa aí, de novo — ele falou, e depois correu pelo deque, saindo da minha vista.

Fiquei lá em pé, ainda tentando processar tudo aquilo no meu estado de semissonolência quando senti o celular vibrando no bolso traseiro. *Puxa, então aí que ele estava*, pensei, lembrando como eu o procurei pelo quarto na noite anterior. Peguei e examinei a tela. Assim que vi o número de mamãe, percebi que no caos do dia anterior eu não tinha retornado a ligação dela. Oooops.

Respirei fundo, depois apertei o botão de ligar.

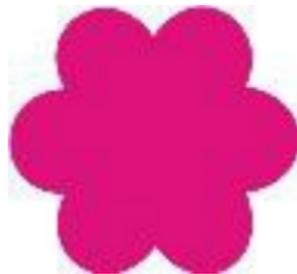
— Oi, mãe! — falei. — Eu...

— Mclean! — Era um horror: ela já estava gritando. — Fiquei doente de tanta preocupação com você! Você deveria ter me retornado há 24 horas. Você me prometeu! Tudo bem, eu sei que a gente estava com problemas...

— Mãe...

— ... mas a gente nunca vai conseguir superar se você não me

respeitar o suficiente para...



112

— Mãe — eu repeti. — Me desculpe.

Estas duas palavras, como uma parede de tijolos, a detiveram. Na minha cabeça, consegui visualizar todas as outras coisas que estavam sendo suspensas na língua dela, empilhando-se como carros numa autoestrada. *Crésh. Crésh. Crésh.*

— Bem — ela disse finalmente. — Tudo bem. Quero dizer, ainda estou chateada. Mas obrigada por dizer isso.

Olhei para fora, com o celular ainda na orelha, bem a tempo de ver o cara que tinha corrido atrás da bola arremessar na cesta. Ela subiu e fez um ângulo, batendo numa árvore próxima antes de repicar na entrada da garagem, onde Dave Wade, de jeans e casaco de chuva azul aberto, recolheu-a com as mãos. Ele balançou a cabeça para algo que o amigo dizia e depois arremessou. Eu olhava o rosto dele, não a tabela, quando ela bateu no aro. Ele não pareceu surpreso.

— Mas eu realmente preciso dizer... — mamãe prosseguia, em uma tentativa de superar o silêncio entre nós — que fiquei muito magoada por

— você não me ligar. Eu acho que você não percebe, Mclean, como é difícil ficar tentando contato com você e sempre ser rejeitada.

O amigo do Dave subiu para uma bandeja, tropeçou, e enviou a bola para o quintal de trás.

— Não foi de propósito — falei para mamãe, observando enquanto ele corria atrás da bola. — Papai se machucou, eu tive de sair da escola e ir para o hospital.

— O *quê*? — ela se assustou. — Ai, meu Deus! O que aconteceu? Ele está bem? Você está bem?

Eu suspirei, afastando o celular da orelha e a acalmei.

— Ele está bem. Só precisou de uns pontos.

— Então por que você precisou ir ao hospital?



113

— Ele não sabia onde estava o cartão do seguro saúde. Então...

No entanto, antes de eu conseguir terminar este pensamento, ouvi-a expirar, um barulho longo, sibilante, como um pneu soltando o ar, e eu imaginei que qualquer trégua que poderíamos ter estava se esvaindo ao mesmo tempo.

— Você teve de sair da escola porque o seu pai não sabia onde o cartão estava? — eu já sabia que não deveria responder aquilo, pois não era uma pergunta de verdade. — Caramba, você não é a mãe dele, você é a filha dele. Ele deveria guardar bem os seus documentos, não o contrário.

— Deu tudo certo, tá? — respondi. — Está tudo bem.

Ela fingou, depois ficou em silêncio por um instante, e então disse:

— Eu fiquei tão animada ontem em pensar em ter você junto com a gente na praia. Assim que soube que a casa estava pronta, eu só pensava em você.

— Mãe — insisti.

— Mas então, até isso tinha de ser tão complicado — ela prosseguiu.

— Pelo visto, você nem quer saber de nada, e isso era uma coisa que você amava tanto. Fico muito triste que em vez de ter uma vida normal...

— Mãe...

— ... seu pai fica arrastando você de um lugar para outro, e você está tendo de tornar conta dele. Sério, eu realmente não consigo entender por que você não...

Houve outro baque atrás de mim e eu girei bem quando a porta se abriu com um estrondo, a bola de basquete novamente voando por ela. Ela bateu no linóleo e quicou direto em mim, e enquanto eu a agarrava, com o celular preso entre a orelha e o ombro, de repente, eu fiquei furiosa.

Mamãe ainda falava — caramba, *ela sempre estava falando* — quando passei pela porta aberta, para fora no deque.



— Desculpe! — o amigo do Dave gritou ao me ver. — Foi minha...

Mas eu não estava ouvindo, e então juntei toda a angústia e o estresse dos últimos minutos e dias coloquei-os atrás da bola e a atirei para cima na cesta com toda a força que tinha. Ela voou, bateu na tabela e no aro sem cesta a toda velocidade, depois deu um rebote e acertou Dave Wade em cheio na testa. E assim, do nada, ele caiu.

— Merda! — eu disse, enquanto ele se estatelava na calçada. — Mãe, preciso desligar.

Joguei o celular numa cadeira de piscina e desci correndo os degraus até a entrada de carros. Dave estava deitado lá, assustado, enquanto o amigo estava a alguns centímetros de distância me encarando, com o olhar espantado. A bola rolou na rua, parando perto do latão de lixo.

— Puta merda! — o amigo exclamou. — Que tipo de lance foi aquele?

— Você está bem? — perguntei ao Dave, ajoelhada ao lado dele. —

Me desculpe, eu só estava...

Dave piscava, olhando para o céu.

— Uau! — ele disse vagorosamente, depois desviou o olhar para mim. — Você é muito melhor que nós neste jogo.

Não tinha certeza de como deveria responder à pergunta. Abri a boca para tentar, ou para pelo menos me desculpar, mas não veio nada. Em vez disso, nós apenas ficamos nos encarando, e eu pensei em algumas noites antes, sentada naqueles bancos duros de madeira, o céu acima de nós. Encontros estranhos, acima e abaixo do solo, com colisões malucas, refração e depois atração novamente.

— Cara, foi incrível — o amigo falou, me acordando daquele torpor.

— Você caiu como um carvalho imponente, abatido na floresta.

Eu me pus de cócoras enquanto Dave se apoiava vagorosamente nos cotovelos. Então, ele sacudiu a cabeça forte, como se faz em desenhos



115

animados quando se tenta voltar a si. Teria sido engraçado, talvez, se eu não tivesse sido a única responsável pelo dano.

— Puxa, foi sem querer... — finalmente consegui falar.

— Tudo bem — ele balançou a cabeça novamente e depois se ergueu. — Sem danos permanentes.

— Que alívio! — falou o amigo, que tinha corrido atrás da boia e voltava nesse momento, batendo-a diante dele. — Sei que olhando ele não parece grande coisa, mas o cérebro do cara é como um tesouro nacional.

Dave apenas olhou para mim, com a expressão neutra. Olhando para mim ele falou:

— Já estou bem.

— E eu sou Ellis — o amigo disse, esticando a mão, que apertei ligeiramente. — Agora que já nos conhecemos, você tem que me ensinar esse lance. Sério!

— Não — respondi, soando mais rude do que eu pretendia. Os dois olharam pira mim surpresos. — Quer dizer, na verdade, não sei muito bem como fazer.

— A *medulla oblongata* do Dave insiste — Ellis respondeu, pressionando a bola entre as mãos. — Vamos lá, por favor. Senti o rosto ruborizar. Eu não queria. Na verdade, antes de tudo, não conseguia acreditar que tinha arremessado a bola, muito menos que ela tivesse entrado. Era testemunho do ensino de papai, administrado basicamente desde que comecei a andar, em parques e em nosso quintal — eu, que não tocava a bola de basquete há anos, ainda fazia aquele lance todo meu.

Embora papai adorasse basquete, vivesse e respirasse o esporte, durante a maior parte da juventude, ele não era o melhor jogador: um pouco para pior, com um jump passável e um tiro com uma mão decente. Mas ele era rápido e engajado, o que sempre lhe possibilitava tempo em



116

jogo, mesmo que não fosse muito. Para seus colegas de equipe e amigos, entretanto, ele era mais conhecido pelos vários arremessos particulares que desenvolveu e burilou durante a prática nos treinos e em jogos informais no bairro. Havia vários: o Quiabo (um tipo de giro, fintando para trás), o Ascot (uma finta na altura do pescoço, depois súbita explosão até a cesta), o Maionese (o tipo que é preciso ver para entender). Mas, entre todos, o Bumerangue era o mais famoso. Era mais um ataque do que um arremesso, e necessitava um bom tiro com uma mão na altura do ombro, um alvo certo e um pouco mais que mera sorte. Era óbvio que eu tinha dois, dos três.

Agora, enquanto eu estava lá com aqueles dois caras, os dois me observando com ansiedade, de repente, ouvi o motor chacoalhante da caminhonete de papai. Quando olhei, ele estava reduzindo a marcha e virando na entrada. Foi só quando ele estava se aproximando que observei o rosto dele surpreso e percebi que eu ainda segurava a bola. Ele

estacionou, olhou para ela, depois para mim, e depois desligou o motor.

— Olha — falei para Ellis. — Eu não... posso. Desculpe.

Ele olhou para mim com cara de dúvida, pois eu sabia que a desculpa era totalmente esfarrapada sob todas as circunstâncias. Depois, de novo, não era realmente por ele. Ou mesmo pelo Dave, que bem merecia, considerando o choque que ele levou. Assim que as palavras saíram, eu sabia que elas eram por meu pai, cujos olhos eu senti em mim enquanto eu segurava a bola, saí da quadra e andei de volta para dentro. Fim de jogo.

— Tudo bem, tente esta daqui. Palavra de quatro letras, tem um A nela. A dica é país da Micronésia.

Ouvi barulho de picar, depois de água escorrendo.



117

— Guam.

Uma pausa.

— Ei, cabe!

— É?

Olhei da porta da cozinha do Luna Blu enquanto Tracey, a pior garçõnete de Opal, pulou sobre a mesa de preparo, cruzando as pernas. Do

outro lado dela, em uma mesa idêntica, um rapaz loiro e magro, de avental, picava tomates, com uma pilha enorme, vermelha e carnuda diante dele.

— Tudo bem — ela disse então, dando uma olhada no jornal

dobrado nas mãos. — Que tal isso? Personagem de Shakespeare nascido de cesariana.

O cara continuava a picar, usando a faca para empurrar mais uma pilha junto às outras na mesa.

— Bem...

— Espere! — Tracey sacou a caneta detrás da orelha, abrindo-a. —

Eu sei essa! É o César. Vou só... — ela franziu a testa. — Não cabe.

O cara lavou a faca, depois a enxugou num pano de prato.

— Experimente Macduff.

Ela apertou os olhos, focando na página por um instante.

— Puta merda. Você está certo de novo! Você é inteligente demais para ser ajudante de cozinha. Que faculdade você frequenta mesmo?

— Desisti — o cara respondeu. Então ele ergueu o olhar e me viu. —

Ei, o que deseja?

— Melhor se levantar — Tracey lhe disse, embora eu tenha reparado que ela mesma não tenha saído da mesa de preparo nem baixado o jornal.

— Ela é a filha do patrão.



118

O cara enxugou as mãos e veio até a mim.

— Ei, Mclean, né? Sou o Jason, muito prazer.

— Mas a gente o chama de professor — Tracey gritou, dobrando as palavras cruzadas. Pois ele sabe tudo.

— Nada disso — Jason respondeu. Para mim, ele acrescentou: —

Está procurando o seu pai?

Fiz que sim com a cabeça.

— Era para encontrá-lo aqui, mas ele não está no escritório e em nenhum outro piso.

— Acho que ele está lá em cima — ele respondeu, apontando para o teto acima de nós. — Com a Opal, hã... no projeto comunitário.

Tracey bufou. Ela era baixa, mas tinha a constituição de um touro, com ombros largos e braços musculosos, e usava as mesmas botas de pele de carneiro que vi no primeiro dia, desta vez com um vestido de brim.

— Com a gangue de delinquentes juvenis, ele quer dizer.

— Ora, ora — Jason falou, indo até lá para pegar a faca novamente.

— Não podemos ficar fazendo julgamentos.

— Eu posso — Tracey retrucou. — Você os viu, perfilados lá fora mais cedo? Todos fumando e metidos com uns mil piercings? Puxa. Dava quase para sentir a angústia adolescente, de tão espessa.

Ao ouvi-la, percebi que isso realmente explicava a multidão de pessoas, a maioria de garotos da minha idade, alguns mais velhos, outros mais jovens, que eu tinha visto amontoados na porta da frente do Luna Blu quando cheguei. Era uma tarde de segunda, antes do horário de abrir, mas era óbvio que eles não estavam lá para comer: havia um senso de obrigação à reunião, algo forçado, não escolhido. E Tracey estava certa, rolava muita fumaça por lá.



119

— Teste-me com outra palavra — Jason disse então, apontando a cabeça para o jornal de Tracey.

Ela deu uma olhada para ele, passando o dedo pela página.

— Vamos lá, que tal... palavra com seis letras para roedor, a primeira letra é um C. Pensei em cobaia, mas não está batendo com nada ao redor.

— Castor. — Jason falou, começando a mexer nos tomates de novo.

— Putz, está correto também! — Tracey balançou a cabeça, impressionada. — Você é um desperdício aqui. Você deveria estar, tipo, dando aula, ou coisa parecida.

Ele ergueu os ombros sem dizer nada, e eu aproveitei essa deixa para sair, agradecendo-os enquanto fazia isso e ia para o corredor. No restaurante, uma garota de cabelos loiros e *piercing* no nariz enxugava o balcão, ao mesmo tempo que alguns outros garçons conversavam enquanto lustravam peças de prata numa mesa perto da janela. Fui até a sala ao lado, para as escadas que Opal tinha me indicado no dia em que todas as caixas dela chegaram. Tinha acabado de começar a subir quando ouvi a voz de papai. Olhando para cima, avistei a ele e Opal a meio caminho para cima, conversando.

— ... e tudo para ajudar a comunidade. Mas isso é ridículo. Não podemos gerenciar um programa de reabilitação aqui em cima no restaurante — dizia ele.

— Sei disso — Opal retrucou. Ela parecia cansada. — É isso exatamente o que disse para Lindsay quando fui ao escritório dela hoje de manhã.

— Lindsay?

— Lindsay Baker — Opal prosseguiu. — Ela é a representante do Conselho que está encarregada disso tudo. Mas ela insistiu que eles estão



reformando os escritórios e o centro comunitário está totalmente sem datas.

Não há lugar para um projeto em progresso como este.

— Então, o que você está dizendo — papai continuou — é que não

há uma única sala vazia na cidade inteira para isso, além da nossa?

— Não — Opal respondeu inquieta. — Mas é isso que *ela* disse.

Papai suspirou. Acima deles, no sótão, dava para ouvir batidas,

passos e vozes. — E qual o motivo para você ter se oferecido mesmo?

— Estacionamento! Fiz isso por causa do estacionamento — Opal

respondeu. — Mas quando mencionei o assunto hoje, ela me deu um belo

corta-luz. Começou a falar sobre responsabilidade comunitária e orgulho

cívico e...

— Espere aí, espere um pouco — papai interrompeu. — O que você

acabou de falar?

— Eu também tinha ouvido. Não era algo que a gente pudesse

ignorar, nenhum dos dois.

Opal piscou para ele.

— Responsabilidade comunitária?

— Antes disso.

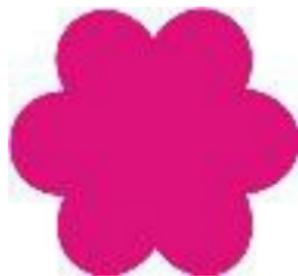
Ela pensou mais um pouco. Acima deles, no salão, ouvi mais batidas.

— Ah, corta-luz — ela disse, finalmente. — Desculpe, é só uma expressão de basquete. Quer dizer quando você...

— Sei o que significa — papai falou. — Só estou... surpreso de ouvi-la, vindo de você.

—Porquê?

Agora foi papai que teve de fazer uma pausa.



121

— Bem — ele disse, após um instante. — Eu só não tinha percebido que você gostava, hã, do esporte.

— Puxa. Meu pai era *fanático* pela DB — ela falou. — Ele é ex-aluno, e todos os meus irmãos. Basicamente você tinha de estudar lá, ou envergonharia a família toda.

— Quem diria.

Opal concordou.

— Embora ele não esteja satisfeito com o novo técnico. Não estou

muito por dentro, mas parece que houve algum tipo de escândalo. Algo com a vida pessoal dele ou...

— Está bem... — papai prosseguiu, dando uma podada nela. Senti meu rosto em chamas. — Vamos voltar à crise do momento. Quais são as nossas opções por aqui?

— Bem — Opal falou bem devagar. — Acho que no momento, o melhor que podemos esperar é que a representante do Conselho fique com dó da gente e encontre outra sala. O que pode acontecer. Mas... não hoje.

— Certo — papai falou. — Hoje temos uma sala cheia de criminosos para dar conta.

— Eles não são criminosos — Opal retrucou. — Eles só devem serviços comunitários.

— Não é a mesma coisa?

— Bem, não...

Houve um estrondo forte acima deles, seguido de algumas gargalhadas. Opal deu uma espiada acima da escada.

— Acho que é melhor subir. Eu deveria estar supervisionando.

Papai também olhou, depois suspirou, balançando a cabeça.

— Como era mesmo o nome da mulher do Conselho?



— Baker. Linda Baker.

— Tudo bem — papai falou, virando-se para descer a escada. —

Vou ligar para ela, ver se consigo mudar alguma coisa.

— Ah! — Opal falou rapidamente. — Não... não acho que seja uma boa ideia.

— Por que não?

Opal engoliu em seco e começou a falar quando outro golpe ressoou do salão.

— Bem... é que ela é, tipo...

Papai esperou.

— Um trator — ela terminou. — Como se você tivesse de enfrentá-la. Ela tem a tendência de oprimir as pessoas.

— Acho que consigo dar conta disso — papai respondeu, enquanto eu saía do degrau de baixo, e fora da visão, para esperá-lo no salão de refeições.

— Você, tome conta dos criminosos.

— Eles não são criminosos — Opal falou alto. — Eles são...

Com isso, papai fechou a porta, não parecia estar interessado em definições alternativas. Ao me ver, ele lançou um sorriso cansado.

— Olá — ele falou. — Como foi o seu dia?

— Sem grandes emoções — respondi, enquanto caminhávamos para o lado do balcão. — E você?

— Só o caos de sempre. Está com fome?

— Estou! — respondi, pensando no sanduíche molenga de atum que tinha comido no almoço, há séculos.

— Ótimo. Vamos até a cozinha comigo e vou arrumar alguma coisa.



123

Estava para responder quando, virando o canto, de repente, demos de cara com um sujeito de jaqueta de exército, usando um boné de beisebol, virado para trás. Havia uma enorme tatuagem de águia em tinta preta cobrindo o seu pescoço. Ele olhou para o meu pai e depois para mim, e falou.

— Ei, onde é a tarefa obrigatória? Preciso que assinem a minha folha.

Papai suspirou, depois indicou com a cabeça o lugar lá atrás.

— Lá em cima. Feche a porta quando entrar.

O cara grunhiu, depois passou por nós, enfiando as mãos nos bolsos, de forma desajeitada. À mesa, perto da janela, os dois garçons que lustravam a prataria riam. Papai olhou para eles, e eles rapidamente se aquietaram, bem quando o celular dele tocou. Ele tirou do bolso, olhou para a tela, com a testa franzindo.

— Chuckles — ele me disse, abrindo-o. — Alô! Sim, fiz sim. O cara do conserto da máquina de gelo acabou de vir. Bem... você quer as boas ou as más notícias?

Pelo tom, acho que iria demorar alguns minutos, então voltei para o salão de refeições. A porta para a escada estava aberta, apesar do que fora dito para o cara tatuado. Quando fui fechá-la, ouvi Opal conversando e fui em direção da voz dela.

— Na verdade, o que isto representa... — ela dizia. — É uma oportunidade para vocês, como cidadãos desta cidade, de conhecer o centro de uma forma que nunca poderiam de outro modo. Rua a rua, esquina a esquina. Casa a casa. É como se estivesse mapeando seu próprio mundo. Então, isso é legal, não é?

Não houve nenhuma resposta, além de uma tosse e alguma movimentação. Assim que cheguei ao patamar da escada, pude ver Opal diante de uns vinte ou mais adolescentes ou pré-adolescentes, todos pareciam tão animados como se estivessem tratando o canal do dente.



no alto da cabeça, parecia bem nervosa e estava corada. Falando um pouco rapidamente demais, ela continuou:

— E a melhor coisa é que com tantas pessoas, mesmo trabalhando algumas horas por semana, podemos progredir bem. Ou seja, de acordo com as instruções.

Ela abanou um maço de papéis grampeados que segurava em uma das mãos:

— É bem simples, pelo que parece. Assim que conseguirmos colocar a base e juntá-la, é apenas questão de combinar as peças aos números.

Nenhum pio. Silêncio... Ela prosseguiu:

— Então, hã... Estou muito feliz que tantas pessoas tenham aparecido. Quer dizer, sei que alguns de vocês não tiveram escolha. Mas se continuarem firmes, acho que descobrirão que vai ser divertido e farão algo que vale a pena para a comunidade.

Nada. Observei os ombros de Opal murcharem enquanto ela suspirava e continuou:

— Bem, acho que é tudo que temos por hoje. Planejamos estar de volta aqui na quarta às quatro. Assim, se quiserem que eu assine a folha de comparecimento...

De repente, a sala inteira estava se mexendo, todos voltaram à vida em uma lufada de movimento. Dentro de segundos, Opal estava encurralada com mãos estendidas e pedaços de papel sendo agitados.

— Tudo bem, tudo bem, um de cada vez, todos vão ter a vez.

Andei pela multidão, caminhando na sala que tinha sido uma

varrida, as caixas agora estavam alinhadas numa parede. Algumas maiores estavam etiquetadas com números pretos enormes; o resto tinha letras, todas misturadas e sem ordem. Pensei nas palavras cruzadas de Tracey,



125

com todas as palavras ajustadas ou não, enquanto eu as olhava, outro quebra-cabeça não resolvido.

Até aquele momento, já estávamos na cidade há três nas completas. É o tempo mais longo em que tinha sido Mclean— ou pelo menos, havia me denominado assim em dois anos, ainda não estava muito acostumada com isso. Mesmo tendo ouvido Jason usá-lo, há alguns instantes, tinha sido chocante. Provavelmente isso queria dizer que meu próprio nome soava mais estranho para mim que os outros que eu tinha escolhido assumir nos últimos poucos anos. Mas, na verdade, eu ainda não tinha certeza de como era a Mclean daqui. Fiquei esperando que ela aflorasse, colocando-se com tanta facilidade como a Eliza, a Lisbet e a Beth antes dela, mas até o momento nada acontecera. Em vez disso, eu ainda me sentia sem forma, como um bolo no processo do cozimento, com as beiradas crocantes e ainda mole no centro.

Parte disso era porque, nas três últimas cidades, eu decidira rapidamente por uma personagem pronta: garota esperta toda sorrisos, rainha do drama de roupas pretas, estudante pró-governo. Fingir todas essas coisas era fácil, porque eu tinha planejado tudo, selecionado os amigos e as atividades que melhor se ajustavam a quem quer que eu tivesse decidido ser. Porém, na Jackson, não tinha sido igualmente pão, pão, queijo, queijo. Eu não escolhi os amigos de Mclean. De alguma forma, eles continuavam a me escolher.

Naquele dia, no almoço, saí para o pátio planejando ficar perto do muro. Queria dar uma olhada nas minhas anotações de Civilização Ocidental porque houve umas sugestões sutis de que haveria testes, e eu odiava surpresas. Tinha acabado de me acomodar e começado a ler quando uma sombra cruzou meu caderno. Uma sombra que estourava bolas de chiclete.

— Tem um minuto? — Heather falou quando ergui o olhar para ela.

Ela usava o casaco de pele falsa e jeans, um gorro enorme de tricô de lã vermelha sobre os cabelos loiros. Antes que eu pudesse responder, ela continuou. — Que bom. Vamos lá.



Ela se virou, com a confiança de que eu obedeceria a seu comando, e foi na direção da mesa de piquenique, que agora eu sabia ser o local diário de almoço dela e de Riley. Com certeza, assim que a vi indo para lá — sem ter me mexido um centímetro —, avistei Riley do outro lado, bebendo uma coca e enrolando o cabelo com a outra mão. Do outro lado, estava Dave Wade. Foi a primeira vez que o vi depois que eu o fiz cair com a bolada, o que provavelmente explicava o repentino calor que senti, constrangida.

— Oi! — Heather falou a uns dois metros de distância. Ela parecia impaciente, como se eu tivesse realmente concordado em fazer alguma coisa. — Você vem ou não?

Fiquei apenas olhando para ela, sem certeza de como responder-lhe.

Finalmente, falei:

— Eu tenho teste surpresa à tarde.

— Vamos *lá!* — ela insistiu e, antes que eu pudesse pará-la, já tinha voltado, agarrado a minha mão e me puxava para levantar-me. Mal tive a chance de pegar a bolsa antes de ser arrastada para a mesa, onde ela me pôs, com o caderno ainda aberto, no banco ao lado de Dave Wade. Quando ele ergueu o olhar, tive uma visão da imagem dele se estatelando na calçada novamente, e meu rosto corou ainda mais desta vez.

— Você conhece a Mclean, certo? — Heather falou, largando-se do outro lado, perto de Riley.

— É, a gente já se conhece — ele respondeu, mantendo os olhos em mim. Enquanto eu me mexia ao lado dele, tentando organizar as anotações

no meu colo, percebi que realmente este ira o encontro mais simples que tivemos: sem segredos, sem perseguição policial e sem bolas de basquete voadoras. Por enquanto, pelo menos.

— Ela se ofereceu de bom grado para ser nossa juíza — Heather afirmou para ele.



127

— Ai, meu Deus — Riley falou, esfregando a mão no rosto, percebi que seus olhos estavam ligeiramente vermelhos. Ela eslava chorando. — Bem quando eu imaginava que isso não poderia ficar mais constrangedor.

— Aqui somos todos amigos — Heather lhe disse. — E, além disso, até agora você só teve conselhos totalmente conflitantes. Tem o meu, que na verdade é, você bem sabe, o que deveria fazer. E depois tem o dele — ela ergueu o dedo para Dave, que ergueu as sobrancelhas — que você não deveria seguir.

— Você consegue acreditar que esta é ela tentando ser imparcial? — Dave falou para mim.

— Tudo bem, veja a situação — Heather prosseguiu, ignorando-o.

— Riley andou saindo com esse cara, e acabou de descobrir que ele a traiu.

Ele diz que está arrependido. Ela deve ceder ou dar um pé na bunda nele?

Olhei para Riley, que agora estava totalmente concentrada em mexer num pontinho da mesa.

—Hã—falei.—Bem...

— Eu disse que ela deveria dar um pé na bunda dele, no sentido literal e figurado. — Heather explicou. — Mas o Eggbert aqui está dizendo para ela ser toda dependente.

— Uau, uau, uau! — Dave exclamou, erguendo a mão. — Na verdade, o que eu disse foi que ela deveria descobrir os motivos dele para agir como fez, e, depois, agir a partir dali.

— Ele a enganou — Heather falou ríspidamente. Riley hesitou, cutucando com mais força. — Que motivo haveria para tornar isso aceitável?

— As pessoas erram — Dave enfatizou.

— Olhe — Riley falou, abanando a mão entre eles —, eu agradeço essa abordagem cívica ao meu problema. Mas posso dar conta de tudo, tá?



— Você disse isso da última vez — Heather enfatizou.

Agora Dave pareceu surpreso:

— Da última vez? Espera aí, já teve de fazer isso antes?

Riley ergueu o olhar.

— Bem, já... Aconteceu um lance, alguns meses atrás.

— Mas você não disse nada! — ele prosseguiu.

— Você estava... — Riley olhou para mim — ocupado, na época.

— Ah — Dave falou.

— Ele foi preso — Heather me explicou. Agora foi Dave que recuou.

— O quê? Foi uma cerveja. Fui pego por causa disso no colegial, só isso.

— Heather — a voz de Riley pareceu ríspida. — Lembra-se de que você falou para eu dizer quando você estivesse passando do limite do que é apropriado em termos de conversa?

— Sim.

Em vez de responder, Riley lançou-lhe um olhar insípido, mas duro.

Quase pude sentir o tempo mudando ao nosso redor, de tão sério.

— Tudo bem — Heather falou, após um segundo, pegando o celular. — Decida sozinha. É o seu enterro.

Ficamos lá sentados por um segundo sem que ninguém falasse, e eu olhei com saudades daquele lugar perto do muro, onde eu pude ficar sentada sozinha e me preocupar sobre algo tão prosaico e fácil como o resto da civilização ocidental. Eu estava pensando em como voltar para lá quando Dave falou:

— Então, Mclean. Como foi a chegada?

— Chegada? — repeti.



129

— Nisso — ele respondeu, fazendo um gesto rápido com a mão em direção ao pátio. Então, percebi pela primeira vez a tatuagem que tinha no pulso. Era um círculo preto, no mesmo lugar e da mesma forma que a de Riley. Interessante. — Em nosso fino estabelecimento educacional.

— Hã — respondi —, foi... legal, acho.

— Que bom saber disso — ele respondeu.

— Claro que ajuda ela ter encontrado as pessoas certas — Heather prosseguiu, enfiando o gorro sobre as orelhas.

— E quem seriam elas? — Dave quis saber.

Ela fez uma careta para ele.

— Você sabe que há pessoas que realmente adorariam ter a oportunidade de ficar comigo.

— Claro. Como anda o Rob ultimamente? — ele questionou.

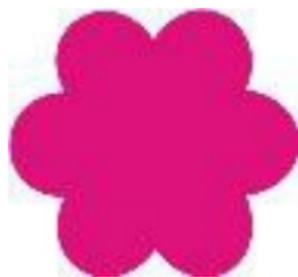
— Ele é passado, e acho que isso não é da sua conta — para mim, ela disse: — Ele pode dizer o que quer, mas ele sabe da verdade. Eu e a Riley somos a melhor coisa que já aconteceu a esse cara.

— Corte as duas primeiras palavras da sentença e eu concordo com você — Dave respondeu. Heather revirou os olhos, mas Riley olhou para cima, dando um sorriso amarelo.

— Ai, pelo amor de Deus — Heather falou. — Queria que vocês dois saíssem juntos, falhassem terrivelmente como casal e superassem tudo.

— Bem — Dave falou, sentando-se — é bom saber que temos a sua benção.

Foi então que senti alguém à minha esquerda. Ergui o olhar a tempo de ver Deb, com a bolsa pendurada, passando ao meu lado. Quando nossos olhos se encontraram, o rosto dela se iluminou com o reconhecimento; quando ela viu que eu não estava sozinha, entretanto, ela mordeu o lábio e continuou se movimentando.



130

Não sei o que me deu para fazer o que rolou em seguida. Foi impulso ou instinto, a melhor ou a pior coisa sob tais circunstâncias.

Independente disso, antes que eu percebesse, estava feito.

— Ei, Deb! — gritei.

Sob a mesa, Heather chutou a minha canela, mas eu a ignorei.

Quanto a Deb, estava claro que ela estava tão desacostumada a ser abordada informalmente na escola que visivelmente ela saltou ao som do próprio nome, depois girou para me olhar, surpresa, a boca em forma de um pequeno O. Ela estava de jeans, um casaquinho rosa e jaqueta azul-marinho. A fita do cabelo combinava com o brilho nos lábios, que combinava com a bolsa de retalhos.

— Oi? — ela respondeu.

— Hã — falei, percebendo que eu não tinha nada planejado após este primeiro cumprimento. — Tudo bem?

Deb olhou para mim, depois para o resto do grupo à mesa, como se estivesse calculando se era uma pegadinha ou não. — Tudo bem — ela disse vagarosamente. Depois, em um tom apenas um pouco mais simpático, ela acrescentou: — E você?

— Quer sentar-se com a gente? — convidei. Senti tanto a Riley quanto a Heather olharem para mim, mas mantive os olhos em Deb, que pareceu tão surpresa — até chocada — que até poderia se pensar que eu tinha pedido para ela me emprestar um rim, — Quer dizer — prossegui, e agora Dave também olhava para mim — tem espaço aqui. Se quiser.

Deb, que não era idiota, olhou para Heather, que me encarava com um olhar incrédulo no rosto. Esqueça aquilo de tomar emprestado um rim: pela cara dela, você acharia que eu tinha crescido para comer um rim dela.

— Bem... — ela disse vagarosamente, puxando a bolsa um pouco mais para perto do corpo — Eu...



131

— Ela está certa — Dave disse subitamente, afastando-se um pouco de mim para aumentar o espaço entre nós. — Quanto mais gente, melhor. Sente-se.

Riley apertou os olhos, desenroscando a tampa da água novamente.

Enquanto isso, Deb olhava para mim, então tentei transmitir um olhar tanto de tranquilidade quanto de confiança. De alguma forma, funcionou, pois ela se aproximou lentamente. — e deixou-se deslizar no banco ao meu lado, repousou a bolsa no colo e cruzou as mãos por cima.

Desta vez, tive que dizer algo. Eu tinha atraído Deb para isso, então o mínimo que podia fazer era deixá-la sentir-se vontade. Mas minha mente ficou vazia, depois mais vazia ainda enquanto tentava desesperadamente buscar um início de qualquer tipo de conversa. Estava para dizer algo sobre o tempo — o tempo! quando ela delicadamente limpou a garganta.

— Que tatuagem linda— ela falou para Dave, apontando com a cabeça para o círculo no pulso dele. — Tem algum significado especial? Sabia que não fui a única a ficar surpresa com o tópico que ela escolheu para quebrar o gelo: Heather e Riley ficaram olhando para ela

também. Mas Deb estava totalmente concentrada em Dave, enquanto ele dava uma rápida olhada no pulso e falou:

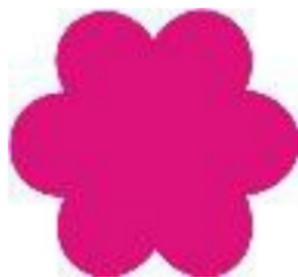
— Na verdade, tem. Ela, hã, representa alguém com quem tive muita afinidade, no passado.

Ao ouvir isso, Riley fechou os olhos, e pensei novamente no mesmo círculo que ela tinha no pulso. Você não faz uma tatuagem com alguém por nada.

— E você? — Heather perguntou para Deb, de repente. — Você tem tatuagem?

— Não, não tenho.

— Verdade? — Heather respondeu, erguendo as sobrancelhas. — Estou realmente surpresa.



132

— Heather — falei.

— Eu adoraria ter uma tatuagem — Deb continuou, olhando para mim. — Mas não achei nada pelo que me apaixonasse ainda — para Dave, que a observava com uma expressão atenta, ela acrescentou: — Acho que é realmente importante que tenha algum significado para você, pois vai fazer

parte de você para sempre.

Os olhos de Heather se abriram mais ainda, e eu tive vontade de chutar a canela dela, mas me contive. Dave respondeu:

— É a pura verdade, você tem razão.

Deb sorriu como se ele a tivesse elogiado.

— A sua parece, tipo, tribal para mim, com as linhas grossas e o preto.

— Você entende de tatuagens tribais? — Dave quis saber.

— Um pouco — Deb respondeu. — Embora, pessoalmente, os desenhos japoneses sejam os meus preferidos. O peixe e o *fu-dog*, ou leão chinês. A arte é tão imperial e clássica.

— Você está brincando comigo? — Heather surpreendeu-se, incrédula. — Como você entende de tatuagens?

— Minha mãe tinha uma amiga que era dona de um estúdio — Deb respondeu, seja inconscientemente ou ignorando o tom dela. — Eu costumava ficar lá depois das aulas, até ela terminar o trabalho.

— Você... ficava fazendo hora num estúdio de tatuagens?

Heather falou com a voz ríspida.

— Já faz um tempinho — Deb passou as mãos sobre a bolsa. — Mas foi muito interessante. Aprendi muito.

Dave, ao lado de Deb, de repente olhou para mim, e eu me surpreendi ao vê-lo sorrir para mim, como se fôssemos os únicos



personagens numa piada. Mais surpreendente ainda foi que me vi retribuindo o sorriso.

— Então, Deb — falei. — Faz de conta que seu namorado te traiu.

Você dá outra chance ou termina com tudo?

Heather revirou os olhos. No entanto, Riley nos observava.

— Bem... — Deb falou após um instante. — Falando sério, eu precisaria saber mais detalhes antes de dizer alguma coisa.

— Como o quê? — Dave perguntou.

Ela pensou um segundo.

— Tempo da relação, primeiro. Bem, se for muito no começo, não dá para encarar. Melhor passar para outra.

— Boa dica — Riley falou baixinho. Heather olhou para ela, erguendo as sobrancelhas.

— Também — Deb prosseguiu —, eu teria de considerar as circunstâncias. Foi um lance com alguém que ele mal conhecia, ou uma pessoa com quem ele se importava? A primeira poderia ser considerada como um passo em falso... mas, se sentimentos verdadeiros estiverem

envolvidos, é muito mais complicado.

— Verdade — ponderei.

— Enfim, vai depender muito do comportamento dele. Ou seja, ele confessou ou você descobriu de outro jeito? Ele realmente está arrependido ou puto por ter sido pego no flagra? — ela suspirou. — Mas, falando sério, a questão é que eu sempre me pergunto: se eu olhar para tudo o que essa pessoa me proporciona, coisas boas e ruins, eu fico melhor ou pior sem elas? Se a resposta for melhor... bem, acho que a resposta está aí.

Ficamos todos lá, sentados, olhando para ela. Ninguém disse nada, e então o sinal tocou.



134

— Bem... — Riley falou, piscando algumas vezes. — Foi... muito esclarecedor. Obrigada.

— De nada — Deb respondeu, simpática como sempre.

Riley e Heather se levantaram, pegando as mochilas e o lixo, enquanto no nosso lado, Deb e eu fazíamos a mesma coisa. Apenas Dave ficou onde estava, nesse tempo, ele fechou a tampinha da garrafa de água. Quando finalmente se levantou, ele olhou para mim.

— Você não respondeu — ele disse, enquanto Deb abria o zíper da

bolsa, procurando algo lá dentro.

— O quê?

— A pergunta. Ficar ou partir. Você não respondeu.

Olhei para Riley, que ajustava a mochila, sorrindo para algo que

Heather tinha acabado de dizer.

— Não sou muito boa com conselhos — respondi.

— Ah, vamos lá. Você está fugindo. Além disso, é uma situação

hipotética.

Todos se dirigiam para a entrada principal agora, Heather e Riley na

frente, eu, Dave e Deb logo atrás. Eu ergui os ombros e respondi.

— Não gosto de complicações. Se alguma coisa não está

funcionando... é preciso seguir adiante.

Dave movimentou a cabeça lentamente, pensando no assunto. Achei

que ele fosse insistir, ou talvez rebater, mas, em vez disso, ele se voltou

para a Deb.

— Foi ótimo conversar com você.

— E com você também! Obrigada pelo convite — Deb respondeu.

— Bom, acho que fui eu — interrompi.



Dave riu, olhando para mim, e eu me vi sorrindo de novo.

— Vejo você por aí, Mclean.

Eu concordei com a cabeça, depois ele se virou, indo na direção ao lado de Riley, e enfiou as mãos nos bolsos.

As pessoas se movimentavam ao nosso redor, dirigindo-se vários prédios enquanto Deb e eu estávamos apenas em pé, juntas. Finalmente, ela disse:

— Ele é muito simpático.

— Ele é especial — respondi.

Ela ficou pensando nisso, enquanto fechava o zíper. Depois respondeu:

— Bem, todos são.

Todos são especiais, pensei enquanto subia para o piso superior do Luna Blu, olhando para todas aquelas caixas. Por algum motivo, isso tinha me atingido — era simples, mas nem tanto —, desde que ela tinha dito aquilo. Também era um quebra-cabeça, duas palavras vagas com uma bem definida entre elas.

Analisando mais de perto, vi então que uma das caixas tinha sido aberta, com alguns materiais de embalagem soltos no chão ao seu redor.

Dentro dela, havia pilhas de cartelas de plástico, com partes de casas e de construções. Havia pedaços de recortes de portas e janelas, outras impressas para se parecerem com tijolos e fachadas de madeira. Frentes e partes de trás de casinhas, tipo, quarteirões de lojas e prédios mais

compridos com fileiras de janelas que deviam ser escritórios ou escolas.

Havia dezenas de lâminas na caixa, com as partes de algumas estruturas em cada uma. Tantas peças.

— Sei o que você está pensando — ouvi Opal gritar atrás de mim.

Quando me virei, vi que ela estava assinando a última folha, para um



136

garoto fortão que estava apoiado na parede. Quando ela terminou, ele a pegou sem ao menos dizer obrigado e se lançou pelas escadas abaixo.

— E o que é? — quis saber.

Ela colocou a caneta atrás da orelha, depois se aproximou e ficou em pé ao meu lado.

— Que isso é uma quantidade de trabalho impossível, uma tarefa inviável que provavelmente nunca será completada nem em um milhão de anos.

Não respondi nada, pois ela estava certa.

— Ou talvez — ela prosseguiu, esticando-se para alcançar a caixa e retirar uma cartela impressa com partes de casas de tijolo — seja apenas o que eu estou pensando.

— Pelo menos você tem bastante ajuda — respondi.

Ela me lançou um olhar indiferente.

— Eu tenho um monte de *gente*. Não é a mesma coisa.

Eu a observei por um segundo enquanto virava a peça na mão, estudando-a. Embaixo, pude ouvir os sons do restaurante sendo preparado para abrir: cadeiras sendo arrastadas para que varressem embaixo, vozes dos funcionários rindo e conversando, o tilintar dos copos sendo empilhados atrás do bar. Era tão familiar para mim quanto uma canção que eu tivesse ouvido a vida toda, cantada por diversas pessoas, mas com a mesma melodia básica. — Na verdade — ela continuou —, você consegue imaginar como vai ser duro montar todas essas casinhas minúsculas e depois achar os lugares corretos para cada uma, sem falar em cada árvore e poste de luz e hidrantes de incêndio?

— Bem...



137

— Quer dizer, há centenas dessas cartelas. E cada uma tem, tipo, umas cem peças. E tudo deve estar pronto até junho? Como é possível que isso aconteça?

Não tive certeza de aquilo ser uma pergunta retórica. Mas ela tinha parado de falar, então falei:

— É como você acabou de dizer para eles. Começa-se pela base, e vai-se trabalhando até chegar na parte de cima. É engenharia básica.

— Engenharia básica? — ela repetiu. Depois olhou para mim. —

Será que o que eu disse pareceu tão simples assim?

— Com certeza.

— Hã. Então consigo mentir muito melhor que achava.

— Ei, Opal! — uma voz chamou da escada. — Você está aí em cima?

— Depende — ela respondeu, olhando para trás. — O que você quer?

A copiadora deu um *tilt* de novo e nós só imprimimos duas folhas dos especiais.

Ela suspirou, olhando para o teto. — Você tentou o truque do clipe?

Silêncio.

— O quê?

— Você tentou colocar um clipe embaixo do cartucho de toner... —

Ela interrompeu, era óbvio que havia achado isso complicado demais para transmitir à distância. — Já vou indo.

— Tudo bem — a voz respondeu. — Ah, e o Gus quer conversar com você, também. Ah, e também o cara das toalhas está aqui e diz que tem que ser dinheiro, não pode ser cheque.

— Já vou indo — ela disse de novo, mais alto desta vez.



— Deze e quatro — a voz repetiu. — Câmbio e desligo.

Opal levantou-se, massageando as têmporas, a caneta atrás da orelha subindo e descendo enquanto isso.

— Engenharia básica — ela disse. — Espero que você esteja certa.

— Eu também — respondi. —Porque é um bocado de caixas.

— Nem me diga — ela sorriu, depois endireitou os ombros, deixou as mãos caírem e começou a caminhar até a escadaria.

— Desligue as luzes quando sair, tá?

— Claro.

Vi a cabeça dela sumir, os passos diminuírem e então me virei para segui-la. Ao fazê-lo, porém, notei as instruções que ela segurava quando fez o discurso, antes, deixadas na mesa perto da parede. Peguei, impressionada pelo peso: em vez de algumas páginas grampeadas, como eu pensava, eram como um livreto, de tamanho considerável e grosso. Folheei as primeiras páginas rapidamente, o sumário e a introdução, as informações sobre o contato da empresa, até a página oito, onde realmente começavam as instruções. 1º PASSO, dizia em cima, com cerca de quatro

parágrafos em tipos pequenos abaixo, completo com diagramas

etiquetados com letras e números. Uau, pensei, lembrando do que tinha acabado de dizer a Opal, virei do outro lado, achando o 1º PASSO novamente. ACHE OS QUATRO CANTOS (A, B, C e D), dizia, e ARRUME SOBRE UMA SUPERFÍCIE ESTÁVEL CONFORME A FIGURA.

Lá embaixo, o telefone tocou, e alguém gritava que eles precisavam de limão. Fui até a caixa que tinha a letra A em maiúscula, rasguei-a e abri, depois remexi por alguns instantes até achar o canto superior esquerdo etiquetado A (BASE). Levei-a pela sala e coloquei-a no chão, conforme a figura. Como um cursor piscante numa página vazia, era apenas a primeira coisa. O princípio do princípio. Mas pelo menos, estava feito.



139

Após um jantar antecipado no balcão com papai — interrompido por duas ligações telefônicas e uma crise na cozinha —, saí do Luna Blu cortando o caminho pela ruazinha até a minha casa. Já estava escurecendo quando virei na nossa rua e a atravessei até em casa, era a única em que

não havia luzes acesas. Estava caçando as chaves dentro da bolsa quando ouvi um carro parando bem atrás de mim. Mal olhei para ele e para as duas pessoas que estavam dentro e voltei à minha busca. Quando finalmente as descobri um minuto mais tarde, olhei para trás e percebi que eram Dave e Riley.

Ela estava na direção, com ele no banco do passageiro, e, à luz da varanda, mal podia distinguir os rostos. Riley estava recostada no banco, os olhos focados para cima, enquanto Dave dizia algo, fazendo gestos com uma das mãos. Depois de um instante, ela fez que sim com a cabeça. Dentro, a casa estava meio fria, então liguei o aquecedor, joguei minha bolsa sobre o sofá e fui à cozinha, acendendo as luzes durante o caminho. Peguei um copo de água, joguei os sapatos em um canto e me sentei no sofá com o laptop. Tinha acabado de iniciá-lo, com os ícones se enfileirando ao longo da parte de baixo da tela, quando ouvi: o feliz barulho pin do HiThere!, anunciando uma conexão. Parece que minha mãe tinha acabado com a greve de silêncio.

Alguns dias antes, quando eu finalmente liguei para ela, após ter desligado na sua cara mais uma vez — desta vez porque eu tinha achatado o Dave com o Bumerangue —, ela não atendeu. O Peter respondeu. — Sua mãe não pode falar agora — ele disse. A voz era firme, protetora. — Ela está chateada e precisa de um pouco de espaço. Meu primeiro pensamento, ao ouvir isso, foi de rir bem alto. Agora, ela queria espaço? E claro, eu deveria apenas honrar aquilo, instantaneamente, muito embora ela nunca, nunquinha estivesse disposta a



140

fazer o mesmo por mim. Eu queria dizer isso ao Peter, tentar explicar o meu lado, mas sabia que não adiantava. Em vez disso, respondi que tudo bem, eu entendia.

Passaram-se dois dias, depois três, e minha caixa de mensagens continuava vazia, meu identificador de chamadas limitava-se apenas ao número de papai e do Luna Blu. Nada de balões do HiThere!, nada de torpedos alegres de bom dia/bom sono, nem mesmo um correio eletrônico. Não foi o tempo mais longo sem conversas, mas com certeza era a primeira vez que a falta de contato era culpa dela e não minha. E a verdade é que era, tipo, estranho. Todo aquele tempo eu pensei que a única coisa que eu queria era que a minha mãe apenas me deixasse em paz. Então ela obedeceu.

Parece que agora ela estava pronta para conversar. Ou brigar. Ou alguma coisa. Então eu cliquei no balãozinho dançante, e a tela se abriu para mostrar... Peter. Dizer que fiquei surpresa não era minimamente verdade.

— Mclean? — ele devia estar no escritório, havia um logo enorme da

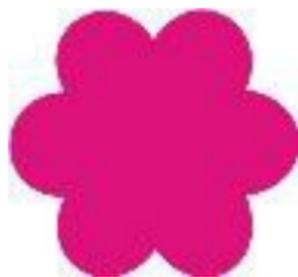
Defriese na parede, um aparador de madeira visível atrás dele, forrado com fotos emolduradas de pessoas bem altas, ele parecia baixinho perto delas, em comparação. — Você está me vendo bem?

— Sim — respondi, de repente me sentindo nervosa. Apesar de todo o impacto que tinha sobre a minha vida, eu não conhecia o meu padrasto muito bem. Estávamos longe daquela situação de amigos de papo. — Sim.

Oi!

— Oi — ele limpou a garganta, inclinando-se um pouco mais pra perto. — Desculpe se eu a peguei de surpresa. Eu não tinha o seu celular, mas descobri este contato no laptop da sua mãe. Queria conversar uma coisa.

— Tudo bem.



141

Eu estava acostumada a ver o Peter à distância — do outro lado da mesa, lá embaixo no saguão, na televisão. De perto, ele parecia mais velho e um tanto cansado. Ele usava uma camisa social, com o colarinho aberto, sem gravata. Perto do seu cotovelo, repousava um refrigerante diet.

— Olha, eu sei que você e sua mãe não estão se dando bem

ultimamente, e não estou tentando interferir em nada. Mas...

Sempre havia um mas. Fosse você da família, ou da família postiça.

Sempre.

— Eu realmente me preocupo com a sua mãe, e ela também se preocupa comigo. Ela está bem triste agora, e eu queria deixá-lo feliz. Estou pedindo um pouco de ajuda para conseguir isso.

Engoli em seco, e então fiquei pouco à vontade quando percebi o quanto estava nervosa.

— Não sei o que eu poderia fazer.

— Bem, vou te dizer — ele se inclinou um pouco para trás. — Temos um jogo aqui no fim de semana, contra a U. Katherine e os gêmeos vão comigo, e eu sei que ela adoraria ver você.

Era sempre chocante quando ele a chamava pelo nome completo.

Até que eles se casassem ela era Katie Sweet. Agora ela era Katherine Hamilton. Elas pareciam pessoas totalmente diferentes, não que eu tivesse o direito de falar qualquer coisa.

— Ela estava planejando convidá-la, no início da semana — ele prosseguiu —, mas então, parece que vocês tiveram algumas desavenças, algo assim.

Concordei com a cabeça, algo assim.

— Pensei que ela estivesse chateada demais para conversar comigo.

— Ela está magoada, Mclean — ele respondeu. — Não estou pedindo para você vir aqui, nem mesmo para ir até a praia. Isso é coisa



142

entre você e ela. Mas espero que você pense se poderia encontrar a gente a meio caminho.

Ele fez parecer uma proposta razoável, sabia que recusá-la me faria parecer uma megera.

— Ela sabe que você está ligando? — quis saber.

— Foi tudo ideia minha — ele respondeu. — O que significa que, caso você concorde, planejo ter todo o crédito pelo plano.

Levou um minuto para eu perceber que ele estava brincando. Rã.

Então Peter Hamilton tinha senso de humor. Quem diria?

— Pode ser que ela não queira me ver, sabe? Parecia que ela estava mesmo muito brava.

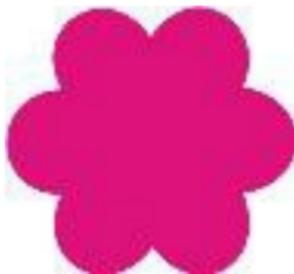
— Ela quer te ver — ele me garantiu. — Apareça no Balcão de

Ingressos de Cortesia às 13h do sábado. Vou passar os detalhes. Tudo bem?

— Tudo bem.

— Obrigada, Mclean. Fico te devendo esta.

Foi um exagero. Mas eu me segurei e só fiz que sim com a cabeça enquanto ele dizia que me veria naquele fim de semana. Nós dois nos movimentamos pra frente para terminar a ligação, ao mesmo tempo, e, percebendo um ao outro, os dois ficamos parados, sem querermos ser o primeiro. Finalmente, após uma pausa estranha, eu tomei a iniciativa e cliquei no botão de desligar. Bem assim, puf, ele sumiu da tela. Tchau.



143

Meia hora mais tarde, me lembrei de que o dia seguinte era de coleta de lixo. Eu me enfiei no casaco e lá fui empurrar a lata até o meio-fio. Tinha acabado de me virar para a entrada de carros quando vi o carro da Riley ainda estacionado, pouco abaixo da minha casa. Os faróis estavam apagados e pude vê-la ao volante, enxugando o rosto com um lenço. Andei até mais perto e, um instante depois, ela ergueu o olhar e me viu.

— Não estou te perseguindo, juro! — ela disse pela janela aberta.

Depois ela olhou para baixo, para o lenço que segurava com cuidado. — Eu só ainda não estava pronta para voltar para casa.

— Sei como é — respondi. — Você está bem?

Ela fez que sim.

— É só o drama típico de uma garota vítima de crueldade. É tão constrangedor. Não sou tão mole assim com mais nada na minha vida, juro... — ela parou, depois limpou a garganta. — Estou bem.

Na rua principal, depois do sinal à frente, passou um ônibus com o motor pipocando. Virei para retornar à minha casa, calculando que, realmente, a gente não se conhecia tão bem para eu oferecer mais ajuda.

— Ele gosta de você, sabe — ela gritou para mim, repentinamente.

Parei, olhei de volta para ela:

—O quê?

— Dave — ela deu um pigarro —, ele gosta de você. Ele ainda não admitiu para mim, mas ele gosta.

— Ele nem me conhece direito — respondi

— Você está dizendo que ele não gostaria se a conhecesse? — ela franziu a testa. — Responda com cuidado. Estamos falando do meu melhor amigo, e ele realmente é um cara legal.



144

— Não estou dizendo nada — retruquei. Ela ainda olhava para mim, então acrescentei. — Acho que ele não é o meu tipo. — Não me diga — ela

falou. — Você também é uma garota cruel?

— Na verdade, não. Sou mais... — tentei completar, mas, por algum motivo estranho, me lembrei do rosto de Peter piscando na tela do meu computador. — Uma garota que não está buscando nada por enquanto. Nem mesmo um carinho tão legal.

Ela colocou as mãos na direção, alongando-os para trás, e, ao fazê-lo, reparei aquela tatuagem de círculo no seu pulso novamente, idêntica à de Dave. Devia haver alguma bela história ali, mas não era eu que ia perguntar sobre isso agora.

— Entendi. E gostei muito de você ter sido totalmente honesta.

Fiz que sim com a cabeça, depois enfiei as mãos nos bolsos.

— Boa noite, Riley.

— Boa noite — ela respondeu. — E, Mclean?

— Sim?

— Obrigada.

Não tinha certeza do motivo da gratidão: ver se estava tudo bem com ela, o que eu tinha dito ou, talvez, realmente, o que eu não tinha dito. Optei por não perguntar. Em vez disso, retornei até a entrada de carros, deixando-a partir em seus próprios termos, na sua própria hora, sem plateia. Quando não é possível salvar-se ou ao seu coração, ter capacidade de livrar a cara ajuda.



145

Seis

NO DIA DO JOGO DA DEFRIESE, papai e eu deveríamos tomar café da manhã juntos, só nós dois. Tinham sido tão malucos a escola e o restaurante na última semana que mal pudemos nos ver; a gente se comunicava principalmente com conversas apressadas enquanto um de nós chegava ou partia, e deixava anotações na mesa da cozinha. Isso era normal, especialmente no primeiro mês ou mais em que estávamos em um local novo. Um restaurante era como uma namorada exigente, requisitando cada minuto da atenção dele, e eu já estava acostumada a me virar com as suas ausências até as coisas se acalmarem. Ainda assim, eu estava ansiosa para ter algum tempo com ele. Assim, quando o telefone tocou, uma hora antes do horário em que deveríamos nos encontrar, meu coração desabou. OCEC, dizia a mensagem. DESCULPE MESMO.

OCEC era um código interno que significava O Céu Está Caindo.

Era o que papai costumava dizer para mamãe ao telefone quando ligava do nosso restaurante, o Mariposa, para dizer que não conseguiria fazer o jantar, ou ir ao cinema onde deveria nos encontrar em dez minutos, ou a qualquer apresentação de palestras ou recitais da minha escola.

Basicamente, o motivo padrão por não estar conosco, bem, era qualquer coisa. Papai acreditava que o pânico era contagioso, especialmente em um ambiente de restaurante. Bastava uma pessoa perder-se por estar chapado



146

de maconha, totalmente atrasado nos pedidos, ter queimado uma entrada já atrasada, ou uma lista de espera que teria de ser acomodada muito além da hora de fechamento — e todo mundo dançava, em efeito dominó. Por causa disso, ligar para mamãe e dizer que o céu estava caindo, mesmo que estivesse, não era uma opção. Digite essas singelas quatro letras, OCEC, para indicar a urgência, mas sem histeria.

Como se fosse estenografia, há muito tempo a expressão já tinha saltado do ambiente de restaurante para o uso cotidiano. Foi o que pensei na noite em que surgiu na nossa velha cozinha e encontrei meus pais em casa durante a hora mais frenética do restaurante, sentados e esperando

por mim, com a expressão séria. Foi o que rabisquei no papel amarelo do tribunal nas várias reuniões com o advogado enquanto o cabo-de-guerra sobre a minha guarda fervilhava ao meu redor. E foi o que sempre pensei naquela pausa-longa-demais entre o período em que compartilhava algo com mamãe, que eu sabia que ela não gostaria, e o momento com que ela perderia as estribeiras devido àquilo.

Embora já se tivessem passado três dias após aquela conversa no HiThere! com o Peter, eu ainda não tinha contado a papai sobre ver mamãe naquele fim de semana. Foi tão estranho e gozado, em tantos níveis diferentes, que decidi colocá-la de lado na minha mente até que eu não tivesse a mínima escolha além de lidar com assunto. O que não era fácil, pois tudo ao nosso redor, na cidade, girava em torno do jogo. Eu tinha me esquecido o que era viver em um local que é fanático por basquete. Quase todo mundo que eu avistara usava uma camisa ou camiseta da U, as estações de rádio locais cobriam cada detalhe nas chamadas, sugerindo que era um evento de âmbito nacional, e as bandeiras azul-claras da U agitavam-se nas entradas das casas e voavam nas antenas dos carros. O único lugar em que o jogo não era discutido era em casa, onde papai e eu evitávamos o assunto como um verdadeiro campo minado. Até agora, quando o meu celular tocou novamente.

ALMOÇO MAIS TARDE? — papai tinha escrito. NÃO AQUI,
PROMETO.



Mordi o lábio, os dedos prontos para responder. O que tinha de dizer, porém, parecia delicado demais para ser transmitido via telefone. Assim, após uma ducha e o café da manhã, andei até o Luna Blu para falar com ele pessoalmente.

Tinha acabado de sair da calçada para atravessar a rua quando ouvi uma porta se fechar. Quando olhei para trás, lá estava Dave Wade, de jeans e camisa de flanela, enfiando as chaves no bolso enquanto começava a descer a rua apenas alguns metros à minha frente. Pensei no que Riley tinha dito, de que ele poderia gostar de mim, e, de repente, perdi a naturalidade. O dia de hoje já estava bem complicado, e nem era meio-dia ainda. Cumprimentei-o com a cabeça e continuei a andar.

Quando atravessasse a rua, porém, ele fez a mesma coisa. E, ao virar para a ruela do Luna Blu, ele também fez a mesma coisa. Fui diminuindo o ritmo enquanto me aproximava da entrada da cozinha, esperando que ele me ultrapassasse e continuasse pela rua. Mas isso não aconteceu. Na verdade, dentro de instantes, ele estava atrás de mim, tendo também diminuído o ritmo.

Finalmente, eu me virei.

— Você está me seguindo?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— O quê?

— Você ficou andando, tipo, a sessenta centímetros de mim o tempo todo até aqui.

— Verdade, mas não estava te seguindo — ele respondeu.

Fiquei olhando para ele.

— Como é que se chama isso, então?

— Coincidência — ele decretou. — Estávamos indo na mesma direção.



148

— Para onde você está indo?

— Para cá — ele respondeu, apontando a porta da cozinha.

— Não, não está.

— Não estou?

De repente, a porta se abriu e lá estava Opal, de jeans, sapatos pretos brilhantes e uma malha branca, com uma xícara de café numa das mãos.

— Por favor, diga-me — ela disse a Dave, sem nem cumprimentá-lo

— que você está aqui para o projeto comunitário.

— Sim — ele respondeu, após ele ter me lançado um olhar que só poderia ser descrito como presunçoso —, é isso.

— Ai, graças a Deus. — Opal abriu a porta ainda mais, e ele entrou.

Depois ela me disse: — Você viu todas as pessoas aqui no outro dia. Eu tinha milhares! E agora, bem hoje, quando o jornal local e a louca da Lindsay Baker estarão aqui em vinte minutos, não há ninguém. Nem uma pessoa!

Ela ainda segurava a porta, então entrei atrás de Dave, que estava em pé aguardando as instruções. Opal deixou a porta bater, depois se pôs ao lado dele e começou a descer o corredor para o restaurante, ainda falando.

— Além disso, a câmara fria enguiçou ontem à noite, então perdemos metade de nossa carne e todos os peixes. No dia do jogo da Defriese! O técnico só pode vir aqui à tarde, ele vai cobrar o dobro pela hora extra, e todos os fornecedores estão totalmente malucos porque todos os outros fizeram pedidos grandes para o dia jogo.

Pelo menos, isso explicava o torpedo do meu pai. Com certeza, quando passamos pela porta principal até a cozinha, pude vê-lo dentro da câmara fria, cutucando alguma coisa com uma chave de fenda. Jason, o auxiliar de cozinha, estava atrás dele com uma caixa de ferramentas, como uma enfermeira passando instrumentos durante uma cirurgia. Não era



149

hora de interromper — nunca se deve incomodar alguém que esteja fazendo reparos em equipamentos velhos em uma cozinha —, então continuei a seguir Opal e Dave pelo restaurante até a escadaria que levava ao sótão.

— A última coisa que me preocupava — Opal dizia agora, enquanto subíamos as escadas — era não ter delinquentes suficientes para esta louca operação de fotos de repente, — ela parou, tanto de andar quanto de falar, e virou-se para olhar Dave. — Ai. Desculpe. Não queria chamá-lo de...

— Tudo bem — ele respondeu. — Acho que isso vem atrelado com os requisitos de serviços à comunidade.

Ela sorriu, aliviada, e se virou.

— Mas, é sério. Eu estava com uma multidão na quarta, e agora ninguém aparece? Não estou entendendo.

— Você assinou os papéis deles? — Dave perguntou.

— Sim, claro — Opal fez uma pausa.

— Oh!

— Por quê? — ela falou, olhando para ele.

— Bem — ele continuou —, ouvi dizer que assim que algumas pessoas conseguem a assinatura, torna-se fácil copiá-la. O escritório do tribunal geralmente está tão atarefado que nem tem tempo de conferir se as assinaturas batem.

Opal parecia surpresa.

— Mas isso é totalmente errado.

— Eles são delinquentes. — Dave ergueu os ombros.

— Então, espere — ela apertou os olhos, olhando para ele.

— Isso significa que você está aqui apenas por um dia, para a assinatura, é?



150

— Não — ele respondeu. Depois olhou para mim, como se eu o garantisse antes de dizer—, não sou delinquente de verdade. Só fiz uma besteira.

— E a gente não faz mesmo? Opal falou, suspirando.

— Opal? — alguém gritou das escadas. — Tem um reporter na porta da frente perguntando por você.

— Que merda! — ela falou, olhando com pânico para o espaço do

sótão. Atrás dela, vi que as caixas tinham sido abertas e que alguém tinha construído o resto da base da maquete em volta da única peça que eu tinha colocado. Tudo parecia pronto para começar, exceto pelo fato de que tínhamos apenas um delinquente. Ou um tipo de delinquente.

— Ela veio cedo. O que vamos fazer? Deveríamos ter uma equipe inteira aqui!

— Dois não formam uma equipe? — Dave perguntou.

— Eu não faço parte disto — respondi. — Só vim ver meu pai.

— Ah, sim, Mclean — Opal falou, desesperada —, será que você pode só fingir? Por alguns minutos? Vou ficar devendo um montão. —

Fingir ser delinquente? — respondi, tornando as coisas claras.

— Você consegue — Dave me aconselhou. — Basta não sorrir e tente agir como se estivesse pensando em roubar algo.

Eu tive de me esforçar para não sorrir com isso.

— Não é que é fácil?

— Acho que sim — Opal falou —, pois estou para recrutar todos que caírem em minhas mãos. Será que vocês poderiam começar retirando algumas coisas e apenas tentar fazer parecer que a coisa está em andamento.

— Claro — Dave respondeu.



151

— Deus te abençoe — ela agradeceu, colocando a xícara de café perto de uma mesa próxima com estardalhaço. Na sequência, desceu as escadas correndo comunicando.

— Preciso de todos com menos de trinta anos lá em cima, já! Sem perguntas! Agora... Agora!

Dave observou-a indo, e depois olhou para mim.

— Então, o que exatamente estamos fazendo aqui? — ele quis saber.

— É uma maquete — respondi, andando até a caixa A e escancarando a tampa — da cidade. Opal envolveu-se na organização da montagem para o conselho da cidade.

— E aquela é a Opal — ele falou, apontando com a cabeça para a escadaria, onde, à distância, ainda podíamos ouvir a voz dela, pedindo auxílio a todos.

— É.

Ele caminhou até a maquete, curvou-se sobre ela, depois procurou as instruções, que estavam ao lado, e as abriu.

— Olhe só isso — ele falou, virando a página. — Nossas casas estão

mesmo aqui.

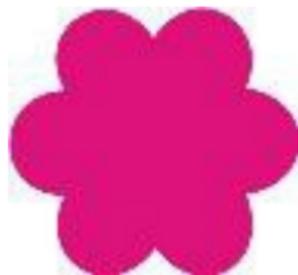
— Verdade — respondi, abrindo alguns montes de peças plásticas embaladas juntinhas dentro de uma caixa. Ele continuou, virando outra página.

— No seu quintal, a gente pode pôr alguém caído na entrada de carros, atingido por uma bola de basquete.

— Só se colocarmos uma garota chorosa dentro de um carro na frente da sua casa — respondi.

Ele me encarou.

— Ah, tá, Riley comentou que ela te viu ontem à noite.



152

— Eu me senti mal por ela — falei, tirando mais pilhas. — Com a traição e tudo. Ela parece bem legal.

— E é — ele virou outra página. — Ela só tem um tremendo mau gosto com os garotos.

— Vocês dois parecem ser bem próximos — comentei.

Ele concordou com a cabeça.

— Tinha uma época em que ela era literalmente a minha única

amiga. Exceto por Gerv, o Pervertido.

Ergui as sobrancelhas, enquanto lá embaixo uma porta bateu.

—Gerv o quê?

— É só um cara com quem eu andava na minha antiga escola —

quando ele ergueu o olhar e me viu ainda o observando, acrescentou: — Eu falei que eu era esquisito. E os meus amigos também.

— Amigo.

— Amigo — ele repetiu. Depois suspirou: — Quando se tem catorze anos e já se está praticamente fazendo cursos em uma faculdade, não dá para dizer que você tenha muita coisa em comum com os outros colegas de classe. Exceto pelos demais garotos inteligentes e estranhos.

— Que era o Gerv — completei, esclarecendo.

— Gervais — ele me corrigiu. — Sim. Riley deu o apelido porque ele ficava sempre olhando o peito dela.

— Quanta classe.

— Eu só ando com os melhores — falou alegremente.

Eu me sentei, peguei uma das pilhas de peças plásticas embaladas e abri.

— Então, você e a Riley... nunca formaram um casal?



— Não — ele respondeu, pegando a sua própria pilha e esvaziando a alguns centímetros de mim. — Parece que eu não estou no nível tão baixo dos padrões dela.

— Mas vocês dois têm a mesma tatuagem — enfatizei. — É uma coisa bem séria para se fazer junto com outra pessoa.

Ele levantou o pulso, expondo o círculo com o contorno grosso.

— Ah, tudo bem, mas não é coisa de casal, é mais uma coisa de amigos. Ou de infância. Ou... — ele falou, rasgando os montinhos de plástico no colo — uma coisa de verruga.

— Como?

— É uma história comprida — ele disse, agitando as peças. — Tudo bem, então, por onde a gente começa, o que você acha?

— Não tenho ideia — eu disse, espalhando todas as peças no piso próximo a mim. — Achei que saberia fazer sem as instruções, mas logo que observei mais de perto soube que não daria certo. Havia muitas abas e peças, todas etiquetadas, fazendo uma colcha de retalhos maluca de letras e números. Isso parece praticamente impossível.

— Não — ele respondeu. Depois, enquanto eu observava, ele pegou quatro segmentos achatados de sua própria pilha, ajustou-os, então adicionou alguns curvos. Finalmente, pegou uma peça mais grossa e curta e pressionou na base com a palma da mão. Um, dois, três, e ele tinha uma casa. Simples assim.

— Então, tá, foi impressionante — falei.

— Um dos bônus de ser delinquente — ele respondeu. — Boas

aptidões espaciais.

— Verdade?



154

— Não — ele respondeu. Senti o meu rosto corar, feito uma idiota.

Mas ele apenas pegou a casa, olhou para o fundo dela, depois a levou até a base. — Eu curtia muito montar modelos quando criança.

— Como trens? — perguntei, pegando uma peça ao lado. Ela tinha um A e um 7, e eu não tinha a mínima ideia de o que fazer com ela.

Nenhuma.

— Trenzinhos elétricos? — ele respondeu. — Você está tentando me insultar ou o quê?

Olhei para ele, pensando se ele falava sério.

— O que tem de errado com trenzinhos elétricos?

— Nada, tecnicamente — ele falou, agachado sobre uma das

beiradas da base. — Mas eu fazia simulações de guerra. Campos de

batalha, tanques e soldados. Porta-aviões. Esse tipo de coisa.

— Ah — respondi. — Isso é totalmente diferente.

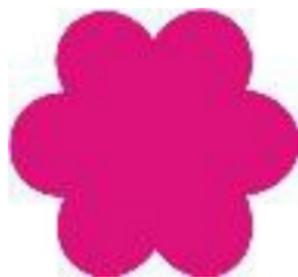
Ele ergueu o olhar para mim, com a expressão neutra, depois colocou o modelo em um lugar da base, pressionou-o com a palma.

Quando fez um dique, levantou-se, dando um passo para trás.

— Então — ele disse, após um momento. E eu ouvi uma pessoa — ou várias pessoas, na verdade, pelo barulho caótico — subindo as escadas na nossa direção. — O que você acha?

Andei até ele. Juntos, olhamos para a casa minúscula, a única coisa naquela superfície vasta e achatada. Como o ser vivente ria lua. Podia ser tanto solitário quanto pacífico, dependendo de como você observava.

— É um começo — falei.



155

Vinte minutos depois, entre mim, Dave e o punhado de empregados do Luna Blu que tinham se juntado a nós assumindo o papel de delinquentes, a maquete parecia bem boa. Após alguns minutos de caos e reclamações por toda parte, chegamos a um sistema. Dave e o auxiliar de cozinha, Jason— que, por fim, se conheciam de algum acampamento

acadêmico alguns anos antes —, juntavam as peças, e o resto de nós as ajustava no local exato a que pertenciam. Até o momento, tínhamos conseguido cerca de dez estruturas diferentes no canto superior esquerdo da base: um punhado de casas, alguns prédios e um corpo de bombeiros. — Sabe, acho que eu moraria nesse bairro — Tracey me disse, enquanto verificávamos um prédio comprido e o meio quadrado onde o diagrama indicava. — Isto é uma mercearia, certo?

Olhei para o prédio enquanto o pressionava esperando o dique, que agora eu sabia que indicava que estava preso.

— Não sei. Aqui não diz o que é.

— Nenhuma delas diz — Leo, o cozinheiro, gritou ao lado de uma das caixas onde, pelo que eu podia perceber, ele tinha feito muito pouco além de estourar plástico-bolha enquanto o restante trabalhava. — O que me parece muito idiota. Como pode ser um mapa se você não consegue dizer onde está ao olhar para ele?

— Leo — Jason falou, erguendo o olhar para ele enquanto ajustava um telhado em outra casa —, isso é tão profundo.

— Ai, pelo amor de Deus, não é — Tracey falou rispidamente, levantando-se e cruzando a sala. Enquanto eu a seguia, ela acrescentou. — Jason está convencido de que Leo é uma espécie de gênio mascarado de idiota.

— Como um autista savant? — Dave perguntou, concentrado em juntar um prédio de escritórios.

— Você acertou na parte do idiota — Tracey respondeu. Ela

suspirou, depois deu uma olhada além do ombro de Jason, observando



156

enquanto ele montava alguma coisa. — Onde é que isso vai? Bem do lado do que acabamos de colocar?

Ele olhou nas instruções, que estavam abertas no chão ao lado dele.

— Isso, acho que sim.

— Eu sabia! — ela bateu as mãos. — Eu morei mesmo por lá. Porque este é meu antigo banco e aquela mercearia, ao lado dele, é de onde fui expulsa naquela vez.

— Você foi expulsa de uma mercearia? — perguntei.

— Ah, fui expulsa de todo lugar — ela respondeu indiferente, abanando a mão.

— O que ela quer dizer — Leo nos informou — é que era conhecida na cidade por soltar cheques sem fundo.

— Eles não eram sem fundo — Tracey retrucou, pegando o prédio de Jason conforme ele o passava para frente. — Eu só não tinha dinheiro.

— Acho que é a mesma coisa — Jason respondeu, sem ser grosseiro.

Tracey curvou-se sobre a base da maquete.

— Então, se esta era a loja onde eu comprava, e este, o meu banco, então o meu apartamento era... — Ela correu o dedo pelo centro de uma pequena tirinha de rua, bem perto da beirada... — aparentemente ente inexistente. Eu estou fora do mapa, acho.

— Aqui estão os dragões... — Leo falou, estourando outra fileira da embalagem.

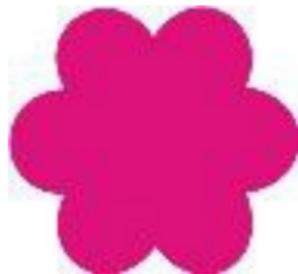
Todos olhamos para ele. Tracey disse:

— Meu Deus, Leo, você já está chapado? Porque você sabe o que o

Gus falou, se ele te pegar mais uma vez...

— O quê? Não, eu não estou chapado. Porque você pensa assim? —

Leo retrucou.



157

— Você está falando em dragões — ela enfatizou.

— Eu disse “aqui estão os dragões” — ele respondeu. Quando percebeu que ainda olhávamos para ele, acrescentou. — É uma expressão que eles costumavam usar, sabe, antigamente. Quando eles faziam mapas, pelas partes em que eles ainda não tinham descoberto. “Aqui estão os dragões.”

Jason balançou a cabeça, sorrindo, e pôs um teto em outro prédio:

— Cara, isso é mesmo profundo.

— Vamos parar com essa merda? — Tracey esbravejou. — Ele não é gênio? Ele funciona com, tipo, metade das células do cérebro em qualquer dia que seja.

— Pelo menos ele tem metade — Dave falou para ela.

— Tão otimista! — observei quando passei por ele, que ergueu o olhar para mim e mostrou os dentes e, de novo, senti uma estranha vontade de retribuir o riso. E eu não era uma pessoa que sorrisse muito. Especialmente nos últimos tempos.

— Oi, oi — ouvi Opal chamar, parecendo tão alegre enquanto subia a escada. — Todos prontos para os paparazzi?

Tracey revirou os olhos. Depois, sussurrando, falou:

— Ela sempre fica tão idiota quando está nervosa.

Jason mandou ela se calar, o que ela ignorou, e depois ele jogou nela a casa que estava segurando. Enquanto Tracey e eu novamente nos curvamos sobre a maquete, Opal surgiu com uma mulher de jeans e tamancos logo atrás de si. Um cara de cabelos encaracolados com uma máquina fotográfica pendurada no pescoço, que parecia semiadormecido, vinha logo depois.

— Então, aqui vocês podem ver um grupo de nossos jovens voluntários locais trabalhando — Opal falou. — Estamos apenas no início



do projeto, mas acho que mesmo assim dá para se ter uma boa ideia de como será o resultado final. Basicamente é a representação do centro...

A repórter tinha tirado um bloco e fazia anotações enquanto o fotógrafo se movimentava ao redor da maquete, tirando a capa da lente. Ele se agachou bem ao lado de Dave, que colocava o teto de uma casa e tirou alguns instantâneos.

— Eu gostaria de falar com alguns garotos — a repórter manifestou-se, virando para uma página fresquinha no bloco. — Por que eles estão aqui, o que atraiu interesse no projeto...

— Ah, claro! — Opal respondeu.

— Sim, vamos ver... — Todos observamos ela fazer o showzinho de examinar o salão com se houvesse, de fato, várias opções, para finalmente encarar o Dave. — Talvez, hã...

— Dave — falei baixinho.

— Dave — ela prosseguiu, — poderia falar a respeito?

A repórter concordou com a cabeça, depois se aproximou de onde ele estava sentado, com a caneta a postos.

— Então, Dave — ela começou. — Como você se envolveu nisso?

Ai, meu Deus, pensei. Mas Dave continuou com o jogo, dizendo:

— Eu estava procurando uma boa oportunidade de voluntariado.

Em um local onde pudesse sentir que eu era necessário para dar retorno à comunidade.

— Sério! — a repórter disse.

— Sério? — Tracey me questionou.

— Serviço forçado à comunidade — eu falei, cochichando.

Ela fez que sim com a cabeça.



159

— Já estive lá.

— De qualquer forma — Opal prosseguiu, com a voz ainda alta, demais até. — Acho que estamos todos animados por ter esta oportunidade de mostrar a nossa cidade, de uma forma que nunca vista antes...

— Pequena e em plástico? — Tracey perguntou.

— ... e — Opal disparou um olhar para ela — proporcionar uma representação interativa e duradoura que poderá ser apreciada por

gerações no futuro.

A máquina clicava enquanto o fotógrafo se movimentava em torno da gente, tirando fotos de mim e Tracey, depois de Jason e então novamente de Dave.

— Alô? Tem alguém aí?

Vi Opal, que estava perto da escada, tremer visivelmente a este som.

O rosto corou enquanto ela se virava, chamando.

— Oi, Lindsay — ela disse. — Estamos aqui em cima.

Houve o som de passos — passos de salto alto — aproximando-se, quando surgiu uma mulher. Ela era alta e magra, com feições de boneca de porcelana e cabelos loiros em perfeito caimento até os ombros, e ela usava um terninho preto e saltos altos. Ela sorriu para nós, os dentes incrivelmente alinhados e brancos, depois caminhou pelo piso como uma rainha de beleza andando na passarela. A autoconfiança emanava dela como se fosse um aroma forte,

— Veja só — Tracey cochichou enquanto eu lutava para respirar. —

A nênese de Opal.

— O quê? — perguntei.

— Desde o ginásio, elas competem em tudo — Tracey respondeu.



— Maureen — a representante do Conselho respondeu, estendendo a mão à repórter, que se afastou um pouco antes de aceitá-la — É tão bom vê-la novamente! Eu estava comentando com o prefeito sobre sua reportagem a respeito das opções do centro de tratamento de água. Muito instigante, embora eu realmente tenha me questionado de onde você obteve algumas de suas estatísticas.

— Ah! — a repórter falou, parecendo nervosa. — Bem, hã, obrigada.

— E obrigada também — Opal precipitou-se — por ter aparecido!

Acho que é tão bom para os nossos voluntários verem como este projeto tem a ver com a comunidade inteira, toda a escala até nossos representantes.

— Claro! Eu adorei ser convidada. Como vai você, Opal? — a

mulher do Conselho a alcançou, dando um abraço e batidinhas no ombro dela, a que Opal retribuiu do mesmo modo. — O restaurante parece ótimo.

Soube que você anda bem ocupada ultimamente!

— Verdade. Obrigada — Opal forçou um sorriso, os lábios bem pressionados.

A representante do Conselho virou-se, passando os olhos bem estreitos sobre todos nós que trabalhávamos na maquete. De longe, à esquerda, ouvi Leo estourar mais uma bolha. Foi o único som até que ela disse:

— Então... este é o grupo todo?

— Ah, não — Opal apressou-se. — Hoje nós tivemos alguns

problemas de escalonamento de horários. Mas queríamos seguir adiante e começar de qualquer modo.

— Ótimo! — a representante passeou lentamente ao redor da maquete toda, os saltos repicando no piso. A repórter tirou algumas fotos dela, depois se virou para Dave, que era o único que ainda trabalhava. — Bem, ainda é difícil dizer, assim de fora. Mas tenho certeza de que estão fazendo um ótimo início.



161

Opal estremeceu, depois falou:

— Estamos! Estamos pensando que vai render muito mais quando tivermos todas as pessoas por aqui.

— E quando vocês planejam ter tudo pronto? — a repórter perguntou, virando outra página no bloco.

— Em maio — a representante respondeu.

— O quê? — Opal retrucou. — Maio? Pensei... que o centenário fosse em junho.

— É. Mas as comemorações da cidade começam em seis de maio, e vamos colocar isto no correio central para arrasar — a representante

respondeu. Ela olhou para Opal. — Ai, meu Deus, eu disse isso para você,

não disse? Eu tinha certeza de que tinha dito.

Todos observamos Opal engolir em seco.

— Hã... Na verdade... — ela começou.

— Onde é que todos se meteram? — a voz do meu pai ecoou de lá

de baixo. Agora foi a minha vez de estremecer, só por reflexo. — Não

vamos abrir no almoço, no dia do jogo, em menos de uma hora?

— Gus! — Opal disse, ou melhor, tipo, guinchou. Ao meu lado,

Tracey fechou os olhos.

— Estamos todos aqui em cima com a representante do Conselho,

mostrando a maquete.

— O quê?

— A maquete — ela repetiu. Depois fez um pigarro, com o rosto

corado e disse para a representante do Conselho.

— É o Gus. Ele...



Essas palavras, porém, foram abafadas pelo som do meu pai

batendo os pés na escada. *Tarãã*, pensei, e ele apareceu no patamar, com o

rosto vermelho, expressão zangada:

— Leo — ele disse. — Já não falei há quinze minutos que eu precisava de todos os legumes preparados o mais rápido possível? Estamos abrindo as portas e metade do trabalho de base não está pronto. Quem é que deveria estar preparando o salão, droga?

— Sou eu — Tracey falou com alegria. Ele disparou um olhar para ela, e ela logo dirigiu a atenção de volta à maquete.

— Pensei que eles fossem voluntários — a representante do Conselho se dirigiu a Opal.

— Gus — Opal falou, com a voz apressada —, esta é a representante do Conselho, Baker. Lembra-se de que eu lhe disse que ela estava ajudando a gente com o estacionamento...

Papai olhou para a representante do Conselho, depois para nós.

— Jason, desça já e termine o preparo dos legumes. Leo, preciso das panelas em fervura e os carrinhos estocados para o serviço, já. E Tracey, se aquele salão não estiver pronto em quinze minutos e sem nenhuma mancha, você vai ter bastante tempo para se voluntariar para qualquer projeto, juro.

— Ei! — Tracey protestou. — Como é que sou a única ameaçada de demissão?

— Vai — papai grunhiu. E lá se foi ela, jogando a casa que segurava e descendo a escada mais rápido do que já a vira movimentar-se. Leo e Jason se seguiram, com a mesma rapidez, deixando apenas Dave e eu. Peguei a casa, andei até a maquete, enquanto ele estava concentrado em

montar mais um prédio, com a cabeça abaixada.

Opal deu uma olhada desanimada para a representante do

Conselho.



163

— É dia de jogo — ela falou, tentando explicar. — Nossa geladeira quebrou e...

A representante do Conselho a ignorou, em vez disso abriu aquele enorme sorriso de novo enquanto se encaminhava até meu pai.

— Sou Lindsay Baker — ela disse, estendendo a mão. — Você é o Gus Sweet?

Meu pai, distraído, balançou a cabeça.

— Sim, sou eu.

— Acho que você me deixou um recado ontem — ela respondeu. —

Algo sobre não ter espaço para este projeto?

— Na verdade, eu disse que era um incômodo total e completo e queria que isso fosse retirado daqui. — ele respondeu. Depois olhou para mim e disse: — O que você está fazendo aqui?

— Só precisava falar uma coisa com você — respondi. — Você

estava arrumando a câmara fria, então não quis interromper.

— Garota esperta — ele suspirou, depois passou a mão nos cabelos.

— Preciso descer, você aparece lá em cinco ou dez minutos?

Concordei. Enquanto ele se virava para as escadas, a representante do Conselho chamou.

— Senhor Sweet?

Papai parou e olhou para trás.

— Sim?

Ela ainda sorria para ele, nem um pouco intimidada por ele estar se mostrando tão difícil. Era óbvio que ela era o tipo de mulher que estava acostumada a conseguir atenção não apenas dos homens, mas das mulheres, das crianças e até dos animais. Eu conhecia o tipo. Eu fora criada por uma, que veio de uma família do mesmo tipo.



164

— Em relação à maquete, eu gostaria de conversar mais tarde.

Numa hora mais conveniente, claro. Talvez possamos marcar uma reunião no meu escritório mais para o fim da semana?

Opal olhou para ela, depois para papai.

— Seria ótimo — ela disse apressadamente. — Adorariamos fazer

isso.

Meu pai, porém, apenas grunhiu, depois desceu sem comentar nada. Alguns instantes mais tarde, ouvimos que ele gritava de novo. Mas a representante do Conselho, Baker, que não se incomodava, olhava para o espaço onde ele estivera com uma expressão intrigante, como se alguém lhe tivesse contado uma boa adivinhação, e ela estivesse curtindo achar a resposta. Hãhã.

— Olha, Lindsay, realmente gostei muito de você ter vindo — Opal lhe disse. — Se você quiser me dizer uma boa hora para nos reunirmos, tenho certeza de que podemos...

— Nossa, preciso correr — a representante respondeu, olhando para o relógio. — Mas eu volto em uma semana mais ou menos. Até lá você terá mais voluntários e mais progresso, não acha?

Opal engoliu em seco novamente.

— Rã, claro... que sim.

— A verdade é que, no momento, este projeto tem de ficar aqui — ela prosseguiu, os saltos batendo. Ela vinha direto na minha direção e eu senti esse ímpeto de saltar fora do caminho, o que era uma loucura. Aquela mulher não era nada para mim.

— É um bom espaço e você se ofereceu, se não me engano. Talvez você possa comunicar isso para o Gus? Acho que ele não percebeu isso quando me telefonou.



165

A repórter soltou uma tosse nervosa enquanto o fotógrafo, por algum motivo, escolheu este momento para tirar uma foto de Opal. Eu a vi na minha mente, com a legenda abaixo: FODIDA.

— Ah, eu sei que vai estar linda quando eu voltar. Tenho certeza — ela prosseguiu. Depois ela parou, bem na minha frente e estendeu a mão.

— Acho que a gente não se conhece. Meu nome é Lindsay Baker.

Dizer que fiquei surpresa por ela ter se dirigido a mim é pouco. Não fui eu apenas: atrás dela, Dave ergueu o olhar, enrugando a testa.

— Mclean Sweet — respondi.

— Faça-me um favor — a mão dela fechou-se na minha, o toque firme, assim que a estendi. — Diga ao seu pai que eu falei que foi realmente bom conhecê-lo, está bem?

Concordei, e ela sorriu. Puxa, os dentes dela eram mesmo brilhantes. Era como se ela tivesse viajado com sua própria luz, ou algo assim.

— Maureen? — ela chamou, olhando para trás. A repórter sobressaltou-se.

— Vamos comigo. Quero falar a respeito de algumas ideias sobre o artigo. Tchau, Opal! Até a aula de spinning — E logo ela estava se movendo como se soubesse, mesmo sem se virar, que a repórter desabaria atrás dela, O que ela fez ao passar por mim apressada, como fotógrafo tropeçando no seu encaço.

Todos vimos eles saírem, nenhum de nós disse nada até ouvirmos as portas no começo da escada se fecharem. Então Opal expirou forte, deixando-se recostar em uma mesa por perto.

— Ai, meu Deus — ela disse. — Sou só eu, ou alguém mais sente como se acabasse de ter um ataque?



166

— Ela é bem intensa — concordei, andando até as instruções que Jason tinha deixado para trás e pegando-as.

— Tipo intensa? Você chegou a ver isso? — ela quis saber. — O jeito que ela entra e passa que nem um trator em todos e em tudo? Caramba. É exatamente assim que ela era no ginásio. E ela é tão legal, pelo menos

diante de você. Tudo para esconder a alma escura e maldosa dentro de si.

— Uau! — Dave ergueu a cabeça, fitando-a de olhos bem abertos.

— Eu sei! — Opal enterrou a cabeça nas mãos. Ela me deixa louca.

Além disso, ela, tipo, é ótima no spinning. Nem sei como entrei nessa.

Tudo o que queria era o estacionamento.

Nós dois só ficamos olhando para ela. Lá embaixo, papai gritava de novo.

— Bem—falei, após ela ficar naquela posição feito uma avestruz por uns bons quinze segundos —, o estacionamento *é* importante.

— É que eu sei o que quero dizer para ela — Opal falou, deixando as mãos caírem. — Eu planejo ser profissional e estar preparada. Mas quando surge o momento de verdade... não é tão simples. Vocês sabem do que estou falando?

Bem nesse momento, a porta se abriu lá embaixo.

— Mclean? — papai gritou. — Você precisa falar comigo?

Ao ouvir isso, senti meu coração saltitar, lembrando-me do motivo real de eu estar lá. Olhei para Opal, depois respondi tanto a pergunta dela quanto a do meu pai com a mesma resposta.

— Sim — falei.

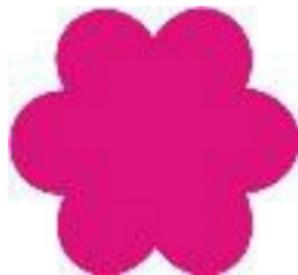


Na verdade, desde o divórcio e a epifania que se seguiu, pela qual eu tinha uma escolha e uma opinião, eu justificava cada porçãozinha da minha raiva contra mamãe simplesmente por causa do modo com que ela destruíra papai. Trair um homem com alguém que ele admirava tanto, em foro público, e depois deixá-lo por esta pessoa enquanto a vida dele sucumbia em escombros? Mesmo agora, só de pensar nisso eu ficava totalmente fora de controle, de novo. Não conseguia evitar que as pessoas Calassem sobre mamãe e Peter Hamilton nas ruas ou no Mariposa, não podia voltar no tempo e mudar o que ela tinha feito. Mas eu podia interferir no jornal matinal, retirando com cuidado a seção de esportes e enfiando-a na cesta de reciclagem antes de ele acordar pela manhã. Eu podia me recusar a falar no celular com mamãe diante dele, e nunca pendurar nenhuma das fotos com moldura dela, de Peter e dos gêmeos, que ela vivia enviando para o meu quarto, em casa, e depois para as salas, no plural, em toda a parte. Eu podia falar sobre o passado, o nosso passado, o mínimo possível, evitando o assunto dos meus primeiros quinze anos, totalmente, nas conversas, sempre que pudesse. Ele não olhava para trás, então fiz o possível para não olhar também.

Mas, de vez em quando, não havia opção. Como hoje, em duas horas eu estaria sentada atrás do treinador do time de basquete Universitário na terceira posição, na televisão de cobertura nacional. Após dois anos mantendo os possíveis assuntos dolorosos longe dele, eu estava para lançar uma granada em sua direção. Não foi de surpreender que, dez

minutos depois, enquanto caminhava até a mesa próxima da janela para encontra-lo, eu me sentia literalmente com enjoos.

— Então... — ele disse, assim que eu me sentei. Do outro lado do restaurante, Opal estava no balcão, lavando os copos e conversando com a Tracey, que espanava as plantas que eu tinha reparado estarem tão sujas na nossa primeira visita, que parecia ter sido limpas séculos atrás. Qual o prognóstico para o almoço? Provavelmente eu consiga escapulir por uma hora inteira. Com certeza, podemos enlouquecer.



168

Sorri, sentindo-me ainda pior. A verdade é que o último lugar que papai precisaria estar em um dia ocupado de jogo era qualquer outro lugar, exceto esta cozinha, e nós dois sabíamos disso. Mas ele se sentia mal em cancelar coisas comigo e estava tentando compensar. Na verdade, agora éramos dois.

— Hã — falei, olhando para Opal, que enxugava o balcão, o pano que tinha na mão fazia círculos suaves e enormes pela superfície. — Na verdade, tenho planos para a tarde.

— Ah! — ele exclamou. — Bem, talvez a gente deixe para o café da

manhã, amanhã, ou...

— Com mamãe — soltei. Não foram legais essas duas palavras caindo da minha boca e aterrissando como um peso morto entre nós.

Depois, já que tinha começado, acrescentei. — Ela está vindo com o Peter para o jogo e quer me ver.

— Ah... — papai falou e foi incrível como esta, a mesma palavra que ele tinha acabado de falar, uma sílaba, duas letras, podia soar tão diferente.

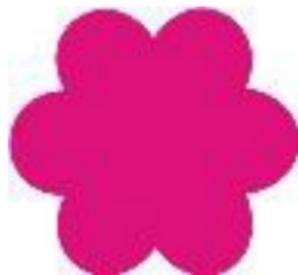
— Está certo, claro.

No balcão, Opal refazia o estoque dos copos, o tilintar alegre pairava sobre nós. Todos se apressavam, a energia aumentava. Eles abririam em dez minutos.

— Desculpe — falei. — Eu não queria, mas as coisas andam bem tensas desde a mudança, e Peter me pediu isso. Eu achei que não tinha jeito de dar o bolo.

— Mclean — ele disse.

— Quer dizer, eu poderia ter dado o bolo — continuei —, claro, mas provavelmente eles já estão a caminho daqui e vão ficar putos, e eu sei que você não precisa que...



— Mclean — ele repetiu, impedindo que prosseguisse, embora eu não tivesse ideia do que eu planejava dizer. Algo igualmente idiota, tinha certeza. — Você deve querer ver a sua mãe.

— Eu sei, mas...

— Então, você não deve ficar se desculpando para mim — ele prosseguiu. — Nunca. Tá?

— Mas eu me sinto tão mal.

— Por quê?

Ele ficou me observando, realmente querendo saber. *Ai, Deus*, pensei, engolindo em seco. Esta era exatamente a conversa que eu queria evitar.

— O que ela fez... para você — continuei, hesitando — foi realmente muito terrível. E me parece desleal agir como se não fosse.

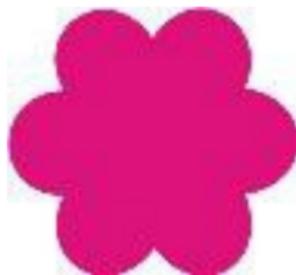
Era horrível falar a respeito. Pior que horrível, parecia que estava mastigando tachinhas, a cada palavra, uma nova colherada empurrada para dentro. Não me espanta que eu tenha sofrido tanto para evitar a conversa.

Houve um *clenc* na cozinha, seguido de alguém soltando um monte de palavrões. Mas papai manteve os olhos em mim, não se distraíndo nem um pouco.

— O que aconteceu entre mim e sua mãe — ele disse vagorosamente, pensativo —, foi só isso: algo entre mim e ela. Nossos relacionamentos com você são coisas totalmente separadas. Ficar com a sua

mãe não me insulta, nem o contrário. Você sabe disso, não é?

Fiz que sim, olhando para a mesa. Claro que eu sabia disso: afinal, esta era a linha de defesa de mamãe também. Mas, no mundo real, não se podia simplesmente partir uma família uma ao meio, mãe de um lado, pai do outro, com a criança dividida igualmente entre eles. É como quando se rasga um pedaço de papel em dois: por mais que se tente, a emenda nunca



170

se encaixa exatamente de novo. É o que não se consegue ver, aqueles pedacinhos minúsculos que são perdidos ao rasgá-lo, e sua ausência, que impedem que tudo fique completo novamente.

— Eu odeio que seja assim — falei baixinho. Olhei para ele. — Não quero te magoar.

— Não está me magoando — ele falou. — Você nunca me magoa.

Sabe disso?

Concordei e ele se esticou, pegando a minha mão e a apertando. E esta conexão simples, lembrando a que haviam entre nós, me fez sentir melhor que quaisquer palavras que ele tinha dito até aquele momento.

Eu me virei, ao ver Jason diante da entrada da cozinha.

— Gus? O cara do peixe está no telefone. É sobre aquele pedido urgente.

— Eu retorno depois — papai respondeu.

— Ele disse que está saindo com os pedidos do dia — Jason explicou. — Você quer que eu...

— Vá — falei para papai. — Atenda ao telefone, está tudo bem. Estamos bem.

Ele inclinou a cabeça, estudando o meu rosto. — Tem certeza?

— Sim — respondi. — Eu preciso voltar para casa e me aprontar para... você sabe.

— O jogo — ele disse, completando a sentença por mim.

— Isso.

Ele empurrou a cadeira e se ergueu.

— Bem — ele disse —, vai ser um bom jogo. Tenho a impressão de que você vai conseguir belos assentos.



— É melhor mesmo — respondi. — Se eu não ficar no banco, vou-me embora.

— Claro — ele falou. — Como você vai dar uma dura nos árbitros de outro lugar.

— Esqueça os árbitros — falei. — Estou planejando dizer ao Peter o que eu acho do ataque dele.

Ele me deu um sorriso pesaroso. Foi estranho falar sobre o basquete de novo, depois de tanto tempo evitando o assunto. Como se estivéssemos falando uma língua em que tínhamos fluência antes, mas que agora tínhamos de ficar lutando com os tempos verbais.

— Divirta-se — ele disse. — De verdade.

— Você também — respondi. Ele sorriu de novo, depois começou a ir em direção à cozinha. Jason, que esperava, empurrou a porta para abrir e papai entrou, pegando o telefone quando ele o passou. Pensei novamente em como eu os tinha visto na câmara fria antes, trabalhando em dupla, a dança intrincada em progresso para fazer este lugar, de alguma forma, ressuscitar e ir adiante. Pela porta aberta, pude ver a equipe da cozinha enchendo carrinhos e picando e lavando, um burburinho de movimento ao redor de papai, com ele no centro, o telefone ao ouvido. Sempre o mais calmo dentro do caos, mesmo quando o céu estivesse caindo.

Eu estava meio que saindo, a caminho de casa, quando percebi ter deixado a jaqueta lá em cima. Dei meia volta no beco e entrei pela porta da cozinha. Quando passei pelo escritório de papai, eu o vi sentado na escrivaninha, ainda ao telefone. Opal estava em pé, atrás dele, usando a

copiadora, espremida lá no canto. A máquina vibrava, acesa, cuspidindo folhas que ela pegava conforme surgiam, uma a uma.



172

— Claro — papai dizia — que uma revisão da equipe não tem que ser uma coisa ruim. Só estou dizendo que a situação aqui não necessariamente se presta a fórmulas de Recursos Humanos.

A copiadora começou a soltar uns cliques, que foram aumentando de som. Opal apertou alguns botões. Nada acontecia, além do barulho mudar de diques para rangidos.

— Ah, tenho certeza — papai prosseguiu, olhando para trás, para ela — que será esclarecedor.

Opal tentou outro botão, suspirou, depois se afastou, examinando o equipamento enquanto o rangido aumentava. Atrás de si, papai a olhava enquanto ela franzia a testa, depois fechou o punho e bateu na máquina com força no centro. BÃ! BÃ! Papai arregalou os olhos. O equipamento estalou, depois começou a ranger novamente, e outra cópia deslizou nas mãos de Opal. Ela sorriu satisfeita consigo mesma, e fiquei surpresa ao ver papai sorrir também. Depois, ele virou-se novamente.

Lá em cima, a força voluntária solitária — apenas Dave —

permanecia, ele estava sentado de pernas cruzadas ao lado da maquete, trabalhando com uma peça no bairro do antigo apartamento de Tracey. Eu o observei do patamar por um tempo enquanto ele se inclinava, com o rosto sério ao se concentrar em prendê-la no local correto. Achei que estava sendo discreta, até que ele disse sem olhar para cima.

Sei que meu dom artístico é fascinante, porém, fique à vontade para ajudar a qualquer momento.

— Gostaria de ajudar, mas tenho de ir ao jogo.

— O jogo da Defriese? — ele perguntou, olhando para mim. Eu concordei com a cabeça. — Sério?

— É.

— Espere, você está ou não afim de ir?

— Não muito.



173

Ele me encarou abertamente enquanto eu andava até pegar a minha jaqueta.

— Sabe, há pessoas que venderiam suas almas por um ingresso do

jogo.

— Você venderia?

— Eu ia pensar — ele suspirou, abanando a cabeça. — Puxa, eu não entendo vocês, pessoas não amantes de basquete. Parece que são de outro planeta.

— Não sou não amante de basquete — retruquei. — É só que...

— Você prefere trabalhar na maquete que estar lá em pessoa para provavelmente assistir ao melhor jogo da temporada. — Ele ergueu a mão.

— Nem tente se explicar. Você pode muito bem estar falando romulano⁷ agora mesmo.

— Falando o quê?

Ele ergueu os olhos:

— Esqueça.

Peguei a jaqueta, tirando o celular do bolso. Eu tinha perdido uma chamada e um torpedo de mamãe na tela. ESTOU ANSIOSA PARA TE VER, dizia. Formal, bem-educado. VOU TE ESPERAR NO BALCÃO DE INGRESSOS DE CORTESIA.

Senti um repentino apertão nervoso, ao perceber que isto estava realmente acontecendo. Eu estaria com mamãe e Peter, no jogo, em menos de duas horas. E apesar da confiança de papai de que era uma coisa boa, de repente, parecia qualquer outra coisa, menos isso. Foi por isso que entrei em pânico, e fiz a última coisa que deveria esperar de mim.

— Você... está a fim de ir? — perguntei a Dave.

⁷ Referencia à língua dos romulanos, ou Romulans, em inglês, uma espécie alienígena da série



174

— Ao jogo? — ele perguntou. — O quê, você tem um ingresso sobrando?

— Não exatamente — falei. — Mas acho que consigo colocar você lá dentro.



175

Sete

A VISTEI MINHA MÃE ANTES de ela ter me visto. E embora já estivéssemos atrasados, e pudesse vê-la examinando a multidão,

ansiedade, fiquei um último instante estudando-a, inconsciente, antes de ela encontrar o meu rosto e tudo mudar.

Mamãe sempre foi bonita. Eu me pareço muito com ela na minha idade, com os mesmos cabelos loiros, olhos azuis e uma estrutura magra e alta o bastante para ter joelhos e cotovelos ligeiramente protuberantes. No entanto, diferentemente de mim, mamãe nunca tinha hesitado no caminho escolhido no colegial, alcançando todas as metas que eram esperadas por ela enquanto uma garota popular do sul: capitã da equipe de líderes da torcida, rainha do time de futebol e debutante. Ela namorou o filho de um representante do Congresso, do segundo ano até a graduação — usando um anel de compromisso em uma corrente de ouro presa ao pescoço —, voluntariou-se na liga de serviço e cantou no coro da igreja todos os domingos. No anuário da escola, ela aparece página após página: fotos de grupos, instantâneos e fotos de clube. Aquela garota na sua classe que você sempre sente que conhece bem, mesmo que ela nunca tenha aprendido o seu nome.

No entanto, a faculdade não foi fácil para ela. Durante a segunda semana como caloura na Defriese, o senhor Anel de Compromisso rompeu por telefone, alegando que o relacionamento de longa distância deles não estava funcionando. Ela ficou desolada e passou o mês seguinte aninhada no quarto do dormitório chorando, saindo apenas para ir às aulas e comer.



176

Foi no refeitório, de olhos vermelhos e arrastando uma bandeja pelo balcão de comidas, que ela encontrou papai, que trabalhava lá para subsidiar a mensalidade. Ele tinha reparado nela, claro, e sempre fazia questão de dar um pouquinho mais de macarrão com queijo ou filé de Salisbury, fosse o que estivesse servindo. Certo dia, ele perguntou se ela estava bem, e ela explodiu em lágrimas. Ele lhe passou um guardanapo, ela o pegou e enxugou os olhos. Cinco anos mais tarde, eles se casaram.

Eu adorei essa história e, quando criança, insistia em ouvi-la, sem parar. Eu podia ver papai com a rede no cabelo (mamãe dizia que era uma graça), ouvir o som de música ambiente de má qualidade que sempre tocava no refeitório, sentir o vapor dos pedaços de brócolis pairando sobre eles. Eu amava cada imagem, cada detalhe, além de apreciar o fato de meus pais serem tão diferentes e, no entanto, perfeitos um para o outro. A garota rica e popular encontra o cara da classe operária com bolsa de estudos, que rouba o coração dela e a despacha para o charme e caos caidado do mundo dos restaurantes. Era o melhor tipo de história de amor... até que apareceu um fim nela.

Com papai, minha mãe era diferente. Ao crescer, ela tivera anos de manicures e festas de arromba, saltos altos em todas as ocasiões, vestir-se especialmente não apenas para jantar, mas também para cafés da manhã e almoços. Mas quando eu era garotinha ela era Katie Sweet, usava jeans e tamancos, os cabelos puxados para trás em um rabo de cavalo, a única maquiagem regular era um pouco de brilho labial clarinho. No restaurante, ela poderia facilmente ser encontrada, mergulhada até os cotovelos em água clorada, esfregando a entrada; como na escrivaninha do escritório, de onde ela monitorava cada centavo que entrava e saía. De vez em quando, quando ela ia a eventos de caridade ou casamentos, e eu vislumbrava lampejos da pessoa que eu tinha visto em anuários e velhos álbuns de fotos — maquiagem, cabelo, diamantes —, era como se ela estivesse usando uma fantasia, brincando de caprichar na roupa. Na sua vida real, ela usava galochas, tinha sujeira sob as unhas, e pisoteava a lama do jardim, catando pulgões dos tomateiros um por um.



177

Agora, no entanto, mamãe parecia exatamente com Katherine Hamilton, esposa do técnico de alto nível. Ela usava o cabelo comprido e

em camadas, fazia luzes loiras todos os meses e exibia trajes esportivos para a televisão, selecionados por um *personal shopper* em Esther Prine, a sofisticada loja de departamentos. Hoje, ela estava com uma saia preta, botas brilhantes e jaqueta de couro com uma camisa branca crespinha. Ela parecia ótima, embora não se parecesse com a minha mãe, a Katie Sweet, nem um pouco. Mas então ela disse o meu nome:

— Mclean?

Apesar de tudo, senti meu coração saltar ao som da voz dela.

Algumas coisas são primais, inabaláveis. Há muito tempo percebi que minha mãe exercia uma força sobre mim e eu nela. Todas as palavras raivosas do mundo não mudariam isso, mesmo se às vezes, eu quisesse que isso acontecesse.

— Oi — falei quando ela veio na minha direção, os braços esticados me puxando para um abraço.

— Obrigada por ter vindo — ela disse. — É tão importante para mim, você nem imagina.

Eu fiz que sim com a cabeça enquanto ela me abraçava, apertado e por um bom tempo, o que não era novidade, mas foi um pouco mais estranho que o habitual porque tínhamos uma plateia.

— Hã, mãe — eu finalmente disse olhando para trás —, este é o Dave.

Ela me liberou, embora ainda ficasse com uma mão segurando a minha, como se tivesse medo de que eu me soltasse, de outra forma.

— Ah, oi! — ela falou, olhando para mim e depois para ele.

— Prazer em conhecê-lo.



178

— Eu também — Dave respondeu. Depois ele espiou ao redor pela multidão de fãs passando por nós pela janela dos Ingressos de Cortesia e pelas portas principais do ginásio, tentando comprar bilhetes, sem sucesso.

— Olhe — ele me disse, baixinho. — Como eu disse, eu gostei mesmo do convite. Mas acho que você não entende...

— Relaxe, cara — repeti. Ele tinha gasto a maior parte da caminhada explicando que, como eu tinha acabado de me mudar para lá, eu não entendia como era difícil conseguir ingressos para um jogo como aquele. Não seria possível comprá-los. Não havia modo de ele entrar. Eu sabia que eu poderia ter explicado toda a situação, mas não consegui fazê-lo. Eu já estava estressada em ver mamãe; repassar o divórcio em detalhes não ajudaria em nada.

— Você achou o caminho facilmente? — mamãe me perguntou agora, apertando a minha mão. — Este lugar é uma loucura.

— Sim — respondi. — Dave já esteve aqui antes.

— É isso que estou tentando explicar a Mclean — Dave falou,

olhando para alguém à nossa esquerda que carregava uma placa que dizia

DOIS, POR FAVOR! !!!! —, não dá para entrar na última hora.

Mamãe olhou para Dave e depois para mim:

— Como?

Engoli em seco, depois respirei fundo.

— Dave está só um pouco preocupado se vamos realmente conseguir entrar.

— Entrar? — mamãe repetiu.

— No jogo.

Ela pareceu confusa.



179

— Acho que não teremos problemas — ela disse, olhando em volta.

— Vou só ver como está a situação.

— Não vai dar — Dave lhe disse. — Mas tudo bem, verdade. Vocês só...

— Robert? — mamãe chamou, agitando as mãos para um cara alto de ombros largos que estava por perto. Ele tinha vários passes plastificados em volta do pescoço e um walkie-talkie em uma das mãos, e quando ele se

aproximou, mamãe falou:

— Acho que estamos prontos para entrar.

— Ótimo — ele respondeu, concordando. — Por aqui.

Ele começou a caminhar e minha mãe, ainda segurando a minha mão, o seguiu. Quando olhei de volta para Dave, ele pareceu confuso.

— Espere — ele falou. — O que está...

— Eu explico mais tarde — respondi.

Robert nos conduziu pelos portões principais, onde uma multidão esperava em fila, depois em volta do ginásio até uma porta lateral. Ele mostrou um dos passes à mulher de uniforme, e ela o abriu, fazendo gestos para entrarmos.

— Vocês querem ir até a suíte ou direto para os assentos? — Robert perguntou para mamãe.

— Não sei — ela respondeu, olhando para mim. — O que acha, Mclean? Temos cerca de 20 minutos antes do início.

— Por mim, tudo bem sentarmos — respondi.

— Perfeito — ela apertou a minha mão novamente. — Os gêmeos já estão lá com as babás. Eles vão ficar muito animados em te ver.

Pelo canto do olho, vi Dave me lançar outro olhar surpreso, mas mantive a cabeça para frente enquanto atravessávamos o corredor, depois



180

comecei a descer para o ginásio. Mais da metade já estava ocupada, com a banda de animação tocando e as telas de vídeos flamejando com um desenho animado de uma águia dançante, o mascote da U, e instantaneamente o barulho nos envolveu, enchendo os meus ouvidos.

Pensei em papai e em todos os jogos que eu tinha ido ver com ele quando criança, nos dois nos assentos do nível superior, lá em cima, gritando como loucos.

Senti um toque no meu ombro e me virei para ver Dave olhando em volta, incrédulo. Estávamos descendo os degraus, chegando cada vez mais perto da quadra.

— Tem alguma coisa que você está escondendo? — ele quis saber.

— Bem, mais ou menos — respondi, enquanto passávamos por uma fileira de repórteres e câmeras.

— Mais ou menos? — ele retrucou.

— Aqui está ela! — mamãe falou assim que chegamos à terceira fileira de assentos, marcada com uma placa RESERVADO.

Ela ergueu a minha mão como prova, agitando-a para os gêmeos,

que estavam sentados nos colos de duas garotas com idade de universitárias, uma de cabelos vermelhos e uma feira de brincos na orelha; a outra, uma morena alta.

— Olhem, Maddie e Connor. É a sua irmãona! — Os gêmeos, bochechudos e usando camisetas combinadas da Defriese, animaram-se ao ver mamãe, ignorando-me completamente. Não por culpa deles. Apesar das tentativas de mamãe de fazê-los agirem de outro modo, eles não tinham ideia de quem eu era.

— Estas são Virginia e Krysta — mamãe prosseguiu, fazendo um gesto para as babás, que sorriram “ois “enquanto nós passávamos por elas na fileira de assentos.

— Esta é a minha filha, Mclean, e o amigo dela, David.



181

— Dave — corrigi.

— Ai, desculpe! — mamãe se virou ligeiramente, colocando a mão que não segurava a minha no ombro de Dave. Ele ficou ali em pé, metade na fileira, metade fora dela, olhando para a quadra com uma expressão perplexa no rosto.

— Dave. Este é o Dave. Aqui, vamos sentando. — Mamãe sentou-se perto de Krysta, buscando Maddie, que resmungava um pouco e a acomodou no colo. Peguei o assento ao lado dela, depois esperei o Dave, que parecia assustado quando se movimentou pela fileira, sentando-se ao meu lado.

— Não é divertido? — mamãe falou, balançando Maddie. Ela se inclinou no meu ombro, pressionando-me. — É tão maravilhoso estarmos todos juntos.

— Senhoras e senhores — uma voz ribombou pelo sistema de alto-falante. A multidão ao nosso redor celebrou, o som como uma onda passando de cima a baixo e depois para cima novamente —, sejam bem-vindos ao seu University Eagles!

Dave ainda olhava em volta, de olhos arregalados, quando o time começou a sair correndo de um túnel à nossa direita. A banda tocava, o assoalho abaixo de nós vibrava com todos batendo os pés ao redor e acima de nós. Apesar dos meus sentimentos desencontrados, senti no sangue aquele mesmo ímpeto, entranhado em mim desde a infância, o amor pelo jogo. Da mesma forma que a conexão que eu tinha com minha mãe, apesar de tudo, ser inegável.

— Tudo bem — Dave falou, ou melhor, gritou no meu ouvido enquanto a multidão trovejava em volta, aplaudindo e celebrando —, quem é você, exatamente?

Não era a primeira vez que eu não sabia como responder isso. Na verdade, eu sofri nos últimos poucos anos por ter uma resposta diferente a

cada vez. Eliza, Lizbet, Beth... tantas garotas. Naquela multidão enorme,



182

com mamãe de um lado e este carinha que eu mal conhecia do outro, eu era todas e nenhuma delas. Felizmente, antes que eu precisasse dizer alguma coisa, todos ao nosso redor se ergueram, celebrando quando os jogadores correram diante de nós. Eu sabia que qualquer coisa que dissesse morreria no barulho. E talvez porque ninguém poderia ouvir, eu respondi de qualquer forma.

— Não sei — falei. — Não sei.

A Defriese perdeu, 79-68, não que eu pudesse realmente prestar atenção. Eu estava ocupada demais criando a minha própria defesa.

— Então — mamãe disse, apertando a minha mão —, fale-me do Dave.

Foi depois do jogo, e estávamos na sala privativa dos fundos de um restaurante local onde ela e Peter tinham feito reserva para o jantar.

Chamava-se Boeuf, e era um lugar enorme, incrivelmente escuro com

cortinas pesadas de veludo e uma lareira de pedra barulhenta. As paredes estavam forradas com várias peças de destruição: foices brilhantes, espadas de tamanhos variados, até mesmo o que se parecia com um pequeno ariete. Tudo me deixou desconfortável, como se de repente pudéssemos estar diante de um ataque e tivéssemos de agarrar a decoração para nos defendermos.

— Somos vizinhos — falei para mamãe, enquanto o garçom abria cardápios grossos, com capa de couro, diante de nós. Dave, que fora convidado para vir junto, tinha ido ao banheiro; Peter estava ao celular, respondendo ligações. Os gêmeos estavam do outro lado da mesa, presos em cadeirões idênticos balbuciando e rindo enquanto as babás os alimentavam, não que eu pudesse vê-los muito bem. Estava tão escuro, era



183

como se o restaurante não ligasse muito para o ambiente além das condições de *blackout*.

— *Só vizinhos?* — ela quis saber.

A contínua ênfase em palavras especiais era para lá de irritante, mas mordi a língua. Decidi, bem antes do primeiro tempo, quando ela ainda

não tinha soltado a minha mão e me manteve bombardeada com perguntas sobre tudo, da escola aos meus amigos, no estilo metralhadora, apenas suportar o melhor que pudesse. A única outra opção era gritar com ela, e, considerando que estávamos duas fileiras atrás de Peter e seus treinadores auxiliares, portanto, basicamente na imagem da TV ao vivo, qualquer tensão seria divulgada para os fãs de esporte de todo o país. Tudo desse assunto já tinha sido público demais. Manter-me com um rosto calmo por duas horas não iria me matar, assim eu esperava.

Eu poderia ter me esquecido sobre a televisão se não fosse o fato de o celular de Dave ficar apitando a cada dez segundos, conforme os amigos o localizavam na tela. Não que ele percebesse, pois estava totalmente concentrado no jogo, que ele assistia com a boca semiaberta, ainda surpreso com aquele incrível e privilegiado lugar.

Enquanto ele assistia, com os olhos ainda grudados na ação, dei uma espiada na tela do celular dele. QUE COISA! Dizia a primeira mensagem, de Ellis, seguido de CARA!, e de algumas outras do mesmo teor com nomes que eu não reconheci. Então, com outro toque, veio mais outra. QUE CHIQUE. Era de Riley.

— Seu celular está tocando — mostrei para ele.

Ele me olhou, depois olhou para o celular, antes de se virar rapidamente para a quadra.

— Isso pode esperar — ele falou. — Não acredito que você não esteja assistindo.

— Estou assistindo. É um bom jogo.



184

— É um jogo fantástico, podemos dizer, do melhor ponto de vista possível — ele me corrigiu. — Não acredito que você pertença à realeza do basquete e manteve segredos sobre isso.

— Não sou da realeza do basquete — respondi. — E o que é isso, exatamente?

— Peter Hamilton é seu padrasto.

— Padrasto — repeti, um pouco mais alto que eu provavelmente deveria. Limpei a garganta. Padrasto disse novamente.

Isso prendeu a atenção dele. Ele olhou para mim, depois para minha mãe e os gêmeos.

— Certo — disse ele lentamente. Depois, ele me deu uma olhada que me fez sentir meio esquisita, vulnerável. Como se eu tivesse dito mais do que devia, realmente. — Bem, obrigado pelo convite. Sério.

— De nada — ele ainda olhava para mim, então apontei para a quadra. — Oláaa? Não acredito que você não esteja assistindo isso.

Dave sorriu, depois se virou para o jogo, bem quando o celular tocou de novo. Desta vez, não olhei para ele, em vez disso, me concentrei

nos jogadores correndo indistintamente, a bola assobiando entre eles.

Agora, no Boeuf, eu me dizia para ter paciência. Eu tinha aparecido com um carinho — claro que mamãe faria suposições. “Somos só vizinhos”, eu tinha respondido. “Ele mora do lado.”

— Ele me parece bem legal — ela comentou. — Esperto também.

— Ele só falou, tipo, duas palavras para você — enfatizei, bem quando um dos gêmeos soltou um lamento, protestando por causa de alguma coisa.

— O quê? — ela falou, aproximando-se e fazendo uma concha com as mãos na orelha.

— Nada.



185

Então, Dave retornou para a mesa e tropeçou nas costas da minha cadeira, me deslocando para o lado.

— Desculpe — ele falou, enquanto tateava para achar a sua cadeira e sentar-se. — Está tão escuro aqui dentro. Entrei em outra sala e acabei me juntando a outra mesa.

— Oops.

— Nem me diga. Mas acho que eles também não conseguiram me ver.

Ele pegou o cardápio, e minha mãe, observando-o, sorriu para mim como se de fato eu tivesse admitido algo para ela na ausência dele. Para ela, ele falou:

— Obrigado novamente pelo ingresso. O jogo foi incrível.

— Fico contente que você tenha curtido — ela respondeu. Ela olhou para Peter, que ainda conversava, com o celular pressionado na orelha, depois se desculpou para mim. — Logo ele vai terminar com a imprensa. Depois você poderá nos contar tudo que anda acontecendo com você.

— Não tenho muita coisa para contar — respondi, enquanto folheava página após página da carta de vinho, tentando chegar às opções de comida. Podia até ouvir papai na minha cabeça, criticando isso também. Fique bastante tempo com um detector de problemas em restaurantes que você começa a pensar exatamente como ele. — Mais coisas da escola, na verdade.

— E o seu pai, ele está bem? — ela quis saber, com a voz alegre e bem-educada.

Confirmei com a cabeça, com a mesma civilidade.

— Ele está bem.



186

Mamãe sorriu para Dave, por algum motivo, depois bebericou o vinho. — Então, o que mais? Você deve estar fazendo algo além de ir à escola.

Um silêncio caiu sobre nós, durante o qual tudo o que podíamos ouvir era Peter falando sobre um ataque matador. Eu podia sentir mamãe me observando, esperando mais alguma coisa que ela pudesse agarrar e conservar. Mas eu não tinha mais nada para compartilhar, mais nada a dizer. Eu me senti como se já tivesse cedido a ela o meu tempo e o meu amigo. Já era suficiente.

Enquanto eu pensava nisso, no entanto, Dave limpou a garganta, e falou:

— Bem, tem a maquete que estamos fazendo.

Mamãe piscou, depois me olhou.

— Uma maquete? Do quê? — ela perguntou.

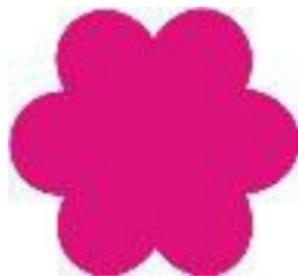
Pensei em dar um chute em Dave, mas eu não tive certeza de poder vê-lo bem o suficiente para acertar o alvo. Em vez disso, apenas dei uma encarada vagamente na direção dele —, mas ele nem percebeu.

— É da área do centro da cidade e arredores — ele explicou para mamãe, enquanto o garçom deslizava por nós, enchendo nossos copos de água. — Para o centenário, eles estão montando lá em cima no Luna Blu.

Senti mamãe dar uma espiada em mim. Eu completei:

— O restaurante do papai.

— Sério — disse mamãe. Ela ainda olhava para mim, como se esperasse que eu pegasse o assunto e discorresse a respeito. Quando isso não aconteceu, ela insistiu. — Isso parece interessante, como é que você se meteu nisso?



187

Eu tinha certeza de que este comentário tinha sido diretamente para mim, mas não respondi. Então Dave, após servir-se de um pãozinho e um pouco de manteiga, comentou:

— Bem, para ser honesto, no meu caso foi um tipo de exigência.

— Exigência... — mamãe repetiu.

— Serviço comunitário — completou ele. — Eu me vi em apuros há alguns meses. Então eu devo algumas horas, sabe... para a comunidade.

Senti mamãe, tipo, ficar sobressaltada após isso.

— Ah — ela exclamou, olhando para Peter, que ainda estava ao

celular. — Bem.

— Ele foi pego bebendo numa festa — completei.

— Foi idiota. — Dave admitiu. — Quando os policiais apareceram, todos os outros correram. Mas eles me disseram para ficar onde eu estava, e como tenho tendência a seguir ordens, que ironia, né?

— Hã, sim... Acho que sim — mamãe disse, olhando-me novamente

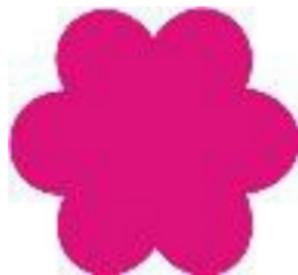
— Na verdade — ele continuou, limpando a garganta —, o voluntariado não está sendo nada mal. O que acontece é que meus pais são muito mais rígidos que o tribunal. Eles praticamente me mantêm preso desde o acontecimento.

— Bem, tenho certeza de que foi chocante para eles — mamãe comentou. — É tão difícil ser pai, às vezes.

— Da mesma forma, ser filho — comentei.

Todos olharam para mim, e então mamãe pegou o copo de água, mantendo os olhos diretos à frente enquanto tomava um gole. Tão típico.

Dave estava confessando abertamente uma prisão e, no entanto, eu era a pessoa má ali.



— De qualquer forma — ele prosseguiu, agora olhando para mim — , cumpra a primeira metade das horas no abrigo de animais, limpando os cercados. Mas então, com cortes no orçamento, eles começaram a fechar mais cedo, no período da tarde. Foi assim que eu acabei indo trabalhar na maquete com a Mclean.

— A maquete... — Peter falou, juntando-se à conversa enquanto o garçom trazia o seu vinho, levando um tempo longo demais para retirar o copo vazio e arrumar o guardanapo embaixo dele. — Maquete do quê? À minha direita, Dave estava para responder e, ao lado de mamãe, Peter aguardava. Mas entre eles, ela estava com aquele olhar no rosto, como se eu fosse a pior filha do mundo, e eu podia sentir como toda essa história ia rolar e rolar enquanto eu tentava lembrar-me de como tinha sido antes. Quando éramos apenas nós, e as coisas eram mais simples. Porém, não consegui. Tudo que sabia era que ela estava magoada de novo e que era minha a culpa. Então eu fiz o que sempre faço. Fingi.

— É uma maquete da cidade — falei, de repente, as palavras surgiram sem que eu nem pensasse antes. — Na verdade, nem era para eu tomar parte de nada. Mas Opal, essa mulher que trabalha no restaurante... Ela realmente precisava de ajuda, então eu me juntei a eles no outro dia.

— Bem... — mamãe falou. — Parece que deve ser uma coisa que vale a pena fazer, para passar o tempo.

— No entanto, é um projeto enorme — prosseguiu. — Milhares de peças. Não sei como ela vai conseguir terminar no prazo, que é maio.

— É importante ter um objetivo — Peter acrescentou. — Mesmo que não seja realista, é importante para a motivação.

Em suma, este era o meu padrasto. Se tivesse que parar de treinar, tenho certeza de que haveria em algum lugar um grupo precisando de apoio para construção de autoconfiança, que deveria estar ansioso pelos seus serviços.



189

— Bem, nesse caso — Dave falou —, meu objetivo é formar-me sem mais contratemplos.

— Mirando alto — falei.

— Você sabe disso.

Ele sorriu, e eu sorri de volta, sentindo mamãe nos observar. Percebi que eu devo ter parecido uma estranha para ela quando me viu daquele jeito. Numa cidade que ela não conhecia, com pessoas que ela nunca tinha visto, e nós duas vagando por esse mundo de limbo entre o que tínhamos sido e o que poderíamos ser. Da mesma forma que tê-la visto à distância, mais cedo, este pensamento me deixou triste de uma forma inesperada.

Mas quando eu me virei em sua direção, ela já estava olhando para o outro

lado e tentava dizer algo para uma das babás.

— Foi um jogo duro — falei para Peter. — Vocês jogaram bem.

— Não tão bem — respondeu ele. Então, baixando a voz, ele acrescentou: — Obrigada por ter vindo. Ela ficou feliz de verdade.

— O que foi? — mamãe falou, virando-se para nós.

— Eu só estava dizendo a Mclean como estamos felizes pela casa da praia finalmente estar pronta — ele respondeu delicadamente. — E que ela precisa nos visitar algum dia. Colby é excelente nesta época do ano.

— Não conheço Colby tão bem assim — respondi. — Nós sempre íamos para North Reddemane.

— Ah, não há mais nada decente em North Reddemane — Peter prosseguiu. — Apenas alguns negócios que mal se mantêm com as próprias pernas e um punhado de destroços.

Pensei no Poseidon, com o cheiro de mofo e colchas desbotadas, e olhei para mamãe, pensando se ela ainda se lembrava. Mas ela sorria para ele, absorta.

— Costumava ser legal — comentei.





— As coisas mudam — Peter respondeu, abrindo o cardápio com a mão livre. Ele se inclinou, olhando-o concentrado. — Meu Deus — ele exclamou. — Não dá nem para ler isto. Por que não há luzes acesas aqui dentro?

Ninguém respondeu, apenas continuamos a estudar nossos próprios cardápios na pequena luminosidade lançada por uma vela no centro da mesa. Pensei no que alguém que estivesse andando por ali e espiado imaginaria sobre nós. Como eles analisariam este grupo de pessoas, provavelmente relacionadas entre si, mas talvez não, destrambelhadas e juntas na escuridão.

— Uau — Dave falou. — Isso foi bem alto.

Eu me virei para olhar para em sua direção enquanto as luzes traseiras do utilitário de Peter se distanciavam de nós.

— O que foi?

—Esse suspiro que você acabou de soltar. É sério. Foi quase ensurdecedor.

— Ah... — reagi. As luzes agora subiam a lombada suave, desaparecendo da rua principal. A seta para virar já estava ligada. Em poucos minutos, eles estariam na estrada. — Desculpe.

— Não precisa se desculpar. É que eu reparei. Você está bem?

Eu tinha estado pensando demais nas minhas ações e, com cuidado, lapidado as minhas respostas por horas até então. Honestamente, eu não tinha mais energia para isso. Então, em vez de responder, só me sentei bem lá onde estávamos, no meio-fio entre nossas duas casas, e recolhi os joelhos no peito. Dave jogou-se a meu lado, e ficamos apenas sentados lá por um



191

minuto, ouvindo a música trovejando atrás da porta da frente fechada de meus vizinhos.

— Eu não me dou bem com a minha mãe — falei após um instante.— Nadica. Acho... acho que eu até a odeio, de vez em quando.

Ele refletiu sobre o assunto e depois falou:

— Bem, isso explica a tensão.

— Você sentiu?

— Não dava para ignorar — ele se esticou, mexendo no sapato, depois me olhou. — Seja qual for o problema, ela está tentando muito.

Tipo, *realmente* muito.

— Demais da conta.

— Talvez.

— Demais da conta — repeti e, desta vez, ele ficou em silêncio.

Respirei fundo o ar frio e depois acrescentei: — Ela traiu o meu pai. Com o Peter. Ela o deixou, ficou grávida e se casou. Foi uma lambança.

Um carro passou, desacelerou e depois continuou. Dave disse:

— Isso é bem duro.

— Sim — recolhi os joelhos, apertando-os mais contra mim. — Mas veja, este é o problema. Você consegue reconhecer isso, com facilidade.

Mas ela não consegue. Ela nunca consegue.

— Surpreendente — ele respondeu. — É, tipo, óbvio.

— Você não acha? — eu me virei, olhando para ele. — Ou se você consegue entender que o que ela fez é errado, por ela não entende?

— Mas... não é a mesma coisa.

Fiquei olhando para ele enquanto outro carro passava.

—O quê?



192

— Primeiro você disse que ela não reconhecia o que tinha feito.

Certo? Depois você perguntou por que ela não entendia. Essas são coisas totalmente diferentes.

— São?

— Sim. Quer dizer, reconhecer é fácil. Algo aconteceu ou não. Mas compreender... é aí que as coisas se complicam.

— Aí é que nós entramos — falei. — São muito complicadas. Já faz anos.

— Posso imaginar.

Ficamos sentados ali por um momento. Ele puxava a grama, o mato assobiava entre os seus dedos, enquanto eu apenas fiquei com o olhar fixo adiante. Finalmente falei:

— Então seus pais ficaram bem putos quando você foi preso, bem?

— Isso é pouco — ele prosseguiu. — Foi basicamente um DEFCON 58, estado de alerta familiar total. Colapso geral.

— Parece meio radical.

— Eles acharam que eu estava fora de controle — disse ele.

— Não foi apenas uma cerveja, em uma festa?

— Foi — ele concordou. — Mas eu nunca tinha feito nada do estilo antes. Nem mesmo perto. Eu nunca tinha estado em uma lista do colegial até algumas semanas antes.

— Grandes mudanças — observei.

— Exatamente — ele flexionou para trás, apoiando-se nas palmas das mãos. — Na cabeça deles, tudo é culpa da Frazier Bakery. Quando comecei a trabalhar lá, comecei a cair no fundo do poço.

8 DEFCON 5 é o alerta máximo de prontidão de defesa usado pelas Forças Armadas dos Estados Unidos

quando há eminência de ataque inimigo.



193

Eu o estudei por um segundo.

— Você não é exatamente um criminoso.

— Talvez não. Mas é preciso entender os meus pais. Para eles, um trabalho após as aulas é algo que você apenas assume se for para melhorar o seu futuro educacional. Não se gasta tempo fazendo Congela-Cuca de Banana com Mirtilos pelo salário mínimo quando se pode ler física aplicada. Não faz o mínimo sentido.

— Congela- Cuca de Banana com Mirtilos?

— É uma vitamina para o café da manhã. Experimente um dia, é deliciosa, de verdade. Só é preciso beber devagar, O nome é esse por um motivo.

Sorri.

— Então, por que você assumiu esse serviço?

— Parecia divertido. Na verdade, eu ajudo minha mãe no laboratório desde os dez anos, fazendo pesquisas, anotações sobre os experimentos. Era interessante, mas não é que eu tivesse muito em comum

com os professores de lá. Certo dia, eu estava na Fray Bake, tomando o de sempre, e eles tinham um cartaz indicando uma vaga para ajudante. Eu me candidatei, e eles me contrataram. Foi só isso.

— Que perda para o laboratório — observei.

— É, bem... Há muitos geniozinhos naqueles prédios. Não acho que ninguém além da minha mãe sentiu muita falta de mim.

Ele arrancou mais um pouco de capim.

— De qualquer modo, fiz alguns amigos da minha idade, comecei a fazer outras coisas nos fins de semana além de ler e estudar. O que foi bastante enervante. Mas então, naquele verão, eu disse que queria transferir-me para a Jackson. Eles me disseram que de jeito nenhum,



194

ênfatizando todas aquelas estatísticas sobre os resultados de testes e as proporções aluno/professor.

— Eles confiaram nas pesquisas?

— Eles são cientistas — ele falou, como se isso explicasse tudo. —

Por fim, consegui que concordassem com tudo, mas apenas por um semestre e porque eu já tenho mais que o suficiente de créditos para me

formar.

— Isso foi no ano passado?

Ele assentiu com a cabeça.

— Você poderia ter se formado e já estar no segundo ano?

— Na verdade, eu já tinha créditos suficientes desde o nono ano.

— Que maluco. Você é mesmo inteligente assim?

— Você quer ouvir o resto, ou não?

Mordi o lábio.

— Desculpe.

Ele me disparou um olhar de falso-zangado, o que me fez bufar, e

depois continuou:

— Então eu me transferi. E depois, sabe, comecei a sair mais Riley e

Heather, e fui a algumas festas e “dancei” na minha prática de Olimpíadas

de Física.

— Parece bem normal — respondi. — Exceto pela coisa de

Olimpíadas de Física.

— Para algumas pessoas, não para mim — ele limpou a garganta.

— Olha, eu não tenho orgulho disso. Mas eu já tinha quase dezoito anos e nunca tinha feito nada, sabe, nada normal. E, de repente, eu estava nessa escola grande, onde ninguém me conhecia. Eu poderia ser qualquer pessoa que quisesse. E eu não queria mais ser o garoto CDF e inteligente.



195

Tive um *flash* de todas as escolas que eu tinha frequentado, uma profusão de corredores e portas fechadas.

— Eu entendo o que você diz — falei.

— Sério?

Concordei.

— Na verdade, eles já não estavam contentes comigo. E então, quando comecei a planejar essa viagem para depois da formatura, em vez de ir ao Acampamento Intelectual, isso também não ajudou em nada.

— Acampamento Intelectual?

— É um lance de matemática que eu frequento todos os verões desde o quinto ano — ele explicou. — Eu deveria ser monitor de novo neste ano. Mas Ellis, Riley, Heather e eu queríamos fazer essa viagem de carro até o Texas, O que é, convenhamos, nada acadêmico.

Sorri.

— Viagens instruem.

— Eu enfatizei isso. Mas eles não se convenceram — ele olhou para as mãos novamente. — De qualquer forma, foi um puta azar que em meio a

tudo isso eu tenha participado daquela festa e sido pego. O que tornou a viagem um ponto de atrito.

A porta da casa vizinha bateu, alguém saiu e entrou em um dos carros estacionados na frente. O motor foi ligado, com algumas aceleradas, e o som encheu a rua. Ao partir, ficou ainda mais silencioso que antes.

— Então, você não vai?

— Eu tenho muita coisa a provar — ele falou, com a voz formal e firme, claramente citando alguém —, reconquistar a confiança. Se eles acharem que eu fiz progressos nessas áreas, eles podem voltar atrás.

— Podem...



196

— Podem — ele falou, sorrindo para mim. — Estou confiando muito nesse ‘podem’. Talvez demais.

— Riley disse que eles estavam com medo — falei, finalmente. —

Que eles estavam com medo de perdê-lo.

— Eu entendo isso — ele prosseguiu. — Então eu tenho apenas duas opções? Ou eu sou um delinquente em uma espiral descendente, ou vou me tornar um físico, de acordo com a tabela? Como isso é possível?

— Você precisa de uma terceira opção.

— Ou pelo menos a chance de olhar em volta, buscando essa opção

— respondeu ele. — O que eu acho é que agora é hora de esperar. Pisar no freio, dar um tempo, seguir as regras e tentar ver o que vem em seguida.

— Uau! Você realmente encarnou essa frustração.

— Sim — ele concordou, com o rosto impassível. — Embora essa observação venha de uma filha terrível, que é cruel para com a mãe, vou tomar isso como um elogio.

Sorri, enfiando as mãos ainda mais fundas nos bolsos. Estava realmente começando a sentir frio, e fiquei pensando que horas eram.

Depois de um tempo, Dave falou:

— É sério, mas, se vale a pena, eu posso dizer que, pelo menos vindo de fora, a sua mãe parece estar tentando. E às vezes isso é tudo o que se pode fazer.

— Então você está tomando o partido dela.

— Eu não acredito em partidos — ele se afastou, plantando as mãos na faixa de grama atrás de nós. — As pessoas fazem cagadas por todos os tipos de motivos. Não dá nem para querer entender.

— Não é minha tarefa entender — minha voz soou mais áspera do que pretendia. — Eu não fiz nada. Eu era apenas uma observadora inocente.



197

Dave não disse nada, continuou olhando para cima.

— Eu não fiz nada — falei de novo, surpresa com o nó que de repente subiu pela minha garganta. — Eu não merecia isso.

— Não, não merecia — ele respondeu.

— Eu não tenho que entender.

— Tudo bem.

Eu engoli o nó e depois pisquei forte. Tinha sido um dia longo, e eu estava tão, mas tão cansada. Eu queria apenas sair fora, desaparecer, mas sempre havia mais outro requisito para conseguir seguir em frente.

Pensando nisso, olhei para o céu, frio e claro acima de nós, e respirei fundo. Uma, pensei, achando a Ursa Maior enquanto as lágrimas ardiam nos meus olhos. Duas, e engoli em seco novamente, tentando me acalmar enquanto achava Cassiopeia. Eu estava procurando a terceira quando senti que comecei a tremer, desesperada para reconhecer alguma coisa que fosse familiar lá em cima. Fazia tanto frio, mas, olhando por olhos embaçados ficava complicado, então, de repente, senti Dave deslizar o braço nos meus ombros. Ele era quente e aconchegante, e no mesmo momento em que

percebi isso, localizei o contorno de Orion. *Três*, pensei, depois repousei a minha cabeça nele, fechando os olhos.



198

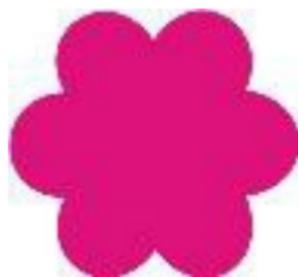
Oito

QUANDO CHEGUEI À ESCOLA na segunda de manhã, a primeira pessoa que vi foi a Riley.

Na verdade, ela foi a única pessoa que vi, pois eu estava bem atrasada. Nosso aquecedor havia quebrado durante a noite e, depois de ligar para a imobiliária arrumar alguém para consertá-lo, acabei perdendo o ônibus. Depois tive que esperar papai terminar uma conferência por telefone com Chuckles, que estava em Londres, antes que pudesse me dar uma carona. Quando finalmente cheguei, quinze minutos após a segunda aula, meus cabelos ainda estavam molhados e os dedos ligeiramente dormentes. Além disso, estava morrendo de fome, pois só tinha comido meia banana no carro com papai, enquanto ele corria ultrapassando sinais

amarelos e zonas escolares, pois também estava atrasado.

Eu me encontrava a meio caminho das escadas, indo para o meu armário, quando vi Riley sentada sobre a saída do aquecedor, do lado de fora da sala de orientação, com a mochila nos pés. Estava ao telefone, sussurrando, com a cabeça baixa, quando passei diante dela e virei o corredor. Tudo que pude pensar era na mensagem de texto que ela enviara para Dave — QUE CHIQUE! —, e apesar do fato de que nada tinha realmente acontecido entre mim e ele, eu ainda me sentia, tipo, estranha. Eu realmente fui sincera no que disse sobre o Dave: ele era um cara legal, mas eu não tinha tempo para um cara legal, ou para nenhum cara, na



199

verdade. Eu não estava a fim de ficar explicando isso novamente, embora, dessa maneira, as coisas pudessem ficar claras.

No meu armário guardei alguns livros, depois, como meu estomago rugia, comecei a caçar uma barrinha de cereais que eu tinha certeza de ter guardado lá na semana anterior. Quando finalmente a encontrei, rasguei a embalagem por lá mesmo e dei uma mordida. Enquanto estava em pé, mastigando, eu me vi naquele espelho SEXXY horroroso, com penas, então

decidi que estava na hora de ele ir embora. Quando estiquei os braços para arrancá-lo, no entanto, descobri que ele estava muito bem grudado. Dei outra mordida na barra, depois enfiei os dedos na lateral do espelho, deslocando-o apenas um pouquinho.

Droga, pensei, dando outro puxão. Nada. Enfiei o resto da barrinha na boca, depois usei as duas mãos, tentando realmente arrancá-lo por baixo das penas da beirada. Ele resistiu totalmente. Estava para desistir, mas enquanto engolia, o espelho de repente se soltou. O que aconteceu em seguida foi uma rápida sucessão: o pedaço da barrinha ficou preso na minha garganta, o espelho caiu com um estrondo no chão, e a porta do armário, rapidamente, balançou e se fechou, pegando direto no meu nariz. Eu me afastei, ao mesmo tempo engasgando e vendo estrelas, quando bati no bebedouro atrás de mim. Ele, alegre e obediente, funcionou, soltando um arco de água sobre o meu cotovelo.

— Ai, meu Deus — ouvi alguém dizer. Houve passos e vi um movimento diante de mim, embora tudo estivesse borrado, pois meus olhos estavam apertados com a dor. — Você está bem?

Tossi — aliviada por poder respirar — depois engoli e me afastei do bebedouro, parando o jato de água. O que restou foi apenas o meu nariz, que estava dolorido como se eu tivesse levado um soco.

— Acho que sim — respondi.

— Isso foi tão maluco!



200

Abri os olhos lentamente para ver o que eu tinha certeza ser Riley diante de mim, com uma expressão preocupada no rosto. Pisquei, e o foco melhorou.

— Sente-se — disse ela, segurando o meu cotovelo. Dobrei os joelhos, agachando-me da parede até o chão. — Foi um baita golpe. Ressoou por todo o corredor.

— Não sei o que aconteceu.

Ela se virou, andando até o pequeno corredor onde o espelho SEXXY jazia no piso perto do meu armário e o pegou.

— Acho que você pode culpar esta coisa. Me parece que depois que são coladas, as coisas não devem ser retiradas.

— Agora que você me diz isso — tentei alcançar o meu nariz, mas ao menor toque, o rosto inteiro doía.

— Vire para cá, deixe-me ver — ela se agachou na minha Crente, olhando de perto. — Cara, ficou uma baita marca aqui. Veja.

Ela levantou o espelho no nível do meu olho. Com certeza, havia um calombo vermelho no meio do meu nariz, que parecia estar crescendo de

tamanho enquanto eu o observava. Não tinha certeza de estar quebrado.

Mas era qualquer coisa, menos SEXXY.

— Ótimo — falei. — Isso era bem o que eu precisava hoje. Claro que sim — ela sorriu, depois se agachou, pegando a minha mochila. — Vamos. Precisamos ir até a enfermaria e colocar gelo em cima disso.

Eu me ergui, sentindo que ela me observava. Eu estava toda trêmula, daquela forma estranha quando o seu equilíbrio, sem falar das outras coisas, parece ter sido jogado para longe. Como se pressentisse isso, Riley segurou meu cotovelo. O toque foi suave, mas eu ainda a sentia me guiando quando viramos no corredor principal.

Lá, na enfermaria, passamos pela triagem logo atrás de um cara que vomitava (eca!) e de uma garota alta que tinha febre, suas bochechas



201

estavam vermelhas. Recebi um pacote de ervilhas congeladas e me disseram para esperar. Escolhi o assento mais longe possível dos outros pacientes e sentei-me, pressionando-o contra o nariz. Aaaaii. Riley sentou-se ao meu lado.

— Isso ajuda?

— Pura felicidade — respondi. Por entre as ervilhas, continuei: —

Você não precisa ficar aqui. Tenho certeza de que tem coisas melhores a fazer.

— Na verdade, não — ela respondeu. Quando a encarei, duvidando, ela acrescentou: — Estou com uma janela. Deveria estar no laboratório de matemática ou na biblioteca, mas ninguém verifica nada.

— Sorte sua! — respondi. — Como conseguiu escapar?

Ela ergueu os ombros, cruzando as pernas:

— Tenho uma cara honesta, acho.

Eu me levantei, tentando tocar o nariz novamente. Estava um pouco mais adormecido agora, mas o calombo tinha aumentado. Ótimo. Do outro lado da sala, o cara do vômito parecia ligeiramente verde. Coloquei as ervilhas de volta.

— Então — Riley falou, quando a enfermeira passou, levando a garota com febre para a outra sala —, você e o Dave, hein?

Engoli em seco. Puxa, não era bem uma surpresa.

— Não foi nada. Só fomos ao jogo.

— Eu vi — olhei para ela. — Meu pai é um grande fã do time da U.

Assistir aos jogos é quase obrigatório na minha casa.

— Papai também costumava ser assim — respondi. — Mas em relação à Defriese.

— Não muito agora, aposto.



202

Tirei as ervilhas novamente. Mas o rosto dela era solidário, não de provocação.

— Não — respondi. — Não tanto.

Ficamos as duas sentadas lá, em silêncio. Então, ela disse:

— Desculpe se te deixei pouco à vontade na outra noite, quando estávamos conversando lá fora, perto da sua casa.

— Não me senti assim — respondi.

— É que... — ela olhou para as mãos, depois as abriu, espalhando os dedos sobre os joelhos. — É que o Dave, tipo, faz aflorar meu lado superprotetor. Não quero que ele se machuque, sabe?

— Ele me disse que você era, tipo, a única amiga quando ele começou a cursar aqui.

— É bem isso. Ele encontrou o Ellis na sala, no primeiro dia, mas seu grupo de amigos se resumia a nós. Além disso, ele vinha da Kiffney-Brown, que é, tipo, do outro planeta. Na verdade, o melhor amigo dele lá tinha treze anos.

— O Gerv, o pervertido?

— Ela já falou dele, hein? Caramba, aquele cara é um pesadelo. Na verdade, ele é superinteligente e tudo, mas não dá para uma pessoa encarar tantas piadas nojentas, não é? — ela revirou os olhos. — Mas, na verdade, eu também não ajudei muito. Foi por minha causa que ele começou a frequentar as festas e a fazer aquelas coisas que o deixaram tão mal com os pais. Ele teria ficado melhor só com o Ellis.

— Você e o Ellis não são amigos?

— Somos, agora — ela respondeu. — Mas mais porque temos o Dave como amigo em comum. Ellis é um cara legal. Joga futebol, está envolvido em uma porção de coisas da escola. É ele que faz aqueles



203

anúncios malucos pela televisão. E é óbvio que ele seja uma opção melhor para o Dave do que sair por aí comigo.

— Não sei se é bem assim — retruquei. — Você parece ser uma boa amiga.

— Sério?

Fiz que sim, e ela sorriu.

— Eu tento. Mas, na verdade, sou muito egoísta, de alguma forma.

Eu tenho essa coisa maluca de querer cuidar de todos, não só do Dave. Isso deixa as coisas complicadas.

Mudei as ervilhas de posição.

— Isso é simples, mas também tem as suas desvantagens.

— O que você está querendo dizer?

— Não sei — respondi. — Eu mudo muito de cidade. Então eu mal fico conhecendo as pessoas. Pode ser mais simples, mas é bem solitário.

Eu não tinha certeza de saber por que estava sendo tão sincera.

Talvez fosse a batida na cabeça. Riley virou-se, olhando para mim.

— Você acha que vai ficar aqui por um tempo?

— Não tenho a mínima ideia — respondi.

— É? Sério mesmo?

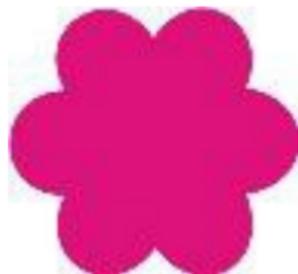
Ela esticou o pescoço novamente. Eu perguntei:

— O quê?

— E só que... — ela respondeu — você não fez isso aqui. Esse lance de não fazer amigos.

— Não fiz?

Ela olhou para o cara de rosto verde do outro lado.



— Mclean — ela continuou, — eu estou sentada aqui com você, na enfermaria, durante a minha janela. Isso quer dizer que somos amigas.

— Mas você só está sendo legal comigo — respondi.

— Assim como você foi legal comigo na outra noite, no meu carro — ela retrucou. — Além disso, você levou o Dave para o jogo. Você convidou a Deb para um grupinho, o que, pode acreditar, nunca ninguém tinha feito aqui, que eu saiba. E você também não bateu na Heather, ainda... O que, convenhamos, é algo mais digno do que a maioria faz.

— Isso não foi assim tão difícil — confessei.

— É. Ela é a minha melhor amiga e eu a adoro, mas ela é um saco, às vezes — ela se recostou, cruzando as pernas novamente. — Encare isso, Mclean. Você pode achar que não quer ter ligações com ninguém, mas suas ações dizem o contrário.

— Mclean Sweet? — olhei para a enfermeira, com uma prancheta na mão, em pé na entrada da sala de consultas. — Venha vamos dar uma olhada nesse inchaço.

Eu me levantei, pegando a mochila.

— Obrigada por ter vindo comigo — falei a Riley. — Foi ótimo.

— Vou ficar até você sair — ela respondeu.

— Não precisa... — mas ela se acomodou de volta à cadeira, fluindo o celular do bolso.

— Eu sei.

Segui a enfermeira até a sala, sentando na maca enquanto ela

fechava a porta. Que dia estranho, pensei enquanto ela puxava um banquinho, fazendo um gesto para eu retirar as ervilhas. Enquanto ela se aproximava para inspecionar o estrago, olhei pelo vidro da porta até a sala do outro lado. Era jateado e grosso para manter a privacidade, então não



205

dava realmente para ver detalhes. Mesmo assim, pude perceber o contorno de uma figura lá, uma presença por perto, esperando. Por mim.

Na hora do almoço, ao sair para o pátio com o meu burrito e água mineral, tive a clara sensação de que as pessoas me encaravam. Ou talvez olhar com espanto fosse uma expressão mais adequada. Eu sabia que o meu nariz estava inchado, mas a atenção que eu conseguia — e estava tendo desde o meu encontrão com o armário — parecia excessiva. Então; de repente, talvez uma garota que aparente ter estado numa briga em um bar seja uma bela notícia em uma segunda-feira morna.

Riley e Heather não estavam em nenhum lugar visível, então fui até a Deb, que estava sentada sozinha embaixo de uma árvore. Ela estava com

um iPod de olhos fechados, ouvindo.

— Oi — falei. Como ela não olhou para cima, cutuquei o seu pé, e ela se sobressaltou e então abriu os olhos.

— Oh, Mclean! — ela falou, tirando os fones de ouvido com pressa.

— Então verdade! Eu pensei que era apenas um boato maldoso e desagradável.

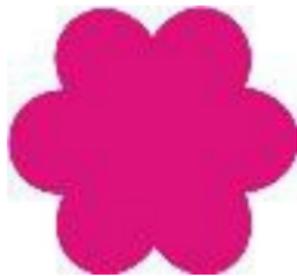
— O quê?

— Você e a Riley — ela prosseguiu. Como fiquei simplesmente olhando em sua direção, ela acrescentou — A briga de vocês? Ouvi dizer que ela tinha te acertado, mas não queria acreditar...

— A Riley *não bateu* em mim — olhei ao redor do pátio, novamente.

Várias pessoas me encaravam diretamente e sequer se incomodavam em evitar o olhar. — Quem disse isso?

— Ouvi no banheiro — ela cochichou. — Todos só falam nisso.



206

— Ai, meu Deus — eu me sentei, colocando o meu almoço no chão, perto de mim. — Por que ela me bateria?

Deb pegou sua coca zero e sugou um gole pelo canudinho. — Raiva

e ciúmes — ela me explicou. — Ela viu você e o Dave Wade no jogo neste fim de semana e perdeu a cabeça.

— Ela e o Dave não estão juntos — expliquei, desembulhando o meu burrito. Mas, para dizer a verdade, eu tinha perdido o apetite.

— Eu sei disso, e você sabe disso. Mas parece que o resto da escola não sabe — ela enfiou uma mecha de cabelos atrás da orelha. — Você sabe como são as coisas. A maioria das pessoas acha que uma garota e um cara não podem ser meros amigos, que sempre há algo mais. É básico.

— Acho que sim... — concordei.

— Então... — ela falou vagorosamente, estudando o meu rosto. — O que aconteceu de verdade?

— O armário bateu em mim.

—Ai!

— Nem me diga.

— Na verdade — ela falou, tomando outro gole —, não me parece que ficou tão mal assim. Se não fosse pela história da briga entre garotas, ninguém nem repararia.

Hora de mudar de assunto. Apontei para o iPod, no chão, entre nós duas.

— O que você está ouvindo?

— É só uma seleção que eu fiz — ela respondeu. — Sabe, né, a música me acalma. Acho que me ajuda a sair um pouco da situação quando tenho um dia pesado demais.



207

— É isso aí — comentei. — Estou precisando me acalmar. Posso ouvir?

— Claro — ela respondeu. — Mas...

Eu já estava esticando o braço para pegar o fone e enfiá-lo na orelha, esperando ouvir os sons leves e relaxantes de música contemporânea adulta. Ou talvez um som animado de algum show. Em vez disso, ouvi uma explosão de coisas, seguida de uma bateria barulhenta.

Recuei, retirando um fone. O outro ainda ficou, enchendo a minha cabeça com o som de alguém gritando coisas incoerentes que pareciam com uma serra elétrica.

— Deb — eu falei confusa, virando o iPod e espiando na tela.

— O que é isso?

— É a banda que eu tinha na escola anterior — ela respondeu. —

Chamava-se Naugahyde.

Fiquei olhando para ela.

— Você fazia parte de uma banda?

— Foi só por um tempinho — ela confirmou.

A pessoa na minha orelha ainda continuava, as vozes eram estridentes e altas.

— Você — falei lentamente — fazia parte desta banda?

— É, na verdade, era numa escola pequena. Não havia muitas opções — ela ajustou a tiara. — Faço aulas de bateria há séculos, mas eu queria ter um pouco de experiência coletiva. Então, quando vi o anúncio procurando baterista, eu me candidatei e participei de alguns ensaios com o grupo.

— Deb — falei, erguendo a mão. — Você está brincando comigo?

— O quê?



208

— Você só... — continuei — não se parece com uma baterista de metal.

— Porque não sou.

— Você não é...

— Bem, pelo menos eu não me considero dessa maneira. Pratico todos os gêneros — ela se esticou para pegar a bolsa, tirou um pacote de chiclete e me ofereceu um pedaço. Quando recusei, ela o enfiou de volta,

fechou o zíper, e depois olhou para mim. — Embora eu goste de coisas

mais rápidas, ao menos por ser mais divertido de tocar.

Fiquei boquiaberta, ainda chocada, mas não saiu nenhuma palavra.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, de repente, Dave apareceu do nada na minha frente.

— Oi — ele falou, tirando a mochila —, o que rola por aqui?

Eu me virei para olhá-lo.

— Deb é baterista.

— Puta merda! — ele disse.

— Então! Não é maluco? Eu só...

— O que aconteceu com o seu rosto? — ele se surpreendeu.

Era grave demais para alguém ignorar.

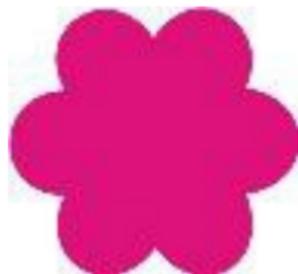
— A Riley me socou.

— Ela o quê?

— Esse é o boato — falei, pegando a minha água. — Pelo menos, de acordo com a Deb.

— Eu ouvi no banheiro — explicou ela.

Dave olhou para ela e depois para mim novamente. Ele se aproximou um pouco.



— Uau! Ela acertou em cheio.

Eu simplesmente o encarei.

— Você acha que ela faria isso?

— Em você? — perguntou ele. — Não. Mas ela tem um braço forte.

Isso eu sei por experiência própria. Sobre o que seria exatamente essa briga?

Olhei para Deb, que rapidamente se ocupou de observar algo na bolsa dela. Finalmente, falei:

— Parece que foi um acesso de ciúmes, motivado por ela nos ter visto no jogo.

— Ah! — ele falou, balançando a cabeça. — Certo. Acesso de ciúmes — com cuidado, ele levantou a mão, tocando minha bochecha. Pela minha visão periférica, vi os olhos de Deb se alargarem. — O que aconteceu de verdade?

— O meu armário me atacou.

— Eles fazem isso — ele abaixou a mão, depois sorriu. — Precisa de gelo ou algo assim?

— Já peguei na enfermaria. Mesmo assim, obrigada.

— É o mínimo que posso fazer — ele prosseguiu. — Já que eu fui o motivo de tudo.

Sorri.

— Você brinca, mas o resto da escola acredita nisso totalmente. Olhe em volta.

Dave se virou, examinando o pátio. Desde que ele se juntara a nós, tínhamos conquistado até mais audiência.

— Uau! — ele exclamou, me encarando novamente. — Você não está brincando.



210

— As pessoas não resistem a um triângulo amoroso — Deb acrescentou.

— É disso que se trata? — Dave quis saber. Ele falava com ela, sem olhar para mim, e eu senti o rosto esquentar.

— Não — respondi.

Ele ergueu os ombros.

— Que pena. Sempre quis fazer parte de um.

— Ah, não, não diga isso — Deb falou, negando com a cabeça. —

Não é nada engraçado, eu garanto.

Eu bufei, o que fez o Dave rir. Deb ficou só olhando para a gente, sem entender a piada.

— Deb, tem alguma coisa que você ainda não tenha experimentado?

— falei.

— Como assim?

— É que... — olhei para Dave buscando ajuda, mas claro que ele não me ajudou — você é especialista em tatuagens. Baterista. E agora, você diz que esteve em um triângulo amoroso.

— Só uma vez — explicou ela. Depois suspirou. — Mas uma vez foi mais que suficiente.

Dave riu, depois olhou para mim novamente, e eu senti um calorzinho. Era como uma pequena chama bruxuleando. Não, pensei na mesma hora. *Não vou ficar aqui por muito tempo. Ele não é o meu tipo.*

— Então, Deb — Dave falou. — Você vem no Luna Blu hoje a tarde, para trabalhar no nosso projeto da maquete?

— Não é nada nosso — retruquei. — Eu só estava naquele dia, para ajudar Opal. É apenas para delinquentes.



211

— Não é verdade — ele me corrigiu. — É um projeto de serviços para qualquer um que tenha anseios de ajudar a comunidade.

— Anseios? — me surpreendi.

— Amo voluntariado! — Deb exclamou. — É realmente aberto para

qualquer um?

— Sim — Dave respondeu. — E não ouça a Mclean. Ela é praticamente líder de tudo.

— Parece ser bem divertido! Adoro projetos em grupo — disse Deb.

— Então apareça qualquer tarde dessas. Trabalhamos das quatro às seis — informou Dave.

— Você está falando por mim? — perguntei a ele. — Porque eu não vou estar lá.

— Não? — ele questionou. Nós nos entreolhamos por um tempo.

Depois ele acrescentou: — Vamos ver.

Deb olhou para mim, depois para Dave, depois novamente para mim, a expressão dela, uma interrogação. Porém, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, o sinal tocou, o som ricocheteou por todo o pátio, fazendo os meus ouvidos ressoarem. Ela se pôs em pé, buscando a bolsa, mas ainda manteve os olhos em Dave, intrigada, conforme ele se erguia, depois se virou e baixou os olhos para mim.

— Sabe, não precisava levar um soco por mim — ele continuou. — Sou um amante, não um lutador.

— Você é maluco, é isso que você é — retruquei.

Ele esticou a mão.

— Venha cá, sua lerdá. Vamos comigo. Você sabe que está a fim disso.



212

E na verdade, apesar de tudo o que eu sabia — que era um erro, que ele era diferente dos outros —, obedeci. Como ele sabia, eu não tinha a mínima ideia. Mas eu me levantei e fiz aquilo mesmo.

Naquela tarde, quando cheguei em casa, as chaves de papai estavam na porta. Quando eu as tirei e abri a porta, ouvi vozes.

— Pare com isso. Sério. Não é engraçado.

— Você tem razão — uma pausa. — É ridículo.

Houve risos. Então:

— Olha, se fizermos um ranqueamento de todos na equipe pelo sistema de pontos e incorporarmos as avaliações como discutimos, então a partir daí, vamos...

— ... ter a confirmação oficial numérica que, de fato, temos a pior equipe da cidade.

Ouvi uma risada de escárnio, depois uma explosão total de risadas.

Quando cheguei na entrada para a cozinha, vi papai e Opal à mesa, com

um punhado de papéis espalhados entre eles, e estavam histéricos.

— O que vocês estão fazendo?

Opal pegou um guardanapo da tigela no balcão, passou-o nos olhos, depois abriu a boca para me responder. Antes que o fizesse, porém, ela explodiu novamente, abanando a mão diante do rosto. Papai, do outro lado dela, também explodia.

— A empresa — Opal falou finalmente, ou melhor, arfou — quer que decidamos quais são os nossos pontos fracos.

— E a resposta — papai acrescentou, explodindo — são todos.

Os dois caíram na risada novamente, como se isso fosse a coisa mais engraçada do mundo. Opal colocou a cabeça nas mãos, os ombros se



213

agitavam, enquanto papai recostava na cadeira, tentando recuperar o fôlego.

— Não estou entendendo nada — falei.

— É porque — papai falou, assobiando — você não esteve nas últimas quatro horas.

— Quatro horas! — Opal exclamou, batendo a mão na mesa. — E

não temos *nada*. Nadica de nada. Zero.

Papai soltou um riso nervoso ao ouvir isso. Parecia uma garotinha.

Perguntei:

— Por que vocês estão fazendo isso aqui?

— Não dá para fazer isso no restaurante — Opal respondeu. Ela respirou fundo. — É um negócio muito sério.

Papai urrou ao ouvir isso, atirando a cabeça para trás, o que fez com que tudo começasse de novo. Fui até a geladeira buscar uma bebida, pensando se havia um vazamento de gás ou algo assim.

— Tudo bem, tudo bem — Opal respirou fundo. — Sério, isso é ridículo. Eu estou tão dopada de tanta risada que nem consigo ver as coisas claramente. Temos que terminar, tipo... Ai, meu Deus. Mclean, o que aconteceu com o seu nariz?

Fechei a geladeira ao ver os dois me encarando. Parece que dava para reparar melhor de perfil.

— Bati no armário. Estou bem.

— Está mesmo? — papai perguntou quando me aproximei, sentando ao lado dele. Ele se esticou para tentar tocar-me, e eu me encolhi.

— Isso parece bem sério.

— Já esteve bem pior — falei. — O inchaço diminuiu bem.

— Parece que alguém te deu um soco — papai observou.



214

— Não. Só uma reação em cadeia desajeitada — tomei um gole da bebida. Ele ainda me observava. — Pai, estou bem.

Do outro lado da mesa, Opal sorriu.

— Ela é uma garota forte, Gus. Pare de se atormentar.

Meu pai fez uma careta para ela, depois olhou para baixo na pilha de papéis diante dele, esfregando a mão no rosto.

— Tudo bem, o negócio é o seguinte: conheço o Chuckles muito bem

— prosseguiu. — Ele gosta de fórmulas e de números, tudo exposto direitinho na planilha. É por isso que ele usa esse sistema de avaliação. É totalmente objetivo.

— Talvez seja, mas não deixa espaço para o lado humano das coisas

— Opal contrapôs. — Agora, sou a primeira a admitir que não temos a equipe mais capaz...

Dei uma espiada no bloco de rascunho amarelo, perto do cotovelo dele. Nele havia uma lista de nomes, cada um com um número ao lado.

Rabiscos e anotações enchiam as margens, junto com riscos e borrões.

— Mas — ela acrescentou rapidamente —, mas eu acho que nosso

pessoal agrega sabor e personalidade à experiência Luna Blu, o que não pode ser quantificado num pedaço de papel.

Papai olhou para ela.

— Hoje no almoço — ele falou com a voz neutra —, Leo enviou um sanduíche de frango com iogurte em vez de creme azedo.

Opal mordeu o lábio e disse após um instante:

— Bem... no Oriente Médio, o iogurte é um complemento popular em sanduíches.

— Mas não estamos no Oriente Médio.



215

— É um erro! — ela prosseguiu, erguendo as mãos. — As pessoas cometem erros. Ninguém é perfeito.

— Que é uma filosofia ótima para a pré-escola — papai respondeu.

— Mas em um restaurante visando o lucro, precisamos ter em vista o melhor.

Ela olhou para baixo, para suas mãos.

— Então você está dizendo que devemos mandar o Leo embora.

Papai trouxe o bloco mais perto, espremendo os olhos para ler.

— Se seguirmos a fórmula de Chuckles, sim. De acordo com números, ele e todos os outros que listamos aqui nos lugares altos devem ir embora.

Opal gemeu, afastando-se da mesa.

— Mas eles não são números. São pessoas. *Pessoas boas*.

— Que não sabem a diferença entre iogurte e creme azedo.

Ele revirou os olhos, e então acrescentou:

— Opal, este é o meu trabalho. Se algo — ou alguém — não está funcionando, então temos de fazer mudanças.

— Como os rolinhos.

Ele suspirou.

— Eles eram um petisco caro, levavam um tempão para preparar e não traziam nenhum retorno. Eu podia argumentar, na verdade, que eles nos davam prejuízo.

— Mas eu gostava deles — ela falou delicadamente.

— Eu também.

Opal ergueu os olhos para ele, surpresa.



— Verdade?

— Sim.

— Pensei que você adorasse os picles!

Papai abanou a cabeça, negando, e eu acrescentei:

— Meu pai odeia picles, de todos os tipos.

— Mas especialmente os fritos — ele acrescentou. Quando Opal o ficou encarando, boquiaberta, ele prosseguiu: — Porém, aqui não se trata de minhas sensações pessoais. É pensar no que é melhor para o restaurante. É necessário tirar a emoção disso.

Ela ficou pensando nisso enquanto eu me levantava, colocando o copo vazio na pia. Depois continuou:

— Bem, vou dizer uma coisa. Eu nunca poderia fazer o que você faz.

— Você está insinuando o quê? — papai quis saber.

— Isto — ela respondeu, apontando para o bloco entre eles sobre a mesa. — Chegar num lugar e fazer um montão de mudanças que enchem o saco de todos, despedir as pessoas. Sem falar em gastar todo esse tempo e trabalho em alguma coisa e depois se mudar para o próximo local quando tiver acabado.

— É um emprego — enfatizou ele.

— Eu entendo isso — ela pegou um guardanapo, partindo a beirada.

— Mas como você não se envolve? Com o lugar e com todos nele?

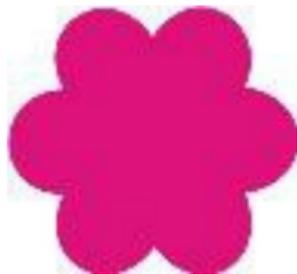
Fechei a torneira. Eu queria ouvir a resposta.

— Bem — ele falou, após um instante —, nem sempre é tão fácil.

Mas eu tive o meu próprio restaurante por tantos anos. Eu estava mais que

envolvido, e isso foi difícil também. Muito mais difícil, na verdade.

— Então me conte — Opal insistiu. — Eu amo o Luna Blu desde que era adolescente. É, tipo, como se o meu coração estivesse lá.



217

— E por isso que... — ele lhe disse — você quer que ele seja melhor possível. Mesmo que isso signifique ter que tomar decisões difíceis.

Ficamos todos quietos por um momento. Então Opal dobrou o guardanapo, colocando-o caprichosamente diante dela. Depois, ela ergueu o olhar para papai e disse:

— Eu te odeio quando você está certo.

— Eu sei. Isso acontece muito — ele retrucou.

Ela suspirou, empurrando a cadeira e se levantando. — Assim, amanhã, quando nos encontrarmos com a gerência, vamos passar esses números... e começar a partir daí — papai completou.

Opal pegou a bolsa e as chaves dela.

— Eu me sinto como se estivesse indo para o cadafalso — ela respondeu, enrolando o cachecol em volta do pescoço. — Como posso olhar essas pessoas no rosto, sabendo que provavelmente a maioria estará

desempregada na semana que vem?

— Não é fácil ser patrão — papai observou.

— Nem brinque — ela retrucou. — Gostaria de ter alguns rolinhos para enxugar a minha tristeza. Carboidratos são ótimos para a culpa.

— Verdade — papai falou. — Você vai mesmo conseguir relaxar?

Ela sorriu, colocando a bolsa sobre um ombro.

— Não. Tchau, Mclean. Espero que melhore.

— Obrigada — respondi. E então meu pai e eu a observamos

enquanto caminhava pela sala até a porta da entrada, abrindo-a. A meio

caminho ela parou, ajustando o cachecol. Ela olhou para cima no céu

cinzento, por um momento, depois esticou os ombros para trás e começou a andar novamente.

Olhei para papai, que disse:



218

— Ela é especial.

— Todo mundo é — enxuguei o balcão, depois me virei, apenas

para achá-lo sentado lá, ainda seguindo Opal com o olhar enquanto ela

atravessava a rua e começava a descer o beco. — Então, o que acha? Todo

mundo vai ser despedido?

— Não dá para dizer — papai respondeu, juntando alguns papéis na mesa. — Depende de um monte de fatores, desde o portfólio de estoque de Chuckles até o quanto ele está se sentindo bonzinho. O que ela não percebe, no entanto, é que as pessoas serem demitidas não é o pior cenário.

—Não?

Ele balançou a cabeça.

— O prédio em si vale muito mais que o restaurante, atualmente.

Chuckles pode decidir simplesmente vender, lavar as mãos e seguir adiante.

Olhei para Opal novamente, agora mal podia vê-la.

— Você acha que ele vai fazer isso?

— Ele pode decidir que sim. Vamos descobrir amanhã, acho.

Eu me virei para a pia, puxei o papel-toalha e sequei as mãos. Papai se aproximou de mim, beijou o topo da minha cabeça e, enquanto pegava o telefone, caminhou em direção ao corredor.

Assim que a porta do quarto se fechou atrás dele, fui até a mesa, olhando o caderno com os nomes e os números. Tracey era um quatro, Leo um três. Jason era um nove, seja o que for que aquilo significasse. Se ao menos você pudesse usar um sistema à prova de erros para saber quem valia a pena manter e quem deveria ser dispensado. Seria muito mais fácil movimentar-se pelo mundo, pegando e escolhendo que conexões fazer ou não fazendo nenhuma.



219

Mais tarde, naquela noite, eu estava no meu quarto, tentando fazer minha lição de casa de Civilização Ocidental, quando ouvi uma batida na porta da cozinha. Andei até o corredor escuro e vi Dave em pé sob a luz da varanda. Ele usava jeans, uma camisa xadrez de manga comprida e carregava uma panela fumegante nas mãos, um segura-panels na alça.

— Sopa de galinha — ele foi falando, quando abri a porta. —

Excelente para ferimentos de brigas em bar. Você tem uma tigela?

Eu me afastei e ele entrou, andando direto para o fogão e colocando a panela ali.

— Você cozinha?

— Eu costumava cozinhar — ele respondeu. — Era isso ou ficar com o cardápio da minha mãe, e às vezes eu queria comer, sabe, carne e derivados de leite. Mas foi por pouco tempo. Espero que isso não nos mate.

Tirei duas tigelas e duas colheres.

— Esta não é exatamente uma afirmação encorajadora.

— Talvez, mas pense assim... — falou ele. — Você já ganhou um

soco na cara hoje. O que mais tem a perder?

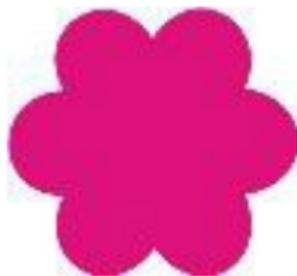
— Sabe — comecei —, na verdade, não levei um soco.

— Eu sei — ele começou a despejar a sopa em uma das tigelas. —

Mas eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei um tanto lisonjeado pela escola toda pensar que você pode ter levado um soco por minha causa.

— Bem, fico feliz em talvez ter ajudado na sua autoestima.

Ele enfiou uma colher numa tigela e depois me entregou.



220

— Sei que deve ser humilhante para você. Pensei que o mínimo que podia fazer era preparar um pouco de sopa para você. Além disso, antes eu me senti mal.

Tomei a sopa, depois olhei para ele.

— Por quê?

Ele ergueu os ombros:

— Sobre aquilo que disse, de você ajudar com a maquete. Quando você não apareceu, percebi que fui um idiota.

— Por quê?

— Eu tinha dito que sou um amante, não um lutador⁹ — ele suspirou, sentando-se diante de mim. — Não há coisa mais idiota que isso.

— Com certeza, há.

Ele sorriu.

— Olha, falando sério. Como eu andei pulando as séries na escola e só andava com prodígios... minhas habilidades sociais não são exatamente ótimas. Às vezes eu digo coisas idiotas.

— Não precisa pular as séries para isso — falei. — Eu tiro notas médias B+ e faço isso o tempo todo.

— B+? — ele pareceu horrorizado. — Verdade? Fiz uma careta, depois me inclinei perto da tigela fumegante. A última coisa que tinha comido era metade daquele burrito mole, horas atrás, e, de repente, percebi que estava morrendo de fome. Tomei uma colherada. A sopa era espessa, com macarrão, ovos, frango e cenoura, era exatamente o que eu precisava.

— Uau! Está uma delícia — comentei, quando ele se sentou na minha frente carregando consigo a própria tigela.

Ele tomou uma colherada e ficou pensativo.

9 A frase que ele usou foi tirada de uma música de Michael Jackson (I'm a lover, not a fighter”).



— Não está ruim, mas precisa de um pouco mais de tomilho. Onde estão seus temperos?

Ele já estava se levantando para ir até o armário quando eu disse:

— Na verdade...

— Aqui dentro? — ele quis saber, imediatamente fuçando em um dos armários que ficavam mais perto do fogão.

— ... nós não temos...

Mas, antes que eu conseguisse terminar, já tinha acontecido: ele tinha aberto a porta, expondo o espaço vazio que havia atrás dela. Ele parou, depois abriu o próximo. Também vazio. Assim como o que estava ao lado. Finalmente ele descobriu o armário que tinha nosso conjunto completo de utensílios de cozinha, que eu organizava da mesma forma em todas as casas para as quais nos mudamos. Alguns condimentos — sal, pimenta-do-reino, pimenta calabresa, sal com alho — repousavam na prateleira inferior, os talheres dentro de um porta-trecos de plásticos ao lado. Na prateleira do meio havia quatro pratos, quatro tigelas, três canecas de café e seis copos. E finalmente, na de cima, uma frigideira, duas panelas e uma tigela grande.

— Espere — ele falou, movimentando-se para o próximo armário e abrindo-o. Vazio. — Isso é... O que está acontecendo aqui? Vocês vivem do quê? São minimalistas?

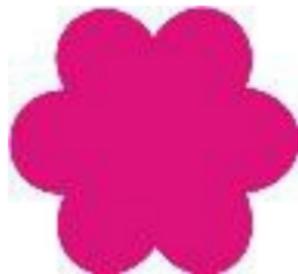
— Não — respondi constrangida, embora não soubesse por quê. Na verdade, eu tinha orgulho de manter tudo no mínimo: tomava a mudança

muito fácil. — A gente só não se expande muito.

Ele abriu outro armário, revelando a parede vazia ao fundo.

— Mclean, vocês basicamente têm uma cozinha vazia.

— Temos tudo que precisamos — contrapus. Ele ficou olhando para mim. — Exceto tomilho. Olha, meu pai trabalha num restaurante. Não cozinhamos muito aqui.



222

— Vocês nem têm fôrmas — ele ainda abria as coisas, expondo os espaços vazios. — E se precisarem assar ou grelhar algo?

— Eu compro uma fôrma de alumínio — respondi, enquanto ele olhava para mim. — O quê? Você sabe como é difícil embalar panelas de vidro? Elas sempre trincam ou até se quebram, totalmente.

Ele retornou à mesa e sentou-se no mesmo lugar. Atrás dele, alguns armários continuavam abertos, como bocas escancaradas.

— Sem querer te ofender, isso é bastante triste.

— Por quê? — perguntei. — Está organizado.

— Não tem quase nada — ele respondeu — e é totalmente provisório. Como se você fosse ficar aqui apenas uma semana ou coisa do

tipo.

Tomei mais uma colherada da sopa.

— Tenha dó.

— É sério — ele olhou nos armários novamente. — É assim na casa toda? Tipo, se eu abrir as gavetas do seu quarto, vou encontrar apenas duas calças?

— Você não vai abrir minhas gavetas — esbravejei. — E não. Mas já que você se preocupa tanto, a gente tinha mais coisas. Mas, cada vez que a gente se mudava, percebi que usávamos tão pouco. Então fui me livrando delas. E depois, reduzindo mais um pouco.

Ele ficou me olhando enquanto eu remexia na tigela, girando as cenouras.

— Quantas vezes você se mudou?

— Não tantas — respondi. Ele não pareceu convencido, então acrescentei. — Estou morando com papai há quase dois anos... e acho que este é o quarto lugar. Mais ou menos.



— Quatro cidades em dois anos? — ele se surpreendeu.

— Claro que parece péssimo quando você fala assim — completei.

Durante um instante, nenhum de nós falou nada. O único som era o de nossas colheres batendo nas tigelas. O que eu queria era levantar e fechar as portas dos armários, mas por algum motivo senti que, se o fizesse, estaria admitindo alguma coisa. Fiquei onde estava.

— O que estou querendo dizer é que deve ser difícil — Dave falou, finalmente, olhando para mim — sempre ser a garota nova.

— Não necessariamente — eu me mexi, dobrando uma perna sob o corpo. — Há alguma coisa de libertador nisso, na verdade.

— Sério...

— Com certeza — enfatizei. — Quando se muda muito, você não fica com muitos fios amarrados. Não dá tempo de ter envolvimento com as coisas. É mais simples.

Ele refletiu no assunto por um segundo.

— Verdade. Mas se você nunca fizer amigos de verdade, provavelmente não terá ninguém para ser aguda pessoa das duas da manhã. O que é uma merda.

Ergui o olhar para ele enquanto o via misturando a sopa, as cenouras girando no caldo.

— Aquela pessoa que o quê?

— Das duas da manhã — ele engoliu e depois disse. — Sabe, aquela pessoa para quem você liga às duas da manhã e não importa o que esteja acontecendo, você pode contar com ela. Mesmo se ela estiver dormindo, ou se estiver frio, ou se precisar que ela pague a fiança da prisão... ela vai até

— você. É, tipo, o nível mais alto de amizade.

— Ah, tá — olhei para a mesa. — Bem, acho que consigo ver o valor disso.



224

Ficamos calados por um momento. Então Dave prosseguiu:

— Mas, ao mesmo tempo, eu consigo entender a coisa da página totalmente em branco. Você não precisa ficar sempre se explicando.

— Exatamente — falei. — Ninguém sabe se você já foi amigo de Gerv, o Perverso. Ou se faz parte de um triângulo amoroso horrível que levou a uma briga de garotas.

— Ou que seus pais tiveram um divórcio terrível — olhei para ele.

— Desculpe, mas era aí que você ia chegar, certo?

Não era. Pelo menos não de propósito.

— O que quero provar é que todas as mudanças eram apenas o que eu e meu pai precisávamos. Está sendo uma coisa boa para nós dois.

— Serem temporários.

— Começar tudo de novo — enfatizei. — Quatro vezes.

Seguiu-se um novo silêncio. Dava para ouvir a geladeira zunindo

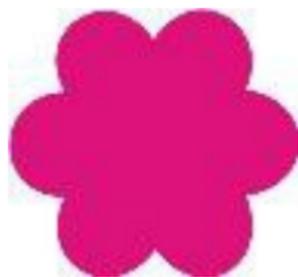
atrás de mim. Estranho como você não toma consciência de algumas coisas até que não há mais nada para prestar atenção.

— Então, você acha que vai se mudar logo daqui? — ele perguntou, finalmente. — Quando completar seis meses?

— Não sei—respondi. — Às vezes ficamos mais tempo ou não mais que isso. Na verdade, depende da empresa para a qual papai trabalha. E ano que vem...

Deixei a coisa no ar, percebendo apenas que assim que comecei a sentença eu não queria finalizar. Mas pude sentir Dave me observando, aguardando.

— Tem a universidade e tudo — terminei. — Então desta vez já há um final programado, independente disso. Pelo menos, para mim



225

Trocamos olhares por um tempo. Ele era um cara inteligente, provavelmente o cara mais inteligente que já conheci. Então não levou muito tempo, apenas um instante ou algo assim, para ele entender o que eu estava dizendo.

— Certo — ele pôs a colher dentro da tigela, que agora estava vazia.

— Bem, pelo menos você estará preparada para a vida de dormitório. Você já vive modestamente.

Sorri, olhando para os armários.

— Verdade, não é?

— É. Talvez eu tenha de tomar algumas lições. Podem ser úteis para quando eu estiver me preparando para a viagem de carro neste verão.

— A viagem de carro? — perguntei. — Isso quer dizer que ela está valendo? Seus pais concordaram?

— Não exatamente. Mas eles estão pensando no assunto, um pouco

— ele empurrou a tigela para o lado. — Em grande parte porque eu disse que passaria a segunda metade do verão no Acampamento Intelectual, que é o que eles querem que eu faça. Tudo é questão de comprometimento.

Mas se isso significa ir para o Texas com Ellis e Riley, então tudo bem.

— Então a Heather não foi convidada?

Ele sorriu.

— Boa pergunta, na verdade, ela estava conosco até recentemente.

Ela, hã, tipo, destruiu o carro e teve a carteira de motorista caçada por pontos. O pai dela está fazendo com que ela pague todas as dívidas e a nova apólice de seguros antes que comece a dirigir novamente, então todo o dinheiro vai para isso.

— Foi esse o incidente da guarita?

— Foi — ele suspirou. — Juro, ela é a pior motorista do mundo. Ela não olha quando sai da vaga.



— Foi o que ouvi dizer — olhei para a minha tigela, fiquei

brincando com um pedaço de cenoura. — Então, o que tem no Texas?

— Austin, principalmente. O irmão de Ellis mora lá e está sempre

falando em como o cenário musical é ótimo, quantas coisas legais que se

pode fazer por lá. Além disso, é longe o suficiente para pararmos em vários

lugares pelo caminho.

— Você está animado!

— É, ao contrário de outras pessoas, eu não viajo muito. E todo

mundo gosta de uma viagem de carro, não é?

Concordei, pensando na minha mãe e em mim, dirigindo para

North Reddemane e o Poseidon. Sabia que ele achava que a minha vida era

estranha, e a verdade é que eu não esperava que ele entendesse de onde eu

vinha. Como ele poderia, se viveu no mesmo local a vida toda, com as

mesmas pessoas ao redor, sua história e passado sempre inescapáveis,

inevitáveis? Eu não estava dizendo que o meu modo de vida era

necessariamente melhor. Mas também nunca ter nenhuma mudança não

era. E se me fosse dada a escolha entre as duas opções, eu sabia que a vida

que eu tinha era melhor para mim. Pode ser que eu não tivesse muitos temperos, mas eu também não estava arrastando panelas de vidro lascadas por aí. Por assim dizer.

— David? Oi?

Eu me virei ao ver a senhora Dobson-Wade, em pé, diante da porta da varanda dela, com a porta aberta. Ela esticava o pescoço, examinando o quintal lateral com uma expressão preocupada no rosto.

Dave ergueu-se, foi até a nossa porta e botou a cabeça para tora.

— Ei. Estou aqui. — Ela levou um susto, quase pulou.

— Ah— ao me ver, ela acenou e eu acenei de volta. — Desculpe interromper. Mas aquele documentário que o seu pai mencionou vai começar, e eu sabia que você não queria perder o início.



227

— Tá — Dave respondeu, olhando para mim —, o documentário.

— É sobre a vida das células — a senhora Wade explicou para mim.

— Um assunto realmente fascinante, uma visão em profundidade. Muito conceituado.

Eu assenti, sem ter certeza do que dizer em relação a isso.

— Eu já vou — Dave falou.

— Tudo bem — ela sorriu, depois fechou a porta, e Dave voltou à mesa.

— Células, é? — falei, assim que ele sentou-se novamente.

— É! — ele suspirou, empilhando nossas tigelas e colocando as duas colheres em cima. — Elas fazem tudo e todos, Mclean.

— Eu sei. Tenho certeza de que é fascinante.

— Quer vir conosco? — mordeu o lábio, tentando não sorrir enquanto ele se levantava, empurrando a cadeira de volta. — Eu sei, é meu assunto preferido também, mas se eu quiser ir para Austin, tenho de fazer o joguinho. Ser um bom filho e tudo ó mais.

Ele então andou até o fogão e pegou a panela, enfiando o suporte no bolso. Assim, enquanto eu o observava, ele cuidadosamente fechou todos os armários abertos e vazios. E, num piscar de olhos, minha cozinha estava novamente ajeitada. Pelo menos, na parte de fora.

Ele andou para a porta, com a panela na mão, e eu empurrei a cadeira, me levantando.

— Sabe... o motivo de eu não aparecer hoje... não foi por causa de nada que você tenha dito. Eu só...

— Você não quer se envolver — ele terminou a frase para mim. — Entendi. Foi alto e bem claro.



Ficamos lá por um instante, apenas nos olhando. Se eu tivesse mais tempo, pensei, mas, na verdade, não era isso. Eu só não tinha certeza de que qualquer relacionamento pudesse funcionar. Se a história de amor mais perfeita virou o que virou, o que esperava os reles mortais?

Dave deu uma olhada para a casa dele, novamente.

— É melhor eu ir. As células e sua vida estão me esperando.

— Obrigada pela sopa.

— Não foi nada. Obrigado pela companhia.

Abri a minha porta, e ele passou para fora, olhando para trás enquanto descia as escadas e cruzava nossa entrada de carros. Eu o observei entrando na cozinha e colocando a panela na pia. Então ele foi para a sala, onde a luz de uma televisão tremeluzia à distância.

Eu estava quase de volta ao meu quarto e à minha lição de casa quando o telefone tocou. O que me assustou, de verdade, pois eu tinha, tipo, me esquecido de que ele estava lá. Papai e eu geralmente não nos importamos com as linhas fixas, acabamos sempre usando os celulares, pois era mais fácil que ter de ficar guardando os números novos em cada

lugar. Mas aqui, por algum motivo, a EAT INC. havia instalado uma linha para a gente. Nas poucas vezes em que tinha tocado, era engano ou telemarketing. Se não fosse o fato de eu estar procurando um motivo para adiar, provavelmente eu o teria ignorado totalmente.

— Alô — atendi, com a minha voz mais séria, já pronta para dizer

Não.

— É a Mclean?

Não reconheci a voz, o que deixou a situação ainda mais estranha, pois quem ligou reconheceu a minha.

— Hã... Sou eu. Quem fala?



229

— Lindsay Baker. Do Conselho da cidade. A gente se conheceu no outro dia, no restaurante.

Imediatamente eu a visualizei na minha cabeça: aqueles cabelos loiros, olhos vivos e dentes ainda mais brilhantes. Mesmo no telefone, a autoconfiança dela era palpável.

— Ah, certo. Oi.

— Estou ligando, pois venho tentando falar no celular do seu pai e

no Luna Blu já há alguns dias sem sorte, e eu estava esperando encontrá-lo em casa. Ele está por aí?

— Não, ele está no restaurante.

— Ah — uma pausa. — É estranho, acabei de ligar lá, e eles disseram que ele estava em casa.

— Verdade? — olhei para o relógio, eram 7h30, hora da correria do jantar. — Então, não sei bem onde ele está.

— Tudo bem. Valeu a pena tentar. Vou continuar tentando, mas posso te incomodar e deixar o meu número e um recado?

— Claro.

Peguei a caneta e tirei a tampa.

— Diga para ele que eu realmente gostaria de encontrá-lo em um almoço e discutir o que conversamos no outro dia. Por minha conta, quando ele quiser. Meu número é 919-555-7744. Este é o meu celular, e eu sempre estou com ele.

LINDSAY BAKER, escrevi, com o número embaixo dele, QUER VOCÊ PARA O ALMOÇO.

— Eu passo o recado.

— Perfeito. Obrigada, Mclean.



Desligamos, e eu olhei para baixo no recado, percebendo só então que se parecia com um recado que o lobo mau deixaria. Ah, tudo bem, pensei, deixando-o na mesa da cozinha. Ele vai entender.

Fui para o meu quarto novamente e tentei imergir na Revolução Industrial. Cerca de meia hora mais tarde, ouvi uma batida leve na porta dos fundos, tão sutil que pensei ter imaginado. Quando saí, não havia ninguém lá. No corrimão do deque de trás, entretanto, havia uma caixinha pequena, com um bilhete grudado nele.

Eu a peguei. Era uma embalagem plástica com tomilho, já aberta, mas com mais da metade do pacote. CASO VOCÊ RESOLVA FICAR POR AQUI, o recado dizia com uma letra feia e inclinada. TEMOS MAIS TRÊS. Olhei novamente para a cozinha escura dos Wade, depois dei meia volta e entrei, colocando o tomilho no armário, bem ao lado do sal, da pimenta e dos talheres. O recado eu levei para o meu quarto, onde o colei no meu relógio de cabeceira, centralizado na frente, para que fosse a primeira coisa que eu visse de manhã.





231

Nove

NO DIA SEGUINTE, acordei com um brilho branco e intenso vindo de fora da minha janela. Quando puxei a persiana para o lado e dei uma espiada, vi que tinha nevado durante a noite. Havia uns dez centímetros cobrindo tudo, e a neve ainda caía.

— Neve! — papai falou assim que surgiu na cozinha. Ele estava à janela, com uma caneca de café nas mãos. — Faz tempo que não vejo.

— Desde Montford Falls — completei.

— Se tivermos sorte, ela vai atrasar Chuckles no aeroporto. Pelo menos isso vai nos dar um pouco de tempo.

— Para fazer o quê?

Ele suspirou, baixando a caneca de café.

— Agitar uma varinha mágica. Roubar a equipe do melhor restaurante da cidade. Considerar outras opções de carreira. Esse tipo de coisa.

Abri a porta da despensa, me esticando para alcançar o cereal.

— Bem, pelo menos você pensa positivo.

— Sempre.



232

Eu estava tirando o leite quando, de repente, me lembrei da ligação que tinha atendido na noite anterior.

— Ei, você saiu do restaurante ontem à noite?

— Só por volta da uma, quando voltei para cá — respondeu ele. —

Por quê?

— Aquela representante do conselho, Lindsay Baker. Quando ela ligou e deixou esse recado, falou que alguém tinha acabado de dizer que você tinha saído.

Ele suspirou, depois ergueu a mão para esfregá-la no rosto.

— Tudo bem, não me leve a mal... Mas eu posso ter pedido a eles para dizer que eu não estava por lá.

— Sêrio? Por quê?

Ele fez uma careta.

— Porquê?

— Porque ela fica ligando, querendo discutir essa coisa da maquete, e eu não tenho tempo nem energia para isso agora.

— Ela disse mesmo que anda tentando falar com você há algum

tempo.

Ele bufou, tomando o último gole da caneca e colocando-a na pia.

— Quem liga para um restaurante no meio da correria do jantar, querendo marcar um almoço? É ridículo.

— Ela quer marcar um encontro?

— Não sei o que ela quer. Eu só sei que não tenho tempo para isso, seja o que for — ele pegou o celular, olhando para a tela, antes de fechá-lo e enfiá-lo no bolso. — Eu preciso ir lá e fazer alguma coisa antes que Chuckles apareça. Você vai para a escola numa boa? Acha que eles vão cancelar as aulas?



233

— Duvido — falei. — Aqui não é a Geórgia ou a Flórida. Mas eu falo com você mais tarde.

— Ligue sim. — Ele deu uma apertada no meu ombro enquanto eu abria a geladeira para pegar o leite. — Divirta-se.

— Você também. Boa sorte!

Ele assentiu com a cabeça, depois foi para a porta da frente. Eu o observei pegar a jaqueta, que não era nem quente nem impermeável, antes

de sair pela varanda. Não foi a primeira vez em que pensei no ano que vem e no que seria para ele morar em outra casa alugada, em outra cidade, sem mim. Quem organizaria as coisas dele para que ficasse imerso nas coisas de outra pessoa? Eu sabia que não era minha responsabilidade tomar conta de papai, e ele nem pedia nem esperava por isso. Mas ele já tinha sido largado uma vez, e eu odiava ser a segunda a fazê-lo.

Bem nessa hora, meu celular tocou. Falando do diabo, pensei, quando HAMILTON, PETER apareceu na tela. Eu estava para tocar a tecla IGNORE quando olhei para o relógio. Eu tinha quinze minutos para me aprontar para o ônibus. Se eu desse conta disso agora, eu poderia ter um dia inteiro de paz, ou pelo menos, algumas horas. Então decidi encarar aquela e atendi.

— Oi, querida! — era a voz de mamãe, alta demais na minha orelha.

— Bom dia! Está nevando aí?

— Um pouco — respondi, olhando para fora, com os flocos de neve caindo. — E aí?

— Já estamos com sete centímetros e meio, e ainda neva forte. Os gêmeos e eu saímos lá fora. Eles ficaram tão fofos com roupa de neve! Já enviei algumas fotos para você por e-mail.

— Ótimo — falei. Trinta segundos a menos, mais outros, ai, aproximadamente duzentos e setenta segundos, antes de eu poder me safar do telefone sem parecer totalmente mal-educada.



234

— Eu só queria dizer de novo o quanto eu curti a semana passada —
ela falou, depois limpou a garganta. — Foi ótimo estarmos juntas. Embora,
isso tenha me feito perceber o quanto eu sentia falta de nossa vida nos
últimos anos. De seus amigos, das suas atividades.

— Você não perdeu muita coisa — falei, fechando os olhos.

— Acho que perdi — ela fungou. — Bem, de qualquer forma, estou
pensando que eu gostaria muito de visitá-la em breve novamente. É uma
viagenzinha tão rápida, não há motivo para a gente não se ver com mais
frequência. Ou, se você pudesse vir para cá. Neste fim de semana estamos
recebendo o time e os patrocinadores para um baita churrasco aqui em
casa. Sei que Peter ia amar se você pudesse aparecer aqui.

Merda, pensei. Foi por isso que fiquei preocupada ao concordar em
ir ao jogo. Um centímetro, depois meio metro, depois um quilômetro. E a
próxima coisa que eu imaginava era estar de volta aos escritórios dos
advogados.

— Estou bem ocupada com a escola ultimamente.

— Bem, seria só no fim de semana — ela respondeu. Ela insiste. Ela

insiste. — Você podia trazer a sua lição de casa para fazer aqui.

— Não é tão simples. Tenho coisas a fazer por aqui também.

— Tudo bem — outro suspiro. — Então, que tal no outro fim de semana? Vamos fazer a nossa primeira viagem até a casa da praia. A gente podia te pegar no meio do caminho e aí...

— Também não posso no outro fim de semana — respondi.

— Acho que preciso ficar por aqui durante um tempo.

Silêncio. Do lado de fora, a neve ainda caía, tão limpa e branca, cobrindo tudo.



235

— Tudo bem — ela respondeu, mas o tom deixava claro que era qualquer coisa, menos isso. — Se você não quer me ver, não quer me ver.

Não posso fazer nada, não é?

Não, pensei, não pode mesmo. A vida teria sido tão mais fácil se eu pudesse fazer isso, apenas concordar com a afirmação, imprimir nós duas firmemente na mesma página e encerrar por aí. Mas nunca era tão simples.

Na verdade, havia todo aquele movimento e correria, passos e lances complexos exigidos para manter a bola no ar.

— Mãe — falei. — Só...

— Te deixe em paz — ela terminou para mim, com a voz áspera. —

Nunca ligue, nunca envie e-mails, nem mesmo tente entrar em contato com a minha filha mais velha. É isso o que você quer, Mclean?

— O que eu quero — respondi lentamente, tentando manter o nível da voz — é a oportunidade de viver a minha própria vida.

— Como você pode pensar que é alguma coisa além disso? Você nunca compartilha a menor parte dela comigo, a menos que seja coagida — de repente, ela estava chorando de verdade. Tudo que eu quero é que sejamos próximas, como éramos no passado. Antes de seu pai levá-la, antes de você mudar assim.

— Ele não me levou — minha voz então se elevou. Mamãe Ficou mexendo, cutucando e espetando, e finalmente ela tinha encontrado aquele botão que não podia ser tocado. Eu tinha mudado? Faça-me um favor. —

Foi minha opção. Você também fez as suas opções. Lembra-se?

As palavras saíram aos borbotões antes que eu pudesse contê-las, e eu senti tanto o peso delas enquanto saíam de mim quanto quando bateram nos ouvidos de mamãe. Já fazia muito, muito tempo desde a última vez em que tínhamos conversado sobre o caso e o divórcio, tempos já passados no “O que Acontece Durante um Casamento”, aquela parede de tijolos que bloqueava qualquer outra discussão. Agora, no entanto, eu



236

tinha atirado uma granada bem em cima dela, e tudo que eu poderia fazer era me escorar para esperar a queda.

Durante um bom tempo — ou o que pareceu um longo tempo —, ela ficou quieta. Depois, finalmente:

— Cedo ou tarde, Mclean, você vai ter que parar de me culpar por tudo.

Este era o momento. Bater em retirada e desculpar-me, ou ir a fundo para onde não haveria como retomar. Eu estava cansada e não tinha nenhum outro nome ou garota em que pudesse me esconder. Talvez seja por isso que foi a voz de Mclean que falou:

— Você está certa. Mas eu posso te culpar pelo divórcio e pelo modo como as coisas estão entre nós. Foi você que provocou tudo. Pelo menos, assuma.

Eu senti que ela engoliu a respiração, como se eu a tivesse socado. O que, de certo modo, eu tinha mesmo feito. Toda aquela gentileza forçada, dançando em volta da verdade: agora eu tinha rompido as regras, aquela terceira parede, e deixado tudo o que era feio à mostra. Eu vinha pensando

nesse momento por quase três anos, mas, agora que ele havia chegado, isso só me deixou triste. Até mesmo antes de ouvir o dique dela desligando o telefone na minha cara.

Fechei o celular, enfiei-o no bolso e depois agarrei minha mochila. A quatro horas de distância, minha mãe estava se despedaçando, e era minha culpa. O mínimo que eu poderia ter sentido era um momento de liberdade.

Em vez disso, foi algo mais parecido com medo o que me perpassou, quando comecei a andar, envolvendo o casaco bem apertado em mim.

Lá fora, o ar estava frio e cortante; a neve caía forte. Virei do lado oposto do ponto de ônibus e comecei a andar na direção do centro; a neve fazia tudo ao meu redor tornar-se abafado silencioso. Andei e andei; quando percebi como tinha ido longe, havia apenas algumas fachadas de lojas adiante, antes de a rua tornar-se residencial novamente. Tinha de



237

voltar, achar um ponto de ônibus e ir para a escola. Porém, primeiro eu precisava me aquecer. Então caminhei até o lugar mais próximo com uma placa de ABERTO, uma padaria com o desenho de um muffin na janela, e entrei.

— Bem-vinda à Frazier Bakery! — uma voz alegre gritou no

segundo em que cruzei a porta. Ergui o olhar e vi duas pessoas atrás do balcão, movimentando-se, enquanto algumas pessoas esperavam na fila.

Era óbvio que se tratava de uma daquelas franquias que deveriam se assemelhar a um local bem caseiro: decorado para parecer pequeno e com jeito caseiro, cumprimento pessoal obrigatório, uma lareira (falsa) crepitando em uma das paredes. Entrei na fila, pegando alguns guardanapos para assoar o nariz.

Eu estava tão cansada da caminhada, e ainda zangada por causa do que tinha acontecido com mamãe, que fiquei parada lá, andando para frente quando necessário, até que de repente fiquei cara a cara com uma garota bonita de cabelos vermelhos usando um avental listado e um chapéu de papel vistoso.

— Bem-vinda à Frazier Bakery! O que podemos fazer para você sentir-se em casa hoje?

Meu Deus, eu odiava essa merda empresarial, mesmo antes de ter ouvido papai criticá-la sem parar. Olhei para cima, no cartaz do cardápio, examinando-o. Café, *muffins*, *paninis*, vitaminas, *bagels*. Passei os olhos nas opções de vitamina e, de repente, me lembrei de pedi.

— Congela-Cuca de Banana e Mirtilos — pedi.

— É pra já!

Ela se virou, andando até uma fileira de liquidificadores e, enquanto isso, eu dei outra olhada por todo o lugar onde a decadência de Dave começara. Não dava para imaginar um lugar menos provável para

corromper alguém. Pelo amor de Deus, havia frases de efeito em todas as paredes: AFASTE SEUS PROBLEMAS COM LEITE QUENTE, dizia uma



238

delas perto do balcão do açúcar, leite e creme de leite. Outra, sobre as latas de recicláveis proclamava: NÃO GASTE, NÃO QUEIRA. Fiquei pensando de onde eles as tinham encomendado e se era possível comprar tudo bordado em massa e emoldurado. DEIXEM-ME SÓ, a minha diria. Eu a penduraria na minha porta, um aviso imparcial, enviado de forma bem descolada.

Assim que peguei minha vitamina, segui adiante e consegui um assento numa cadeira de couro falso diante da lareira falsa. Dave estava certo, após dois goles no canudinho, tive uma dor de cabeça tão forte que mal conseguir ver direito. Coloquei a mão na testa, como se isso pudesse aquecer as coisas, depois fechei os olhos, bem quando o sino da porta da frente tilintou.

— Bem-vindo à Frazier Bakery! — uma das pessoas no balcão gritou.

— Obrigado! — uma voz gritou de volta, e alguém riu. Ainda

esfregava a testa quando ouvi passos, e então:

— Mclean?

— Oi — respondi, abrindo os olhos e lá estava o Dave. Claro que era o Dave. Quem mais poderia ser?

— Você está bem? — ele olhou para mim, com um pouco mais de atenção. — Parece que você está...

— É só um cérebro congelado — respondi, erguendo o copo como prova. — Estou bem.

Deu para perceber que ele não estava totalmente convencido, mas ainda bem que ele não prolongou o assunto.

— O que está fazendo aqui? Eu não sabia que você fazia parte dos Amigos da Frazier.

—Do quê?



239

— É assim que chamamos os clientes assíduos — ele acenou para a ruiva, que retribuiu o aceno. — Espere um pouco que vou pegar um Vem com Tudo e um Especial Deixa Rolar. Volto já.

Tentei tomar mais um gole da minha vitamina, observando

enquanto ele ia até o balcão e passava por baixo dele. Ele disse algo para a ruiva, que riu, depois passou atrás dela até a vitrine da padaria, agarrou um muffin e então preparou para ele uma xícara grande de café. Depois, ele pressionou alguns botões na registradora, colocou uma nota de cinco e retirou um dólar e uns trocados, que ele depositou num pote de gorjetas.

— Obrigado! — a ruiva e o outro cara que trabalhava gritaram, cantando.

— De nada! — Dave falou. Depois começou a andar de volta meu lugar.

Meu Deus, pensei, enquanto ele se aproximava. *Eu não tenho energia para isso hoje*. Mas não tinha como fugir. Eu estava em local público, sem dizer que era um lugar que ele conhecia bem. Foi quase gozado o modo como eu tinha ido parar lá. Quase.

— Então — ele falou, em pé diante de mim com o *muffin* na mão. —

Está cabulando as aulas hoje ou o quê?

— Não — respondi. — Eu só... estava precisando de um café da manhã. Já vou pegar o ônibus.

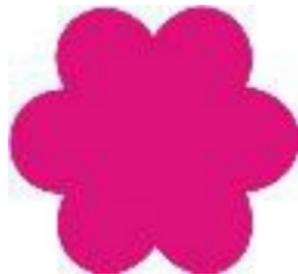
— Ônibus? — ele pareceu ofendido. — Como você vai pegar transporte público bem aqui de carro?

— Ah, tudo bem. Eu... eu estou bem.

— Você também está atrasada — ele observou, mostrando o relógio atrás de mim. — O ônibus vai te atrasar ainda mais. Não há orgulho em se atrasar, Mclean.

— Isso parece com algo que deveria estar enfatizado em um desses

cartazes — comentei, olhando em volta do salão.



240

— Você está certa! — ele sorriu. — Vou apresentar isso para a gerência. Vamos lá, meu carro está estacionado nos fundos.

Eu fui, seguindo-o pelo corredor até os banheiros lá de fora, na entrada dos fundos. Enquanto ele andava, continuava a comer o *muffin*, deixando um rastro de migalhas para trás, como alguém tirado de um conto de fadas. Então, perguntei:

— Como é que você chamou isso mesmo?

— O quê?

— O seu café da manhã.

Ele olhou novamente para mim.

— Ah, certo. O Vem Com Tudo e o Especial Deixa Rolar.

— Não me lembro de ter visto isso no cardápio.

— Porque não está — ele respondeu, começando a atravessar o terreno. — Eu, tipo, criei o meu próprio vocabulário aqui na Fray Bake.

Traduzindo: é um muffin com tudo que você possa imaginar e um café que garante múltiplas interrupções para ir ao banheiro durante as próximas

horas. Pegou, e agora todos no balcão usam essas expressões — ele agitou as chaves. — Chegamos.

Observei-o andando em volta de um Volvo, cheio de marquinhos.

No banco do passageiro estava uma daquelas mantas com contas que eu associava a motoristas de táxi e vovós.

— Este é o seu carro?

— Sim — ele falou com orgulho enquanto entrávamos. Ele esteve interdito, mas finalmente consegui livrá-lo na noite passada.

— Sério! Como você conseguiu isso?

— Acho que foram as vidas das células que agitaram isso — ele girou a chave e o motor, que, após uma hesitação, veio à vida. — Ah, e eu



241

também concordei em trabalhar no laboratório de mamãe depois da viagem a Austin, até eu ir ao Acampamento Intelectual. A gente acaba fazendo o que é preciso para aqueles que a gente ama. E eu adoro este carro.

O Volvo, como se fosse para testar isso, de repente, pipocou e parou.

Dave olhou para o console, depois virou a chave. Nada aconteceu. Ele

tentou de novo, e o carro soltou uns soluços, como se estivesse cansado.

— Tudo bem — Dave falou alto, acima do som do motor, Fazendo tique-taque que nem uma bomba. — Ele só precisa de um pouco de amor, às vezes.

— Sei disso — falei. — Acontecia com a Superximbica.

Isso saiu, sem que eu mesma percebesse. Quando Dave olhou para mim, no entanto, com a testa franzida, percebi o que tinha feito.

— Superximbica?

— Meu carro — expliquei. — Meu carro antigo, devo dizer. Não sei por onde ele anda agora.

— Você bateu em uma guarita também?

— Não, só deixei a cidade e não precisei mais dele — tive um vislumbre do meu Toyota Camry superusado, com os alternadores sempre estourados, radiador assobiando e o marcador de quilometragem que tinha chegado ao máximo antes mesmo de estar em minha posse. Da última vez que o vi, ele estava estacionando na garagem enorme de Peter, entre o Lexus e o utilitário, por mais que estivesse fora de contexto por lá. —

Também era um bom carro. Só um pouco...

— *Ximbica?*

Concordei, e ele apertou o acelerador, depois o freio. Pude ver um carro atrás da gente, com a seta ligada, esperando a vaga. A pessoa atrás da direção parecia estar xingando quando o Volvo, de repente, roncou e voltou à vida, uma explosão de fumaça saindo pelo cano do escapamento.



242

— Nada como dirigir na neve — Dave falou, um pouco intimidado, enquanto virávamos saindo do estacionamento. Fomos para baixo da colina, até um sinal de parada, os flocos batendo no para-brisa. Quando ele desacelerava, os freios do Volvo chiavam em protesto. Ele deu uma olhada em mim, depois falou.

— Cinto de segurança, por favor. Segurança em primeiro lugar.

Eu o coloquei, agradecida por ele ter me lembrado. Minha porta rangia, e eu esperava que o cinto de segurança me prendesse caso ela abrisse a 65 km por hora.

— Então — falei, assim que começamos a andar —, obrigada pelo tomilho.

— De nada. Só espero que você não tenha se sentido ofendida.

— Por que eu me sentiria ofendida?

— Bem, você não gosta de acumular coisas.

— É só um vidrinho de tempero — enfatizei.

— Sim, mas é um caminho tortuoso. Primeiro vem o tomilho, depois você vai para o alecrim, a sálvia e o manjeriço e, de repente, você percebe

que está com problemas.

— Vou me lembrar disso — o carro assobiou e ele acelerou, O motor rugiu, atraindo um olhar alarmado de uma mulher em um Lexus perto de nós. — Há quanto tempo você está com este carro?

— Pouco mais de um ano — disse ele. — Eu mesmo comprei. Peguei todas a minhas economias em títulos de poupança, dinheiro do bar mitzvah e mais o que ganhei trabalhando na FrayBake.

Os freios guincharam de novo. Falei:

— Tudo isso, é?



243

— O quê? — ele me encarou e depois voltou o olhar para a rua. —

Ei, este é um carro excelente. Valente, de confiança. Tem caráter. Pode ter alguns problemas, mas eu o amo mesmo assim.

— Com verrugas e tudo — comentei.

De repente, ele olhou para mim surpreso.

— O que você falou?

— O quê?

— Você falou “com verrugas e tudo”, não falou?

— Falei sim — respondi. — O quê, você não conhece a expressão?

— Não, conheço sim — ele desacelerou na ruela de entrada da escola, depois tirou a mão esquerda da direção, virando-a e expondo o círculo preto tatuado ali. — É a origem disto, na verdade.

— Isso deveria ser uma verruga? — perguntei.

— Tipo, verruga — ele respondeu, reduzindo a marcha. — Sabe, quando eu era criança, mamãe e papai davam aulas em tempo integral.

Então, durante a semana, eu ficava com uma mulher que cuidava de alguns garotos na casa dela, Eva.

A neve tinha aumentado agora, sobrecarregando os limpadores de para-brisa. Apenas dois pequenos arcos claros, com tudo borrado ao redor.

— Ela tinha uma neta, que tinha a mesma idade que eu, que ficava lá também. Ela e eu tirávamos soneca juntos e comíamos cola juntos. Era a Riley.

— Sério?

— É. Eu disse, a gente se conhece há séculos. De qualquer modo, Eva era apenas, tipo, uma pessoa direta, de uma forma incrível. Era bem alta e grandona, com uma risada enorme que vinha da barriga. Ela cheirava a panquecas. E tinha aquela verruga. Enorme, como algo que se



veria numa bruxa, ou tipo assim. Bem aqui — ele colocou o indicador no centro da tatuagem, pressionando-a. — A gente ficava, tipo, ao mesmo tempo fascinado e curioso por ela. E ela sempre fazia questão de deixar a gente olhar para a verruga. Não ficava constrangida, nem nada. Dizia que se a gente a amasse, a gente amaria a verruga também. Fazia parte do pacote.

Pensei no pulso de Riley, com o mesmo círculo preto. O olhar triste no rosto dela quando Deb chamou a atenção para ela.

— Ela teve câncer no ano passado, no pâncreas. Morreu dois meses após o diagnóstico.

— Sinto muito.

— Sim, foi muito chato — então estávamos virando no estacionamento da escola, passando pela guarita. — No dia após o enterro, eu e a Riley fomos ao tatuador e voltamos com isso.

— É uma homenagem incrível — falei.

— Eva era incrível — eu o observei enquanto virávamos por uma fileira de carros, desacelerando em direção a um grupo de garotas que usavam calças moletom e casacos pesados.

— Gosto do sentimento. Mas é mais fácil dizer que fazer, sabe?

— O quê?

Ergui os ombros.

— Aceitar todas as coisas boas e más de alguma coisa. É um objetivo grande para querer alcançar. A parte difícil, na verdade, é fazê-lo.

Ele localizou uma vaga e entrou, desligou o motor, que chocalhou agradecido, até parar. Nunca um carro pareceu tão exausto. Então, ele olhou para mim.

— Você acha isso mesmo?



245

Tive um vislumbre de mamãe ao telefone naquela manhã, a voz hesitante, as palavras que tinha dito. Engoli em seco.

— Acho que é por isso que gosto tanto de me mudar. Ninguém fica me conhecendo bem o suficiente para ver qualquer lado negativo meu.

Ele não disse nada por um instante. Ficamos os dois lá sentados, ouvindo as pessoas passarem por nós. O chão estava escorregadio, e todos lutavam para ficar em pé, dando passos cuidadosos e ainda assim, escorregando aqui e ali.

— Você diz isso — Dave falou finalmente —, mas não tenho certeza de que é verdade mesmo. Eu só a conheço há um mês, mas tenho consciência e varias coisas ruins sobre você.

— Verdade? Como o quê?

— Bem, você não tem especiarias nem temperos, para começar. O

que é muito estranho. Também, você é maldosa no basquete.

— Essas coisas não são exatamente verrugas.

— Talvez não ele — sorriu. — Mas, sério, tudo é relativo, não é?

Então o sinal tocou, seu barulhinho familiar abafado pela neve no telhado e janelas. Nós dois saímos do carro, a minha porta rangendo alto enquanto eu a abria. O chão estava um gelo; imediatamente deslizou um pouco, abaixo de mim, e eu me segurei no Volvo para apoiar-me.

— Uau! — exclamei.

— Nem brinque! — Dave falou, escorregando perto de mim, e mal conseguindo manter o equilíbrio no último minuto. — Cuidado onde pisa!

Comecei a andar com cuidado, e ele se apoiou em mim, puxando a mochila para o ombro. A cabeça estava encolhida, o cabelo caía pela testa, e quando o espiei, pensei em todas as vezes em que eu estive com garotos, nos últimos dois anos, e em como nenhum deles tinha chegado tão perto como este. Porque eu não era eu. Eu era Beth, ou Eliza, ou Lizbet, uma



miragem, como um pedaço do cenário de um palco, que parecia verdadeiro de frente, mas sem nada por trás. No entanto, aqui, apesar dos meus melhores esforços, de alguma forma, acabei sendo eu novamente: Mclean Sweet, a garota dos pais com problemas e ligações estranhas com o basquete, a Superximbica e toda a bagagem de um caminhão-reboque.

Todos aqueles recomeços, do nada, me fizeram esquecer como era até o momento de ser bagunçada e honesta, e descontrolada. Ser real.

Estávamos quase no meio-fio quando senti Dave, ao meu lado, começar a escorregar novamente, os braços se agitando. Tentei me firmar nos pés, com resultados variados, pois ele tropeçou para trás, e depois para frente.

— Ai, ei — ele falou. — Vou cair.

— Espere — eu lhe disse, esticando a mão para ele segurar. No entanto, em vez de firmá-lo, isso teve o efeito contrário, e então nós dois tropeçamos no gelo, peso duplo, impacto duplo quando caímos.

Foi a coisa mais estranha. Quando meus pés deslizaram sob mim, meu coração saltou com aquela sensação terrível de não ter apoio, nem controle. Mas então, olhei para o Dave. Ele estava rindo, o rosto vermelho enquanto se sacudia para se equilibrar, depois disso, ele me puxou, eu igualmente desajeitada atrás dele. A mesma situação, duas reações totalmente diferentes.

Tanta coisa tinha acontecido naquela manhã. No entanto, foi essa imagem, esse momento que se repetia em minha mente, horas depois, após termos chegado a salvo no corredor e nos separado até as salas de aula. Foi

a sensação de que se o mundo tivesse se mexido embaixo de mim, uma mão agarraria a minha, sabendo que se eu caísse, pelo menos, não o faria sozinha.



247

A neve continuava a cair, empilhando-se em montinhos, levando ao cancelamento de aulas, pouco antes da hora do almoço. Quando saí pela porta da frente com todo mundo, tudo que conseguia pensar era que eu tinha a tarde toda livre, uma tonelada de roupas para dar conta e um trabalho para entregar no dia seguinte. Mas em vez de tomar o ônibus direto para casa como planejava, desci dois pontos antes, bem diante da rua do Luna Blu.

A neve tinha acabado com a movimentação do almoço, assim o restaurante estava quase vazio, o que me facilitou ouvir o meu pai, Chuckles e Opal, que estavam no salão de eventos e festas, perto da área do bar. Pude vê-los reunidos ao redor da mesa, canecas de café e papéis espalhados ao redor. Papai parecia cansado; Opal, tensa. Era óbvio que a varinha mágica não tinha se materializado.

Andei pelo salão até a porta que levava às escadas. Logo que a abri,

ouvi vozes.

—... dá para fazer, com certeza — Dave dizia quando ele surgiu à vista. Deb, ainda de casaco, cachecol e luvas de lã, estava diante dele, os dois examinando as caixas com peças da maquete. — Complicado sim, mas dá para encarar.

— Tudo que conta é a parte que dá para fazer — ela disse, espiando em volta do salão. Ao me ver, o rosto dela se iluminou.

— Ei, eu não sabia que você iria aparecer!

Eu também não, pensei, mas enquanto o Dave virava a cabeça para também me olhar, falei:

— Tenho um fraco para servir a minha comunidade. O que estamos fazendo?

— Só estamos elaborando a melhor estratégia para a montagem —

Deb respondeu, tirando as luvas. Você tem ideia sobre qual a melhor maneira de começar?



Andei até lá, ficando do lado dela, sentindo que Dave me olhava.

Pensei naquela manhã também, o círculo firme no pulso dele, o mesmo em que eu me prendera pela minha querida vida quando escorregamos no gelo. *Ele não é meu tipo*, dizia uma vozinha na minha cabeça, mas fazia tanto tempo que eu nem sabia o que isso significava. Ou se esta garota, esta que eu era agora, tinha mesmo um tipo.

— Não — respondi, olhando para ele. — Vamos começar e ver o que acontece.

Quinze minutos depois, foi convocada uma reunião.

— Tudo bem, olhem — o rosto de Deb parecia muito sério.

— Sei que acabei de me juntar a este projeto e não quero ofender ninguém, mas vou ser honesta. Acho que vocês estão fazendo tudo errado.

— Estou ofendido — Dave respondeu, de forma seca.

— Ai, não. Verdade? Estou tão... — Os olhos delas se arregalaram.

— Estou brincando — ele completou.

— Ah, tudo bem. Puxa... — ela sorriu, com as bochechas avermelhadas. — Vou começar dizendo que fiquei muito contente por vocês me convidarem. Eu adoro este tipo de coisa. Quando eu era pequena, adorava miniaturas.

— Miniaturas? — questionei.

— Sabe, casas de bonecas, coisas assim. Eu também amava coisas históricas. Pequenas reproduções de casas da época da Guerra da Independência americana, orfanatos vitorianos. Esse tipo de coisa.



249

— Orfanatos? — Dave surpreendeu-se.

— Claro — ela piscou. — O quê? Qualquer um pode ter uma casa de bonecas. Eu fui mais criativa nas minhas brincadeiras.

— Dave também — eu contei. — Ele curtia trenzinhos elétricos.

— Não eram trenzinhos — Dave falou, zangado. — Eram cenários de guerra, é muito sério.

— Eu *amava* montar cenários de guerra! — Deb comentou. — Foi assim que eu acabei com os meus órfãos.

Fiquei olhando para os dois.

— Que tipo de infância vocês dois tiveram?

— Do tipo ruim — Deb respondeu, simples e objetiva. Ela tirou a jaqueta, dobrou-a com cuidado e colocou-a com a bolsa numa mesa próxima. — Estávamos sempre sem grana, mamãe e papai não se davam bem. Meu mundo estava caindo aos pedaços. Então, eu gostava de criar outros.

Olhei para ela, percebendo que isso era o máximo que ela já tinha dito espontaneamente sobre a vida pessoal dela.

— Uau! — exclamei.

— Eu só gostava de combates — Dave falou, erguendo os ombros.

— E quem não gosta? — Deb respondeu, já se movimentando. — De qualquer forma, eu realmente sinto, pela minha experiência com maquetes grandes e estruturas de miniaturas, que a melhor abordagem na construção é o método cata-vento e aqui estamos usando tabuleiro de xadrez.

Nós dois ficamos encarando Deb.

— Certo — Dave falou finalmente. — Bem, claro.



250

— Então, honestamente — ela prosseguiu enquanto eu encarava o Dave, tentando não rir. — Acho que devemos fazer uma nova abordagem no projeto inteiro. Essas são as instruções?

— Sim — respondi, pegando o pesado manual que estava aos meus pés.

— Ótimo! Posso ver?

Eu o passei a ela que imediatamente levou-o à mesa, abrindo-o.

Dentro de segundos, estava curvada sobre as páginas, imersa em pensamento profundo, tamborilando um lábio com um dedo.

— Posso falar uma coisa? — Dave sussurrou para mim. — Eu adoro

a Deb. Ela é totalmente maluca, e estou dizendo isso numa boa.

— Eu sei — respondi. — Todos os dias, ela, tipo, me surpreende.

Era verdade. Deb podia ter sido uma doida varrida, uma baterista de metal rápido, especialista em tatuagens e construtora de orfanatos. O que ela não era é tímida. Quando ela assumia algo, assumia com tudo.

— Pense em uma roda — ela continuou me dizendo, de pé diante da maquete, com uma casa na mão. — Começamos no centro, no eixo, depois em volta, e outra vez em volta.

— Só estávamos colocando as coisas conforme elas eram tiradas das caixas — comentei.

— Eu sei. Deu para perceber assim que vi tudo — ela me lançou um olhar solidário. — Mas não fique mal, tá? Este é um erro de principiante. Se continuar assim, a gente vai acabar pisando nos objetos, as casas vão espetar nossos joelhos, sem querer, vamos chutar os hidrantes de incêndio. Vai ficar uma bagunça danada. Acredite em mim.

Eu acreditei, então segui as instruções dela. De volta aos dias de pegue-uma-peça, junte-ao-resto, ache-o-local-certo. Ela já tinha desenvolvido o próprio sistema e ido buscar de caneta vermelha da bolsa, para adaptar as instruções de acordo, e, após mais ou menos uma hora, ela



251

nos colocou correndo como uma locomotiva. Reuniu as peças por cada área do cata-vento — denominou-os “setores” —, que Dave depois montava e eu prendia no local adequado. Criar, Montar, Prender. Ou, como Deb chamou, CMP. Eu achava até que ela faria camisetas ou chapéus com esse slogan na próxima reunião.

— Você tem que admitir — falei a Dave quando ela estava no outro lado, ao celular, fazendo perguntas na linha grátis do Model Community Ventures, pela segunda vez para esclarecer uma das instruções —, ela é boa nisso:

— Boa? — ele respondeu, ajustando com um dique um telhado num prédio. — É mais como se fosse destinada a isso. Ela nos faz parecer um bando de paspalhos desajeitados.

— Fale por você — disse eu. — Ela falou que a minha abordagem era promissora para uma novata.

— Ah, nem vem. Ela só estava sendo gentil — ele pegou outra peça de plástico. — Quando você estava no banheiro, ela me disse que os seus setores estavam tristes e podres.

— Não é verdade! Meus setores estão perfeitos.

— Você chama isso de perfeito? É um perfeito tabuleiro de xadrez.

Fiz uma careta, e então o cutuquei, e ele me cutucou de volta. Ele ria enquanto eu andava em volta do modelo, curvando-me para inspecionar meu setor, que parecia bem bom, pensei.

— ... claro! Não, obrigada. Tenho certeza de que voltaremos a nos falar. Tudo bem! Tchau! — Deb fechou o aparelho, depois suspirou.

— Nossa, a Marion é tão legal.

— Marion?

— A mulher do atendimento a clientes da Model Community

Ventures — ela prosseguiu. — Ela veio a calhar.



252

— Você fez amizade — falei — com a mulher do atendimento a clientes?

— Bem, eu não diria que somos amigas. Mas ela realmente ajudou muito. Em geral, eles apenas disponibilizam esses números, mas ninguém atende. Nem digo quantas horas já fiquei na linha, esperando que alguém me dissesse como colar uma cornija adequadamente.

Fiquei só olhando para ela. Do outro lado da sala, Dave bufou.

— Ei, o Gus está aí em cima? — alguém gritou lá de baixo.

Andei até lá e vi Tracey no patamar abaixo.

— Não. Ele está em reunião no salão de eventos com a Opal.

— Ainda? Meu Deus, o que eles estão fazendo lá?

Eu tive um vislumbre do bloco com todos aqueles números, em como o nome dela estava tão terrivelmente perto do topo.

— Não sei — respondi.

— Bem, quando ele finalmente sair — ela falou, tirando uma caneta do cabelo e colocando-a na mão livre — diga que aquela mulher do Conselho ligou de novo. Não sei por quanto tempo eu consigo ficar adiando. É claro que ela está carente de sexo e muito motivada.

— O quê?

— Ela está a fim do seu pai — ela disse, falando devagar para eu entender bem. — E ele não está captando a mensagem. Literalmente. Então diz para ele, tá?

Fiz que sim com a cabeça, e ela se virou, andando de volta ao salão com a porta de baixo batendo atrás dela. Eu não deveria estar surpresa.

Esse era o padrão. A gente aterrissava em algum lugar, se acomodava, e no fim ele começaria a sair com alguém. Mas, geralmente, só acontecia quando ele sabia que tinha um prazo final e então ele começava o lance. Bem do tipo de alguém que eu conhecia.



253

— Mclean? — ouvi a Deb chamar atrás de mim. — Posso discutir um pouco com você sobre a sua abordagem nesta área aqui perto do planetário?

Eu me virei. Dave, que carregava uma estrutura, falou alegre:

— E *você* disse que os seus setores estavam perfeitos.

Sorri amarelo com isso, mas, enquanto andava até lá para ouvir a crítica, eu estava distraída. Eu nem sabia o por quê. Era apenas uma ligação telefônica, alguns recados. Nada que não tivesse acontecido antes. E ele ainda não tinha retornado as ligações dela. Até agora, pelo menos.

Às cinco horas, com todos os três setores prontos, passados pela inspeção rigorosa da Deb, decidimos parar o trabalho e descansar. Quando descemos, o restaurante tinha acabado de abrir. Estava quente e claro, e papai e Opal estavam sentados no bar, com uma garrafa de vinho tinto aberta entre eles. O rosto de Opal estava ruborizado, e ela sorria, feliz como eu nunca a tinha visto.

— Mclean! — ela chamou ao me avistar. — Eu nem sabia que você estava por aqui.

— Estávamos trabalhando na maquete — expliquei.

— Verdade? — ela abanou a cabeça. — E no seu dia da neve, de folga. Que dedicação total, bem?

— Terminamos três setores — Dave completou.

Ela pareceu confusa.

— Três o quê?



254

— Setores — não, ela ainda estava perdida. Eu nem sabia como explicar, então apenas disse:

— Parece estar muito bom. Progresso visível.

— Que ótimo — ela sorriu novamente. — Vocês, caras, são ótimos!

— Foi mais a Deb — confessei. Ao meu lado, Deb corou, visivelmente satisfeita. — Acontece que ela tem muita experiência com maquetes.

— Graças a Deus que temos essa pessoa — Opal respondeu.

— Talvez agora a Lindsay relaxe com tudo isso. Você sabe que ela

continua ligando aqui? É como se, de repente, ela estivesse obcecada por este projeto.

Olhei para papai, que pegou a taça de vinho, deu um gole e olhou para fora, pela janela.

— Bem — falei —, ela vai ficar contente da próxima vez em que aparecer por aqui.

— Isso — Opal falou, apontando para mim — é o que eu adoro ouvir. Ela está feliz. Eu estou feliz. Todo mundo está feliz.

— Ai, meu Deus — Deb falou, com os olhos arregalados quando Tracey veio na nossa direção com um prato cheio de picles fritos, colocando-o bem na frente de Opal — são esses os...

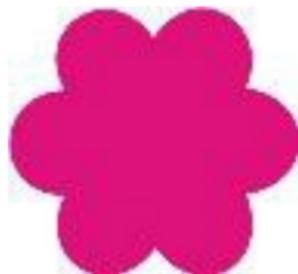
— Picles fritos — Opal lhe disse. — Os melhores da cidade.

Experimente um.

— Sério?

— Claro! Você também, Dave. É o mínimo que podemos fazer por todos trabalharem tanto. — Ela empurrou o prato, e os dois se aproximaram para servir-se.

— Uau! — Dave falou. — São incríveis.



— Não são? — Opal respondeu. — É nossa entrada de assinatura.

Uau, mesmo, pensei, olhando para ela enquanto servia-se de um, colocando-o na boca. Papai ainda olhava pela janela. — Então, a reunião foi boa? — perguntei.

— Melhor que boa — Opal falou. Ela se inclinou para frente, baixando a voz. — Ninguém vai ser despedido. Ou seja, nós apresentamos os argumentos, e ele apenas... aceitou. Ele entendeu. *Foi incrível.*

— Que ótimo.

— Eu me sinto tão aliviada! — ela suspirou, agitando a cabeça. — É o melhor que eu poderia esperar. Acho que vou conseguir dormir esta noite. E tudo por causa do seu pai.

Ela se virou, apertando o braço dele, e ele finalmente voltou a atenção para nós.

— Eu não fiz nada — ele respondeu.

— Ah, ele está sendo modesto — Opal me falou. — Ele vestiu camisa e defendeu a nossa equipe. Se não soubesse, eu acreditaria que ele realmente não queria que ninguém fosse demitido.

Olhei para papai. Desta vez, ele deu com os ombros.

— Acabou — ele disse — É o que importa.

— É a Mclean que eu estou vendo? — ouvi um vozeirão do fundo do restaurante. Eu me virei e lá estava o Chuckles, enorme, pesado e andando a passos largos até nós. Como sempre, ele usava um terno caro, sapatos brilhantes e seus dois anéis de campeão na NBA, um em cada mão.

Chuckles não acreditava em roupas esportivas.

— Oi, Charles — falei, quando ele me envolveu em um abraço enorme, bem apertado. Ele parecia uma torre sobre mim. Eu batia quase na altura dos músculos abdominais dele. — Como é que você está?



256

— Vou ficar melhor assim que a gente se acertar com aquele búfalo — falou ele. Dave e Deb, em pé ao lado do balcão o olharam, os dois de olhos arregalados, enquanto ele se esticou com o braço impressionante para pegar pickles do prato diante deles.

— Chuckles acabou de investir em um rancho de bisões — papai explicou para mim. — Ele trouxe 4,5 quilos de filés.

— Que seu pai vai preparar assim que puder — Chuckles falou, fazendo um gesto para Tracey, atrás do balcão, pedindo uma taça de vinho.

— Você vai ficar com a gente, né?

— Claro — respondi. — Mas eu preciso ir para casa primeiro e me trocar. Estou com pó de maquete por todo corpo.

— Então, vá— ele falou, largando o corpo enorme num banquinho perto de Opal, enquanto Tracey buscava uma garrafa de vinho e ia

enchendo a taça. — Vou ficar por aqui com essas mulheres maravilhosas até a minha comida ficar pronta.

Papai revirou os olhos, bem quando Jason esticou o pescoço da cozinha.

— Gus — ele falou —, telefone.

— Eu vejo você em mais ou menos meia hora? — papai me perguntou, enquanto se levantava. Eu assenti com a cabeça, ele andou até Jason, pegando o telefone. Eu o ouvi dizendo alô, e uma careta tomou o rosto dele. Depois, ele se virou e andou até o escritório, as portas balançavam-se e se fecharam atrás dele.

— Eu também preciso ir — Deb falou, fechando o zíper da jaqueta.

— Quero chegar em casa e escrever no quadro branco as minhas ideias para a maquete enquanto ainda estão frescas.

— Quadro branco? — Opal se admirou.

— Eu tenho um no meu quarto — ela explicou. — Gosto de estar pronta quando surgir a inspiração.



conhecia, isso fazia sentido para mim. Ela colocou os protetores de orelhas, depois puxou a bolsa acolchoada no ombro.

— Tchau pra todos.

— Dirija com cuidado — falei, e ela aquiesceu, baixando a cabeça quando saiu na neve e seguiu em frente. Até as pegadas dela eram bonitas e organizadas.

— Esses pickles são realmente bons — Chuckles falou para Opal, enquanto eu juntava as minhas coisas do balcão. — Mas o que aconteceu com aqueles rolinhos que vocês costumavam oferecer?

— Os rolinhos?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Na verdade, nós, hã, decidimos acabar com eles.

— Rã — Chuckles falou. — Que péssimo. Pelo que eu me lembrava, eles eram muito bons.

— Pegue mais um pickles — ela insistiu, empurrando o prato para mais perto dele. — Acredite. Logo, logo aqueles rolinhos serão uma lembrança longínqua.

Eu olhei para ela enquanto ela erguia a taça de novo para a boca e sorriu para mim. Papai estava certo. Trinta dias, pegar ou largar, e ela tomaria consciência.

Dave e eu nos despedimos, e então andamos pelo corredor até a entrada de trás. Estávamos passando pela porta da cozinha quando vimos Jason remexendo nas prateleiras, procurando panelas.

— Cuidado lá fora. Ainda neva muito — ele nos preveniu.

— Vamos tomar cuidado — concordei.



258

— Ei! — Dave falou para ele, enquanto ele segurava uma panela. —

Será que eu vi o seu nome na lista dos usuários do Acampamento Intelectual no outro dia?

— Não sei — Jason respondeu. — Se estiver lá, não é coisa minha.

Eu não entro em contato com eles há séculos.

— Você também foi para o Acampamento Intelectual? Ele não só frequentou — Dave me informou. — Ele é, tipo, uma lenda do acampamento. Eles praticamente se ajoelham diante do nível do QI dele.

— Não é verdade — Jason retrucou.

— Pedido! — ouvi Tracey gritar. — Salada para o patrão, então caprichem.

— O dever me chama! — Jason falou, depois sorriu, retornando para a mesa de preparo. Dave o observou indo enquanto eu abria a porta dos fundos, e um pouco de neve entrou com o vento.

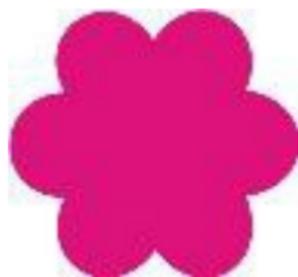
— Então, o Jason era o maior geek, é? — perguntei, enquanto colocava as luvas.

— Era mais um tipo de astro do rock— ele respondeu. — Ele foi à Kiffney-Brown e frequentou aulas na U, como eu e o Gervais, mas ele estava alguns anos à frente. Ele foi para Harvard, onde pegou o segundo ano.

— Harvard? — olhei novamente para Jason, que tirava uma panela da prateleira móvel. — É um longo caminho de lá até auxiliar de cozinheiro, O que aconteceu?

Ele ergueu os ombros, andou até a porta e puxou o capuz.

— Não sei. Pensei que ele ainda estivesse lá, até que o vi no salão outro dia.



259

Estranho, pensei quando passamos pela porta semiaberta que dava para o escritório do papai. Pude vê-lo lá dentro, reclinado na cadeira, com um pé sobre a escrivaninha.

— ... muito ocupado com o cardápio novo e algumas reuniões administrativas — dizia ele. Ouvi a cadeira dele estalar. — Não, não. Não estou, Lindsay, juro. E almoço seria legal. Vamos marcar, então. Olhei para fora, na neve. Dave esticava o pescoço olhando para o

alto, a luz de fora batia nos flocos enquanto caíam sobre ele.

— No seu escritório, na prefeitura, às onze e trinta — papai prosseguiu. — Não, você escolhe. Tenho certeza de que você conhece os melhores lugares... sim. Tudo bem. Te vejo lá, então.

A porta do outro lado do corredor que conduzia para o restaurante abriu repentinamente. Opal estava lá, em pé, com uma taça na mão.

— Oi — ela disse —, o seu pai ainda está ao telefone? — ela quis saber.

Assenti com a cabeça.

— Acho que sim.

— Então, quando ele terminar, lembre-o de que estamos esperando que ele se junte a nós. Diga que o Chuckles insiste nisso. — Ela sorriu. — E, hã, eu também.

— Está bem.

— Obrigada! — ela ergueu a taça para mim, e então desapareceu pelo corredor, deixando a porta bater atrás de si.

Por um momento, apenas fiquei lá, parada, bem no meio do corredor, sozinha. Na cozinha, tocava uma música dance ritmada, e acima disso, pude ouvir o barulho dos utensílios, o rangido de sapatos no piso úmido, a grelha chiando e a música do início da correria do jantar. Eu conhecia bem todas essas coisas. Quase tão bem quanto o tom da voz de



260

papai, agora, finalmente aceitando a oferta da representante do Conselho. Era tão familiar quanto a posição do maxilar dele quando estava sentado ao lado de Opal, mais cedo, mesmo quando ela celebrava, totalmente alheia, ao lado dele. Alguma coisa tinha se transformado, ou mudado. Ou, na verdade, não houvera mudança alguma.

— Oi, Mclean — Dave chamou através da porta de tela. Ergui o olhar para enxergá-lo cercado de branco: no chão, aos seus pés, acumulados na parede atrás dele, os flocos ainda caíam —, você está pronta para ir?

Olhei de volta para a porta da sala de papai, agora totalmente silenciosa. *Não*, pensei. *Não estou*.





261

Dez

— VOCÊ OUVIU ISSO?

Tirei os olhos do prédio do corpo de bombeiros que estava tentando arrumar na base da maquete.

—O quê?

Dave, que estava do outro lado do salão, inclinou a cabeça.

— Isso — ele falou, erguendo um dedo enquanto o som de vozes altas, na parte de baixo, onde ficava o restaurante, se elevou pelas escadas atrás dele. — Já está rolando há um tempinho.

— Provavelmente são as pessoas se ajeitando — respondi, movimentando o prédio novamente. Era apenas um quadradinho que precisava encaixar-se direitinho em outro pequeno quadrado, mas por algum motivo, ele não cooperava.

— Já não são quase cinco?

— Quatro e quarenta e seis — ele disse, ainda tentando ouvir. —

Mas não é barulho de gente se acomodando, é mais de alguém gritando.

Coloquei o prédio, depois andei até onde ele estava em pé, espiando escada abaixo. Não consegui ver nada além do lado deserto do salão, mas agora, dava para ouvir o som alto e claro.



262

— Ah — respondi —, é só o meu pai.

Dave ergueu as sobrancelhas.

— O seu pai?

Fiz que sim, prestando atenção novamente. Desta vez, eu tive quase que certeza de ter ouvido um *merda*, a palavra *ineficiente*, uma menção à rua e uma sugestão para quem quer que estivesse falando com papai, teimando em enfrentá-lo.

— Parece que ele está despedindo alguém.

— É? — Dave espremeu os olhos, como se isso pudesse ajudá-lo a decifrar melhor. — Como você sabe?

— O volume — respondi. — Ele nunca fala tão alto a não ser que ele saiba que a pessoa não vai ficar por perto por muito tempo. — Bem nessa hora, igualmente alto, houve uma sequência de palavras.

Dave franziu a testa.

— Esse cara acabou de ser despedido.

— E você sabe disso por que...

— Papai nunca usa essas palavras. Mesmo quando ele está

despedindo alguém — houve um estrondo. Aposto que alguém está atirando algumas coisas. Parecia uma bandeja de talheres outro estrondo. E aquela é a porta dos fundos. Provavelmente foi um lavador de pratos.

—Porquê?

— As meninas geralmente não batem a porta assim, nem atiram objetos. E os caras da cozinha gritam mais.

Dave apenas olhou para mim como se eu fosse louca.

— Quem é você? Uma encantadora de restaurantes? Neguei com a cabeça. Então, ficou um silêncio lá embaixo, aquele silêncio pesado que cai após alguém ser mandado embora, quando todos começam a andar na



263

ponta dos dedos, tomando mais cuidado para manter distância do patrão caso o desemprego seja contagioso.

— Eu cresci num lugar como este. Depois de um tempo, você começa a reconhecer as coisas.

Retornei ao meu setor, pegando a estação de bombeiros. Enquanto me ajoelhei, concentrada no meu quadrado novamente, Dave falou:

— Deve ter sido bem legal os seus pais terem seu próprio

restaurante. Você, tipo, já dirigiu o negócio.

— Mais ou menos — centralizei a peça, depois percebi que ela estava torta novamente. Droga. Era estar lá, ou nunca vê-los. Pelo menos o meu pai.

— Negócio difícil, hein?

— Tempo integral e tudo mais — eu me sentei novamente.

— Pelo menos, nas noites, mamãe estava em casa, e ela sempre ficava em cima dele, para que voltasse para casa, a fim de jantar ou sair de folga em um fim de semana conosco. Ela sempre dizia: “É para isso que pagamos os gerentes”. Mas meu pai sempre respondia: “Mesmo o empregado mais bem pago ainda é apenas um mero empregado. Eles nunca estariam tão dispostos a passar cloro na entrada, limpar o chão do banheiro ou esvaziar a fritadeira quando estiver entupida”.

Dave não disse nada. Quando ergui o olhar, ele novamente me estudava, como se eu estivesse falando outro idioma.

— Eles nunca vão ser tão dedicados quanto você quando se trata do seu restaurante — expliquei. — Como dono, cada função, do chef à retaguarda do bar, é seu trabalho. É por isso que é tão duro.

— E foi difícil para você — ele observou.



— Eu não conhecia nada diferente. Acho que mamãe teve problemas com isso, de vez em quando. Quer dizer, ela amava o lugar. Mas ela se denominava “viúva de restaurante”.

— Você acha que é por isso que ela acabou ficando com o Peter?

Pisquei. Eu ainda olhava para o prédio dos bombeiros, mas, de repente, tudo parecia torto, não só ele.

— Eu...

— Desculpe — Dave falou rapidamente. Eu engoli em seco.

— Eu só... Isso foi muito idiota. Não sei do que estou falando. Estou falando por falar.

— Eu sei — retruquei, balançando a cabeça lentamente.

Ficamos os dois quietos por um instante, o único som de vozes era dos garçons que agora conversavam lá embaixo. Aprendi, nas últimas poucas semanas, tentando fazer a maquete dentro do prazo, que o ritmo era diferente dependendo de quem trabalhava ao meu lado. Quando era a Deb, ou até a Deb e o Dave, a gente mantinha uma conversa constante sobre música e escola e qualquer outra coisa. Mas quando éramos só ele e eu, havia um fluxo e refluxo diferente: um pouco de conversa, um pouco de silêncio, sempre algo para se pensar. Era como se fosse outra linguagem que eu estava aprendendo, como estar com alguém e permanecer ali, mesmo quando a conversa — e também eu — ficava desconfortável.

Do restaurante lá embaixo, havia o toque final antes da abertura, quando surgia a música. Como regra, papai acreditava em mantê-la do

mesmo modo que a comida: simples e boa. Ele também queria volume baixo (para não espantar quem chegava cedo), apenas instrumental (para que as palavras não competissem com a conversa) e rápida (para evitar que os empregados se movimentassem devagar demais). “Música rápida, serviço rápido”, ele dizia. Era algo que ele alegava ter aprendido durante um período desastroso em um restaurante orgânico e folclórico, onde trabalhou quando estava na faculdade.



265

Em um bom restaurante, você nunca repara nessas coisas — era exatamente como deveria ser. Comer fora é apenas isso: comer. A refeição é que importava. Como cliente, você não deveria ter que pensar em detalhes como este. E se alguém como o papai estiver fazendo o serviço direitinho, você não precisava pensar.

Dave e eu estávamos trabalhando em silêncio por um tempo, antes de ele finalmente dizer:

— O que é isso que eles estão tocando lá embaixo?

— Jazz cubano — respondi. — Papai jura que ele faz as pessoas curtirem melhor a comida.

— É tão estranho — ele respondeu. — Por que eu odeio jazz. Mas, de repente, estou morrendo de fome.

Sorri, ajustando o prédio dos bombeiros pela última vez antes de arrancar o fundo grudento. Então eu o pressionei e fez um dique, encaixando no lugar. Pronto.

— Você quer pegar algo para comer? — perguntei ao Dave enquanto ele tirava um pouco de pó da rua principal com as fraldas da camisa.

— Só se você me disser que a melhor coisa é fazer o pedido imediatamente após a abertura — ele respondeu e depois olhou para mim.

— Porque eu sei que você sabe.

— Talvez — sorri.

— Legal, vamos lá — ele se levantou, indo para a escada, e eu fui atrás dele. — Estou pensando em peixe.

— Não.

— Ravióli?

— Está esquentando.





Ele olhou para mim, rindo, quando eu estiquei o braço para apagar a luz do centro. À distância, sob a luz fraca, a maquete parecia surreal, feita de partes preenchidas com prédios, margeadas por longos trechos de espaço vazio. Ela me lembrou das metrópoles e cidades quando fazemos um sobrevoo noturno. Não dá para se distinguir muita coisa. Mas nos lugares onde as pessoas estavam mais agrupadas, havia coleções de luzinhas minúsculas, interrompendo a escuridão.

No dia seguinte, voltei da escola e papai estava em casa, o que era bastante estranho: a uma hora e pouco da abertura ele era sempre necessário para supervisionar as preparações na cozinha. Então, percebi que não apenas ele estava lá, mas sentado à mesa da cozinha — não estava ao telefone, em movimento constante, nem a caminho da porta — só me esperava.

— Ei! — ele falou assim que entrei, a porta do lado se fechou com um clique atrás de mim. — Você tem um minuto?

Apenas uma coisa veio à minha mente: OCEC, eu estava em apuros ou alguém estava morto. Talvez as duas coisas.

— Claro — respondi, com a boca secando enquanto puxava a cadeira do outro lado e me enfiava nela. — O que está acontecendo?

Ele limpou a garganta, passando uma palma pelo tampo da mesa

como se verificasse se havia migalhas soltas. Finalmente, após o que pareceu um tempo excessivamente longo, ele falou:

— Então... eu preciso que você me informe sobre o que anda acontecendo neste momento entre você e sua mãe.



267

Ao ouvir isso, senti duas coisas ao mesmo tempo. Alívio que todos ainda estivessem respirando, substituído imediatamente por um lampejo de raiva tão familiar que era como se fosse um velho amigo.

— Por quê? O que aconteceu?

— Vocês andaram brigando recentemente? — ele quis saber. —

Algum tipo de incidente?

— Nós sempre temos brigas e incidentes — respondi. — Isso não é novidade.

— Eu achei que você iria encontrá-la no fim da semana passada.

— Foi o que aconteceu — então a minha voz se elevou, inconstante.

— O que foi? Ela te ligou, ou o quê?

— Não — outra limpada na garganta. — Mas eu tive contato com o advogado dela hoje.

Ah, não, pensei.

— O advogado dela? — repeti, embora já soubesse que isso ia acontecer. — Por quê?

— Bem — ele disse, passando a palma sobre a mesa novamente —, parece que ela gostaria de rever o acordo da guarda.

— De novo... — acrescentei. Ele não falou nada. Por quê? Por que eu finalmente disse a verdade para ela?

— Ah... — ele se recostou na cadeira, erguendo os olhos para mim.

— Então houve um incidente.

— Eu disse que o divórcio tinha sido culpa dela e que, portanto, era por isso que eu estava chateada com ela. Isso não é exatamente novidade.

Papai só ficou me encarando por um instante. Finalmente, ele falou:

— Sua mãe esta preparada para dizer ao tribunal que não estamos seguindo nossa parte nos acordos de visita atualmente.



268

— Isso significa o quê?

— Bem — ele disse —, você só a viu duas vezes nos últimos seis meses. E você não esteve lá no verão inteiro no ano passado.

— Eu fiquei lá durante três semanas. E acabei de vê-la! — balancei a cabeça, olhando para fora da janela. — Isso é uma loucura. Só por que eu não vou visitá-la neste fim de semana, nem ir a uma viagem idiota para a praia, ela está pronta para nos arrastar a todos de volta ao tribunal?

— Mclean.

— Será que eu não posso dar a minha palavra nisso tudo? Ela não pode me forçar a vê-la contra a minha vontade, pode?

Ele se recostou, esfregando a mão no rosto.

— Eu não acho que ela quer obrigar você a nada. Em um mundo perfeito, você gostaria de decidir tudo isso por si.

— Este mundo não é perfeito.

— Sim, eu sei disso — ele suspirou. — Olhe, Mclean, você terá dezoito anos em oito meses. Você vai sair para a faculdade até antes disso.

Talvez valha a pena pensar em fazer algumas visitas.

— Não — falei asperamente. Ele franziu a testa, surpreso com o meu tom, e eu percebi isso. Rapidinho tentei corrigir.

— Desculpe, olhe, acabamos de chegar. Estou na escola; tenho amigos. Não quero só pegar as coisas e começar a sair todos os fins de semana.

— Eu entendo isso — eu o ouvi inspirar fundo, e então expirar. —

Mas também não pense que eu quero passar o seu último semestre escolar metido em uma batalha judicial.

— Por que ela não me deixa em paz? — minha voz agora estava no auge, as lágrimas audíveis, mas ainda não visíveis. — Meu Deus, ela já não

fez o suficiente?



269

— Ela é sua mãe — ele falou. — Ela te ama.

— Se ela me amasse, deixaria que ficasse aqui com a minha vida — empurrei a cadeira para trás, os pés raspavam com força no piso de linóleo.

— Por que não posso decidir o que eu mesma preciso? Por que sempre tenho que pensar em mamãe? Ou em você? Ou nos malditos tribunais?

— Ei, Mclean — ele ficou quieto, apenas me observando. Papai não era dado a explosões, e este tipo de conversa entre a gente, cheia de emoção, era rara, se não a primeira. — Você não precisa tomar uma decisão neste segundo. Eu só estou pedindo que você pense nisso, está bem?

Eu sabia que aquele não era um pedido razoável. Eu me forcei a dizer que sim com a cabeça.

— Tudo bem — consegui falar.

Ele se ergueu, depois veio até mim, envolvendo-me com os braços.

Eu o abracei também, o tempo todo olhando por entre seus ombros para o gramado verde esmaecido do quintal que estava além de nós. Então me soltou e foi para o corredor do quarto dele, aí eu empurrei a porta e entrei.

Eu queria quebrar algo, ou gritar, mas nada disso era realmente possível neste bairro, às quatro horas de uma quarta-feira. Então eu olhei para o prédio vazio atrás de mim

Atravessei o meu quintal, pulando a mureta baixa de tijolos, de modo a ficar diante das portas que levavam para baixo ao abrigo de tempestades. Elas estavam fechadas, mas não havia cadeado. Eu me curvei, puxando as duas alças que abriram com um guincho, revelando aquele conjunto estreito de degraus. Uma lanterna repousava no degrau de cima. Dei outra espiada cm volta. Apenas outra tarde, o trânsito aumentando conforme a hora do *rush* se aproximava. Perto, um cachorro latia. Meus vizinhos estavam com a televisão ligada a toda. E em algum lugar, quatro horas ao norte, mamãe estava tentando me alcançar, estendendo suas garras ainda mais longe, cada vez mais longe, para me puxar para si. Eu tinha corrido, me esquivado, ido pra lá e pra cá, e nada



Mas, naquele momento, tudo que eu poderia pensar em fazer era pegar a lanterna e ligá-la. Depois apontei o feixe de luz para a escada e desci, no escuro.

Provavelmente eu deveria estar morrendo de medo, sentada em um porão sob uma casa vazia, sozinha. Mas após um instante, ajustando os meus olhos e os nervos, percebi que Dave tinha seus motivos. Sentada no degrau de baixo, com a lanterna no colo, tive a mesma sensação daquela primeira noite, quando tinha me puxado para baixo com ele. Como se eu literalmente tivesse me enfiado sob o mundo, fora de perigo, pelo menos por um tempinho.

Que bagunça, pensei, olhando para o céu, agora escurecendo acima de mim. E tudo por eu ter feito uma coisa que não pude fazer durante todo esse tempo: dizer a verdade. Se minha mãe me amasse o bastante para lutar por mim, mesmo contra a minha vontade, por que motivo não podia aceitar que eu estivesse zangada com ela?

Lá em cima, ouvi um zunido, seguido de um motor sendo ligado por um tempinho e a morrer novamente. Eu me levantei e subi a escada para ver o que acontecia. Estava para colocar a cabeça para fora quando Dave botou a dele para dentro.

— Que susto! — ele falou, pulando para trás, com uma mão no peito. — Cruz-credo, você me assustou pra caramba!

Eu também fiquei agitada e, por um instante, nós dois permanecemos onde estávamos, recuperando o fôlego. Então falei:

— Cruz-credo?



271

Ele me olhou secamente.

— Você me assustou demais.

— Desculpa, não foi minha intenção. Eu só precisava escapar por um tempo — eu saí, pisando no chão com neve e agitei a mão para a escada. — O espaço é todo seu.

Ele apontou para a lanterna, ainda na minha mão.

— Na verdade, eu vim por causa dela. A gente vai “se unir” precisa de iluminação.

—O quê?

Antes que ele pudesse responder, ouvi um ruído de arrastar coisas na garagem atrás dele. O Volvo estava estacionado do lado de fora e, ao olhar para lá, vi o senhor Wade mexendo algumas prateleiras de metal que cobriam uma parede.

— Limpeza da garagem — explicou, enquanto o seu pai pegava uma caixa de papelão. — É uma tarefa e uma atividade de pai e filho, ao mesmo tempo.

— Parece divertido.

— Ah, é mesmo. Você nem imagina.

— Dave? — o senhor Wade falou, dando uma espiada na gente. —

Quando é que a lanterna vai aparecer?

— Já está aqui, já vou — ele respondeu. O pai concordou com a cabeça, acenando para mim, e eu acenei de volta, observando enquanto ele carregava a caixa para fora da garagem, deixando-a sob a cesta de basquete, depois repetiu a ação. Dave falou:

— Para meu pai, o céu é uma grande bagunça e um suprimento infinito de caixas organizadoras de plástico.

Sorri, depois olhei para cima, para o prédio diante de nós.



272

— Ei, você já foi lá... além do porão?

— Algumas vezes quando era garoto — ele respondeu. — Antes de eles taparem as janelas com tábuas.

— É uma residência?

— Se fosse, seria uma residência muito grande. E enorme ai dentro.

Por quê?

Ergui os ombros.

— Só fiquei pensando, parece tão deslocada, com tudo se

desenvolvendo ao redor dela.

— É? — ele olhou de volta para o prédio. — Nunca pensei

realmente sobre ele dessa forma. Mas está aqui desde que eu me considero gente. Acho que acabei me acostumando.

Começamos a andar pelo quintal, na direção de nossas entradas de carro, onde o senhor Wade tinha empilhado mais algumas caixas sob a cesta de basquete, junto com várias caixas plásticas.

— Viu — Dave falou —, bem-vinda ao paraíso.

Examinei as caixas. Algumas estavam abertas, outras fechadas com fita e quase nenhuma estava etiquetada.

— Na verdade, o que são todas essas coisas?

— Há de tudo — ele acendeu a lanterna, movimentando-a ao redor.

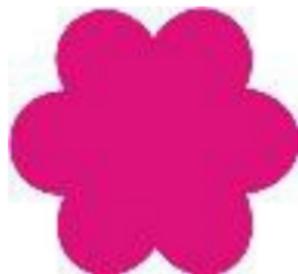
— Peças antigas de jogos de química, gaiolas para ratos...

— Gaiolas para ratos?

— Minha mãe é alérgica por tudo quanto é praga — ele explicou. —

Exceto rato.

—Ah!



— E claro, os meus trens elétricos — ele se inclinou, erguendo as abas das caixas e tirando algo. Quando era um soldado de brinquedo, pequeno e verde, segurando uma arma. Banguê-banguê.

— Uau — exclamei. — Quantos desses você tem?

— Mais do que você poderia acreditar. Se você e seu pai são minimalistas, então nós somos... maximalistas. Sei lá — olhei para o soldado novamente. — Não jogamos fora muitas coisas. Nunca sabemos o que vamos precisar.

— É para isso que as lojas existem.

— Assim diz a garota que não tem tomilho — ele retrucou. Houve um barulho alto de coisas sendo arrastadas vindo da garagem, e nós dois erguemos o olhar e vimos o senhor Wade, de rosto avermelhado, com os braços magros lutando enquanto tentava empurrar as prateleiras da parede.

— Acho que estou sendo convocado.

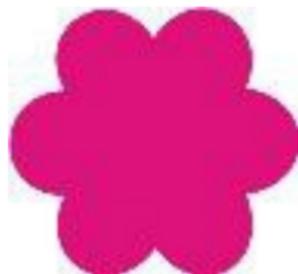
— Tá, divirta-se.

— Já pode imaginar como vai ser isso — ele falou, depois andou até a garagem, enfiando a lanterna no bolso de trás, e tomando a posição no outro lado das prateleiras.

Enquanto eles começaram a empurrá-las novamente, fui andando até as caixas, espiando aquela da qual Dave tinha retirado o soldado.

Dentro havia mais figuras humanas, além de cavalos e carroças. A caixa ao lado dela, idêntica em tamanho e forma, tinha outra coleção, desta vez de

armas: canhões em miniatura, rifles, mosquetões, além de coisas mais modernas: revólveres, metralhadoras — obviamente de outros conjuntos de soldados. Ao derrubar o meu único soldado de volta, olhei para Dave e o pai novamente e pensei em todas aquelas batalhas que ele deve ter criado, cada detalhe perfeito e exato. O tipo de conflito mais controlado, todos dentro de seu ser, o resultado e toda a consequência manipulados



274

cuidadosamente. Talvez fosse coisa de nerd, ou até algo constrangedor.

Mas agora, especialmente, eu entendia o apelo que isso tinha.

Na manhã seguinte acordei cedo, saindo pela porta da frente antes mesmo de clarear totalmente. Papai tinha chegado em casa mais tarde que de costume na noite passada, o que eu sabia por estar acordada, e assim permaneci, ouvindo aqueles barulhos familiares da madrugada: o rádio ligado baixinho enquanto ele tomava cerveja na cozinha, seu banho rotineiro pós-trabalho e, finalmente, o som de seu ronco cerca de dois segundos após ele ter desligado a luz.

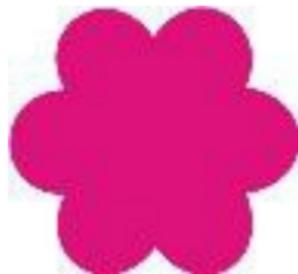
Durante a noite inteira eu fiquei evitando pensar sobre mamãe enquanto preparava o jantar para mim, verificava a caixa postal, dobrava as roupas e ligava a máquina de lavar pratos. Eu me concentrei em coisas normais, rotineiras como se ao fazê-lo pudesse manter a estranheza que era essa coisa toda de disputa de guarda que a gente enfrentava. Mas assim que me recostei na cama, não consegui pensar em nada mais.

Agora, na semiescuridão, o casaco me envolvendo bem, comecei a andar na direção do centro, a respiração saindo em baforadas diante de mim. Ninguém estava fora, exceto alguns corredores em grupo e alguns policiais, dirigindo vagarosamente, com as ruas inteiras para si. Eu desci quarteirão após quarteirão, lembrando os meus passos até aquele luminoso de neon escrito ABERTO.

— Bem-vinda à Frazier Bakery!

Eu assenti com a cabeça, onde desta vez havia um cara mais velho de cabelos encaracolados e óculos, em pé diante da registradora.

— Oi — ele falou, parecendo sonolento. — O que posso fazer para você se sentir em casa hoje?



— Um Especial Deixa Rolar, por favor — falei.

— É pra já — ele nem piscou.

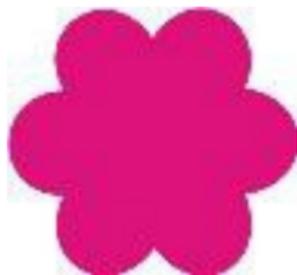
Cinco minutos mais tarde, eu estava de volta à mesma cadeira de couro que assobiava, diante da lareira falsa. As únicas outras pessoas em todo o lugar eram de um grupo da terceira idade, que mantinha uma conversa acirrada sobre política em uma mesa redonda perto da porta de entrada. Pensei no meu pai, adormecido lá em casa, sem mesmo saber onde me encontrava ou o que eu estava por fazer.

Assim que me acalmei, na noite anterior — e levou um tempo —, pude entender por que ele dissera sobre ceder às demandas de mamãe. A gente estava brigando há tanto tempo e agora, faltando apenas meio ano do que realmente me importava, eu não sabia se queria ser a responsável por nos fazer passar por tudo aquilo novamente. O que eram seis meses, no esquema geral, quando eu sabia que, de qualquer forma, estaria saindo daqui no fim do verão.

Mas, na verdade, não eram seis meses, ou um verão. Não tinha a ver com o divórcio, ou todos esses movimentos, e todas as garotas que eu tinha escolhido ser. Desta vez, mais que em qualquer vez anterior, tinha a ver comigo. Sobre uma vida que construí em que não muito mais que um mês, uma cidade onde eu finalmente me sentia um pouco como se estivesse em casa, e os amigos que tinha feito ali. Era apenas por meu destino que, no exato momento que eu precisava estar mais apta a romper e correr, como boa “fugitiva”, eu finalmente tinha encontrado um lugar e talvez até algumas pessoas — ao qual valia a pena me apegar.

— Bem-vinda à Frazier Bakery! — o cara atrás do balcão gritou. Ele parecia mais desperto: imaginei se tinha tomado algumas doses de café.

— Bom dia! — uma voz feminina e alegre respondeu. Dei uma espiada e lá estava Linda Baker, usando calça de ioga e casaco de *fleece*, os cabelos puxados para trás em um rabo de cavalo. Quando me viu, ela sorriu e veio direto.



276

— Mclean! Oi! Eu não sabia que você gostava deste lugar!

— Não gosto — respondi. Ela pareceu assustada, então acrescentei:

Quer dizer, eu só vim aqui algumas vezes. Conheci o lugar faz pouco tempo.

— Ah, eu adoro a Frazier Bakery — ela falou, jogando-se na cadeira a meu lado e cruzando uma perna sobre a outra. — Eu venho todas as manhãs. Eu não conseguiria passar pelo Spin Radical das sete e meia sem o meu expresso desnatado de caramelo.

— Ah, tá — respondi.

— Como que é possível não gostar deste lugar? — ela perguntou, recostando-se. — É tão aconchegante, e a gente se sente tão bem ao entrar,

com a lareira e as frases nas paredes. E a melhor coisa é que quando eu viajo, sempre tem um em algum canto. Então é como ter um pedacinho de casa comigo seja onde eu estiver.

Olhei ao redor da sala novamente, pensando em papai. Se havia uma coisa que ele odiava em restaurantes era a falsidade. Ele sempre disse que comer era uma experiência que deveria ser real, singular e desordenada, e que fingir outra coisa era enganar a si próprio.

— Bem — falei —, isso é conveniente, imagino.

— E a comida é ótima também — ela disse, tirando as luvas.

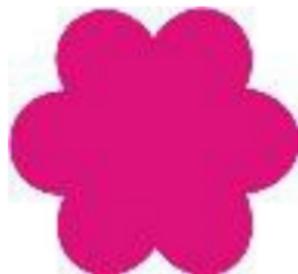
— Eu faço quase todas as refeições aqui, para ser honesta. Fica a meio caminho entre o meu condomínio e o escritório. Você vê como é?

Perfeito!

— Vou ter que experimentar essa coisa desnatada com caramelo — concordei.

— Experimente. Você não vai se arrepender — ela olhou no relógio.

— Opa, tenho que ir. Se eu me atrasar posso não conseguir uma bicicleta e isso não é uma boa coisa. Ei, foi ótimo te encontrar! Seu pai disse que você está gostando daqui.





— Ele falou isso?

— Ah, sim, acho que ele também gosta, especialmente nos últimos tempos. Isso é só um palpite — ela sorriu, mostrando os dentes brancos brilhantes. Franzia a testa, mas ela já estava se virando, me mandando um aceno de garota-popular pelas costas.

— Até logo, Mclean.

Ai, Deus, pensei enquanto a observava ir, a passos largos, até o balcão, embora eu tivesse que admitir que estava me sentir do um pouco aliviada. Papai nunca poderia realmente ficar com uma mulher que adorasse este lugar, mesmo que por pouco tempo. Nós “fugitivos” podíamos ser básicos, mas tínhamos padrões.

Esperei até ela conseguir a bebida e sair, o sino tocou alegremente atrás dela, depois tirei o meu celular e dei uma olhada no relógio. Eram sete da manhã em ponto quando teclei, então um, dois, depois três toques. Finalmente, ela atendeu.

— Mãe?

— Mclean? É você?

Limpei a garganta, olhando para a lareira diante de mim. Os troncos tinham o formato perfeito, as chamas falsas tremulavam. Bonito sim, mas não havia calor aqui. Apenas uma ilusão, mas não se percebia isso até

chegar bem perto e ainda sentir frio.

— É — respondi —, sou eu. Precisamos conversar.

— Ei! Pense rápido!



278

Só olhei para o Dave quando ele atirou a bola de basquete em mim, possivelmente, com o pior arremesso de ombro que já vi. Ela aterrissou longe à minha direita, depois repicou passando por mim, batendo contra a caminhonete de papai.

— Você tem problema de visão ou o quê? — perguntei-lhe.

— Só estou mantendo você alerta — ele respondeu, alegre como sempre, enquanto corria até ela, pegando-a novamente. Ele a fez repicar, depois falou:

— Está afim de um jogo?

— Cedo demais para mim — falei, negando com a cabeça.

— São oito e meia, Mclean. Siga o programa.

— Estou acordada desde as cinco.

— Sério? — ele bateu na bola de novo. — Fazendo o quê?

— Me comprometendo — bocejei e depois me virei para a minha

casa. — Eu explico depois.

Comecei a subir os degraus, buscando as chaves no meu bolso.

Dentro todas as luzes ainda estavam apagadas, papai permanecia dormindo desta vez.

— Quer saber o que eu acho? — Dave falou alto atrás de mim.

— Não.

— Eu acho — ele prosseguiu, ignorando isso — que você está morrendo de medo.

— Morrendo de medo... — eu o encarei com Firmeza.

— Do meu jogo — ele explicou. — Minhas aptidões. Minha... Eu andei até mais perto dele, depois estiquei a mão, derrubando a bola facilmente de suas mãos. Ela bateu na entrada de carros, depois rolou para a grama.



279

— Bem, veja, eu não estava com o meu sistema defensivo preparado

— ele passou ao meu redor, pegando a bola e dando-lhe uma batida de modo autoritário. — Agora eu estou. Manda ver.

— Eu lhe disse — falei, dobrando os braços no peito. — Não estou a

fim.

Ele suspirou.

— Mclean, vamos lá. Você vive numa cidade de basquete. Seu pai jogou pela DB, sua mãe é casada com o atual técnico da DB, e acontece que eu tenho experiência pessoal com o seu tiro de ombro.

— Sim, mas o basquete não me traz as melhores recordações no momento — enfatizei.

— Você não pode culpar o jogo por nada disso — ele falou, quicando a bola de novo. — O basquete é uma coisa boa. O basquete apenas quer que você seja feliz.

Fiquei apenas olhando para ele enquanto driblava ao meu redor, de modo desajeitado, em direção à cesta.

— Agora, você parece um maluco.

— Pense rápido! — ele falou, girando e atirando a bola para mim.

Eu a peguei com facilidade, e ele pareceu surpreso.

— Tudo bem, ótimo. Agora lance.

— Dave.

— Mclean. Me deixe de bom humor. Só um arremesso.

— Você já me viu fazendo isso — enfatizei.

— Sim, mas a força bruta me deixou desmemoriado. Preciso de um replay.

Eu suspirei, depois bati a bola uma vez no chão, elevando os ombros. Além daquele fortuito Bumerangue há algumas semanas, eu não



280

punha as mãos em uma bola de basquete há anos. Mas aquela manhã tinha sido de coisas que eu planejava nunca fazer novamente, então acho que não deveria ter ficado surpresa.

No início, ao telefone, mamãe tinha sido cautelosa. Ela sabia que eu tinha ouvido sobre o telefonema do advogado e pensou que eu estava ligando para lhe dizer exatamente o que pensava de seu último lance. Era tentador fazer só isso, mas em vez disso, eu respirei fundo e apenas fiz o que tinha que fazer.

— Você ainda está pensando em ir bastante à praia nesta primavera?

— perguntei.

— À praia?

— Sim — olhei para a lareira novamente —, você disse certa vez que a casa e a estação estavam prontas e que você iria bastante para lá, certo?

— Disse — ela respondeu lentamente. — Por quê?

— Eu vou na semana do saco cheio mês que vem — respondi. — Se

— Você cancelar o advogado, eu vou a semana inteira e quatro outros fins de semana também.

— Eu não queria envolver o tribunal — ela falou rapidamente. —

Mas...

— E eu não quero gastar o resto do colegial me preocupando com as datas do tribunal — respondi. Ela se aquietou rapidamente. — Então é isso que estou oferecendo, O recesso de primavera, mais quatro fins de semana antes da formatura, mas eu escolho quando isso vai acontecer. Podemos combinar assim?



281

Silêncio. Eu sabia que não era isso que ela queria. Péssimo. Ela poderia ter minha companhia e meu tempo, alguns fins de semana e minha semana do recesso de primavera. Mas ela não poderia ter o meu coração.

— Vou ligar para o Jeffrey é dizer que chegamos a um acordo — ela disse. — Se você me enviar a data da semana do recesso e as outras que você está pensando.

— Vou fazer isso hoje mesmo — respondi. — E a gente vai

conversando conforme a data for se aproximando. Tudo bem?

Uma pausa. Era como um acordo de negócios, frio e metódico. Tão distante de nossas viagens ao sabor do humor do momento até o Poseidon, todos aqueles anos atrás. Mas ninguém mais ia até North Reddemane.

Aparentemente.

— Tudo bem — ela disse finalmente. — E obrigada.

Agora, eu estava lá em pé com o Dave, segurando a bola. Ela ria, em posição defensiva — ou o que ele achava ser —, ligeiramente curvado, pulando de um lado para o outro, agitando as mãos no meu rosto.

— Tente só passar por mim — ele falou, fazendo um movimento estranho, ondulatório. — Eu te desafio.

Revirei os olhos, depois bati a bola uma vez para a esquerda antes de cortar à direita em volta dele. Ele se esparramou para pegar, fazendo várias investidas ilegais enquanto eu chegava mais perto da cesta.

— Basicamente, você já saiu por faltas nos últimos cinco segundos — observei enquanto ele cercava a bola, eu e o ar em volta de nós dois. —

Você sabe disso, não é?



— Isto é basquete de rua! — ele respondeu. — Não há faltas.

— Ah, tudo bem. Neste caso... — eu dei uma cotovelada na barriga dele, fazendo-o ofegar, e me movimenteí sob a cesta. Nesses poucos segundos, com a rede bem clara acima, eu me lembrei de todas as coisas que papai tinha me ensinado, como se elas tivessem ficado impressas: observe o aro, cotovelos tesos, toque leve, leve, leve. Arremessei, a bola fazendo um arco perfeito.

— Protesto! — Dave falou, saltando e golpeando a bola para longe.

— Intercepção — gritei, agarrando ela novamente.

— Basquete de rua! — ele respondeu. E então, como se fosse provar isso, ele me segurou e nós dois caímos na grama ao lado do meu deque, enquanto a bola saía das minhas mãos, rolando para baixo da casa.

Durante um momento, ficamos apenas lá, deitados, com os braços dele ao meu redor, mas soltos, os dois respirando profundamente.

Finalmente, falei:

— Tudo bem, então, com isso você abandonou o reino do basquete totalmente.

— Contato total — ele disse, com a voz abafada pelos meus cabelos.

— Quem não arrisca, não petisca.

— Eu não chamaria isso de petiscar.

— Você não fez o ponto, fez?

Eu rolei no chão, ficando de costas, com ele ofegante ao meu lado.

— Você é o jogador de basquete mais estranho que já vi.

— Obrigado — ele respondeu.

Ri bem alto.

— O quê? Isso era para ser um insulto?



283

— Como poderia ser outra coisa?

Ele ergueu os ombros, tirando o cabelo do rosto.

— Não sei, acho que o meu jogo é singular, se é o que você está dizendo.

— Acho que se pode dizer assim.

Ficamos deitados mais um instante. O braço dele ainda estava perto do meu, cotovelo com cotovelo, ponta de dedos com ponta de dedos. Após um momento, ele rolou e eu fiz a mesma coisa, e a gente ficou cara a cara.

— Vamos tirar a limpo, o melhor de dois? — ele perguntou.

— Você nem marcou — enfatizei.

— Meros detalhes — ele respondeu. A boca dele estava apenas a alguns centímetros da minha. — Nós, grandes pensadores, escolhemos não nos estender sobre o assunto.

De repente, eu tive certeza de que ele ia me beijar. Ele estava lá; eu

podia sentir a respiração dele, o chão sólido abaixo de nós. Mas então alguma coisa passou pelo rosto dele, um pensamento, uma hesitação, e ele mudou ligeiramente. Não agora. Não ainda. Era uma coisa que eu tinha feito com tanta frequência pensar se eu podia me dar ao luxo de arriscar, bem naquele momento — que eu reconheci na hora. Foi como olhar num espelho.

— Acho que uma revanche está de bom tamanho — ele falou, após um momento.

— A bola está embaixo da casa.

— Eu vou buscar. Não é a primeira vez.

— Não?

Ele sentou-se preferindo ignorar isso.



284

— Sabe, você fala desse jogo duro e tudo. Mas eu sei da verdade sobre você.

— E o que seria mesmo? — eu disse, tratando de me levantar.

— Secretamente, você quer jogar comigo. Na verdade, você precisa jogar comigo. Porque lá no fundo, você adora o basquete tanto quanto eu.

— Adorava. Pretérito imperfeito.

— Não é verdade — ele andou ao redor do meu deque, agarrou uma vassoura e usou o cabo para pescar a bola lá de baixo.

— Eu vi como você se posicionou na defesa, havia amor ali.

— Você viu amor no meu tiro — falei, esclarecendo.

— Sim — ele bateu o cabo da vassoura novamente, e a bola veio rolando para fora vagarosamente na minha direção. — Na verdade, não é de surpreender. Quando se ama alguma coisa, você sempre continua amando de algum jeito. É preciso. É como se fizesse parte de sua vida para sempre.

Fiquei pensando no que ele queria dizer com aquilo, e logo em seguida eu me vi surpresa com a imagem que, de repente, bateu na minha cabeça: eu e mamãe, numa praia com o vento do inverno, catando conchas enquanto as ondas quebravam diante da gente. Eu peguei a bola e a atirei para ele.

— Está pronta para jogar? — Dave perguntou, batendo-a.

— Não sei — falei. — Você vai trapacear?

— É basquete de rua! — ele falou, olhando a minha reação. — Me mostre aquele amor.

Tão romântico, pensei. Mas quando percebi a bola, sólida em minhas mãos, eu realmente senti alguma coisa. Eu não tive certeza se era amor.

Talvez o que tinha permanecido dele, entretanto, seja lá o que fosse.



285

— Tudo bem — falei. — Vamos jogar.



286

Onze

— O! — A BIBLIOTECÁRIA DISSE, sorrindo para mim. Ela era jovem, com cabelos loiros lisos, e usava uma blusa de gola olímpica rosa choque, saia preta e óculos descolados com armação vermelha. — O que deseja?

— Estou interessada em pesquisar um pouco da história da cidade.

Mas eu não sei bem por onde começar.

— Bem, não se preocupe. Você veio ao lugar certo — ela se apoiou na cadeira de rodinhas, depois se levantou, indo para o outro lado da escrivaninha. — Nós temos a mais extensa coleção de jornais documentos relacionados à cidade. Mas não diga à sociedade histórica que eu falei isso. Eles tendem a ser um tanto competitivos.

— Ah — respondi —, tudo bem.

— Você está procurando alguma coisa em especial? — ela quis saber, pedindo para eu segui-la pela sala de leitura principal. Estava cheia de sofás e cadeiras, a maioria ocupada por pessoas absortas em livros, laptops ou revistas.

— Estou tentando achar um mapa que tenha detalhes do registro, digamos, de vinte anos atrás.

— É claro que temos isso — ela respondeu, conduzindo-me para uma sala enorme com prateleiras em todas as quatro paredes e uma fileira



287

de mesas entre elas. Estava vazia, exceto por alguém usando um moletom, com o capuz levantado, sentado e encarando a parede. — Esta sala é do aniversário de setenta e cinco anos da incorporação de nossa cidade — ela

continuou, tirando um livro enorme. — Eles reuniram um registro comemorativo da cidade, com mapas e toda a história. Outra opção é olhar para os registros de impostos e imóveis de, vamos dizer, dez anos atrás e ver quem eram os donos e quando eles compraram e venderam. Em geral, eles podem ser verificados pelos endereços.

Olhei para a pilha de livros enquanto ela os colocava na mesa ao meu lado.

— Isso deve dar para o começo — falei.

— Ótimo — ela respondeu. — Boa sorte e, para sua informação, talvez seja melhor não tirar o casaco. A calefação mal funciona nesta sala. É como um frigorífico.

— Está bem — respondi, assentindo.

Ela saiu e por um instante, fiquei sentada, observando-a enquanto se movimentava pela sala de leitura, recolhendo livros descartados de algumas mesas pelo caminho. Havia uma lareira — de verdade — crepitando na sala ao lado, e foi só no momento em que a olhei que percebi, de repente, como era gelado onde eu estava sentada. Fechei mais o casaco sobre meu corpo, puxando o zíper, e me curvei sobre a história da cidade, começando a virar as páginas.

Nas duas semanas desde o primeiro dia do envolvimento de Deb na maquete, parecia que estávamos no caminho de realmente terminá-la, algo que eu jamais teria imaginado. E isso apesar do fato de que, embora tivesse feito várias ligações telefônicas, Opal não pôde reunir mais delinquentes para nos ajudar. Felizmente, Deb tinha um plano ou... vários planos.

Primeiro, ela tinha incorporado sistemas múltiplos para aumentar nossa eficiência geral de trabalho. Além do CMP, havia o TAS (Tempo Alocado Semanalmente um diário escrito que garantia que um de nós



288

estaria na maquete todas as tardes), RRP (Reunião de Revisão de Progresso, todas as sextas) e o meu predileto, ESTAR (Escalonamento de Serviço, Tempo Alocado e Restante). Este último era um cartaz grande detalhando todo o serviço que ainda tínhamos de fazer, junto com os dias que faltavam antes de 12 de maio, o prazo final do Conselho.

Deb também havia criado um serviço de lista para o projeto da maquete, além de um blog, que documentava o progresso enquanto o montávamos. Seus e-mails eram exatamente como a própria Deb: alegres, concisos e, tipo, incansáveis, entrando na minha caixa postal quase que diariamente. No entanto, havia uma coisa na maquete que eu queria fazer sozinha.

— Mclean?

Pisquei, depois olhei para a mesa ao meu lado. Sentado lá, com a parca e um livro nas mãos, estava o Jason, o auxiliar de cozinha do Luna

Blu.

— Oi — falei surpresa. — Quando você chegou aqui?

— Na verdade, eu estava aqui — ele sorriu. — Só estava sendo antissocial. Não percebi que era você falando com a Lauren, até que me virei há um minuto.

— Lauren?

Ele apontou para a escrivaninha de referência, onde a bibliotecária que tinha me ajudado, agora, digitava em um computador, seus olhos sempre concentrados na tela.

— Ela é a melhor quando se necessita caçar informações. Se ela não conseguir ajudar a encontrar o que você quer, ninguém mais consegue.

Fiquei pensando nisso enquanto ele pegava seu próprio livro —

uma brochura bem gasta de algo chamado *Uma Oração para Owen Meany* — abrindo-a novamente no lugar.

— Então, você costuma vir muito para cá?



289

— Acho que sim — ele respondeu. — Eu trabalhei aqui durante um tempo, enquanto estava no ginásio. Sabe, nos verões e após as aulas.

— Uau! — falei. — Deve ter sido muito diferente da cozinha do

Luna Blu.

— Nada é igual ao trabalho no Luna Blu — ele concordou. — É como o caos contido. É por isso, provavelmente, que eu gosto tanto dali.

— Dave me contou que você esteve em Harvard.

— É — ele tossiu. — Mas não funcionou, então eu voltei para cá e assumi a culinária como meio de vida. Progressão natural da carreira, claro.

— Parece que foi muita pressão — falei. Ele ergueu as sobrancelhas, não muito certo do que eu queria dizer. — A escola que você e o Dave frequentaram, e os cursos da faculdade que você fez, sendo tão dirigidos academicamente.

— Não foi tão ruim — ele explicou. — Só que no fim não era o que eu queria.

Fiz que sim com a cabeça. Então ele voltou ao livro, e eu concentrei minha atenção no meu, aberto diante de mim. Após olhar para alguns documentos com tipos pequenos e alguns desenhos, virei a página e lá estava: o mapa de vinte anos atrás da área central da cidade que incluía o Luna Blu. Eu me inclinei para olhar mais de perto, examinando as páginas até encontrar a minha rua e a minha própria casa, identificada apenas por um número de uso e ocupação do solo e a etiqueta CT RES: casa térrea residencial. Passei o dedo sobre ela, depois na de Dave ao lado, antes de me movimentar para a outra página, até a praça atrás dela. Lá estava, o formato familiar, e também estava listada com um número de uso e

ocupação do solo. Acima dele, dizia apenas HOTEL.

Estranho. Eu sabia que era outra coisa que não uma residência, mas por algum motivo isso foi uma surpresa para mim. Agarrei uma caneta e um recibo velho da minha bolsa e escrevi o número do hotel, além do



290

endereço oficial, depois o dobrei e enfiei no bolso. Eu estava empilhando os livros quando o celular fez um bip. Era uma mensagem da Deb.

LEMBRETE TAS: VOCÊ ESTÁ ESCALADA DAS 4-6 HOJE!©

Olhei para o meu relógio. Eram 3h50. Bem a tempo. Peguei a minha bolsa, jogando o celular dentro dela. Quando eu me levantei, Jason se virou novamente.

— Está indo para o restaurante? — assenti. — Você se importa se eu for com você?

— Claro que não!

Saimos pela sala de leitura, passando por Lauren, que ajudava uma senhora mais idosa, de boné de beisebol, com o computador.

— Obrigada pela ajuda com o sistema de catálogos — disse ela. —

Você é um gênio!

Jason só fez um gesto com a cabeça, obviamente constrangido, enquanto eu o seguia para fora pelas portas principais até a rua.

Caminhamos um pouco e então falei:

— Não é só a Tracey e o Dave que pensam isso. Você é brilhante.

— Três pessoas não fazem um consenso — ele respondeu, puxando o gorro sobre as orelhas. Então. — Você achou o que estava procurando?

— Mais ou menos — respondi. Continuamos andando e atravessamos a rua. Alguns quarteirões adiante pude ver o Luna Blu e seu toldo com a assinatura cor de anil, à distância. — Mas estou mais perto do que estava antes, de qualquer modo.

Caminhamos mais um pequeno quarteirão. A neve ainda estava no chão, mas agora com a aparência cinza e suja, dura e escorregadia sob nossos pés.

— Bem, é um começo — ele comentou. — Isso é muito bom, certo?



a parte com toda a promessa, o potencial, as coisas que eu amei. Embora cada vez mais, eu me via querendo descobrir o que tinha acontecido no final.

— Até que enfim! — Deb falou assim que apareci na escada.

— Estávamos ficando preocupados! Pensei que você viria às quatro, pontualmente.

— Só se passaram cinco minutos — enfatizei.

— Sim, mas Mclean — Dave, que estava sentado de pernas cruzadas no chão, disse —, você sabe o que TAS significa para qualquer homem, ou mulher.

— Desculpe — falei, dando uma pancadinha nele enquanto passava.

— Eu tinha que fazer uma coisa. Vou compensar, prometo.

— Sim, vai — ele falou.

Deb, sobre a mesa, começou a esquadrinhar algumas peças, cantarolando sozinha enquanto eu me curvei sobre o meu setor. Durante muito tempo trabalhamos em silêncio; os únicos sons eram as vozes distantes que vinham da cozinha lá embaixo.

Ao ouvi-las, fiquei pensando em Jason, sobre o que ele tinha me dito sobre Harvard e as escolhas que tinha feito. Incrível como se podia ir tão longe de onde você tinha planejado e, no entanto, descobrir exatamente onde você precisava estar.



Cerca de meia hora depois, houve uma batida forte lá embaixo na escada — BANGUE! BANGUE! BANGUE! — e eu e a Deb saltamos ao mesmo tempo. Porém, Dave mal se perturbou, olhou para trás e gritou:

— Oi, estamos aqui em cima.

Um instante depois, a porta rangeu e se abriu, o som foi seguido de uma repentina agitação de vozes e barulhos de passos. Então, Ellis apareceu na escada, com Riley e Heather atrás dele.

— Puxa! — Heather, de jaqueta vermelha e saia curta com meias grossas, exclamou: — Que lugar é este?

— Chama-se sótão — Ellis respondeu. — Fica no piso superior de um prédio.

— Cale a boca — ela respondeu, dando um soco por trás da cabeça dele.

— Chega — Riley falou com a voz cansada. Depois ela olhou para Dave: — Sei que chegamos cedo. Mas ficar dentro do carro com os dois juntos foi o suficiente para me deixar louca.

— Entendi — Dave respondeu. — Já vou terminar isto em um

instante.

— Então é aqui que você anda passando o tempo — Ellis comentou, enfiando as mãos no bolso enquanto caminhava pela lateral da maquete. —

Isso me lembra uma daquelas miniaturas de bonecos que brincava.

— Eram cenários de guerra — Dave falou alto —, algo muito sério.

— Claro que eram.

Dave revirou os olhos, ajustando uma última casa no setor dele.

Depois levantou-se, enxugando as mãos no jeans.

— Tudo bem, está pronta. Vou começar a próxima quando aparecer, no sábado.



293

Deb ergueu o olhar, verificando o trabalho dele.

— Parece ótimo.

— Você está de saída? — eu perguntei.

— Compromisso anterior — ele respondeu, enquanto Heather e

Ellis andavam até as janelas, olhando para baixo na rua. Riley ainda estava em pé diante da maquete, analisando tudo.

— Temos esse jantar que fazemos todos os meses. É, tipo,

obrigatório.

— O que ele está dizendo — Ellis alardeou — é que a comida é tão boa que ninguém a perderia por nada deste mundo. Ou, hã, por ninguém.

Heather bufou, olhando para mim. Riley falou:

— Vamos lá, tá? Vocês sabem como ela fica quando nos atrasamos.

Ellis e Heather começaram a andar para a porta, com Dave logo após eles. Riley deu uma última olhada na maquete, depois falou:

— Vocês também podem vir. Isto é, se quiserem.

— Onde é que vocês estão indo exatamente? — perguntei.

— Na minha casa — ela respondeu —, e Ellis está certo. A comida é fantástica.

— Não sei... — respondi. — Parece ótimo, mas temos este compromisso e eu estou devendo tempo...

— ... mas que pode ser re combinado — Deb terminou por mim.

Olhei para ela. — Isto é, nós podemos compensar. Não é um problemaço.

— Ah — respondi, surpresa por ela ter concordado tão rapidamente com isso. — Bem, ótimo. Com certeza, então. A gente vai curtir muito.

Riley assentiu com a cabeça, depois se virou para seguir Dave e

Heather, que estavam perto da escada. Olhando para trás, ela acrescentou:





— Mas já vou avisando, minha família é tipo... maluca.

— Mas todas são, não é? — respondi.

— Acho que sim — ela disse, erguendo os ombros. — Vamos lá, vocês podem vir no carro com a gente.

— Sei o que vocês estão pensando — Ellis falou, pressionando o controle da chave na mão. — É bem o exemplo mais surpreendente de perfeição veicular de todos os tempos.

Todos ficamos lá, observando a porta traseira da van azul celeste se abrir, revelando duas fileiras de assentos, cuja traseira estava repleta de bolas de futebol e vários pares de travas.

— Nem tente explicar para ele que se trata apenas de uma minivan

— Heather falou, entrando no assento de trás e empurrando uma bola no chão. — Nós tentamos.

— É a máquina de amor do homem moderno — Ellis respondeu, dando a volta para a porta do motorista enquanto Riley entrou do lado de Heather e Dave procurou um assento na outra fileira. Olhei para a Deb, que estava em pé, segurando a bolsa; depois me sentei ao lado dele, deixando o assento da frente para ela.

— Quantos veículos vocês conhecem que têm um adaptador AC embutido, mais 90 cm de espaço para carga e assentos dobráveis

totalmente reclináveis.

— Ainda assim é uma minivan — Heather falou. — Antes de você ficar rodando com ela por aí, era usada exclusivamente para assentos de carro e migalhas de biscoitinhos Goldfish.



295

— Mas eu estou rodando por aí nela — Ellis respondeu, acionando o motor quando Deb fechou a porta. — E nós vamos rodar com ela até Austin, também. É isso que importa.

Saímos do estacionamento do lado do Luna Blu, entrando no trânsito. Eu me virei para olhar Riley, que espiava para fora da janela enquanto Heather verificava o celular ao lado dela.

— Você tem certeza de que está tudo bem? Convidar duas pessoas a mais no último minuto?

— Ah, claro — ela falou. — Mamãe sempre faz comida demais.

— Nunca há frango frito demais — Dave comentou para ela.

— Ela fez frango frito da última vez — Heather falou, ainda olhando na telinha. — Eu me lembro porque Dave comeu dois peitos, duas coxas e duas asas. O que, na verdade, foi...

— ... um frango inteiro — Dave terminou para ela, suspirando. —

Que foi um recorde pessoal meu.

— A gulodice explícita foi inacreditável — Riley comentou —, quase constrangedora.

— Quase — Ellis completou. Depois ele lançou um sorriso para trás, e ela retribuiu o sorriso brevemente, antes de olhar para fora da janela novamente.

Dirigimos pela cidade, passando por bairros e subdistritos, até que a rua tornou-se uma estrada de duas pistas. A paisagem começou a se modificar, com morros arredondados dos dois lados, uma ou outra casa de fazenda e campos amplos pontilhados de vacas. Percebi, de repente, que Deb não tinha dito uma palavra, então eu me inclinei para a frente, perto do apoio para cabeça.

— Tudo bem? — perguntei baixinho.



296

— Sim — ela respondeu, olhando para a frente, absorvendo tudo. —

É só que... eu nunca tinha feito isso antes.

— Saído para o campo?

Ela negou com a cabeça. Ao lado dela, Ellis mexia nas estações de rádio e trechos de música e de vozes apareciam em sequência.

— Ser convidada para um jantar assim.

— O que você quer dizer com assim

— Sabe, assim com um pessoal da escola. Como amigos — ela puxou a bolsa um pouco mais pra perto do peito. — É muito legal.

Nós nem chegamos perto, eu queria dizer, mas fiquei quieta, pois novamente me lembrei que por mais que ela tivesse me falado sobre o seu passado, ainda havia muita coisa que eu não sabia.

— Todos na boa? — Dave perguntou quando me recostei de novo.

Fiz que sim com a cabeça, olhando para a Deb novamente. Ela estava sentada, tão quieta, como se a qualquer momento alguém pudesse perceber o erro e mandá-la embora. Isso me deixou triste, não por agora, mas por qualquer coisa por que ela tivesse passado que tornava isso uma novidade.

— Sim, tudo numa boa.

Após dirigir durante o que pareceu um bom tempo, Ellis desacelerou, entrando numa rua de pedriscos. AVISO: NÃO ENTRE! — dizia um cartaz, logo após uma fileira de caixas de correio, e depois fomos sacolejando, com os joelhos de Dave batendo nos meus de tempos em tempos. Mas eu não me mexi, e nem ele. Quando chegamos a um murrinho, vimos uma mulher vindo na nossa direção com calça de ginástica, um casaco comprido e tênis, com dois cachorros. Ela estava com uma cerveja na mão e um cigarro na outra, e ainda conseguiu acenar

quando passamos por ela.



297

— Esta é a Glenda — Dave explicou. — Está fora para sua caminhada energética noturna.

— Uma cerveja no estômago, outra na mão, cigarros para quando precisar — Riley acrescentou. Para mim, ela falou: — Minha vizinha.

— Certo — eu disse.

— E aqui — Heather falou quando passamos por uma entradinha de carro, com uma casinha branca no fim dela — é onde eu moro. Tente não ficar tão maravilhada com o tamanho e a imponência.

— Eu curto muito a sua casa — Ellis falou. Olhando para trás, ele acrescentou: — O pai dela compra biscoitos MoonPies no ParkMart no atacado. Ele tem um pote de vidro cheio deles sobre a televisão. *É o melhor!*

Heather pareceu satisfeita, e percebi que eu raramente a vira sorrir até agora.

— Ele é tarado por doces. Eu tento fazê-lo comer de forma saudável, mas é uma tarefa ingrata.

— Deixe o cara comer os Moonpies — Dave comentou. — Você é o

quê, a polícia da comida?

— Ele precisa cuidar do peso! — ela explicou. — O diabetes está presente na família. E ele não tem uma mulher à disposição por tempo suficiente para ser cuidado.

Eu me virei ligeiramente ao passarmos pela casa.

— Você mora sozinha com o seu pai? — ela assentiu. — Eu também.

— Ele é um horror — ela disse, afetuosamente. — Mas é o meu horror.

Ellis virou na última entrada, antes de a rua terminar, parando diante de uma casa grande, marrom, com vários carros estacionados diante dela. Tinha telhado de metal prateado, uma varanda espaçosa na frente e o



298

que parecia ser um celeiro atrás. Uma chaminé larga em cima cuspia fumaça, soltando baforadas no céu.

— Chegamos — Dave falou, enquanto Ellis desligava o motor. —

Espero que vocês estejam com fome.

A porta da van foi aberta, então ele e eu saímos, Heather e Riley foram logo atrás. Havia várias luzes acesas dentro da casa, jogando luz

amarela nos degraus enquanto subíamos. Eu me virei para ver a Deb, que estava lá atrás com o Ellis.

— Que cheiro incrível — ela falou baixinho, enquanto Riley se movimentava na frente da gente, abrindo a porta.

Ela tinha razão. Eu tinha crescido em restaurantes e comi muita comida boa. Mas algo no cheiro daquela casa era totalmente singular.

Como fritura e queijo, e calor, e açúcar, o melhor, o mais saboroso bocado que você já provou.

— Vocês estão atrasados — gritou uma voz de mulher assim que ultrapassamos a entrada. Isso foi seguido do som de uma porta de forno sendo fechada.

— Foi culpa do Dave — Riley respondeu, jogando a bolsa perto da escada.

— Eu estava no serviço voluntário — Dave falou. — Só para informar.

— Claro que sim — Riley saiu do caminho e vi que a voz pertencia a uma mulher, diante da pia, enxugando as mãos num pano de prato. Ela usava jeans, tênis e uma camiseta de basquete da U, e sorria. — Porque você é um bom garoto.

— Ei, e eu? — Ellis protestou.

— O júri ainda pode decidir — ela falou, oferecendo o rosto. Ele a beijou, depois passou por ela e foi até a sala de jantar que eu pude ver adiante. — Heather, querida, seu pai ligou. Ele vai chegar tarde.



299

— Por que é que ele não liga no meu telefone? — ela falou, tirando-o do bolso. — Já expliquei para ele que não é preciso ter celular para ligar para outro. Mas ele não entende. É um homem das cavernas.

— Deixe o Jonah em paz. — ouvi uma voz dizer da sala de jantar.

Dei uma espiada e reparei que Ellis estava sentado ao lado de um homem barbado, também usando uma camiseta da U e um boné combinando.

Havia uma cerveja na mesa diante dele, a mão frouxa em volta dela. —

Nem todos são amarrados na tecnologia, como vocês, pessoal.

— Não é tecnologia — Heather afirmou, jogando-se numa cadeira ao lado dele. — É um *keypad*.

— Seja boazinha — ele lhe disse, e ela mostrou-lhe a língua. Fiquei ouvindo enquanto ele ria, pegando a latinha e tomando um gole.

— Mãe, estas são Mclean e Deb — Riley falou. — Elas estavam com fome.

— Ah, na verdade, não estávamos — Deb falou rapidamente. — A gente não queria atrapalhar...

— Vocês não estão atrapalhando — a mãe de Riley falou. — Agora,

sentem-se. Estamos atrasados, e nós sabemos como seu pai fica se ele acha que vai perder o início do jogo.

Olhei para Riley, que usava um avental xadrez vermelho.

— Eles não viram nada — ela me garantiu. — Juro!

— Início do jogo? — Deb quis saber.

— A U vai enfrentar o Loeb College às sete em ponto — o pai de

Riley gritou, fazendo um gesto para irmos à sala de jantar. Assim que estávamos mais próximas, ele estendeu a mão: — Jack Benson. Você sabe que tem o mesmo nome de um dos melhores técnicos de basquete universitário de todos os tempos?



300

— Hã, sei sim — respondi enquanto o cumprimentava. Atrás de mim, Riley e a mãe se agitavam, trazendo várias panelas e caçarolas e colocando-as na mesa. — Já ouvi dizer.

— Posso ajudar um pouco? — Deb perguntou enquanto colocava o macarrão com queijo mais lindo que eu tinha visto em tempos em um suporte de três pés.

— Vocês estão vendo isso? — a mãe de Riley falou, apontando para

o Dave e o Ellis. — Isso se chama boas maneiras. Vocês todos deveriam ter aulas. Ou pelo menos prestar atenção.

— Paramos de oferecer porque você nunca aceitava — Ellis falou.

Para mim, ele acrescentou: — Ela é totalmente controladora em relação à cozinha. Nossas habilidades de arrumar a mesa nunca estão no nível dela.

— Silêncio aí — a mãe de Riley falou, dando uma pancadinha nele com o pacote de guardanapos. Para mim e para Deb, ela falou: — Você duas são convidadas. Sentem-se. Riley, sirva bebidas para todos, tá? Está quase pronto.

— Sabe — o senhor Benson falou enquanto eu me sentava ao lado de Dave —, preciso dizer que você não me parece estranha. Será que eu a conheço de outro lugar?

— Não — Riley falou, olhando para trás, enquanto punha gelo numa jarra.

— Acho que sim — ele espremeu os olhos para mim. — Você é que estava no jogo com o Dave no outro dia! Que lugares maravilhosos. Você deve ser muito especial para garantir aqueles assentos. Ele ainda não me disse como os conseguiu.

— Porque não é da sua conta — a senhora Benson comentou. O cheiro de fritura quente de dar água na boca flutuava enquanto ela andava atrás de mim, depositando uma travessa enorme de frango sobre a mesa, diante do marido. — Agora vamos parar de falar em basquete por dez minutos e dar as graças. Algum voluntário?



301

Olhei para a Deb, com certo pavor. Mas então, Dave falou:

— Não se preocupe, é um pedido retórico também. Ninguém consegue dar as graças tão bem quanto ela.

— David Wade — a senhora Benson falou, puxando uma cadeira e se acomodando —, isso não é nada verdade.

Todos ao redor da mesa riram, mas ela continuou a balançar a cabeça, ignorando-os. Depois, ela estendeu as duas mãos, uma para Ellis, à esquerda dela, e uma para mim, à direita. Assim que os dedos dela fecharam-se ao redor dos meus, senti Dave tomar a minha outra mão.

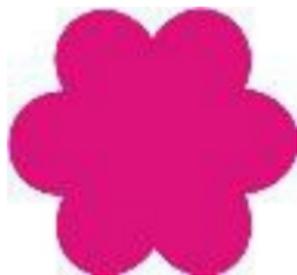
— Obrigada, meu Deus, por esta comida — a senhora Benson começou, e eu olhei ao redor da mesa, vendo que Riley e Deb estavam de olhos fechados. Pelo que podia perceber, o senhor Benson estava de olho no frango. — E pela oportunidade de compartilhá-la com nossa família e amigos, antigos e novos. Somos realmente abençoados. Amém.

— Amém — o senhor Benson concordou, já esticando o braço para uma colher. — Agora vamos comer.

Eu tinha aprendido com o meu pai que as opiniões sobre comida

eram sempre controversas e para ficar sempre com um pé atrás até mesmo diante de uma crítica das mais positivas. No entanto, neste caso, o que eu tinha ouvido não era exagero. Após alguns bocados, percebi que era uma comida legítima do sul: frango crocante, macarrão com queijo cremoso, vagem preparada na banha, pãezinhos que derretiam na boca. O chá gelado era doce e refrescante, as porções enormes, e eu não queria parar de comer.

Estava tão imersa que só quando fui pegar outro pedaço de frango — bem perto de alcançar o recorde de Dave que percebi há quanto tempo eu não me sentava em volta da mesa assim, comendo com a família. Passei os últimos dois anos comendo ou no sofá em casa, na ponta de um ou outro balcão, ou na cozinha com papai, pescando a comida do mesmo prato, enquanto ele fazia jantares para outras pessoas. Aqui na casa de



Riley tudo era tão diferente. A conversa era alta, pulando de um assunto a outro, enquanto os pratos eram passados e os copos enchidos novamente.

Dave e eu ficamos o tempo todo batendo os cotovelos enquanto a mãe de Riley lançava algumas perguntas sobre como eu me sentia na Jackson e qual a diferença com as outras escolas. Enquanto isso, Ellis e Heather falavam de basquete com o pai de Riley e, ao lado deles, Deb contava para Riley sobre a maquete e os planos que tinha para ela. Estava barulhento e quente, o meu rosto corado. De repente, entendi novamente a atração da comida, como era maior do que quando era feita por alguém e depois passada pela janelinha do restaurante. Tinha a ver com a família e o lar, e onde estava o seu coração, como a Opal tinha dito sobre o Luna Blu não muito tempo atrás.

— Mclean, sirva-se de mais vagem — a senhora Benson falou, fazendo um gesto para Ellis passá-la. — Também parece que você precisa de mais um pãozinho. Onde está a manteiga?

— Aqui — Heather falou, pegando a cesta e passando-a para o senhor Benson, que a passou para o Dave. Enquanto o som da conversa se elevava novamente, observei o quanto a cesta de pão foi circulando pela mesa. Lentamente, ela foi sendo passada de mão em mão, de pessoa a pessoa, como os elos de uma corrente, seguindo o caminho até chegar a mim.

Após o jantar, a mãe de Riley colocou-nos todos na tarefa de lavar os pratos, enquanto o senhor Benson se desculpou e foi para a sala de jantar, onde ele se acomodou em uma poltrona reclinável de couro com outra cerveja. Um instante depois ouvi uma voz de locutor, dei uma espiada e vi dois homens de terno se cumprimentando, com um juiz entre eles.

— Olhe isso — o senhor Benson gritou, olhando para trás.



303

— O velho Cara de Cachorro está usando dois de seus anéis de campeão esta noite.

— Papai odeia o Loeb College — Riley falou, adicionando mais detergente à água que corria na pia. Ficou claro que havia uma rotina lá, pois todos estavam em determinados lugares: ela ficava com a esponja, com Ellis ao lado para enxaguar e depois eu e a Deb armadas com panos de prato. Dave e Heather se mexiam de lá pra cá, abrindo os armários para guardar as coisas. — Especialmente o técnico do Loeb.

— E ele não é odiado por todos? — Ellis questionou.

— Não — Heather lhe disse. — Você sabe que meu pai é fã do Loeb.

Então pare de falar besteira.

— Jonah só torce para o Loeb para ser do contra — o senhor Benson gritou. — É como torcer pelo Darth Vader. Isso não se faz.

Riley revirou os olhos, ensaboando um prato enquanto a senhora

Benson se movimentava entre nós, colocando algo embrulhado em filme plástico na geladeira.

— Mãe, vai sentar — ela falou. — A gente cuida disso.

— Já estou terminando — a mãe dela respondeu.

— Ela nunca descansa — Ellis retrucou.

Houve uma explosão de animação na televisão, e o senhor Benson bateu palmas.

— Merda, isso mesmo! É assim que se começa um jogo.

— Jack — a mãe de Riley reagiu —, olha a boca.

— Desculpe — ele respondeu como num reflexo.

Ellis me passou uma travessa, que eu sequei e passei adiante para Deb.



304

— Sabe — ela disse ao pegá-la. — Nunca entendi muito dessa coisa de basquete.

— É muito fácil de seguir se ficar assistindo — Heather falou.

— Deve ser, mas eu nunca assisti a um jogo.

Fez-se um silêncio. Até a televisão se calou.

— Nunca? — Riley perguntou.

Deb negou com a cabeça.

— Minha mãe e eu não ligamos muito para esportes.

— Basquete — Dave falou — não é simplesmente um esporte. É uma religião.

— Vá assistir — a senhora Benson comentou da despensa, onde estava organizando as latas.

— Deixe o homem falar! — o marido dela gritou. Eu olhei para ele, vendo-o virar na cadeira, enquanto erguia um dedo e apontava para Deb.

— Venha cá, querida, vou te dar uma aula.

— Ai, meu Deus — Riley grunhiu. — Papai, por favor. Não faça isso.

— Vai ser ótimo! — Deb falou. Depois ela olhou para o pano de prato. — Só vou...

— Tudo bem — Heather interrompeu, tirando o pano dela. — Vai lá. É mais fácil se você deixá-lo ir à frente e comer. Só Deus sabe quanto tempo isso vai levar.

— Tem certeza? — Deb perguntou a Riley, que concordou. — Tudo bem! Obrigada.

Ficamos todos em pé, lavando e enxugando em silêncio, enquanto ela ia até lá tomar um assento no canto do sofá mais próximo à poltrona



reclinável. O volume da televisão voltou de novo, mas ainda conseguimos ouvir o senhor Benson começar.

— Tudo bem—ele dizia. — Então, por volta de 1891, o dr. James Naismith inventou...

— Ai, meu Deus — Riley exclamou. — Ele está começando pelo Naismith. O basquete universitário não vai chegar assim tão rápido.

Ao meu lado, Dave riu e a Heather falou:

— Não diga isso. No ano que vem vamos comer comida de refeitório e desejando estar aqui.

— Mas antes disso — Ellis falou —, a gente vai comer a caminho do Texas. Ei, falando nisso, nosso fundo de viagem acabou de chegar a mil dólares, graças ao abono de Dave na FrayBake.

— Você conseguiu um abono? — Riley perguntou.

— Empregado do mês três vezes em seguida — ele respondeu, todo orgulhoso —, são uns cem dólares a mais para você e para mim.

— Caras, vocês têm um fundo? — perguntei.

— Estamos economizando desde o verão passado — Riley explicou.

— Sabe, juntando o que conseguimos nos empregos e aniversários, ou no Natal e de outras maneiras, temos dinheiro para gasolina, hotéis e...

— Comida — Ellis acrescentou. — Estou trabalhando em um mapa só de restaurantes daqui até Austin. Quero provar ovos Benedict em cada estado.

— Parece divertido — falei para ele.

— Vocês precisam parar de falar sobre isso — Heather esbravejou enquanto tentava alcançar lá em cima, para guardar uns copos na prateleira. — Pelo menos enquanto estou aqui.

— Talvez você consiga ir — Riley lhe falou.



306

— Muito improvável. A menos que eu seja empregada do mês pelos próximos, ai, doze meses, ou mais.

— Primeiro — Ellis disse — você teria de conseguir um emprego.

Heather ficou encarando Ellis.

— Eu me candidatei em vários lugares, vou te avisar quando conseguir.

— A Fray Bake está sempre contratando gente — Dave falou, alegre.

— Esse lugar me dá arrepios — Heather respondeu. — É tão artificial.

— Mas o dinheiro que eles pagam é verdadeiro.

Heather suspirou, fechando o armário.

— Vou devolver o dinheiro ao meu pai. Mas provavelmente não a tempo de viajar.

— Tudo bem — Riley falou, esticando o braço para apertar os ombros dela, enquanto passava por perto. — Vamos fazer algumas viagens neste verão. Ir à praia, coisas assim.

— Sim, eu sei.

— *Siiiiimm!* É assim que se faz uma bandeja, filho! — O senhor Benson gritou. Deb, de sua parte, bateu palmas educadamente com os olhos grudados na tela, enquanto a mãe de Riley, acomodada numa cadeira de balanço perto da lareira, só abanou a cabeça.

— Rápido, enxágue isso — Dave falou para Ellis, apontando a jarra na mão dele. — Estamos perdendo tudo.

— Vocês dois são uns inúteis. Saiam daí — Riley lhes disse. Sem protestar, eles abandonaram a cozinha. Ela suspirou. — Juro, é que nem tomar conta de crianças.



307

— Se é! — o senhor Benson gritou como se quisesse confirmar isso.

— Enguia isso, Loeb.

— Uuh! — Deb acrescentou com umas palminhas discretas, quando Dave e Ellis se largaram no chão ao lado dela.

— *Papai* — Riley assustou-se, cobrindo os olhos com uma mão, e depois me disse: — Bem, você não pode dizer que eu não te avisei desta loucura.

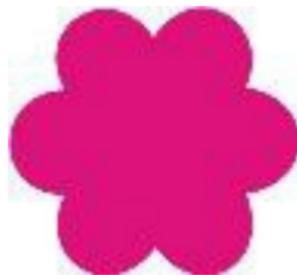
— Eles não são malucos — eu falei. Ela deixou a mão cair, surpresa.

— Eles são maravilhosos. É sério. Você tem muita sorte.

— Tenho? — ela sorriu, depois olhou para trás, para o pai, que agitava o punho no ar.

— É mesmo. Obrigada pelo convite.

— De nada. Obrigada pela ajuda — ela mexeu na água, puxando uma bacia cheia de espuma, depois me passou para eu enxaguar. Enquanto isso, olhei para a janela diante de mim, onde pude ver o reflexo da televisão, movimento e luz enquanto o jogo acontecia, o locutor narrando cada lance. De repente, isso me fez pensar na minha mãe e, naquele momento, quis que ela pudesse me ver aqui, numa casa real, com uma família do jeito que ela queria. Talvez não fosse a nossa. Mas ainda assim era boa.



Doze

— TUDO BEM! OPAL FALOU. — Sejam bem sinceros: Azul Divino ou Azul Águas do Mar?

— Qual é o problema com simplesmente azul? — Jason questionou.

Ela olhou com atenção as duas cartelas do mostruário.

— Não sei não. Acho que é muito sem graça. E os dois são azuis.

— Gosto deste tom — Tracey indicou, apontando o dedo em direção ao mais claro, à direita. — Lembra o mar.

— Como o outro — observou Jason. — Para ser sincero, não vejo diferença.

— O outro tem um tom mais claro, tem mais branco. Esta cor —

Tracey pegou a cartela da esquerda e a girou —, Azul Divino, tem tons mais escuros e vai clareando, mas é uma mistura.

Opal e Jason só ficaram se encarando enquanto ela recolocava a cartela no devido lugar.

— O quê? Sempre fui a fim de artes, tá?

— Com certeza! — Jason comentou. — Foi impressionante!

— Bom, então temos um voto para o Azul Divino e um voto neutro.

Talvez eu devesse voltar aos amarelos? — Opal suspirou, erguendo uma



309

pilha de cartelas de mostruário e passando as cores uma a uma. Então, ela ergueu o olhar e me viu.

— Ei, Mclean! Venha dar a sua opinião.

Caminhei até o balcão e larguei a mochila numa cadeira.

— Sobre o quê?

— As cores para o salão de jantar ao ar livre do segundo andar, novo e melhorado — explicou ela.

— Você vai reabrir o segundo andar? — perguntei.

— Bem, não agora exatamente. Quer dizer, tem a maquete, e ainda precisamos deixar o restaurante em melhores condições — ela expôs as duas cartelas. — Mas agora que o Chuckles nos poupou, ele pode mostrar-se aberto a novas ideias, para expandir e melhorar. Ele deve vir hoje à noite quando estiver de passagem pela cidade, então pensei em plantar uma sementinha na mente dele.

— Não me agrada a ideia de ficar subindo e descendo escadas para chegar às minhas mesas — Tracey reclamou.

— E ainda tem a questão de manter a comida aquecida durante o

trajeto — lembrou Jason.

— Cadê o seu espírito de aventura? A sede de mudança? Isso poderia ser muito, muito bom para o restaurante, um retorno aos dias de glória do passado — Opal tentou animá-los. Eles apenas olharam para ela, e Opal suspirou, sacudiu a mão e desviou a atenção para mim.

— Olhe, McLean, escolha uma.

Olhei para as cores: dois azuis diferentes, mas ainda assim tão parecidos. Não consegui distinguir nuances de branco, ou tonalidades diferentes, e tampouco conhecia linguagem que Tracey usara para descrever as nuances mais sutis. Porém, ultimamente, eu tinha certeza de uma coisa: eu sabia o que queria.



310

— Esta — coloquei o dedo na cor à direita. — É perfeita.

Era março, e papai e eu já estávamos em Lakeview há quase dois meses. Em qualquer outro lugar, estas oito semanas teriam seguido um padrão rotineiro. Chegar e se instalar, escolher um nome e um tipo de

garota. Desempacotar nossos poucos pertences, arrumá-los nos mesmos lugares que no local anterior e no próximo. Começar a frequentar a escola enquanto meu pai descobre se em seu restaurante a alface vem bem limpa ou se servem guacamole estupendo, planejar meus movimentos em termos de frequentar clubes e fazer amigos de acordo. Então, tudo o que restava era seguir os sinais para saber quando me recolher, me desligar e me aprontar para correr.

Entretanto, aqui era diferente. A chegada tinha sido igual, mas a partir daí tudo mudou, desde eu usar o meu nome verdadeiro até meu pai começar a namorar mesmo sem ter perspectivas de mudança. E não me esquecendo do fato de eu estar em um período de calma com a mamãe, e isso — oficialmente — eram outros quinhentos.

Já que eu concordara em ir até Colby na folga da semana da primavera, além de ter-me comprometido com outros quatro finais de semana entre abril e junho, mamãe e eu chegamos a uma paz experimental. Ela chamou o seu advogado e revogou o pedido de revisão de guarda, e eu expliquei o plano para papai, que no mínimo ficou aliviado. Agora, eu tinha a terceira semana de março marcada em meu calendário nas cores Azul Divino ou Azul Águas do Mar, ou simplesmente azul, e tínhamos algo sobre o que conversar e que não era um assunto forçado, o que foi, tipo, maneiro.

— Agora, é claro que o mar estará gelado — ela comentou comigo na noite anterior, ao ligar após o jantar. — Mas espero que a banheira



311

quente esteja funcionando e o aquecedor da piscina também, mas pode ser que não. Vou te contando a respeito.

— A sua casa tem banheira e piscina aquecidas? — perguntei.

— Bom, tem sim — ela respondeu, meio sem graça. — Você conhece o Peter. Ele não faz nada pela metade. Mas a casa foi um negócio e tanto, parece que foi uma execução de hipoteca, ou algo assim. De qualquer modo, mal posso esperar que você a veja. Passei horas sofrendo com a decoração; decidir as cores foi um pesadelo.

— Aposto que sim — eu assenti. — Tenho uma amiga que está nesse mesmo dilema. Ela pediu a minha opinião, mas todos os azuis pareciam tão iguais...

— É verdade! — ela concordou. — Mas, ao mesmo tempo, são diferentes. Você tem que olhá-los à luz do sol, depois à tarde e à luz artificial... é muito louco! Mas estou muito feliz como tudo acabou. Acho... Tenho que admitir que era estranho ter uma conversa tão... agradável com mamãe. Como se mais uma vez a praia tivesse se tornado um porto seguro para nós estarmos juntas, separadas do conflito da casa

dela ou desta. Então continuamos a conversar e a trocar e-mails com os nossos planos, o que fazer em dias chuvosos, o que eu gostaria comer de café da manhã, se eu queria uma vista para o mar ou ouvir o som do mar.

Era tão mais fácil do costumava ser. Talvez fosse até razoável.

Enquanto eu me reaproximava da minha mãe, papai estava ocupado, fazendo algo com a Lindsay Baker. Pelo que percebi, estiveram juntos em vários almoços tardios — com ela o levando em visitas a vários locais para almoçar e em mais alguns jantares quando ele conseguia ausentar-se do Luna Blu, o que era raro. Por mais estranho que isso pareça, normalmente, eu conseguia perceber quando papai estava se preparando para outra escapada pela maneira como se dedicava. Telefonemas e compromissos para almoço significavam que eu podia continuar como estava, que nada estava rolando. Mas assim que eu começava a encontrar elásticos de cabelo que não eram meus no banheiro, ou o iogurte ou uma



312

coca zero de outra pessoa na geladeira, estava na hora de parar de comprar alimentos básicos como açúcar ou manteiga e concentrar-me em acabar com o que tínhamos. Até aquele momento, nenhuma dessas coisas havia se

concretizado, pelo menos não que eu tivesse percebido. Embora, para ser honesta, eu andasse meio distraída.

Aconteceu na noite em que tínhamos ido para a casa de Riley, após o jogo, quando Ellis nos trouxe todos de volta, em seu carro. Deb jogou-se no assento da frente, as mãos ocupadas em um prato com as sobras, embrulhados pela senhora Benson para a mãe dela que, segundo a Deb, estaria fazendo hora extra durante o jantar, o que deixou eu e Dave sozinhos no banco de trás. Conforme Ellis saiu com o carro, dirigindo pela estrada de terra, ficamos todos quietos, cansados de tanto comer e falar, sem esquecer do jogo em que o time da U ganhou, com um tiro de jump nos últimos segundos. Quando ligou o pisca-pisca na estrada principal, tudo o que ouvia era o seu tique-taque.

Há algo de gostoso no silêncio de um trajeto de carro no escuro a caminho de casa. Na verdade, eu me recordei daquelas viagens voltando de North Reddemane com mamãe, queimada de sol, com areia nos sapatos, as roupas úmidas vestidas por cima do biquíni, já que eu adorava nadar até o último instante. Quando nos cansávamos do rádio e da conversa, dava para ficar simplesmente cada uma na sua, com nossos próprios pensamentos e a estrada à frente. Não é preciso falar quando as pessoas sentem-se à vontade umas com as outras.

Enquanto a gente se encaminhava para a cidade, eu me recostei bem, sentando sobre uma perna dobrada. Ao meu lado, Dave olhava para fora, pela janela, e, por um momento, observei o seu rosto iluminado pelos faróis dos carros que se aproximavam. Pensei em todas as vezes que

estivemos juntos, o quanto me aproximei para depois recuar, enquanto ele sempre ficava onde estava. Uma constante num mundo onde bem poucas coisas existiam, se é que existem. E assim, com ele ao meu lado, cheguei um pouco mais perto, encostando a cabeça no seu ombro. Ele não virou a



313

cabeça da janela; apenas ergueu a mão, acariciou o meu cabelo e deixou-a descansar ali.

Foi um momento apenas. Não foi um beijo, nem mesmo um contato real. Mas por tudo o que não foi, significou tanta coisa! Passei anos fugindo: nada era tão assustador para mim quanto apenas ficar quieta com alguém. Mas ainda assim, naquela estrada escura, a caminho de casa, eu estava tranquila.

Finalmente, depois de levar a Deb até o seu carro, Ellis encostou diante da minha caixa de correio.

— Última parada — ele falou, enquanto eu bocejava e Dave esfregava os olhos. — Sinto muito por estragar o clima.

Fiquei vermelha e me arrastei no banco para sair até a calçada; Dave me seguiu.

— Muito obrigado pela carona — ele agradeceu. — Na próxima, eu levo.

— Aquele carro é um atentado à segurança — Ellis argumentou. —

Prefiro não me arriscar e ir na minha Van do Amor.

— É, mas ela precisa ser preservada para a viagem — argumentou

Dave —, tome conta direitinho, tá?

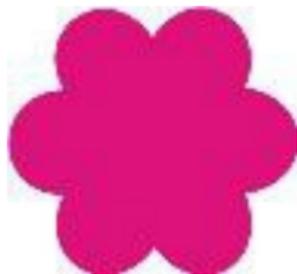
Ellis me olhou, balançou a cabeça e apertou o botão. A porta de trás deslizou e fechou-se, como uma cortina no final de um espetáculo.

— Tem razão. Até mais!

Dave e eu acenamos, e Ellis afastou-se, saltando sobre a lombada.

Conforme caminhamos, Dave enlaçou os dedos nos meus. Naquele momento, lembrei num lampejo aquela noite em que ele me empurrou para o abrigo de tempestades, quando tomou a minha mão para me

conduzir para fora de novo. Ali, tudo também tinha sido tão natural.



314

Não estávamos conversando, a vizinhança fazia o barulho de sempre — a vibração do baixo, as buzinas dos carros, a televisão de alguém ligada — ao nosso redor. Era óbvio que assistiram ao jogo na casa da folia também: dava para ver as pessoas se movimentando para cima e para baixo, e a lixeira na porta, entupida de latas de cerveja amassadas. A seguir vinha a minha casa, escura, e finalmente a de Dave, com as luzes acesas, a mãe dele visível, à mesa da cozinha, lendo algo com uma caneta na mão.

— Até amanhã? — Dave perguntou ao chegarmos às duas portas dos fundos, nos encarando.

— Até amanhã — repeti. Então apertei a mão dele.

A primeira coisa que fiz ao entrar foi acender a luz da cozinha.

Então fui até a mesa, coloquei o iPod de papai sobre o anteparo do altofalante, e ouvi uma canção de Bob Dylan, uma melodia Familiar. Fui até a sala, apertando cada interruptor, segui o corredor até o meu quarto, onde

fiz o mesmo. É incrível o que um pouco de barulho e luminosidade pode fazer por uma casa e uma vida, como um pouquinho de cada consegue mudar tudo. Após todos esses anos durante os quais me senti apenas de passagem, finalmente comecei a sentir-me em casa.

Deixei Opal refletindo sobre seus amarelos e subi ao sótão, onde me encontrei com a Deb e o Dave, já concentrados no trabalho. Desta vez, porém, eles não estavam sozinhos. Do outro lado do cômodo, sentados em uma fila de cadeiras ao lado das caixas de peças da maquete, estavam Ellis, Riley e Heather, cada um lendo atentamente um calhamaço de papéis grampeados.

— O que está acontecendo por aqui? — perguntei ao Dave, vendo a Deb passar apressada com uma prancheta na mão.



315

— A Deb conseguiu levá-los ao silêncio — ele me contou. — O que é uma tarefa e tanto, acredite!

— Como ela conseguiu isso?

— Com o pacote BVGP dela.

Esperei. Nesta altura dos acontecimentos, estava subentendido que

se você usava qualquer um dos acrônimos da Deb, tinha que explicá-los a seguir.

— Bem-vindos à Visão Geral do Projeto — Dave esclareceu, encaixando um telhado numa casa. — É preciso ler antes de você até mesmo pensar em mexer em algum setor.

— Não é tão rigoroso assim! — Deb protestou. Franzi a testa, duvidando. — Não é não! É que... não dá para encaixar-se em um sistema já em andamento sem antes conhecer seus processos. Seria burrice.

— Claro — aprovou Dave. — Meu Deus, Mclean.

Dei-lhe outra cotovelada e, desta vez, ele agarrou o meu dedo, enrolando o dedo dele ao redor do meu e o segurando por um momento.

Sorri e perguntei:

— E aí, Deb? Como foi que conseguiu dobrar a força de trabalho desde ontem? Não ouvi você convencendo ninguém ontem à noite.

— Não precisei convencer ninguém — ela retrucou, marcando algo na página da prancheta. — A maquete fala por si. Assim que eles a viram, ficaram interessados em participar.

— Uau! — elogiei.

Ela balançou a caneta, apertando o botãozinho. Ao meu lado, bem baixinho, Dave completou:

— E ainda eu posso ter ajudado, dizendo que quanto mais rápido terminássemos, mais rápido eu acumularia as minhas horas extras na FrayBake para o fundo de viagem. Assim, eles podem contribuir na



316

semana que vem, que é a da primavera, e podemos realmente conseguir alguma coisa.

— Puxa, vocês não vão fazer nada durante a semana de folga da primavera?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Pensamos nisso, mas chegamos à conclusão de que, na verdade, preferíamos juntar grana para a viagem que faremos mais tarde.

Por que, você vai viajar, ou o quê?

— Com a minha mãe — expliquei. — Para a praia.

— Felizarda!

— Nem tanto! — respondi, andando até o meu setor atual e retomando contato com ele. — Preferia ficar aqui.

— Sabe de uma coisa... — Heather falou, sentada no outro extremo da sala — quando vocês me convenceram a participar, não falaram que seria Parecido com a *escola*.

— E não é! — Deb protestou, do outro extremo da maquete, onde verificava algo em uma de suas listas. — Porque você está dizendo isso?

— Por que você está nos fazendo estudar? — Ellis quis saber.

— Se vocês, pessoal, simplesmente se juntassem a nos, isso arruinaria totalmente o ESTAR — Deb argumentou. — Agora, estou tendo que mudar totalmente o TAS.

— O quê? — Heather perguntou. — Que língua você está falando?

— Ela está falando o “debês” — expliquei. — Você vai ficar fluente rapidinho.

— Terminei — Riley disse, erguendo-se com o seu pacote na mão. —

Todos os catorze itens e a verificação dos acrônimos.



317

— Que bom — Heather elogiou, levantando-se também. — Agora você pode me explicar todos eles.

— Isso é igualzinho à escola — Ellis constatou. Heather cutucou-o com o cotovelo, com força. Ei, não fica zangada comigo. É você quem não consegue nem mesmo passar do pacote BVGP.

— Você pode levar para casa hoje à noite e dar uma boa olhada nele.

— Deb assegurou a Heather.

— Ah, tudo bem — Heather respondeu. — Pois isso não tem nada a

ver com a escola.

— Ótimo! — Deb bateu palmas, pegando a prancheta. — Se vocês todos me seguirem até o setor superior, aqui, vou iniciar nossa visita monitorada.

Ellis levantou-se, depois seguiram Riley e Heather, que foi arrastando os pés, enquanto se enfileiraram atrás da Deb.

— Vai ter lanchinho? — Ellis quis saber. — Eu trabalho melhor com lanches.

Dave bufou. Porém, Deb ignorou isso ou nem ouviu nada.

— Então, se tiverem a confiança de ter entendido o sistema, vocês receberão um setor. Até então, vocês vão compartilhar um. Este é bem simples, perfeito para iniciantes...

Enquanto ela continuava a falar, olhei para Dave, trabalhando do outro lado, com os cabelos caindo nos olhos, enquanto ele prendia um telhado no prédio nas mãos.

— Ei — falei, e ele ergueu a cabeça. — Sabe aquele prédio atrás de nossas casas? O abandonado?

— Sim, o que é que tem?



— Ele está aqui, mas não está identificado. Percebi isso no outro dia

— tirei o prédio da pilha que eu tinha a meu lado, mostrando para ele. —

Então, fui à biblioteca para ver se eu conseguia saber o que era.

— Foi mesmo?

Assenti com a cabeça, percebendo, quando o fiz, o quanto desejava

contar isso a ele. Eu não tinha certeza por que isso era tão importante para mim, sabia apenas que de alguma forma parecia natural, logo que as coisas começassem a parecer reais e estabelecidas, que eu passasse para a parte do mapa que representava meu próprio bairro. Lá estava a minha casa e a da de Dave. A casa dos festeiros, o Luna Blu, a rua onde eu pegava o ônibus. E no meio, aquele prédio neutro, seu anonimato o deixava ainda mais perceptível, pois estava rodeado de coisas que eram claras e reconhecíveis.

Eu queria lhe dar um rosto, um nome. Algo mais que duas letras desbotadas em um telhado, e um milhão de suposições sobre o que costumava ser.

Coloquei o prédio no lugar, a fita traiçoeira e pegajosa. Então houve um clique, o sinal certo de que estava lá para ficar.

—Sim — falei. —Foi...

— Puxa! Olhem para isso — virei a cabeça bem a tempo de ver

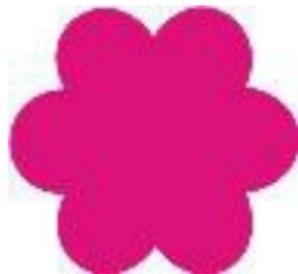
Lindsay Baker, usando calça preta e um pulôver justo vermelho, com um sorriso largo, aparecer no patamar. Papai, parecendo obviamente menos efervescente, estava bem atrás dela.

— Eu achava que todos teriam feito muito progresso. Mas isso é

realmente impressionante!

Deb, do outro lado da maquete, vibrou.

— Arrumamos uma líder de grupo, isso faz toda a diferença — eu falei.



319

— É claro — ela disse enquanto andava em volta do modelo, fazendo ruídos de aprovação. Após alguns passos, ela procurou a mão de papai, segurando-a.

— Gus, você viu isso? Eu não tinha ideia de que os detalhes eram tão específicos.

— Foram tirados de informações mais recentes de observações feitas por satélite — Deb falou alto. — A Model Community Ventures realmente tem orgulho de sua exatidão. E, claro, tentamos seguir a sua orientação. A representante do Conselho assentiu com a cabeça.

— Dá para ver.

Deb corou, megassatisfeita, e eu sabia que aquele era o momento dela, e que eu deveria ficar feliz por ela. Mas eu estava distraída demais, observando papai enquanto ele era conduzido para o canto mais distante

da maquete, evitando fazer contato visual com qualquer pessoa. Almoços e ligações eram uma coisa. Mas segurar as mãos, ou qualquer tipo de demonstração pública de afeto naquele assunto, era uma enorme bandeira vermelha.

— Puxa! — Dave falou com a voz baixa. — Seu pai e Lindsay Baker, hein? Ela é uma assídua Amiga da Frazier. Litros de café com leite, como se fossem suco.

Balancei a cabeça, embora eu não estivesse em posição de confirmar ou negar nada.

— Não acho que seja sério.

— Gus? — Opal gritou pela escada. — Você está aí em cima?

— Sim — ele respondeu. — Já vou...

Mas ele não se movimentou rápido o suficiente. Antes mesmo que ele pudesse começar a tirar a mão — e algo me dizia que assim que Lindsay a pegou, ela a manteve bem presa —, Opal já estava no patamar.



320

— O fornecedor da carne está ao telefone — ela falou, ligeiramente ofegante por ter subido a escada. — Ele disse que você fez uma mudança

em nosso pedido padrão, então, de agora em diante será de semana a semana em vez do combinado anterior, por mês? Eu lhe disse que aquilo não poderia estar certo, mas ele está...

De repente, ela parou e eu segui o seu olhar para a mão de papai, ainda envolta na da representante do Conselho.

— Vou falar com ele — papai respondeu, desvencilhando-se e indo para a escada.

Opal ficou ali, olhando direto à frente, enquanto ele andava junto com ela.

— Opal, estou tão impressionada com o que vi aqui! — Lindsay lhe disse. — Você deve estar muito orgulhosa com o progresso que esses garotos fizeram.

Opal piscou, depois olhou para a maquete e para nós.

— Estou mesmo — ela disse. — Está ótima.

— Eu tenho de admitir que fiquei um pouco nervosa depois da minha última visita! — a representante do Conselho passou os olhos sobre a maquete novamente. — Não que eu não tivesse confiança absoluta em você, mas naquela hora você pareceu um tanto desorganizada. Mas a Mclean disse que eles agora têm uma nova líder de equipe...

— Deb — falei. Eu a apontei, e ela se iluminou de novo. — É tudo devido à Deb.

Eu pude ver Opal me observando, o olhar dela como fogo, e percebi também que era exatamente o momento errado para chamar atenção sobre mim.

— Bem, Deb — Lindsay falou, virando o sorriso vibrante em sua direção — se isso é verdade, estaremos ansiosos para homenageá-la adequadamente na nossa cerimônia de inauguração.



321

— Nossa, isso é incrível! — Deb falou. Ela pensou por um segundo, e depois continuou. — Na verdade, tenho algumas ideias sobre a melhor forma de exibi-la. Sabe, para realmente obter aquele máximo fator surpresa. Se quiser ouvi-las...

— Claro — Lindsay olhou no relógio. — Puxa, tenho que voltar ao escritório. Por que você não desce comigo enquanto procuro o Gus? O rosto de Deb iluminou-se, ela agarrou a prancheta, correndo para se juntar à representante enquanto ela começava a descer as escadas. Todos a observamos ir, nenhum de nós falou nada. Quando a porta de baixo se fechou atrás delas, Opal virou-se para mim.

— Mclean? — ela falou. — O que está acontecendo aqui?

Balancei a cabeça.

—Não sei.

Opal engoliu em seco, depois olhou em volta do salão, como se

apenas agora ela tivesse consciência de que havia um público. Ela mudou o foco para a maquete, olhando-a de um lado ao outro, depois retomou o assunto.

— Eu não tinha ideia de que vocês tivessem trabalhado tanto — ela prosseguiu. — Acho que preciso prestar mais atenção ao meu redor.

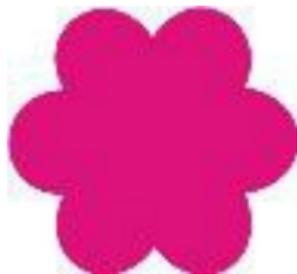
— Opal — eu disse. — Não...

— Eu tenho que descer para abrir — ela falou. — E vocês, garotos, continuem a trabalhar assim. Tudo está ótimo.

Ela se virou, desaparecendo na escadaria. Agora havia apenas metade de nós, mas, de repente, o salão parecia realmente vazio.

— Foi só impressão — Heather comentou baixinho —, ou tudo estava meio estranho.

— Não foi só você — Dave respondeu.



Riley, do outro lado do salão, falou:

— Tudo bem, Mclean?

Eu não sabia. Tudo que estava claro era que todos, inclusive eu, de repente nos sentimos totalmente temporários. Olhei para a maquete de novo. Ali, o mundo inteiro era uma simples miniatura, limpa e ordenada, talvez apenas por não haver ninguém de nós, nenhuma pessoa lá para complicar as coisas.

Naquela noite, como na maioria, trabalhamos na maquete apenas até as 18h. Essa era a regra de Opal, embora eu tenha percebido que papai tinha a mão naquilo. No entanto, fazia sentido: uma coisa era ter pessoas se movimentando em cima, e indo e vindo durante a primeira hora do serviço, mas outra ter de lidar com isso durante a correria do jantar.

Dave e eu andamos de volta até nossas casas, juntos. A casa dele, como sempre, estava iluminada, e eu pude ver sua mãe e seu pai na cozinha, movimentando-se. A minha estava escura, exceto pela luz lateral da varanda que sempre nos esquecíamos de desligar. Eu sabia que isso não era nada ecologicamente correto e precisava colar um *post-it* ou alguma coisa na porta para lembrar-me. Em horas como essa, porém, eu ficava contente ao avistá-la.

— Então, você tem grandes planos para jantar? — Dave me perguntou quando começamos a subir pela minha entrada de carros.

— Na verdade não. E você?

— Bolo de tofu — ele fez uma careta antes que eu pudesse reagir. —

É melhor que parece. Mas ainda assim... não muito bom. O que há no seu cardápio?



323

Pensei na nossa geladeira, em como eu não tinha tido tempo para abastecê-la há alguns dias. Ovos, pão, talvez algum frio.

— Café da manhã no jantar, provavelmente.

— Ah, é? — ele suspirou. — Parece maravilhoso.

— Você deveria sugerir para a sua mãe.

Ele balançou a cabeça.

— Ela tem problemas com ovos.

—O quê?

— A versão reduzida é que ela não os digere bem — ele explicou. —

A mais longa envolve intolerância dietética combinada com apreensão ética.

—Ah...

— Exatamente.

Estávamos sob a cesta de basquete. Olhei por cima dos ombros dele, para a cozinha onde a senhora Dobson-Wade mexia alguma coisa na panela wokenquanto o pai de Dave enchia um copo com vinho.

— É legal que vocês comam juntos como uma família. Mesmo que

os ovos não sejam permitidos.

— Acho que sim — ele respondeu. — Embora, na maioria das vezes, estejamos todos lendo.

— O quê?

— Lendo — ele repetiu. — Sabe aquilo que as pessoas fazem com livros?

— Vocês se sentam à mesa e não se falam?

— É... Bem, conversamos um pouco. Mas se tivermos coisas em que estejamos interessados... — ele não prosseguiu, pois parecia constrangido.



324

— Eu disse que era estranho. Portanto, a minha família é estranha. Embora, honestamente, você já possa ter sacado isso.

— Estranhos — falei —, mas unidos. Isso conta para alguma coisa.

Então ele olhou para a minha casa, aquela luz solitária do lado de fora, dentro uma cozinha escura.

— Acho que sim.

Eu estava pronta para entrar.

— Curta o seu bolo de tofu — brinquei com ele, virando na direção

da escada.

— Coma um ovo por mim.

Destranquei a porta, então imediatamente acendi a luz da cozinha, seguida de uma na sala. Depois coloquei o iPod de papai no console — pelo visto, ele esteve a fim do Led Zeppelin de manhã —, quebrei alguns ovos numa tigela e misturei um pouco de leite. O pão na geladeira estava um pouco velho, mas não mofado, perfeito para tostar. Cinco minutos mais tarde, o jantar estava pronto.

Normalmente, eu comia no sofá, diante da televisão ou do *laptop*.

Nesta noite, pra variar, decidi ficar formal, coloquei uma toalha de papel sol o garfo e me sentei à mesa da cozinha. Eu tinha começado a mordiscar a torrada quando ouvi um toque na porta. Quando me virei, lá estava o Dave e o pai dele.

— Precisamos de sua televisão — Dave explicou quando abri a porta. Os dois estavam em pé, com os pratos na mão. Por trás, pude ver a sala de jantar deles, onde a senhora Dobson-Wade estava sozinha à mesa.

Lendo.

— A minha televisão?

— O jogo da Defriese contra a U está começando — o senhor Wade disse —, e a nossa TV, de repente, se recusa a mudar de canal.



325

— Provavelmente por ter vinte anos de idade — Dave acrescentou.

— É uma televisão perfeita e ótima — seu pai falou, ajustando os óculos com a mão disponível. — Nós quase não assistimos TV.

— Exceto hoje — Dave olhou para mim. — Eu sei que é pedir demais. Mas nós podemos...

Eu dei um passo para trás, sinalizando com a mão.

— Sem problemas...

Eles entraram, os talheres chacoalhando nos pratos, e se apressaram para a sala, sentando-se no sofá. Liguei a televisão, depois troquei os canais até achar o rosto do meu padrasto. O jogo já tinha começado há uns dez minutos, e a Defriese estava à frente por nove pontos.

— Como isso aconteceu? — o senhor Wade falou, balançando a cabeça enquanto fui buscar meu prato, deslizando para a cadeira de couro para o lado deles.

— Nossa defesa é uma porcaria — Dave respondeu. Então, ele cheirou o ar e me olhou. — Ai, meu Deus, este cheirinho está demais.

— Ovos mexidos, nada sofisticado — então, o senhor Wade também

ficou encarando o meu prato. — Posso preparar um pouco para vocês se quiserem.

— Ah, não... não. — o pai de Dave falou. Ele apontou para o prato dele, onde um quadrado bege estava rodeado de brócolis e do que parecia ser arroz integral. — Estamos com um jantar ótimo, a sua generosidade com a TV já é suficiente.

— Certo — Dave falou enquanto na tela, rolava um apito. O senhor Wade fez uma careta, reagindo a isso. — Estamos bem.

Voltei a minha atenção à tela. Após alguns minutos de rápidas idas e vindas, um dos jogadores da U sofreu falta e o relógio parou. Assistimos a algumas propagandas de cerveja e um noticiário breve, depois o jogo



326

retornou, mostrando Peter dizendo alguma coisa para um dos armadores. Ele deu um tapinha nas costas dele, e o cara retornou à quadra. Quando Peter sentou-se, vi mamãe atrás dele. Os gêmeos não estavam dessa vez: sozinha, ela assistia ao jogo com uma expressão séria.

— Preparar ovos não é muito complicado falei, — saltando da cadeira. — Acabei de comer, só vai levar um instante.

— Ei, Mclean, você não precisa... — Dave começou. Olhei para ele, depois para a tela, onde mamãe ainda estava à vista. — Ah, tá. Então vai ser ótimo. Obrigado.

Foi mais fácil ouvir o jogo que assisti-lo, então eu me movimentei bem vagorosamente enquanto batia os ovos, acrescentando o leite e preaquecendo a frigideira. Eu não tinha certeza de qual seria a opinião deles sobre a torrada. Problemas com glúten? Seria o trigo ruim eticamente? De qualquer forma, coloquei pão na torradeira. Enquanto preparava os ovos, a U voltou à vida, empatando o placar, embora tenham acumulado algumas faltas nesse processo. Enquanto ouvia Dave e o seu pai interagindo — grunhidos, palmas, celebração ocasional —, sentia o cheiro de ovos sendo preparados, transportei-me à Tyler, em nossa casa antiga, levando a minha vida. Fiquei um tempo nessa.

Faltavam uns cinco minutos para terminar o primeiro tempo quando retornei, equilibrando dois pratos e um rolo de papel-toalha e os deposei na mesa diante de Dave e seu pai. Eram apenas ovos com torrada. Mas pela reação deles, todos achariam que eu tinha preparado um jantar dos mais sofisticados.

— Ai, meu Deus — o senhor Wade cochichou, pondo de lado aos poucos, o prato de tofu semiconsumido. — Isto... isto é manteiga?

— Acho que sim — Dave respondeu. — Puxa, veja como está fofo e amarelinho!

— Não são como Nãovos — o pai dele concordou.

— Nãovos?



327

— Não ovos — Dave explicou. — Substituto de ovos. É o que usamos.

— E do que é feito? — perguntei, enquanto o senhor Wade comia um pouco. Ele fechou os olhos, mastigando lentamente, sua reação era tão repleta de prazer que tive de olhar para o outro lado.

— Sem nada de ovos — Dave explicou. Ele soltou o ar. — Está uma delícia, Mclean. Obrigado.

— Muito obrigado — o pai repetiu, pegando mais um garfada bem cheia.

Sorri, bem quando o jogo voltou à tela. Imediatamente, os jogadores entraram em ação, movimentando-se dentro da quadra, a U na frente tinha a posse da bola. Quando passaram pelo banco, a ação ficou mais lenta e vi Peter novamente, com mamãe atrás dele. Enquanto o time armava o ataque, observei quando ela pegou o telefone, abrindo-o e apertando alguns botões, e depois o colocou na orelha.

Eu me virei, olhando para a minha bolsa, que estava no chão perto do sofá. Tive a certeza de ver uma luz piscando dentro. Tirei-o.

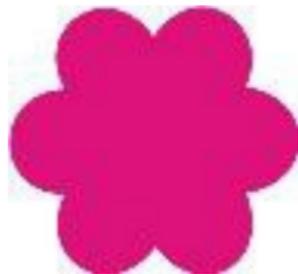
—Alô?

— Oi, querida — ela disse, com o rumor atrás dela. — Eu estava pensando numa coisinha sobre nossa viagem de amanhã. Você tem um instante?

Dave e o pai explodiram em comemoração, os pratos ressoando nos colos quando a U roubou a bola e movimentou-se na direção da quadra adversária. De onde mamãe estava, não se percebia tanta comoção.

— Na verdade — respondi —, hã, estou com umas pessoas aqui jantando.

— Sério? — ela pareceu surpresa. — Ah, tá, então eu ligo mais tarde, tudo bem?



328

— Ótimo! — respondi, observando Dave enquanto ele pegava mais um bocado da torrada e depois sorria para mim. Pão de verdade, manteiga de verdade. Tudo de verdade. — Falo com você mais tarde.



329

Treze

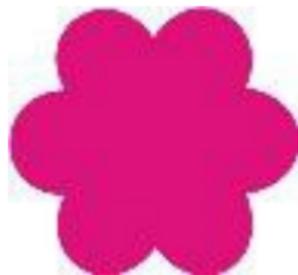
NAQUELA NOITE, TENTEI ESPERAR PAPAI para perguntar-lhe sobre a representante do Conselho e do que eu tinha visto no salão da maquete naquele dia, embora eu não estivesse certa de querer saber a resposta. Ainda assim, eu me ocupei fazendo e desfazendo as malas para a praia, tentando não pensar em todas as vezes em que tinha dobrado as roupas dessa mesma forma, na mesma mala. Assim que isso estava pronto, fiz um bule de café para mim e sentei-me no sofá para estudar para o meu último provão antes da semana de folga, sentindo-me contente de que a tarefa e a cafeína me manteriam acordada até que ele voltasse. Mas acabei acordando às 6h00 na manhã seguinte, com o quarto frio e a colcha de mamãe sobre mim.

Eu me sentei, esfregando os olhos. As chaves de papai estavam no prato perto da porta, o casaco jogado sobre nossa cadeira de couro puída.

À distância, no corredor, ouvi o barulho de água correndo no banheiro.

Apenas outra manhã. Era minha esperança.

Tomei banho, depois me vesti e então preparei uma tigela de cereal e mais um bule de café. Estava despejando a segunda xícara quando ouvi uma batida na porta. Espiando pela janela da frente, vi um sedã de luxo preto estacionado no meio-fio, o que significava apenas uma coisa. Era óbvio, ao abri-la, eu me vi de cara com um pedaço grande de cashmere cinza. Olhei para o alto e mais para o alto ainda, e lá estava o Chuckles.



330

Opal tinha mencionado que ele estava de volta à cidade, mas uma visita em casa era uma surpresa.

— Mclean — ele disse, sorrindo para mim. — Bom dia, o seu pai está por aí?

— Ele está no chuveiro — respondi, me afastando para que ele pudesse entrar. Ele teve que se abaixar para passar pelo batente, mas alguma coisa na maneira relaxada com que ele o fez deixou claro que já estava acostumado com isso. — Acho que ele não vai demorar. Quer um café?

— Não, obrigado, já vim preparado — ele falou, segurando um copo em uma das suas enormes mãos. — Esta coisa me estragou. Agora eu tenho de trazê-la comigo quando viajo. Nada mais se compara.

— Verdade? E o que é?

— Uma mistura especial, café cultivado e torrado em Kona, Havaí.

Fiz uns negócios lá ultimamente e descobri isto — ele tirou a tampa, passando-o para mim. — Dê uma cheirada.

Foi o que fiz, embora aquilo parecesse um tanto estranho. O cheiro era fantástico.

— Uau! — exclamei. — Havaí, é?

— Já foi lá?

— Não, mas gostaria muito de ir — falei, aprovando com a cabeça.

— Verdade? — ele falou, observando enquanto eu dobrava a colcha, colocando-a de volta no braço do sofá. — É bom saber disso.

Olhei para cima, pensando nisso, mas então papai já vinha pelo corredor, de cabelos molhados, enfiando um blusão pela cabeça.

— Não é um pouco cedo para vendedores ambulantes? — ele perguntou.



— Confie em mim — Chuckles respondeu, tampando o café e tomando um gole —, você quer o que estou mascateando.

— É o que você sempre diz — papai pegou as chaves e o celular. — Você já está saindo da cidade?

— Já. Só queria parar um pouco para te incomodar mais uma vez — ele sorriu para mim. — Eu só estava falando para a sua filha sobre este café Kona maravilhoso.

— Vamos conversar lá fora — papai falou, colocando o casaco. — Mclean, já volto.

— Bom te ver — Chuckles disse enquanto se abaixava para passar pela porta. — E aloha. Isso significa oi e tchau no Havai. Lembre-se disso, tá? É uma informação útil.

— Tudo bem — respondi, meio insegura. — Aloha.

Papai disparou um olhar para ele e depois fechou a porta atrás deles. Eu os observei caminhando pelo passeio, com a altura tão contrastante formavam o mais estranho dos pares. Assim que eles entraram na parte de trás do sedã preto, parado no meio-fio, meu celular tocou.

Eu o tirei e abri, com os olhos ainda no carro.

— Bom dia, mãe.

— Bom dia! — ela respondeu. — Você está com pressa, ou dá para conversar um segundo?

— Dá para falar.

— Ótimo! Hoje vai ser loucura, fazer as malas e dirigir até aí, então eu só queria confirmar nossos horários e tudo mais antes que a loucura comece — ela riu. — Então, você acha que tudo bem às quatro?

— Acho que sim — respondi. — Volto no máximo às três e quarenta e cinco, e já estou com a mala pronta.



332

— Não se esqueça do biquíni — ela falou. — Nosso cara da manutenção ligou ontem e é oficial: a piscina e a banheira já estão funcionando.

— Puxa, eu me esqueci totalmente disso. Nem sei se ainda tenho biquíni.

— A gente arruma um para você — ela respondeu. — Na verdade, tem uma butique bem legal no calçadão em Colby, da minha amiga Heidi. A gente passa lá se chegarmos antes da hora do fechamento — houve um choro alto ao fundo. — Meu Deus, Connor acabou de derrubar uma tigela de Cheerios em Madison. É melhor eu dar uma olhada. Até as quatro?

— Tá. Até lá.

O telefone dela foi desligado com um ruído — parece que sempre

tinha de desligar o celular na correria e eu desliguei o meu, colocando-o de volta no bolso. Eu me virei bem a tempo de ver pela janela papai voltando para casa e o carro de Chuckles partindo.

— Então — falei assim que a porta se abriu —, espero que esta seja uma boa hora para te informar que estou precisando de um biquíni.

Ele parou onde estava, o rosto dele se contraiu.

— Ah, pelo amor de Deus. Ele te contou? Eu pedi especificamente que não dissesse nada. Puxa, esse cara não tem capacidade de manter o bico fechado sobre nada.

Fiquei olhando para ele, confusa.

— Do que é que você está falando?

— Chuckles — ele falou, zangado. Depois ele me encarou. — O emprego no Havaí. Ele contou, certo?

Aos poucos, balancei a cabeça, negando.

— Eu estava falando sobre a viagem de hoje. Mamãe tem uma piscina.



— Ah... — ele falou baixinho. Depois soltou o ar dos pulmões e

passou a mão sobre o rosto.

Nós ficamos ali por um momento, os dois ainda imóveis. Café, Kona, aloba, sem mencionar a aparente suspensão temporária do Luna Blu e as saídas dele com a representante do Conselho: de repente, tudo fazia sentido.

— Nós vamos para o Havai? — questionei finalmente. — Quando?

— Não há nada de oficial ainda — ele respondeu, indo até o sofá e se sentando. — De qualquer forma, é uma oferta maluca. Esse restaurante ainda nem abriu e já está uma bagunça geral. Seria uma loucura concordar com isso.

— Quando? — falei novamente.

Ele engoliu em seco, jogando a cabeça para trás e estudando o teto.

— Dentro de cinco semanas. Alguns dias a mais ou a menos.

Imediatamente, pensei em mamãe, em como eu tinha impedido a questão da guarda com as minhas promessas desta viagem e dos fins de semana, além de que as coisas tinham melhorado entre nós desde então. O Havai podia muito bem ser outro mundo.

— Você não precisa ir — papai falou, então, olhando para mim.

— Eu ficaria aqui?

— Bem, não... Eu estava pensando que você poderia voltar para a casa da sua mãe. Terminar o ano e formar-se lá, com os seus amigos — ele falou, franzindo a testa.

Casa. Quando ele falou esta palavra, nada veio à minha mente.

Nenhuma imagem ou lugar.

— Então essas são as opções. Mamãe ou o Havai?

— Mclean, eu disse que não havia nada resolvido ainda —
completou, limpando a garganta.



334

Foi tão estranho. Assim, do nada e tão repentinamente, eu tinha certeza de que começaria a chorar. E não seria apenas um choro, mas aquelas lágrimas quentes e loucas que ardem na garganta e queimam os olhos, o tipo que você só solta na privacidade, quando sabe que ninguém pode vê-la ou ouvi-la, nem mesmo a pessoa que as provocou.

Especialmente elas.

— Então é por isso que você andou saindo com a representante do Conselho? — falei lentamente.

— A gente saiu algumas vezes. E só.

— Ela sabe do Havai?

Ele piscou, depois olhou para mim.

— Não há nada para ela saber. Eu disse que não fiz nenhum plano.

— Exceto pelo pedido de carne passar a ser semanal em vez de mensal — falei. Ele ergueu as sobrancelhas. — Não é bom presságio para o

restaurante. Significa duas coisas, ou você está com pouco dinheiro, ou com pouco tempo. Ou as duas coisas.

Ele se recostou, balançando a cabeça.

— Você não deixa passar nada, não é?

— Só para repetir o que você me disse em Petree. Ou Montford Falls.

— Petree — ele respondeu. — Em Montford eles tinham tempo e dinheiro. Foi por isso que eles conseguiram superar os problemas.

— E o Luna Blu não vai conseguir — falei, lentamente.

— Provavelmente não — ele esfregou a mão no rosto, depois a deixou cair olhando para mim. — Mas estou falando sério sobre o que disse. Você não pode simplesmente largar tudo e mudar-se para o meio do mundo só para se formar. Sua mãe não suportaria isso.



335

— Mas não é ela que escolhe.

— Por que você não quer ir para casa? — ele perguntou.

— Porque não é mais a minha casa — respondi. — Já não é há três anos. E sim, mamãe e eu estamos nos dando melhor, mas isso não significa

que eu queira ficar com ela.

Papai esfregou a mão no rosto, o sinal claro de que ele estava cansado e frustrado.

— Preciso ir ao restaurante — ele disse, querendo sair da sala. —

Pense nisso, está bem? Podemos discutir melhor à noite.

— Mamãe vem me pegar para irmos à praia às quatro.

— Então quando você voltar. Nada precisa ser decidido agora.

Ele se levantou, depois começou a virar para o corredor.

— Eu não posso voltar lá, você não entende. Eu não sou...

Ele parou, depois olhou de volta para mim, esperando que eu terminasse a sentença, e então percebi que não conseguiria. Na minha cabeça, a coisa tomava mil direções: “Nao sou mais aquela garota.” “Nao tenho certeza do que sou”— cada uma me conduzindo para mais complicações e explicações.

O telefone de papai, deixado sobre a mesa, tocou de repente. Mas ele não respondeu, em vez disso, continuou a me encarar.

— Não é mais o quê? — ele questionou. — Fique aqui. Eu quero continuar a falar sobre isso — ele disse, enquanto pegava o celular, abrindo-o. — Gus Sweet. Sim, oi. Não, estou a caminho...

Eu o olhei enquanto ele virava, ainda falando, e desceu o corredor para o seu quarto. Assim que saiu do meu campo de visão, agarrei a minha mochila e saí.



336

O ar estava frio e limpo, e eu senti que ele enchia meus pulmões como água enquanto eu o tomava em um só fôlego e começava a andar em volta da casa para meu atalho até o ponto de ônibus. A grama sob meus pés estava úmida, minhas bochechas ardendo, e eu me impelia adiante pelo quintal e para aquele prédio atrás de nós.

Coberto por uma fina camada de gelo, ele parecia ainda mais desolado do que nunca e, quando eu passei pelo quintal lateral, com o ponto de ônibus à vista, adiante, parei, depois me curvei, colocando as mãos sobre as pernas e tentando recuperar o fôlego e engolir as lágrimas. Eu podia sentir o frio à minha volta: penetrando nos meus sapatos, no ar, movimentando-se através e ao redor desse local vazio, abandonado ao meu lado. Eu me virei, respirei fundo, e olhei em volta, vendo o meu reflexo em uma das janelas remanescentes. Meu rosto parecia selvagem, perdido e, por um segundo, eu nem me reconheci. Como se a casa estivesse me olhando, e eu fosse uma estranha. Sem casa, sem controle e sem ideia de

onde eu estava, apenas sabendo para onde eu poderia estar indo.

— Mclean. Espere!

Mordi os lábios ao ouvir o som da voz de Dave, gritando atrás de mim. Com a desculpa de ter que estudar e a necessidade de obter alguns créditos antes do fim do dia de hoje, o último dia de aulas do período, eu tinha conseguido evitar quase todos durante o dia escolar inteiro. Até agora.

— Ei — falei enquanto ele corria, até me alcançar.

— Onde você esteve o dia todo? — ele falou. — Pensei que você tinha cabulado, ou coisa assim.



337

— Eu tive testes — respondi, enquanto nos movimentávamos com o resto da multidão através do portão principal — e outras coisas.

— Ah, sei. Porque você está de saída.

— O quê?

— Para a praia. Hoje. Com a sua mãe — ele estreitou os olhos, me encarando. — Certo?

— Ah, sim — falei, concordando com a cabeça. — Desculpe, eu

estou distraída... Por causa da viagem e de outras coisas.

— Claro — ele respondeu, mas manteve os olhos em mim, mesmo quando eu concentrei a minha atenção adiante. — Então, você já está de saída, ou vai dar uma passadinha no restaurante?

— Hã... — falei, enquanto meu celular tocava no bolso. Eu o tirei, olhando para a tela. Era um torpedo do meu pai. PASSE AQUI ANTES DE PARTIR, dizia. Um pedido, não uma ordem.

— Na verdade, eu estou indo para lá agora.

— Legal. Vamos juntos, de carro.

Estar sozinha com ele, naquele momento, era exatamente o que eu não queria fazer. Mas sem jeito de me livrar de sua companhia, eu o segui até o estacionamento, me enfiando no assento de passageiro do Volvo.

Após três falhas do motor, ele finalmente conseguiu deixar a vaga e seguir até a saída.

— Então — ele disse, enquanto virávamos para a rua principal, com o escapamento pipocando —, estive pensando.

— É?

Ele balançou a cabeça.

— Você precisa sair comigo.

Pisquei.



338

— Como é?

— Você sabe, eu, você. Um restaurante ou um cinema. Juntos — ele deu uma espiada e mudou a marcha. — Talvez isso seja uma coisa nova para você? Se for, eu fico contente em compartilhar com você.

— Você quer me levar ao cinema? — perguntei.

— Bem, não exatamente. O que eu quero, de verdade, é que você seja minha namorada. Mas pensei que se dissesse isso eu ia te assustar. Senti o coração afundar no meu peito.

— Você é sempre tão direto nesse tipo de coisa?

— Não — disse ele. Viramos à direita, iniciando a subida em direção ao centro, os edifícios altos do hospital e a torre do sino da U, visíveis lá em cima. — Mas eu tenho a sensação de que você está com pressa, de saída e tal, então calculei que deveria cortar o caminho.

— Só vou sair por uma semana — falei baixinho.

— Verdade — ele falou, enquanto o motor fazia força, ainda na subida. — Mas estou querendo fazer isso há um tempinho já e não queria esperar mais.

— Sério? — perguntei. Ele assentiu — Desde quando? Ele pensou

por um instante.

— Desde o dia em que você me acertou com aquela bola de

basquete.

— Aquilo foi atraente para você?

— Não exatamente — ele respondeu. — Foi mais constrangedor e

humilhante, mas aconteceu alguma coisa naquele momento... Foi como um

quadro em branco. Sem afetação ou fingimento. Foi, sabe, real.

Estávamos chegando ao centro, passamos pela Fray Bake, o Luna Blu

estava a apenas alguns quarteirões de distância.



339

— Real — repeti.

— Sim, ou seja, é impossível fingir alguma coisa se você já viu a

outra pessoa de uma forma que ela nunca tinha escolhido mostrar. Não há

retorno depois disso.

— Não — respondi. — Acho que não há.

Ele virou no estacionamento do Luna Blu, parando ao lado de um

Volkswagen, nós saímos e começamos a andar até a entrada da cozinha.

— Então — ele disse —, não quero forçar a barra nem parecer

desesperado, mas você não me respondeu exatamente.

— Vocês! Esperem! — ouvi uma voz gritar detrás da gente. Eu me virei bem a tempo de ver a van de Ellis entrar no local bem ao lado do Volvo. Um instante depois, ele estava correndo na nossa direção, com as chaves balançando em uma das mãos. — Estou contente de ver vocês, caras. Pensei que estava atrasado.

Dave olhou no relógio.

— Na verdade estamos todos atrasados.

— Dois minutos — eu falei. — Não acho que ela vai nos chicotear ou coisa do tipo.

— Nunca se sabe — ele abriu a porta de trás. Enquanto Ellis entrava, e eu o seguia, Dave disse — estamos falando da Deb.

— Na verdade — falei parando diante da porta fechada do escritório do meu pai —, eu preciso dar uma paradinha aqui. Eu me encontro com vocês mais tarde.

— Ah, não — Ellis exclamou. — Ela era a nossa conciliadora.

— Mas agora podemos dizer que a culpa foi dela — Dave falou.

Para mim, ele disse: — Dê um tempo e pense nisso!



Fiz uma careta, e então eles saíram, a porta que conduzia ao restaurante se fechou com um barulho atrás deles. Eu me inclinei um pouco mais na porta de papai. Consegui ouvi-lo lá dentro, falando com a voz baixa.

— Eu não bateria agora — alguém falou, e eu me virei e vi Jason em pé no corredor, com a prancheta nas mãos, na sala estreita onde eles mantinham todos os produtos enlatados e secos.

— Seu pai disse para não interromper até segunda ordem.

— Sério? — perguntei, olhando para a porta novamente. — Ele disse o que estava acontecendo?

— Não perguntei — ele balançou a cabeça, verificando alguma coisa na lista. — Mas eles estão lá dentro há algum tempo.

Eu estava para perguntar quem estava com papai antes de mudar de ideia. Em vez disso, eu me afastei, agradecendo, e subi a escada.

O restaurante estava vazio e silencioso. Os únicos sons eram a geladeira de cerveja chiando e o ruído do ventilador sobre o lugar da recepcionista, ligado à toda. Parei no fim do balcão, olhando a fileira de mesas, todas arrumadas com cuidado esperando a abertura. Como um quadro em branco, pensei, lembrando o que Dave tinha dito antes. Embora cada turno começasse da mesma forma, em qualquer noite, tudo poderia acontecer ali.

Fazia muito silêncio quando subi a escada para o sótão, e eu pensei se Dave e todos os outros tinham saído, ou coisa assim. Quando cheguei ao

patamar, eu os vi todos reunidos em volta de Deb, que estava sentada de costas para mim em uma das mesas, o computador aberto no seu colo. Eu não conseguia ver o que estava na tela, mas todos o examinavam.

— ... deve ser algum tipo de piada — ela dizia. — Ou isso, ou mera coincidência.



341

— Desculpe, mas elas não são apenas semelhantes. Veja essa e depois esta outra. — Heather adiantou-se, apontando para a tela. — É a mesma garota.

— Porém, com nomes diferentes — Riley murmurou.

— Primeiro nome diferente — Heather falou. — Como eu disse, é a mesma garota.

— O que está acontecendo? — perguntei.

Deb saltou assustada e fechou o laptop, virando-se para o outro lado.

— Nada. Eu só estava...

— ... atualizando a página do Ume.com para a maquete e fazendo os links de nossas contas nele — Heather terminou, abrindo-o novamente. —

Imagine a nossa surpresa quando colocamos seu e-mail e apareceram cinco perfis.

— Heather — Riley falou, com a voz baixa.

— O quê? É estranho, todos achamos isso dez minutos atrás — ela olhou para mim enquanto Dave e Ellis voltaram a atenção ao computador.

— O que você tem, múltipla personalidade ou o quê?

Senti a boca secar quando o impacto do que eles tinham descoberto finalmente começou a me atingir. Dei um passo para trás, os olhos se estreitando ao ver a tela na mesa e a lista de nomes lá. Cinco garotas, cinco perfis, quatro fotografias. MCLEAN SWEET. ELIZA SWEET. LIZBET SWEET. BETH SWEET. E, ao final, apenas um nome, nada mais para Liz Sweet. Eu só tinha conseguido fazer isso.

— Mclean? — Deb falou baixinho. Olhei para ela, ainda muito consciente de Dave estudando a tela a apenas alguns centímetros de mim.

— O que é isso?



342

Eu engoli em seco. Eles todos tinham sido tão honestos comigo, tão abertos. Dave e seus constrangimentos no passado, Riley e seus namorados

problemáticos, Ellis e a Van do Amor, Deb e, bem, tudo. Mesmo Heather tinha apontado para a casa dela e falado do pai, o tecnofóbico fã do Loeb. Com isso, eles tinham perfeitas e boas razões para duvidar de tudo que eu tinha dito em troca. Mesmo que, pensei, olhando para Dave, fosse verdade. — Eu... eu... — comecei, mas não veio nenhuma palavra, nada, apenas um soluço na respiração, e então eu já estava me virando na escada, descendo rapidamente enquanto prosseguia. Passei ligeira pelo restaurante, ultrapassei Tracey, que estava enfileirando os cardápios no bar.

— Ei! — ela gritou, parecia um borrão na minha visão lateral. —

Onde foi o incêndio?

Eu ignorei isso enquanto me movimentava pela porta abaixo, no corredor, seguindo para a entrada dos fundos. Eu estava apenas empurrando a porta, com a palma aberta na tela fina, quando vi Opal sair do escritório do meu pai, atrás de mim.

— Você deveria ter me dito — ela falou, lado a lado com o meu ombro. O rosto dela estava vermelho, zangado. — Você me deixou seguir em frente como uma idiota, pensando que as coisas estavam bem.

— Eu não tinha certeza — papai falou.

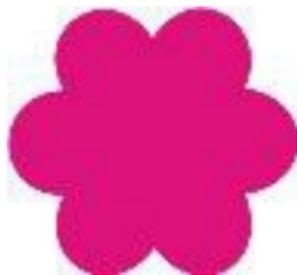
— Mas você sabia de alguma coisa! — ela falou, virando-se para encará-lo. — E você sabia como eu me sentia a respeito deste lugar e destas pessoas. Você sabia e não disse nada.

— Opal — papai falou, mas ela já estava se virando, indo embora, empurrando a porta do restaurante com um baque e passando por ela.

Com um suspiro e de ombros caídos, papai a observou sair. Então ele me

viu:

— Mclean. Quando...



343

— Então agora é oficial... — falei, cortando-o. — Estamos de mudanças.

— Precisamos conversar sobre isso — ele respondeu, aproximando-se. — Temos muito a conversar.

— Eu quero ir — falei. — Eu vou quando for para ir. Eu vou agora.

— Agora? — ele estreitou os olhos, preocupado. — Do que você está falando? O que há de errado?

Balancei a cabeça, saindo da rampa que levava à porta.

— Eu tenho que voltar para casa. Mamãe... ela está me esperando.

— Ei, espere um pouco — ele disse. — Fale comigo.

É o que todo mundo queria. Minha mãe, meu pai, meus amigos lá em cima, sem falar em todas as pessoas de todos os lugares que eu tinha deixado para trás. Mas conversar era barato e inútil. A ação é que importava. E eu, eu estava me mudando. Agora, novamente, sempre.



344

Catorze

— TUDO BEM COM VOCÊ, MESMO? — mamãe perguntou, dando uma espiada em mim. — Não está com calor? Nem com frio?

Olhei para o console diante de mim, onde havia botões para aquecimento de assento, calefação média, ventilador e controle de umidade. Olhei para o utilitário de Peter, um dos maiores que eu já tinha visto, não era bem um carro, mas uma moradia sobre rodas.

— Estou bem.

— Então, tá. Mas se quiser ajustar algum controle, fique à vontade

— insistiu ela.

Naquele momento, já estávamos na estrada há pouco menos que uma hora, e a conversa tinha se limitado a esse assunto, ao tempo e à própria praia. O carro estava em velocidade controlada e, honestamente, eu me sentia como se também estivesse assim — apenas passando pelas

diferentes velocidades enquanto o caos da tarde ficava para trás,
quilômetro após quilômetro.

Eu estava certa: ao voltar para casa, mamãe estava esperando,
ocupada, distribuindo caixinhas de suco para os gêmeos, presos em
cadeirinhas lado a lado no enorme assento traseiro do carro.

— Oi! — ela chamou, sacudindo um canudinho de plástico para
mim. — Pronta para um passeio na estrada?



345

— Sim — respondi. — Só vou pegar minhas coisas.

Dentro da casa, joguei uma água no rosto e tentei me acalmar. Tudo
que conseguia pensar era em todo mundo reunido ao redor do laptop, com
aquelas versões minhas a serem analisadas diante deles. A vergonha que
senti foi como uma febre, quente e fria e pegajosa, tudo ao mesmo tempo, e
nenhum botão ou controle de ajuste faria porcaria nenhuma de diferença.

— Então, estou pensando... — mamãe começou agora, dando uma
olhada rápida pelo retrovisor nos gêmeos adormecidos — que podemos ir
para casa, tirar a bagagem e depois talvez dar um giro rápido pelo
calçadão. Tem um restaurante bem legal lá, podemos pegar o jantar e

depois a gente procura um biquíni para você, que tal?

— Ótimo.

Ela sorriu, esticando-se para apertar o meu joelho.

— Estou tão contente por você estar aqui, Mclean. Obrigada por ter vindo.

Concordei com a cabeça, sem dizer nada, quando meu celular vibrou no bolso. Por fim, eu tinha desligado o som após receber ligações de papai, Riley e Deb nos primeiros vinte minutos em que estávamos na estrada. Era irônico, hilário, ou as duas coisas: esquivar das ligações de outras pessoas em favor da conversa com a mamãe. Mas nada mais fazia sentido.

Enquanto avançávamos pela rodovia, ela se bifurcou em estradas de duas pistas, e as árvores variaram de carvalhos enormes para pinheiros mirrados de litoral. Eu não conseguia parar de pensar naqueles passeios pelas estradas antigas que costumávamos fazer juntas na Superximbica quando ela era mais nova, e era o carro dela. Ela dirigia enquanto eu monitorava o rádio e controlava as bebidas, sem deixar faltar copos enormes de cafés ou de coca zero, conforme necessidade. Às vezes, a gente esbanjava em revistas, que eu lia alto na época, instruindo-nos sobre maquiagem e dicas de dietas quando as estações de rádio rareavam e



346

ficavam sem sinal. Agora, no enorme carro/caminhão/estação orbital de Peter, tínhamos uma geladeirinha embutida repleta de bebidas e rádios por satélite com a opção de mais de trezentas estações sem nenhuma interrupção mínima de sinal. Sem nos esquecermos da companhia, na forma de duas criancinhas. Praticamente, a paisagem era a única coisa que não tinha mudado.

Eu estava com medo da viagem por vários motivos, mas especialmente devido ao fato de ficar presa com mamãe durante quatro horas diretas no carro sem poder escapar da conversa. No entanto, ela me surpreendeu ao ficar tão satisfeita quanto eu com os longos períodos de silêncio. Comecei a tomar consciência disso após um tempinho.

— Desculpe por não estar muito a fim de conversa — falei, quando estávamos a cerca de hora e meia de distância. — Acho que estou realmente exausta.

— Tudo bem. Para ser sincera, eu também estou cansada. E com esses dois, eu não tenho muito silêncio. Assim está... gostoso — ela respondeu olhando para mim.

— É verdade — observei, quando meu celular vibrou de novo. Eu o peguei, ignorando a tela, e o desliguei totalmente, enfiando-o de volta no meu bolso.

Estava começando a escurecer quando passamos sobre a ponte de Colby, o som se espalhava amplo e escuro sob nós. Nessa hora, os gêmeos estavam acordados e mal—humorados, e tivemos que colocar Elmo fazendo cover de música dos Beatles uma tortura, que era novidade para mim — para evitar que entrassem em motim.

— Mclean — mamãe chamou, virando-se para trás para pegar a sacola de fraldas, que era enorme e estava inundada de lenços umedecidos, Huggies e vários outros suprimentos —, será que dava para achar um lanchinho para eles aqui? Vamos chegar em mais ou menos dez minutos, mas um lanchinho pode evitar uma explosão nuclear total por aqui.



347

— Claro! — respondi. Escarafunchei a bolsa até encontrar um pacote com os familiares biscoitinhos com forma de peixe. Abri, virei-me no assento para encarar os gêmeos. — Vocês estão com fome?

— Peixe! — Connor gritou, apontando o pacote.

— Isso mesmo — respondi, pegando um pouco e entregando para ele. Madison, que bebia algo da canequinha, estendeu a mão também, e eu lhe passei uma porção semelhante. — Jantar dos campeões!

Mamãe ligou a seta, pegando a esquerda na rua que se estendia até o centro da cidade. Eu não me lembrava muito de Colby, além da última vez em que estive lá. Ela parecera mais nova que North Reddemane, repleta de casas em construção, placas de alvarás por toda a parte. Agora, anos mais tarde, parecia muito mais pronta, com todas as coisas que se espera encontrar em uma típica cidade praiana: lojas de surf, butiques, hotéis e locais para alugar bicicletas. Quando passamos pelo calçadão e seguimos em frente, os terrenos e casas começaram a ficar maiores, depois maiores ainda, alternando de sobrados e locais apertados para passar o fim de semana para estruturas amplas pintadas com cores vibrantes, as piscinas se estendiam diante delas. Os gêmeos resmungavam em dupla, com o Elmo cantando: “Baby, you can drive my car”, em esquema total de guinchos e chiados, quando mamãe dirigiu pela entrada de carros e parou diante dos degraus da frente da casa cor de esponja verde.

— Chegamos! — ela falou, olhando para trás na direção dos gêmeos.

— Viram? É a casa da praia.

Eu vi e tinha certeza de que estava de queixo caído.

— Mãe... Uau! — exclamei, enquanto ela tirava a chave da ignição, abrindo a porta.

— Não é tão grande quanto aparenta... — ela respondeu, ao sair.

Atrás de mim, Madison soltou um resmungo, competindo com o Elmo no

tom. — Sério!



348

Fiquei sentada lá, encarando aquela mansão enorme e verde que se erguia diante de mim. Havia colunas, três andares, uma garagem no subsolo e dava para ver através das janelas altas de vidro, sobre a porta da frente, uma vista enorme do mar, que se estendia tão longe quanto a vista alcançasse.

— Mãe, tô com fome. — Connor reclamou, enquanto mamãe soltava o cinto de segurança. — Quero macarrão com queijo!

— Macarrão com queijo! — Madison fez coro, agitando a canequinha.

— Tudo bem, tudo bem — mamãe respondeu. — Vamos entrar em casa primeiro.

Ela apoiou Connor no quadril, depois deu a volta para o outro lado do carro, tirou Maddie também e a apoiou no outro lado. Depois de pegar a sacola de fraldas e a bolsa, ela começou a subir os degraus, parecendo um sherpa 10 escalando o Everest.

— Mãe, por favor, deixe que eu segure alguma coisa também —

falei, saindo do carro e a alcançando.

— Ah, querida, seria ótimo — ela respondeu, olhando para trás. Eu a alcancei e peguei a sacola de fraldas e a bolsa, e de repente me vi segurando a Maddie, que prendeu os braços no meu pescoço e suas perninhas gordas apertaram a minha cintura. Ela cheirava a lenços umedecidos e a suor de bebê, e imediatamente derrubou um peixinho dourado molhado dentro da minha camisa.

— Agora, deixe-me achar as chaves... aqui. Prontinho. Vamos entrar.

Ela empurrou a porta com o quadril para abri-la, depois entrou, tentando alcançar o interruptor de luz enquanto eu a seguia.

Imediatamente, o hall se iluminou, mostrando as paredes de cor amarelo-vivo, forradas com desenhos emoldurados com tema praiano.

10 Pessoa pertencente a uma etnia da região montanhosa do Nepal.



349

— Então, esta é a cozinha e a sala — mamãe dizia enquanto caminhávamos na direção da escada, Connor pendurado no quadril dela e Maddie agarrando a minha mão com sua mãozinha — a outra estava dentro da boca. — A suíte fica lá, e os outros quartos ficam no segundo e

terceiro andares.

— Tem quatro andares?

— Tem — ela respondeu, olhando para trás, em minha direção, enquanto apertava outro interruptor e iluminava uma cozinha ampla e aberta. Uma geladeira de aço inoxidável SubZero, maior e muito mais nova do que a que havia no Luna Blu, ficava em um dos cantos. — Bem, na verdade, são cinco. Se contar o piso da sala de jogos. Mas, de fato, é só um espaço inacabado no sótão.

Houve um barulho de assovio, uma melodia que eu reconhecia, mas não identifiquei de imediato. Mamãe, com o Connor ainda nos braços, buscou a bolsa e tirou o celular. Então, eu disse:

— ... o hino de guerra da Defriese — ela terminou por mim. — Foi o Peter que colocou para mim. Eu costumava deixar o ABBA, mas ele insistiu.

Eu não disse nada, apenas fiquei olhando lá fora a fileira de janelas enormes dando para o mar. Mamãe colocou o celular na orelha, depois se inclinou, soltando Connor, que imediatamente correu para a geladeira, batendo as mãos nela. Tentei fazer o mesmo com Maddie, mas ela se aconchegou mais ainda em mim, se é que isso era possível.

— Alô? Oi, amor. Sim, acabamos de chegar. Foi tudo bem. — mamãe olhava para Connor, como se avaliasse uma tentativa de encurralá-lo. Em segundos, foi o estopim, e ele corria por toda a sala em velocidade máxima. — Vamos tirar um pouco da bagagem e depois passar no Last Chance. Você já jantou? Ótimo.



350

Andei até a janela mais próxima, Maddie torceu uma mecha do meu cabelo e olhou para o deque. Lá embaixo pude ver a piscina, parte dela descoberta, a outra enfiada por baixo de um beiral.

— Eu te ligo assim que voltarmos — mamãe continuou, buscando alguma coisa na bolsa. — Sei disso, eu também. Não é a mesma coisa sem você. Tá, eu te amo. Tchau.

Connor correu por nós, batendo contra o meu quadril.

— Praia! — ele gritou, a vozinha aguda e baixa ecoou pela sala ampla.

— O Peter mandou um oi — mamãe me disse, jogando o celular de volta à bolsa. — Em geral, se possível, a gente evita passar as noites separados. Eu vivo dizendo a ele que a maioria dos casais viaja separado o tempo todo, mas ele ainda se preocupa.

— Preocupa-se com o quê? Por quê?

— Ah, um pouco de tudo — ela respondeu. — Ele prefere que estejamos todos juntos. Vamos pegar algumas coisas, e depois a gente sai. Você fica de olho nos gêmeos um segundinho? As coisas ficam mais fáceis

sem uma “entourage” atrás da gente!

— Claro — respondi, enquanto Connor corria do outro lado, agora espalhando marcas da palma da mão pelas portas de vidro que levavam lá para fora. Ela sorriu para mim agradecida e começou a se movimentar-se na direção do carro. Um instante mais tarde ouvi a porta da garagem se abrindo, e o carro desapareceu sob a casa.

O que me deixou naquela sala enorme e maluca com meus meio-irmãos, um deles, como numa onda de destruição composta apenas por um homem, já tinha manchado praticamente todas as superfícies brilhantes e refletivas à vista.

— Connor! — gritei, enquanto ele batia os punhos de bebê contra uma janela. — Ei!



351

Ele se virou, olhando para mim, e eu percebi que não tinha a mínima ideia do que falar para ele. Ou fazer com ele. Lá embaixo, em algum outro lugar, uma porta de carro se fechou.

— Vamos lá ver a água — eu disse, tentando fazer a Maddie descer do colo. Nada ainda. Então fiquei com ela apoiada no meu quadril e

atravessei a sala, destranquei a porta de trás e estendi a mão para Connor.

Ele a segurou, bem apertado, e saímos a ora.

Estava escuro, o vento era frio, mas a praia ainda estava linda. Era inteirinha para nós, exceto por alguns caminhões estacionados lá adiante em uma das pontas, com os faróis acesos, e varas de pesca enfiadas na areia diante deles. Assim que alcançamos a areia, Connor se desvencilhou de mim, correndo para uma poça de água do mar a apenas alguns metros de distância, e eu me arrastei com dificuldade para alcançá-lo. Ele se curvou, tentando tocar a água rasa parada com uma das mãos.

— Fria! — exclamou.

— Acho que sim — respondi.

Olhei para a casa e vi mamãe passando diante daquela fileira de janelas, carregando algumas sacolas ecológicas de pano; as luzes a rodeavam. As casas dos dois lados estavam escuras, obviamente desocupadas.

— Frio — Maddie repetiu, encolhendo-se nos meus ombros. —

Quero entrar.

— Já vamos — respondi, virando-me para olhar a água novamente.

Mesmo à noite, dava para ver a espuma conforme as ondas batiam, movimentando-se para frente e recolhendo-se novamente. Fiquei lá, em pé, perto de Connor, que ainda batia na poça de água, o vento soprava nas mechas de cabelo do bebê, depois, olhei para o céu acima de nós. Era óbvio que mamãe não precisava daquele velho telescópio aqui. As estrelas pareciam estar tão perto que dava quase para tocá-las, e ela nunca teria de

fazer força para enxergar uma. Ela nunca queria nada mais. E embora eu



352

soubesse que era uma coisa boa para ela, e até mesmo para Connor e Maddie, isso me deixou triste de uma forma que eu nem tinha certeza de poder entender.

— Mclean? — ouvi mamãe chamando. Quando me virei, eu a vi emoldurada pelas portas duplas abertas, com uma mão no quadril. — Cadê você?

Foi muito estranho, mas durante um instante, uma parte de mim queria ficar quieta, para ela ter que vir me procurar. Mas então, num segundo, o pensamento se foi, e eu pus as mãos em concha sobre a boca para gritar mais alto que o barulho das ondas.

— Aqui! — gritei, em resposta. — Já vamos voltar.

Após sair para comer rapidamente em um restaurante local — os gêmeos ficaram cansados demais por estarem presos e permaneceram cerca de dez segundos nos cadeirões — caminhamos pelo calçadão, no frio,

até a butique que mamãe mencionara antes, e descobrimos que ela estava fechada.

— Horário de inverno — ela observou, verificando o aviso.

— Eles fecharam às cinco.

— Tudo bem — respondi. — Acho que nem vou nadar.

— Amanhã cedo a gente compra um biquíni — ela prosseguiu. —

Prometo.

De volta a casa, tiramos o resto da bagagem do carro, usando o elevador (elevador!) para levar as coisas até o terceiro andar. Fiquei num



353

quarto com a colcha rosa-coral, mobília de palha e um cartaz pendurado sobre o espelho onde se lia PRAIA em letras grandes. Cheirava a tinta fresca e tinha uma vista maravilhosa.

— Tudo bem? — perguntei a mamãe assim que entramos, e os

gêmeos se movimentaram para pular na cama. — Não preciso de uma cama tão grande.

— Todas são grandes assim! — ela exclamou, parecendo sem graça.

— Isto é, exceto as dos gêmeos. — Vou deixá-los do outro lado da casa,

para eles não te acordarem de madrugada.

— Eu acordo bem cedo — retruquei.

— Às cinco horas da manhã?

— O quê? — Eu a encarei, enquanto ela fazia que sim com a cabeça.

— Puxa, não é à toa que você está cansada.

— É exaustivo — ela concordou, este pensamento foi corroborado por Maddie e Connor pulando despreocupados na cama diante de nós.

— Mas eles são pequenos apenas uma vez, e passa tão rápido.

Parece que você acabou de passar por essa idade, juro. Só que quando você era bebê, eu estava tão preocupada com o trabalho e o restaurante... Eu sinto que perdi tanta coisa.

— Você sempre estava por perto — eu a tranquilizei. Ela me encarou surpresa. — Era papai que saía para o Mariposa.

— Acho que era. Mesmo assim, eu faria as coisas de forma diferente se tivesse a oportunidade — então, ela começou a bater palmas. — Tudo bem, Maddie e Connor! Hora do banho! Vamos lá!

Ela foi até a cama e catou os gêmeos, apesar dos protestos, e os tirou de lá, dirigindo-os para a porta. Eles estavam no corredor quando Maddie olhou para mim e disse:

— Cleine vem?



354

— O que ela disse? — perguntei, olhando para mamãe.

— “Venha, Mclean” — ela traduziu, mexendo no cabelo de Maddie enquanto Connor disparava para o outro lado. — Vamos deixar Mclean arrumar o canto dela, tá? Antes de ir dormir a gente vai vê-la de novo.

Maddie olhava para mim.

— Mas você precisa de ajuda? — eu quis saber.

— Não, tudo bem. — Ela sorriu, e então eles já tinham saído; o som dos passos ecoando no carpete aos poucos tornou-se cada vez mais distante. Quantos metros tinha aquele corredor, mesmo? Fala sério.

Depois de apreciar a vista por alguns minutos, desci novamente e agora o piso principal era todinho meu. Fui até o sofá vermelho fofíssimo, me afundei nele, depois, após alguns minutos me sentindo idiota, saquei como ligar a televisão de tela plana pendurada sobre a lareira. Zapeei um pouco, então desliguei novamente e fiquei sentada, ouvindo o mar lá fora. Após alguns instantes, tirei o celular do bolso e liguei. Tinha três recados.

“Mclean, é o papai. Precisamos conversar. Vou ficar com o celular

ligado comigo na cozinha esta noite. Me liga.”

Sem dúvidas desta vez: era uma ordem. Fui ver o próximo.

“Mclean? É a Deb. Olhe, sinto muito sobre aquilo do Ume.com, hoje.

Eu não estava tentando... Eu não sabia, acho que é isso que eu quero dizer.

Vou estar por aqui se você quiser conversar hoje à noite. Tá? Tchau.”

Engoli seco, teclai SALVAR. Um bipe e era a voz da Riley.

“Oi, Mclean. É a Riley. Só queria saber de você. Foi, tipo, intenso, mais cedo, né? A Deb está muito nervosa. Ela acha que você está furiosa com ela. Então, seria bom se você pudesse ligar para ela, sei lá, se tiver tempo. Espero que você esteja bem.”



355

Tipo, intenso, pensei, teclando o botão FIM e deixando o celular do meu lado. Este era um jeito de colocar as coisas. Eu não tinha ideia por quanto tempo eles ficaram olhando aquela página no Ume, se ficaram lendo meus outros perfis ou apenas olhando as fotos. Agora que realmente comecei a pensar no assunto, eu mal conseguia me lembrar o que tinha lá. Refletir isso foi suficiente para me fazer sair do sofá e descer para a garagem, para buscar meu laptop e verificar.

Acendi a luz perto da porta, fui até o carro e peguei minha bolsa no banco dianteiro. Estava quase fechando a porta quando olhei ao redor, do outro lado da vaga vazia perto do carro de Peter. Tinha outro veículo estacionado, do outro lado, perto de uma prateleira repleta de cadeiras de praia e brinquedos de piscina. Havia uma capa em cima, mas havia uma coisa familiar nele, o suficiente para me fazer aproximar e levantar a beirada. Com certeza, era a Superximbica.

Ai, meu Deus, pensei, arrancando a capa completamente, que revelou o capô vermelho amassado, o para-brisa empoeirado e o volante puído. Eu tinha certeza de que mamãe a tinha vendido ou acabado com ela completamente. Mas lá estava ela, que surpresa, e não muito diferente de quando eu a tinha largado. Procurei a maçaneta do lado do motorista, tentei abaixá-la e, com um ruído, ela cedeu. Eu me desloquei atrás do volante, o assento familiar assobiando um pouco embaixo de mim, e olhei pelo retrovisor. Um Gert, um dos braceletes de cordinha e contas que sempre comprávamos na loja de surf em North Reddemane estava preso em volta.

Estiquei o braço e toquei a fileira de contas vermelhas, entremeadas com algumas conchas. Eu não conseguia me lembrar do último passeio a North Reddemane ou há quanto tempo fora. Estava tentando calcular quando avistei uma prateleira ao longo da parede da garagem atrás de mim. Havia um monte de caixas plásticas e, de onde estava sentada, pude ver que pelo menos três estavam com etiquetas MCLEAN.

Eu me virei, baixei a mão e olhei novamente. Mamãe tinha dito que

eles tinham guardado coisas lá por causa de todo o espaço disponível, mas



356

eu não imaginava que ela estivesse falando sobre as minhas coisas.

Comecei a me mexer do assento, depois estiquei o braço para soltar o Gert e peguei-o para mim.

Inspecionando de mais perto, a prateleira parecia do jeito que o pai de Dave teria deixado: caixa após caixa, tudo bem rotulado. Eu me agachei puxando o primeiro MCLEAN que vi e abri a tampa. Dentro havia roupas: jeans velhos, camisetas e alguns casacos. Enquanto eu rapidamente olhava os objetos, percebi que havia uma mistura de tudo que tinha deixado guardado na casa da mamãe quando ia lá nas férias e fins de semana, selecionado de todas nossas mudanças. Sapatos usados de líder de torcida que pertenceram a Eliza Sweet, as lindas camisas polo cor-de-rosa que Beth Sweet adorava. Quanto mais fundo eu escarafunchava, mais antigos eram os objetos, até que cheguei às minhas roupas Mclean, como camadas de terra sendo escavadas.

A segunda caixa era mais pesada e, quando a abri, vi por quê: estava cheia de livros. Romances da minha estante, cadernos rabiscados com

meus desenhos e assinaturas, alguns álbuns com fotos e anuários. Peguei o que estava em cima, que tinha as palavras WESTCOTT HIGH SCHOOL gravadas na capa. Eu nem abri, nem nada, apenas coloquei a tampa de volta e prossegui.

A última caixa era tão leve que, logo que a puxei, pensei estar vazia.

No entanto, dentro encontrei uma colcha de retalhos, após um instante, eu a reconheci como a que mamãe me dera no dia em que papai e eu partimos para Montford Falls. Eu sabia que na época eu a levava, assim, devo ter deixado com as roupas e livros em outra ocasião e nem percebera.

Diferentemente do tecido de nosso sofá, ela ainda parecia nova, firme, sem uso; os quadrados costurados com cuidado, sem fios soltos. Coloquei-a de volta, enfiando a caixa com as outras.

Foi tão estranho ter encontrado parte do meu passado ali, nesse lugar que não era nada parte de mim. Enfiado em um piso subterrâneo, como o porão do abrigo de tempestade de Dave. Eu me levantei, enfiando



357

o Gert no bolso, cobri a Superximbica de novo, depois peguei a minha bolsa e voltei lá para cima.

Mamãe ainda estava ocupada com os gêmeos quando me sentei na ilha enorme da cozinha, em uma das dez banquetas de couro combinando, e liguei o computador. Enquanto ele zumbia, entrando nas configurações familiares, eu me permiti — pela primeira vez em horas — pensar em Dave. Tinha sido tão difícil, tão totalmente vergonhoso pensar na expressão dele: um misto de surpresa, concentração e desapontamento — enquanto ele olhava para aquela lista de perfis com todas as outras. Um quadro em branco, ele dissera sobre o momento em que eu o nocauteara. Verdade. Agora ele sabia bem.

Abri o navegador, cliquei no Ume.com e digitei meu e-mail na caixa de busca. Dentro de dez segundos, a mesma lista que eles tinham visto estava diante de mim: Liz Sweet, a mais nova e a mais econômica, por cima, até chegar a Mclean, aquela que existia lá em casa, em Tyler, todos aqueles anos. Eu estava clicando nela quando ouvi o som da campainha atrás de mim.

Eu me levantei e fui até a escada.

— Mãe? — chamei, mas não houve resposta, o que, numa casa tão grande, não era grande surpresa.

A campainha tocou novamente, então desci, espiei pela janela e vi uma mulher loira, bonita e alta, de jeans e malha de tricô, aguardando sobre o tapete de boas-vindas, carregando uma sacola de compras. Uma criança, com idade aproximada de Maddie e Connor, de cabelos castanhos encaracolados, estava apoiada no seu quadril. Quando abri a porta, ela sorriu.

— Você deve ser a Mclean. Sou a Heidi — ela disse, esticando a mão livre. Depois dos cumprimentos, ela me passou a sacola. — Isto é para você.

Franzi a testa, abrindo-a.



358

— Biquínis — explicou ela. Com certeza, vi um pedaço de um pretinho e outro rosa. — Eu não tinha certeza do que você ia gostar, então peguei alguns. Se não gostar de nenhum, temos muito mais na loja.

— Loja?

— A Clementine's — ela disse, enquanto a menina inclinou a cabeça sobre o ombro, olhando para mim. — É a minha butikue, no calçadão.

— Ah... sei. Estivemos lá antes.

— Me disseram — ela sorriu, olhando para o bebê. — Thisbe e eu não suportamos a ideia de ninguém perto de uma piscina aquecida e de uma banheira quente sem biquínis. Vai contra tudo que acreditamos.

— Sei! — respondi. — Bem, obrigada.

— De nada — Heidi inclinou-se um pouco para a direita, olhando

para o fundo. — Além disso... foi uma desculpa para aparecer aqui e ver a Katherine, e não ter de esperar até a festa de amanhã. Puxa, faz tanto tempo! Ela está por aí?

Festa? — pensei. Falando alto eu disse:

— Ela está lá em cima. Está dando banho nos gêmeos.

— Ótimo. Só vou dar uma subidinha e falar um oi, tá? — eu me afastei, e ela entrou, balançando a bebê e fazendo-a rir enquanto corria pela escada. Eu a ouvi subindo o outro lance de escada, seguido de uma explosão de risadas e gritinhos quando ela e mamãe se encontraram.

Voltei ao meu computador e me acomodei na cadeira novamente.

Podia ouvir a conversa entre mamãe e Heidi lá em cima, as vozes rápidas e leves enquanto eu repassava todos os meus alteregos e percebi que mamãe também tinha um. Katie Sweet tinha desaparecido, mas Katherine Hamilton era uma rainha em um palácio à beira-mar, com amigas novas e pintura nova nas paredes, uma vida nova. As únicas coisas deslocadas naquele lugar eram o carro, coberto e enterrado profundamente, e eu.



papai. Logo que atendi, ele começou a falar.

— Você, não fuja de mim desse jeito — começou ele. Nada de oi, nenhuma gentileza. — E veja se atende quando eu ligo. Você tem ideia de como fiquei preocupado?

— Estou bem — falei, surpresa pelo ligeiro tom de irritação, tão novo, que senti na voz dele. — Você sabe que estou com a mamãe.

— Eu sei que você e eu temos coisas para discutir, e que eu queria discutir antes de você partir — prosseguiu ele.

— O que temos para discutir? — quis saber. — Parece que vamos mudar para o Havaí.

— Pode ser que eu tenha uma oportunidade de emprego no Havaí

— ele me corrigiu. — Ninguém está falando que você tenha de ir também.

— Qual é a alternativa? Mudar para Tyler de novo? Você sabe que não posso fazer isso.

Ele ficou quieto por um tempo. Ao fundo, dava para ouvir vozes, Leo e Jason, mais provavelmente, gritando pedidos um para o outro.

— Só quero conversar sobre isso. Sem brigar. Quando não estiver superocupado com a correria do jantar.

— Foi você que me ligou — enfatizei.

— Ouça — ele disse, a voz soando como uma reprimenda.

Eu me calei rapidamente.

— Vou ligar amanhã, é a primeira coisa que vou fazer, quando nós dois estivermos com a cabeça mais fria. Não vamos decidir nada até amanhã. Tudo bem?

— Tudo bem — respondi, olhando para o mar. — Nada de decisões.



360

Desligamos, e eu fechei o navegador, levando todas aquelas garotas Sweet para longe. Então andei até a escada, seguindo o som das vozes de mamãe e de Heidi. Parece que passei por quartos e quartos, com o plush do carpete, cheirando a novo, sob os pés, antes de finalmente chegar até elas, atrás de uma porta entreaberta.

— Para ser sincera, eu não pensei muito — mamãe estava falando.

— E com o Peter não estando aqui, é muito mais complicado. Achei que era muita coisa para assimilar, embora ache que era o que eu realmente queria fazer.

— Tudo vai dar certo — Heidi falou para mamãe. — A casa está pronta, você sobreviveu à viagem. Agora basta sentar-se e tentar relaxar.

— Fácil de falar, mas difícil de fazer — mamãe retrucou. Depois ela ficou em silêncio por um instante. Tudo que ouvi foi o chapinhar da água e os murmúrios das crianças. Então, ela continuou: — Sempre foi divertido no passado. Mas estamos aqui apenas algumas horas e eu já... Não sei. Não estou me sentindo bem com tudo isso.

— As coisas vão melhorar amanhã, depois que você dormir um

pouco — Heidi a acalmou.

— Talvez — mamãe concordou, embora não parecesse muito convencida. — Só espero que não tenha sido um erro.

— Por que seria um erro?

— Só por eu não ter percebido... — ela não completou a sentença de novo. — Tudo é diferente agora. Não achei que seria. Mas é.

Eu me afastei da porta, surpresa com a dor penetrante e súbita que surgiu no meu peito e que esquentava o meu rosto. Meu Deus, pensei.

Apesar de todas as mudanças e de toda a distância, havia sempre uma constante: mamãe queria que eu ficasse com ela. Nas horas boas e nas difíceis — e, principalmente nas difíceis — nunca duvidei disso por nem um segundo. Mas e se eu estivesse errada? E se esta vida nova fosse apenas isso, nova em folha, como esta casa maravilhosa, e se ela quisesse mantê-la



361

fresca, sem passado? Katie Sweet teria de lidar com uma filha mais velha, distante e inconstante. Mas Katherine Hamilton não.

Eu me virei, andando por aquele corredor amplo em direção a uma

escadaria estranha em uma casa que não conhecia. De repente, fiquei com medo, como se nada fosse familiar, nem mesmo eu. Segurei o computador, enfiei-o na mochila e desci os degraus, dois de cada vez, até a garagem.

Senti um nó na garganta ao abrir a porta da garagem, passei por trás do utilitário enorme de Peter até a Superximbica. Tirei a capa e joguei a mochila no assento do passageiro, então percebi que não tinha mais a chave dele. Fiquei sentada lá por um instante, depois, tive um palpite e tentei buscá-la embaixo do tapetinho do assoalho, apalpando. Pouco depois, senti a serrinha nos dedos e arranquei a chave sobressalente.

Esperando por mim, o tempo todo.

Foi uma surpresa quando o motor chiou, enquanto ele aquecia, abri o porta-malas e saí. Não foi fácil ajustar todas aquelas três caixas no espaço pequeno, mas consegui. Depois achei o botão da porta da garagem, apertei e entrei no carro novamente.

A rua estava escura, não havia carros à vista quando saí. Não tinha ideia de onde estava, mas sabia como chegar até onde pretendia. Liguei a seta e virei à direita, na direção de North Reddemane.





362

Quinze

VINTE E CINCO MINUTOS MAIS TARDE, eu estava abrindo a porta do quarto 811 do Poseidon, tateando para achar o interruptor.

Quando o encontrei, a decoração, dolorosamente familiar, saltou aos olhos naquele lugar. Colcha desbotada, pintura de conchas sobre a cabeceira da cama, um ligeiro aroma de bolor no ar.

Durante o tempo todo em que dirigia, eu me inclinava sobre o volante, olhando a estrada, preocupada que, de alguma forma, tudo que eu lembrava tivesse se ido, varrido para longe. Fiquei assustada ao ver que o restaurante Shrimptoats estava coberto com tapumes, mas então, depois do murrinho seguinte, eu vi o luminoso ABERTO 24- HORAS do Gert's. O Poseidon, do mesmo jeito que eu me lembrava dele, estava logo depois.

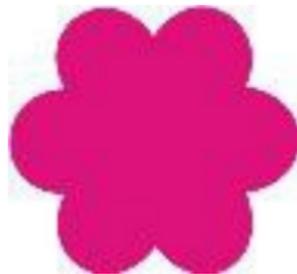
Achei que a gerente poderia fazer perguntas, considerando a minha idade e a hora da noite, mas ela mal olhou para mim, pegou o dinheiro e, em troca, passou a chave do quarto para mim.

— A máquina de gelo fica no fim do prédio — ela me informou, antes de voltar à revista de palavras cruzadas. — A máquina de bebidas só aceita notas, não dá troco.

Eu agradei, peguei o carro e o estacionei diante do meu quarto.

Levou apenas alguns minutos para tirar as caixas e leva-la até a porta, mais

outro até entrar. Agora, lá estava eu. Sentei-me sobre a cama por alguns



363

minutos, olhando ao redor, o mar de ressaca batendo forte lá fora. Então, comecei a chorar.

Eu estava um bagaço. Mudança, correria, alteração: eu não conseguia mais dar conta de nada e nem queria. Eu me sentia tão, tão cansada... cansada o bastante para me enfiar sob aquela colcha velha e dormir por dias. Ninguém sabia onde eu estava, nenhuma alma, e enquanto pensava que isso era exatamente o que eu queria, percebi que no silêncio daquele quarto, aquilo era a coisa mais assustadora de todas.

Ergui o braço, enxuguei os olhos e aspirei o ar em um soluço. Sabia que deveria voltar para a minha mãe, que ela estaria preocupada, que tudo pareceria melhor amanhã. Mas aquilo não era um lar, nem Tyler, nem Petree ou Westcott ou Montford Falis, nem mesmo Lakeview. Eu não tinha nenhum lugar, nem ninguém.

Peguei o celular, os ombros tremendo, e olhei para a tela, brilhando sob meus dedos. Vários rostos esmaecidos passaram na minha cabeça: meus amigos em Tyler, as garotas da equipe de animadoras de torcida em

Montford Falls, os técnicos com os quais eu ficava nas coxias em Petree.

Depois, Michael, meu surfista, passando por todos, até Riley e Deb.

Conhecia pessoas suficientes para cada minuto do dia e, no entanto, eu não tinha ninguém para falar às duas horas da madrugada. A única pessoa em quem teria pensado eu nem tinha certeza se ainda gostaria de conversar comigo.

Mas com verrugas e tudo? — pensei, lembrando daquele aro preto no pulso de Dave. Olhei para o meu próprio pulso, o velho Gert preso lá enquanto eu dirigia para longe de mamãe. Agora, nós tínhamos círculos ao redor dos pulsos, totalmente diferentes e, no entanto, igualmente importantes. Eu sabia que tinha defeitos demais, e mais segredos ainda. Mas eu não queria ficar sozinha. Não às duas da manhã, e não agora. Digitei o número vagarosamente, querendo acertar. Dois toques, e ele atendeu.

— Sim — falei, após ele ter dito alô.



— Mclean? É você? — ele perguntou.

— Sou eu. — respondi, engolindo e olhando para fora e vendo o mar pela porta aberta. — A resposta é sim.

— A resposta... ele falou devagar.

— Você me pediu para sair com você. Sei que provavelmente você mudou de ideia. Mas você precisa saber, a resposta era sim. Sempre foi sim, em relação a você.

Ele ficou em silêncio por um instante.

— Onde você está?

Comecei a chorar novamente, a minha voz engasgava. Ele para eu me acalmar, que tudo ficaria bem. E depois, ele que viria logo.

Após desligarmos, fui até o banheiro e lavei o rosto, depois usei uma toalha de mão áspera para me enxugar. Estava tão cansada, no entanto, sabia que teria de ficar acordada, para estar pronta para explicar tudo quando ele aparecesse, seja quando for que isso acontecesse. Eu me sentei na cama, tirei os sapatos e procurei o controle remoto. Mas então, olhei para as minhas caixas e o deixei onde estava.

Puxei a caixa pesada, tirando a tampa, e comecei a empilhar as coisas ao meu redor, na cama. Os livros, as lotos, emolduradas ou em álbuns, os anuários, todos os meus cadernos e periódicos velhos, todos em um círculo, como números em um relógio, comigo ao centro.

Peguei uma foto solta de mim e de minha mãe quando estava no ensino fundamental, posando em um desfile num feriado. Ao lado havia uma foto emoldurada dela e de Peter no casamento, ela de branco e ele de



365

smoking escuro, eu diante deles, a dama de honra. Uma terceira foto: os gêmeos quando bebês, dormindo em uma sessão profissional de fotos, os dedinhos minúsculos entrelaçados. Fotografias em molduras de bronze e de madeira, molduras com ímã atrás e decoradas com conchinhas. Eu não tinha noção de quantas eu tivera até agora, enquanto as colocava sobre a cama, ao lado da colcha, eu buscava meu próprio rosto em cada uma, reconhecendo as minhas diferentes reencarnações.

No desfile, era eu quando as coisas iam bem: os pais ainda juntos, a vida intacta. No casamento, era eu sonambulando, com um sorriso falso e olhos cansados. Nas primeiras fotos com os gêmeos, tiradas nas férias, após a mudança, era a cor do cabelo e a maquiagem, as roupas que eu usava que me deixavam saber quem eu era assim que o obturador clicava. Eu reconheci o rabo de cavalo de Eliza e a camiseta com a mascote da escola, o delineador escuro e grosso nos olhos de Lizbet e a camiseta de gola olímpica preta, a camisa vistosa de abotoar e a saia de pregas de Beth. Olhei para mim no espelho, do outro lado do quarto, com todas aquelas coisas me rodeando. Meus cabelos estavam mais compridos que tinham

sido há um tempo, caindo sobre os ombros e eu usava jeans e uma camiseta branca, com um casaco preto por cima. Argolinhas nas orelhas e aquele Gert isolado no pulso. Nada de maquiagem, nenhuma *personagem*, nenhuma fantasia. Apenas eu, ou pelo menos, até aquele momento. Olhei para a pilha de cadernos, as capas decoradas com a minha caligrafia cheia de volutas, assinaturas idiotas, desenhos que rabisquei durante as aulas chatas. Peguei um deles, abrindo em uma página nova, e curti novamente o círculo de fotos e histórias ao meu redor. Então, estiquei o braço até a mesinha de cabeceira, peguei a caneta de propaganda do hotel e comecei a escrever.

Em Montford Falls, primeiro lugar para o qual me mudei quando parti, eu me chamei Eliza. O bairro em que morávamos era repleto daquelas famílias felizes, como algo tirado de um velho programa de televisão.



366

Parei, reli o que tinha escrito e depois olhei para fora. Um único carro passou vagarosamente, os faróis iluminando a rua vazia à frente.

Virei para outra página.

No próximo local, Petree, todos eram ricos. Eu era Lizbet, e morávamos em um condomínio de prédios altos, cheio de madeira escura e utensílios de metal.

Parecia algo tirado de uma revista: até o elevador era silencioso.

Bocejei e depois alonguei os dedos. Já era 1h30.

Quando nos mudamos para Westcott, tínhamos uma casa na praia, tão quente e ensolarada, e eu ouvia barulho de sandálias de dedo o ano todo. No primeiro dia, eu me apresentei como Beth.

Pude sentir o cansaço, o peso desse dia longo, muito longo, pesando sobre mim. Fique acordada, pensei. Fique aqui.

Em Lakeview, a casa tinha uma cesta de basquete. Eu seria Liz Sweet.

A última vez em que me lembro de ter olhado no relógio eram 2h15.

A próxima coisa que eu me lembro é de estar acordando, no quarto mal iluminado, e alguém batendo na porta.

Eu me senti, assustada, e aguardei um tempo até me lembrar onde estava. Então, empurrei algumas fotografias de lado, deslizando-as para fora da cama e fui até a porta, abrindo-a, estava pronta para ver o rosto de Dave.

Mas não era ele. Era mamãe, e papai estava bem ao lado. Os dois me olharam e depois observaram o quarto atrás de mim, com os rostos tão cansados quanto o meu.

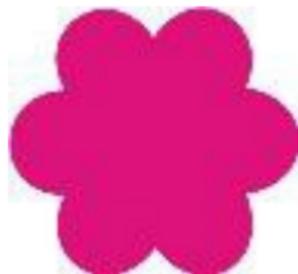


— Oh, Mclean! — mamãe falou, colocando a mão na boca. — Graças

a Deus que você está aqui.

Que você está aqui. Como se eu tivesse sido perdida e encontrada. Ela abriu a boca para dizer mais alguma coisa e, de repente, meu pai também começou a falar, mas para mim foi demais naquele momento até ouvir o que viria em seguida. Só dei um passo adiante e então os braços deles me enlaçaram.

Eu chorava enquanto mamãe me abraçava e papai nos conduzia para dentro do quarto até a cama, fechando a porta. Mamãe empurrou as fotografias, papai, os cadernos, enquanto eu me deitava, aninhando-me no colo dela e fechando os olhos. Eu estava tão cansada, tão cansada, e enquanto ela me fazia cafuné, e eu ainda os ouvia falando, com as vozes baixas. Um momento mais tarde, houve outro som também, distante mas reconhecível como as ondas lá fora. O de páginas sendo viradas, uma após a outra, uma história finalmente sendo contada.



Dezesseis

— UAU! — EXCLAMEI. — Você não estava brincando. Você não precisa de mim.

Deb se virou. Ao me ver, o rosto dela se iluminou em um sorriso franco.

— Mclean! Oi! Você está de volta.

Fiz que sim com a cabeça, segurando a risada enquanto ela corria para mim, os pés com meias ressoando pelo assoalho. Em parte, isso era pela reação exuberante, mas também pelas palavras recém-colocadas na minha ausência, em um cartaz na parede atrás dela. Dizia TIRE OS SAPATOS! NADA DE PALAVRÕES! NÃO MESMO!

— Gostei do seu cartaz — falei enquanto ela me abraçava.

— Na verdade, eu tentei abrir mão disso — ela observou, olhando para ele. — Mas ficaram marcas de pés em todas as ruas! E quanto mais se aproxima o prazo final, mais o pessoal fica alvoroçado. Qual é! É uma atividade cívica. Precisamos manter tudo limpo, tanto literal quanto figurativamente.

— Está ótimo! — era verdade. Ainda havia alguns locais vazios ao longo da beirada da maquete, dava para perceber que a jardinagem do local e os detalhes pequenos ainda não tinham sido colocados, mas, pela primeira vez, parecia completo, com os prédios espalhados por toda a



369

superfície e sem espaços amplos deixados vazios. — Caras, vocês devem ter ficado aqui o dia todo, todos os dias.

— Mais ou menos isso — ela colocou as mãos no quadril, examinando-ajunto comigo. — Tivemos que ficar, já que o prazo final foi mudado e tal.

— Mudado? — exclamei.

— Bem, por causa do fechamento do restaurante — ela explicou, curvando-se para tirar um pouco de poeira de um telhado. Um segundo depois, ela olhou para mim.

— Puxa, você sabia, né? Do restaurante? Pois, eu achei... por causa do seu pai...

— Eu sei... Tudo bem — eu a acalmei.

Ela expirou, obviamente aliviada, e curvou-se novamente, ajustando um prédio, ligeiramente.

— Na verdade, 12 de maio era muito ambicioso, para ser totalmente honesta. Eu tentava pensar positivo, mas no fundo, tinha minhas dúvidas.

E então Opal apareceu aqui no fim de semana passada e disse que temos

que ter tudo prontíssimo, de qualquer jeito, até a segunda semana de abril,

pois os prédios estão sendo vendidos. Eu quase desmaiei de tão nervosa.

Tive de começar a contar para me acalmar.

Pisquei, sem ter certeza de ter ouvido direito enquanto ela se

movimentava pela maquete, passando o dedo com cuidado em um

cruzamento.

— Contar?

— Até dez — ela explicou, erguendo-se novamente. — É o que se

faz em vez de entrar em pânico. De modo ideal. Embora, às vezes, eu tenha

que chegar até vinte ou até cinquenta para me acalmar de verdade.

— Ah... tá.



370

E então ela prosseguiu, dando outro passo antes de se agachar para

ajustar uma torre de campanário da igreja — perdemos o Dave, o que foi

um rebuliço, especialmente porque você já tinha saído. Tive de contar e

fazer a respiração por causa disso.

— O quê? — exclamei.

— Respirar — ela explicou. — Sabe, inspirar e expirar bastante ar,

visualizando o estresse indo embora...

—Não — eu me apressei, interrompendo-a—, o Dave. Como assim, você o perdeu?

— Por causa de toda aquela coisa do castigo — ela explicou.

Enquanto eu fiquei lá, toda confusa, ela olhou para mim. — Os pais dele.

Você soube disso, não é?

Neguei com a cabeça. A verdade é que eu me sentia tão sem graça por ter ligado para ele, especialmente porque ele nunca apareceu, que nem tentei contato, embora soubesse que deveria.

— O que foi... que aconteceu?

— Bem, eu não estou sabendo de todos os detalhes sórdidos — ela explicou, afastando-se e alongando as costas. — Tudo que sei é que eles o pegaram uma noite na semana passada esgueirando-se fora de casa, de carro, houve um escândalo e, basicamente, ele está em prisão domiciliar, indefinidamente.

— Uau! — exclamei.

— Ah, e a viagem para Austin dançou. Pelo menos para ele.

— Ai, meu Deus, isso é terrível — eu senti que piscava.

Ela concordou, com tristeza.

— Eu sei. Estou te dizendo, foi um drama sem fim por lá. Só espero que possamos terminar tudo sem mais desastres.



371

Eu me afastei um passo, inclinando-me sobre uma mesa próxima enquanto ela dava a volta pelo lado oposto da maquete. Então, foi isso que aconteceu com o Dave. Todo esse tempo pensei que ele tinha mudado de ideia sobre dar uma passada lá, mas no fim, não foi porque ele não quis.

— Então... ele não esteve mais por aqui?

Deb olhou para trás, virando-se para mim.

— Não, ele veio. Mas só nos últimos dias, e apenas uma horinha aqui, outra acolá. Acho que estão monitorando ele bem de perto.

Pobre Dave. Depois de todo o tempo que ele gastou calculando a meta, fazendo horas extras. E agora, por causa de mim, ele estava de volta ao ponto de partida. Eu me senti mal.

— Os pais dele não podem tirar essa viagem dele — falei após um tempo. — Talvez eles possam reconsiderar, ou...

— Eu também disse isso. Mas, de acordo com Riley, é improvável — ela se pôs de cócoras, apoiando-se nos calcanhares e pressionou uma casa solta, fazendo um dique. — Eles já decidiram usar parte do fundo para pagar a dívida do carro de Heather, assim, ela vai. Rolou uma reunião

sobre isso e tudo.

— Uma reunião... — repeti.

— Aqui, enquanto estavam todos trabalhando. Foi realmente multitarefa — ela sorriu orgulhosa. — Fiquei honrada por ter testemunhado o evento.

Enquanto ela se curvava sobre a maquete, olhando de perto as fileiras de sobrados, eu apenas fiquei por lá. Para mim, era inacreditável que durante a semana passada, na qual eu estivera em Colby juntando os pedacinhos para o que desse e viesse, todos os planos de Dave, que sempre tinham sido tão claros, estivessem se desmoronando. Eu pensei que ele tivesse me deixado na mão. Mas era óbvio que era o contrário.



372

Quando acordei mais tarde naquela manhã no Poseidon, eu estava sozinha. Eu me sentei, olhei ao redor: o caderno, no qual eu escrevia, estava fechado agora, colocado sobre o criado-mudo, todas as fotografias e anuários empilhados em ordem em uma cadeira por perto. A porta da

frente estava ligeiramente entreaberta, o vento assobiava pela tela pouco além dela. Sai da cama, esfregando os olhos e fui até lá. Do lado de fora, na escada, estavam o meu pai e a minha mãe, sentados juntos.

— Eu me sinto a pior mãe do mundo — dizia ela. — Tudo isso, as garotas diferentes... Eu não tinha a mínima ideia.

— Pelo menos você pode alegar que estava longe. Mas estava bem diante do meu nariz — ele retrucou.

Mamãe ficou em silêncio por um instante.

— Você fez o melhor que pôde. É tudo que podia fazer. É tudo que qualquer um de nós podia fazer, sabe?

Papai concordou, erguendo o olhar para a estrada. Fazia tanto tempo desde a última vez em que os tinha visto assim que, por um instante, eu só fiquei lá, em pé, assimilando tudo. Ele esfregou uma mão no rosto, enquanto ela segurava um copo de café com as duas mãos, a cabeça dela se inclinou para o lado enquanto ela dizia alguma coisa. À distância, não dava para adivinhar toda a trajetória e mudanças. Você pensaria apenas que eram amigos.

Então, mamãe virou-se e me viu.

— Querida, você acordou.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntei.

Vi quando papai se levantou.



373

— Você saiu da casa da sua mãe no meio da noite, Mclean. Você não achou que iria nos deixar preocupados?

— Eu só estava precisando de um tempo — falei baixinho, enquanto ele se aproximava, abrindo a porta. Um vez dentro, ele colocou os braços nos meus ombros, me apertou e beijou o topo da minha cabeça.

— Nunca mais me assuste desse jeito — ele falou, após fazer um gesto para que mamãe se juntasse a nós. — Estou falando sério.

Assenti com a cabeça enquanto a porta se fechava atrás dela. E então éramos apenas nós três, sozinhos no quarto. Eu me sentei na cama. Mamãe bebericou mais uma vez o café e sentou-se perto do ar-condicionado. Meu pai, perto da janela, ficou onde estava.

— Então, acho que todos precisamos conversar — ele falou após um instante.

— Vocês leram meu caderno — falei.

— Lemos — mamãe suspirou, penteando o cabelo para trás com a mão, tirando-o do rosto. — Sei que deveria ser privado... mas tínhamos um monte de dúvidas, e você não estava exatamente acordada para respondê-

las.

Olhei para as minhas mãos, juntando os nós dos dedos. Meu pai me interrompeu:

— Não percebi... — depois ele deu um pigarro, olhou para mamãe e prosseguiu — Os nomes diferentes, pensei que eram apenas... nomes.

Meu Deus, que dureza. Eu engoli em seco.

— Foi assim que tudo começou. Mas depois foi ficando cada vez mais sério.

— Você não podia estar feliz — papai continuou — se sentia que precisava fazer isso.



374

— Não era questão de estar ou não feliz. Eu só não queria mais ser eu mesma.

Novamente, eles trocaram olhares. Mamãe disse vagorosamente.

— Acho que nenhum de nós percebeu como o divórcio foi duro para você. Sentimos... — ela olhou para papai.

— Sentimos muito por causa disso — ele terminou por ela.

Fazia tanto silêncio que eu conseguia ouvir a minha própria

respiração ressoando alta nos ouvidos. Do lado de fora, o mar quebrava, as ondas chegando à areia, depois se retraindo para o mar. Pensei em tudo sendo lavado, cada vez mais. Fazemos tanta porcaria nesta vida, tanto por acaso quanto de propósito. Mas limpar a superfície não deixa nada realmente mais em ordem. Só mascara o que está abaixo. Somente quando você escava lá no fundo e vai para os subterrâneos é possível ver quem você é realmente. Pensando nisso, olhei para mamãe.

— Como você sabia que eu estava aqui?

— Seu amigo nos disse — papai respondeu.

— Meu amigo?

— O carinha... — ele olhou para mamãe.

— Dave — ela falou.

— Dave?

Ela largou o café no chão perto do pé.

— Quando percebi que você tinha saído, que tinha levado o carro...

eu entrei em pânico. Liguei para o Gus, e ele deixou o restaurante para vir até aqui, para me ajudar a procurar você.

— Parei em casa primeiro, para fazer a mala — papai continuou. —

Bem quando eu estava saindo, o Dave apareceu. Ele me disse onde encontrá-la.



375

— Ele também estava preocupado com você — mamãe deslizou a mão no meu ombro. — Ele disse que você estava chateada quando deixou a cidade, e que quando ligou, você estava chorando...

Ela parou e limpou a garganta. Papai prosseguiu.

— Eu queria que você tivesse tido a vontade de ligar para um de nós. Seja o que estiver acontecendo, você sabe que a amamos, Mclean. Em qualquer situação.

Com verrugas e tudo, pensei enquanto espiava o caderno, as fotos e os anuários empilhados perto dele. Engoli em seco e disse:

— Quando descobri sobre o Havai e vim parar aqui, tudo era tão diferente, a casa... — mamãe se mexeu, olhando para as próprias mãos. — Eu ouvi você falando com a Heidi. Sobre o fato de eu estar ali não ser bem o que você esperava.

— O quê?

— Você disse que pensava que queria que eu viesse, mas... — engoli em seco novamente.

Ela apenas ficou olhando para mim, claramente confusa. Então, de

repente, ela soltou o ar, colocando a mão no peito.

— Meu Deus, querida, eu não estava falando de você naquela hora.

Estava falando sobre a festa.

— Festa?

— Para assistir ao torneio da CFL — ela continuou. — Eram iniciais que eu conhecia bem: Confederação das Faculdades do Leste, à qual a Defriese e a U pertenciam.

— Aconteceu aqui nos últimos anos, quando eu não namorava o Peter. Foi planejada há muito tempo para esta semana, mas assim que cheguei aqui, percebi que não queria dar conta disso. Eu queria que fôssemos só... nós duas. Era disso que eu estava falando.



376

Então era essa festa que Heidi mencionara.

— Eu só pensei... — parei de falar. — De repente, eu me senti totalmente perdida. Este era o único lugar que me parecia familiar.

— Este lugar? — papai retrucou, dando uma olhada em volta.

— A gente se divertiu muito por aqui — mamãe esclareceu. — Era onde a gente sempre ficava quando fazia viagens para a praia.

— Você se lembra... — falei.

— Claro, como poderia esquecer? — ela balançou a cabeça. — Não me entenda mal, eu adoro Colby. E Peter está certo; não há muita coisa por aqui. Mas eu ainda passeio de carro por aqui de vez em quando. Adoro a vista.

Olhei para ela.

— Eu também.

— Embora eu tenha de confessar que eu não me lembrava que aqui cheirava tanto a bolor.

— Sempre cheirou — falei para ela, e ela sorriu, apertando o meu ombro.

Durante um instante, ficamos todos lá, sentados, sem ninguém falar nada. Então papai olhou para mamãe antes de dizer:

— Sua mãe e eu achamos que a gente precisa sentar e conversar.

Sobre o que vai acontecer de agora em diante.

— Sei disso.

— Mas, talvez, a gente possa conversar e comer. Não sei de vocês, mas eu estou morrendo de fome.

— Boa ideia — mamãe respondeu. Ela ergueu o pulso e espiou o relógio. — O Last Chance abre às sete. Faltam só dez minutos.



377

— Last Chance?

— O melhor restaurante da praia — ela respondeu para papai, se levantando. — O bacon vai te deixar louco.

— Já me convenceu com o bacon — papai respondeu. — Vamos lá!

Antes de sairmos, porém, eles me ajudaram a empacotar as caixas, cada um de nós adicionando livros e fotografias. Parecia um ritual, algo sagrado, colocar todos aqueles pedaços de volta novamente e, quando eu ajustei as tampas pressionando para fechar, o som não foi muito diferente do que era produzido ao se colocar uma peça na maquete. Clique.

Quando saímos para o estacionamento, o vento estava forte e gelado, o céu, um cinza tedioso, o sol mal era visível, elevando-se à distância. Quando mamãe tirou as chaves, eu perguntei:

— E os gêmeos? Você não precisa voltar para eles?

— Não se preocupe — ela respondeu. — A Heidi chamou duas babás, Amanda e Erika. Eles estão protegidos. Temos todo o tempo do mundo.

Todo o tempo do mundo, pensei enquanto saíamos para a estrada

principal, papai seguindo de perto, atrás, na caminhonete. Se sempre pudesse ser assim. No entanto, na verdade, há prazos e empregos, anos escolares começando e terminando, o tempo correndo a cada respiração. Entretanto, quando passamos pelo Gert's, o luminoso ABERTO 24 HORAS ainda aceso, olhei para a pulseira que estava usando e a girei no pulso. Talvez eu não precisasse mesmo de todo o tempo. Apenas algumas horas, um bom café da manhã e a chance de conversar com as duas pessoas que me conheciam melhor, sem importar quem eu era. Éramos os primeiros no Last Chance, já estávamos lá quando uma loira de avental, que parecia sonolenta, destrancou a porta. — Acordou cedo hoje — ela disse à mamãe. — Os meninos deram trabalho à noite?



378

Mamãe assentiu com a cabeça, e eu senti os olhos dela em mim, antes de ela dizer:

— É... mais ou menos.

Pegamos os cardápios, estendendo nossas canecas de café quando a garçonete aproximou-se com a cafeteira. Na cozinha, do outro lado do

balcão, dava para ouvir uma grelha chiando, alguém tocando o rádio, as notas interrompidas pelo barulho da registradora, cuja gaveta fora aberta e depois fechada. Tudo era tão familiar, como um lugar que eu conhecesse bem, embora eu nunca tivesse estado lá antes. Olhei para mamãe ao meu lado e para papai, do outro lado da mesa, os dois lendo os cardápios, aqui comigo, só nós, apenas uma vez. Pensei que não tinha mais um lar. Mas lá mesmo, naquele momento, percebi que estava errada. Lar não era uma casa montada, ou apenas uma cidade no mapa. Era qualquer lugar onde as pessoas que te amam estão, sempre que vocês estão juntos. Não um lugar, mas um momento e depois outro, construídos sobre o outro como tijolos para criar um abrigo sólido que você leva consigo a sua vida inteira, onde quer que esteja.

Conversamos um bocado naquela manhã, tomando café da manhã e bebendo várias canecas de café que se seguiram. Continuamos falando assim que chegamos em casa, quando papai e eu andamos na praia enquanto mamãe ficava com os gêmeos. Não tomamos grandes decisões, ainda não, além de que eu permaneceria uma semana em Colby, conforme fora planejado, e usaríamos esse tempo para ver o que aconteceria a seguir. Após mais conversas, tanto pessoais com mamãe e por telefone, com papai, ficou decidido que o Havaí não era uma possibilidade, pelo menos para mim: eles eram um batalhão unido quanto a isso. O que significou que, no fim, eu estaria terminando o colegial na mesma escola em que comecei, lá em Tyler. Para ser sincera, não gostei muito disso, mas finalmente entendi que era realmente a única alternativa. Tentei encarar

isso como fechar o círculo. Eu tinha saído e, ao fazê-lo, me fracionei. Ao voltar, eu seria capaz de ser uma novamente. Então, no outono, eu



379

começaria algo diferente de novo. Embora desta vez, eu seria uma entre muitos numa classe de calouros, fazendo a mesma coisa.

Gastei muito tempo daquela semana na praia, pensando sobre os últimos dois anos, olhando os anuários e as fotografias. Também saí muito com a mamãe e, ao fazer isso, percebi que eu estava errada ao supor que ela também tinha se reinventado totalmente quando deixou a Katie Sweet para trás para ser Katherine Hamilton. Claro, ela tinha uma família e aparência novas, além de uma casa de praia enorme e um mundo totalmente diferente, sendo esposa de um treinador. Mas eu ainda via lampejos aqui e acolá da pessoa que eu conhecera antes.

Havia a familiaridade acolhedora que eu sentia, essa estranha sensação de *dejà vu* quando a observei com Connor e Madison, sentados no chão construindo torres com blocos ou lendo *Goodnight Moon*, com os dois aninhados no colo dela. Ou quando encontrei o iPod dela no console portátil elegante, e o liguei para encontrar algumas músicas que eram

exatamente as mesmas que as de papai: Steve Earle e Led Zeppelin

misturado com Elmo e as canções de ninar.

Ainda havia o fato de que todas as noites quando os gêmeos

estavam adormecidos, a primeira coisa que ela fazia era tomar uma taça de

vinho lá fora no deque, onde eu a encontrava olhando para as estrelas. E

apesar da cozinha de alta tecnologia projetada para fazer refeições

gourmets, fiquei surpresa e satisfeita em ver que ela se atinha aos velhos

princípios básicos, preparando cozidos no jantar e pratos com frango que

sempre começavam com uma lata de creme de cebola. A maior prova, no

entanto, foi a colcha.

Eu a trouxe para o meu quarto junto com o resto das coisas das

caixas quando voltamos do Poseidon. Algumas noites depois, quando de

repente a temperatura caiu, eu a tirei e usei, envolvendo-me nela. No dia

seguinte, estava escovando os dentes quando dei uma olhada fora do

banheiro e vi mamãe em pé, perto da cama, onde eu a tinha dobrado, ao pé

da cama, segurando uma ponta nas mãos.



ver.

— Estava. Mas eu a encontrei quando descobri as fotografias e os anuários.

— Ah! Bem, estou contente que ela esteja sendo usada — ela prosseguiu, passando a mão sobre um quadrado.

— E está, foi super bem-vinda ontem à noite. Os gêmeos tinham muitas roupas quentinhas quando eram bebês.

Ela olhou para mim.

— Os gêmeos?

— Os quadrados são feitos de roupinhas deles, não é?

— Não, eu... pensei que você soubesse. As roupas são suas.

— Minhas?

Ela assentiu com a cabeça, erguendo uma ponta que estava entre o polegar e o indicador.

— Este pedacinho de algodão aqui? Era do cobertor que a envolvia quando você veio para casa da maternidade. Esta peça bordada, a vermelha, era um pedaço de seu primeiro vestido de Natal.

Eu me aproximei, olhando para a colcha mais de perto.

— Não tinha a mínima ideia.

Ela ergueu outro quadrado e passou a mão sobre ele.

— Eu adorava esta peça pequena de brim! Era do seu macacão mais fofo. Quando você deu os primeiros passos, estava usando ele.

— Não acredito que você guardou tudo por tanto tempo.



381

— Ah, eu não conseguiria me livrar deles — ela sorriu, suspirando.

— Mas quando você estava me deixando, pareceu que era uma maneira de enviar algo de mim junto com você.

Pensei nela, sentada com todos aqueles quadrados, costurando-os com carinho. O tempo que deve ter levado, especialmente com os gêmeos ainda bebês.

— Me desculpe, mamãe.

— Desculpar por quê? ela ergueu o olhar para mim, surpresa.

— Não sei... Por... eu não ter te agradecido por isso, acho.

—Puxa, Mclean, tenho certeza de que você agradeceu ela disse balançando a cabeça. — Foi uma crise emocional tão grande, o dia em que você partiu. Eu mal me lembro de alguma coisa, além de que você estava partindo, e eu não queria que você fosse.

— Você me conta do resto? — pedi, pegando meu próprio canto, onde havia um quadrado de algodão rosa.

— Sério? Bem... vamos ver. Esse foi do collant que você usou na primeira apresentação de dança. Acho que você tinha, cinco anos? Você

estava com asas de fada e...

Ficamos lá em pé por um bom tempo, ela se movimentando de quadrado a quadrado, explicando o significado de cada um. Ela lembrando para mim todos aqueles pedacinhos de quem eu tinha sido antes, costurados juntos em algo concreto que eu conseguia segurar com as mãos. Houve um motivo também, eu descobri, para aquela noite em que fugi. A colcha estava esperando por mim. Seu passado é sempre seu passado. Mesmo que o esqueça, ele se lembra de você.

Agora, em Lakeview, olhei de novo para a maquete onde Deb estava ocupada ajustando alguns prédios no canto mais distante, e percebi que, como a minha mãe com a colcha, eu conseguia ver a historia dentro dela que outras pessoas não perceberiam. As seções à esquerda do centro, um



382

pouco desajeitadas e irregulares, que Jason, Tracey, Dave e eu começamos no dia em que a representante do Conselho tinha aparecido, há algumas semanas. Os bairros mais compactos, nos quais eu trabalhei sem parar, colando cada casinha de cada vez. O velho banco de Tracey, perto da quitanda de onde ela tinha sido expulsa, quase invisível e ordinário para

qualquer pessoa, exceto para mim. E então, por todo lugar, os espaços abertos, as partes ainda não mapeadas, ainda a serem descobertas. Se a colcha era o meu passado; esta maquete era o meu presente. E, olhando para ela, eu não via apenas a mim nos pedacinhos, mas via a todos e tudo que vim a conhecer nos últimos poucos meses. Mais que tudo, entretanto, eu via Dave.

Ele estava nas fileiras de casas, tão meticulosas, em linhas muito mais retas que as que eu tinha feito. Nos prédios do centro, que ele conhecia de cor, dizendo seus nomes com facilidade, sem sequer ter de olhar no mapa. Por toda a parte, os cruzamentos complicados dos quais ele cuidara, insistindo que apenas ele, como ex-montador de maquetes, poderia assumir tanta responsabilidade. Ele estava em cada peça que ele e eu tínhamos acrescentado durante as nossas longas tardes juntos, lá, conversando e sem conversar, enquanto reuníamos com cuidado o mundo ao nosso redor.

— Então — eu falei para Deb, que se movimentava para a mesa, onde ela separava sacos plásticos com pedaços do cenário —, o novo prazo é na segunda semana de abril. Isto é o quê? Quatro semanas mais ou menos?

— Vinte e seis dias — ela respondeu. — Vinte e cinco e meio, se contarmos até os minutos.

— Mas olhe o quanto você já fez — falei. — Está quase pronto.

— Ai, se fosse assim! — ela suspirou. — Bem, a maior parte dos prédios está pronta, e temos apenas alguns bairros para terminar, mas

então tem todos os detalhes ambientais e cívicos. Sem falar nos consertos.



383

Heather arrancou um condomínio inteiro no outro dia com uma das botas

— ela estalou os dedos. — Foram destruídos assim.

— Puxa, então ela realmente trabalhou nisso durante os feriados? —
perguntei.

— Bem, trabalhar é um termo amplo — Deb respondeu. Ela pensou
por um segundo, depois acrescentou — Na verdade, vou retirar o que
disse. Ela é muito boa nos detalhes. Ela colocou aquela linha de floresta
inteira lá no canto superior direito. São as coisas grandes que a atrapalham,
ou que ela destrói.

— Dá para entender, — falei, mais para mim do que para ela.

Mesmo assim, eu a senti olhando para mim e acrescentei — Desculpe, foi
uma semana muito longa.

— Sei disso — ela pegou um saco com peças minúsculas de plástico
e veio até mim. — Olhe, Mclean, sobre tudo aquilo do Ume.com...

— Esqueça.

— Eu não consigo — ela falou com a voz delicada. Ela ergueu o

olhar para mim. — Eu só... Eu queria que você soubesse que eu entendo.

Hã, porque você fez aquilo. Todas as mudanças... Não deve ter sido fácil.

— Eu poderia ter lidado com tudo de forma mais positiva —

respondi. — Agora eu entendo isso.

Ela assentiu com a cabeça e rasgou o saco. Olhando mais de perto, vi

que estava cheio de minúsculas figuras de pessoas: andando, em pé,

correndo, sentadas. Centenas e centenas delas, todas misturadas. — E

como vamos fazer isso? Vamos apenas largá-los em qualquer local ou há

um sistema fixo de arrumar?

— Bem, na verdade — ela disse, pegando um punhado e

espalhando-os na palma da mão —, foi motivo de uma baita discussão.

— Verdade?



384

— Sério — ela disse. — Veja, o manual não especifica. Acho que é

porque as pessoas são opcionais. Algumas cidades escolhem ignorá-las

totalmente e só apresentam os prédios. Fica menos cheio.

Olhei para a maquete de novo.

— Entendo isso, mas vai ficar meio vazio...

— Concordo com você. Uma cidade precisa da população — ela prosseguiu. — Assim, pensei que deveríamos criar um sistema de setor, como fizemos com os prédios, com certo número de pessoas por área e ter certeza de que elas variem em atividades para que não haja repetição.

— Atividades?

— Bem, você não vai querer que todos os ciclistas fiquem de um lado e todas as pessoas com cachorros no outro — ela explicou. — Assim tudo ficaria errado.

— Claro! — concordei.

— No entanto, outros — ela continuou, limpando a garganta — acham que, ao organizarmos as pessoas, estamos tirando a força vital de todo o empreendimento. Em vez disso, elas acham que devemos apenas arrumar as pessoas de um jeito mais aleatório, como se fossem espelhos do jeito que o mundo é de verdade, que é o que o modelo deve representar, na verdade.

Ergui as sobrancelhas.

— Então, é isso que a Riley está dizendo?

— O quê? — ela se surpreendeu. — Não, a Riley nem estava aí com a coisa de pessoas por setor. É o Dave. Ele, tipo, insistiu muito.

— Sério?

— Ai, Deus, foi isso — ela respondeu. — Para ser honesta, está rolando um pouco de conflito entre a gente. Mas eu tenho que respeitar a



385

opinião dele, pois é uma iniciativa coletiva. Então estamos trabalhando com um compromisso.

Eu me curvei sobre o modelo, estudando uma rua sem saída, até que senti que Deb se movimentou, voltando a atenção para outra coisa. Acordo, pensei, lembrando aquele que Dave estivera elaborando com os pais dele e eu com a minha mãe. Foi aquilo de dar-e-receber que ele tinha falado antes, as regras que estavam sempre mudando. Mas o que aconteceu quando você seguiu todas as regras e ainda assim não conseguiu o que queria? Não parecia certo.

— Então — Deb disse, agora, curvando-se no canto oposto esquerdo da maquete—, sobre o fechamento do restaurante. Isso quer dizer que você... vai se mudar para a Austrália? O boato é esse; de acordo com as fofocas, seu pai conseguiu um emprego por lá.

— Típica fofoca de restaurante, como sempre, distorcida — É para o Havai — respondi. — E eu não vou com ele.

— Você vai ficar por aqui?

— Não, não posso.

Ela virou-se, dando passinhos curtos até o outro lado, perto da linha de árvores que Heather tinha feito. Mordeu os lábios enquanto se curvava, ajustando alguns troncos. Finalmente, ela disse.

— Para dizer a verdade... acho isso uma merda.

— Uau! — exclamei. Para Deb, aquelas palavras eram bem fortes. —

Sinto muito.

— Eu também! — ela ergueu o rosto, ruborizada. — Quer dizer, já é bem ruim você ter que partir. Mas você nem disse para a gente o que estava planejando! Você só ia dar no pé e desaparecer, do nada?

— Não — respondi, embora não soubesse se aquilo era mesmo verdade. — Eu só... não sabia para onde iríamos nem quando. E então aconteceu tudo aquilo com o Ume.com...



386

— Entendo, foi uma loucura — ela se aproximou para observar-me.

— Mas sério, Mclean. Você tem que me prometer que não vai partir assim, do nada. Eu não sou como você, não tenho um montão de amigos, tá?

Então você precisa dizer tchau para mim e precisa manter contato, seja onde você estiver, tá?

Concordei. Ela estava tão emotiva, à beira das lágrimas. Era isso que queria evitar com todos aqueles desaparecimentos súbitos, aquela complicação de despedidas e toda a bagagem que todos trouxeram com eles. Mas agora, olhando para Deb, percebi também do que tinha desistido: de ter a certeza de que alguém sentiria a minha falta, O que aconteceu com o adeus? Michael da Westcott tinha escrito na minha página do Ume.com. Eu tinha bastante certeza de saber agora. Tinha sido empacotado em uma caixa própria, tentando ser esquecida, até que eu precisasse dela. Até agora.

— Tudo bem, então — Deb respondeu, com a voz tensa. Ela tomou ar, e expirou, deixando as mãos caírem do lado. — Agora, se você não se importa, eu realmente acho que devemos enfrentar essas últimas duas partes antes de irmos embora hoje à noite.

— Vamos lá — respondi, aliviada de ter algo de concreto para fazer. Eu a segui até a outra mesa, onde o último grupo de casas e outros prédios estavam enfileirados, etiquetados e prontos para serem colocados. Deb pegou um conjunto, eu peguei o outro, e fomos até o canto direito de cima, bem ao fim do cata-vento. Quando abaixei, tirando o adesivo solto do fundo de um posto de gasolina, falei:

— Estou contente por ter sobrado alguma coisa para eu fazer. Fiquei preocupada achando que tudo estivesse terminado quando voltasse aqui.

— Na verdade, a gente teria terminado — ela disse, empurrando uma casa no setor dela —, mas eu guardei estas para você.

Parei de fazer o que estava fazendo.

— É mesmo?



387

— É — ela ajeitou uma casa, pressionando até fazer um clique, depois olhou para mim. — Você estava aqui desde o começo, quando tudo começou, antes mesmo de mim. É justo que você faça parte do final também.

Olhei para o meu setor novamente.

— Obrigada! — agradei à Deb enquanto puxava a cobertura traseira de um prédio pequeno. Havia apenas mais alguns para terminar.

— De nada — ela respondeu. E então, lado a lado, e sem dizer mais nenhuma palavra, terminamos o trabalho, juntas.

Quando saí do restaurante, faltava meia hora para abrir, e papai ainda não tinha aparecido. Nem Opal.

— Parece um navio naufragando — Tracey, que estava atrás do bar, respondeu-me quando perguntei se ela os tinha visto. — Os ratos abandonam primeiro.

— Opal não é um rato — retruquei, percebendo um tanto tarde que, ao dizer isso, implicava basicamente em dizer que meu pai era. — Ela não sabia de nada disso.

— Ela também não lutou por nós — respondeu, secando uma taça com um pano. — Ela basicamente abandonou o posto desde que anunciaram o fechamento e a venda do prédio. Talvez esteja atualizando o currículo.

— O que você está querendo dizer?

— Bem, não sei ao certo — ela disse, baixando a taça. — Mas o que se diz na praça é que ela anda conversando muito ao telefone, de portas



388

fechadas, em que as palavras realocação e gerencia superior podem estar incluídas.

— Você realmente acha que a Opal sairia assim? Ela adora esta cidade.

— O dinheiro manda — ela respondeu com um levantar de ombros.

Alguns clientes passaram por mim, puxaram os bancos do bar, e ela colocou os cardápios diante deles, recitando:

— Bem-vindos ao Luna Blu. Gostaria de conhecer os nossos

Especiais de Espasmos de Morte?

Distraída, acenei para ela, depois fui até a cozinha, e até a porta dos fundos. Enquanto passava pelo escritório, dei uma espiada na mesa que estava bem organizada, com a cadeira alojada embaixo dela, nenhuma das típicas pilhas de papéis de meu pai espalhadas em volta das várias superfícies. Pelo que parecia, ele, pelo menos, já tinha saído.

Do lado de fora, andei pela ruela, virando na minha rua. Quando mamãe tinha me deixado lá, antes, a casa estava vazia, mas agora, quando ela entrou no meu campo visual, vi algumas luzes acesas, e a caminhonete estava na entrada.

Eu estava quase chegando na calçada quando ouvi um barulhão.

Ergui o olhar, e lá estava o Dave, saindo pela porta da cozinha, com uma caixa de papelão sob o braço. Ele colocou um gorro de tricô na cabeça e começou a descer a escada, sem me ver. Meu primeiro impulso foi só entrar, evitando-o, e assim fugindo de qualquer confronto ou conversa que se seguiria. Mas então, olhei para o céu e imediatamente localizei um triângulo brilhante de estrelas e pensei na mamãe, em pé sobre o deque daquela enorme casa de praia. Tanta coisa tinha mudado e, no entanto, ela ainda conhecia aquelas estrelas, tinha levado aquela parte de seu passado, nosso passado com ela. Eu não podia fugir mais. Eu tinha aprendido isso. Então, embora não fosse fácil, fiquei onde estava.

— Dave.



389

Ele se virou assustado e vi a surpresa no rosto dele ao perceber que era eu.

— Oi — ele disse. Ele não se aproximou, nem eu dele: havia uns bons 4 a 6 metros de distância entre nós. — Não sabia que você estava de volta.

— Cheguei agora pouco.

— Ah! — ele trocou a caixa de braço. — Eu só estava, hã, indo ver a maquete por alguns minutos.

Andei uns dois passos na direção dele, hesitante. — Então você conseguiu uma licença?

— É, algo do tipo.

Olhei para as minhas mãos e tomei ar.

— Olha, sobre aquela noite em que te liguei... Eu não tinha ideia de que meti você em apuros. Puxa, eu fiquei mal por causa disso.

— Não deveria — ele respondeu.

Eu apenas olhei para ele.

— Se não fosse por mim, você não teria tentado sair.

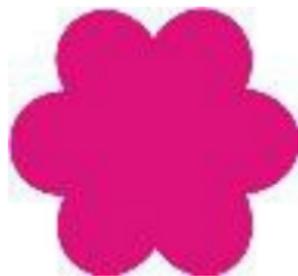
— Tentado... — ele disse.

— Não teria sido pego tentando sair — prossegui —, e depois ter ficado de castigo, ter sua viagem cancelada e basicamente toda a sua vida ficou um bagaço.

Ele ficou em silêncio por um instante.

— Você não bagunçou a minha vida. Tudo que fez foi ligar para um amigo.

— Talvez eu possa falar com seus pais. Explicar o que estava acontecendo e...



390

— Mclean — ele disse, me interrompendo. — Tudo bem, sério. Eu estou numa boa com isso. Haverá outras viagens e outros verões.

— Talvez, mesmo assim não é justo.

Ele deu com os ombros.

— A vida não é justa. Se fosse, você não teria que se mudar de novo.

— Já soube disso, é?

— Ouvi dizer que era para a Tasmânia — ele continuou. Mas tenho a impressão de ser informação errada.

Sorri.

— É para o Havai. Mas eu não vou. Vou voltar a morar com a minha mãe, para terminar o ano letivo.

— Ah — ele disse. — Certo, acho que isso faz mais sentido.

— Tanto quanto qualquer outra coisa — fez-se um silêncio. Ele não tinha muito tempo, e eu sabia que deveria liberá-lo. Em vez disso, falei: —

A maquete está ótima. Cara, vocês trabalharam demais.

— A Deb trabalhou — ele respondeu. — Ela parece uma maluca. Eu só tentei ficar longe do caminho dela.

Sorri.

— Ela me contou sobre a sua discussão com o resto do pessoal.

— As pessoas — ele grunhiu. — Ela não confia em mim para lidar com isso. É por isso que vou meio escondido lá com minhas coisas quando sei que ela não estará lá. Senão, ela vai ficar pegando no meu pé, me deixando louco.

— Suas coisas? — perguntei.

Ele se aproximou um passo, abrindo a caixa para eu olhar.

— Não ria dos trenzinhos elétricos — ele disse —, isso é coisa séria.



Dei uma espiada dentro da caixa. Ela estava forrada com pequenos potes de tinta, de cores diferentes, alguns pincéis juntos de um lado.

Também havia bolas de algodão, alguns chumaços, aguarrás e várias ferramentas pequenas, inclusive um conjunto grande de pinças, algumas tesouras e uma lupa.

— Uau! — exclamei. — O que você anda planejando?

— Só acrescentar um pouco de vida por lá — ele respondeu. Ergui o olhar, mordendo o lábio.

— Não se preocupe, ela já aprovou. Pelo menos a maior parte.

Eu sorri.

— Não acredito que a maquete esteja mesmo quase terminada.

Parece que foi ontem que acabamos de colocar aquela primeira casa.

— O tempo voa — ele olhou para mim. — Então, quando você parte?

— Começo a levar as minhas coisas no próximo fim de se-

— Tão cedo?

Eu assenti com a cabeça.

— Puxa, você não é de dormir no ponto, hein?

— Só acho que, se preciso ir para outra escola... — suspirei.

— É melhor ir logo.

Ele concordou com a cabeça, sem dizer mais nada. Passou outro carro.

— Mas eu preciso dizer — prossegui — que é uma merda quando

tenho que decidir entre apenas duas alternativas. Seguir adiante, para o Havaí, e começar tudo de novo, ou retornar, de volta à minha velha vida que nem mesmo existe mais.



392

— Você precisa de uma terceira opção — ele disse.

— Sim, acho que sim.

Ele balançou a cabeça absorvendo isso.

— Bem — ele disse —, se é que vale a pena, a minha experiência diz que elas não aparecem assim de cara. É preciso encarar as coisas mais de perto.

— E quando isso acontece?

— Quando você estiver pronta para vê-las, acho — ele ergueu os ombros.

Tive uma visão daquelas caixas da Rubbermaid, enfileiradas na garagem de mamãe na praia perto da Superximbica. — Isso é muito vago e frustrante — respondi.

— De nada.

Então eu sorri para ele, e ele sorriu para mim.

— Você precisa ir — falei. — Antes que a Deb decida fazer uma visita noturna, porque ela não consegue dormir por estar obcecada com a maquete.

— Brincadeira, né? — ele disse. — Mas isso pode acontecer. Te vejo por aí, Mclean.

— Tá — respondi. — Tchau.

Ele começou a virar-se, indo na direção da rua de novo. Mas assim que ele se mexeu, eu me adiantei, bloqueando o espaço entre nós e o beije no rosto. Dava para ver que eu o tinha pego de surpresa, mas ele não se afastou. Quando eu me afastei, tratei de dizer:

— Obrigada.

—Porquê?



393

— Por estar aqui.

Ele balançou a cabeça e depois passou por mim, usando a mão livre para apertar meu ombro enquanto passava. Eu me virei para observá-lo atravessando a rua e ele andou até as luzes brilhantes do Luna Blu. Então me virei para a minha própria casa, respirei fundo e entrei pela porta.

Estava quase alcançando a maçaneta quando duas coisas tornaram-se absolutamente claras: com certeza, papai estava em casa, e ele não estava sozinho. Podia ouvir a voz dele, abafada, de dentro, depois uma voz mais aguda respondendo. Mas as luzes que estavam acesas eram fracas, e enquanto fiquei em pé lá do lado, percebi que a conversa começou a ter pequenas pausas, pequenos silêncios que se tornaram cada vez mais longos, apimentados apenas por algumas palavras ou risadas entremeadas.

Ai, meu Deus, pensei, curvando-me contra a porta, e fiquei totalmente perdida ao imaginá-lo de lábios colados com Lindsay e seus dentes brancos enormes. Eca!

Eu me endireitei, depois bati na porta, forte, antes de abri-la. O que vi diante de mim, literalmente tirou o meu equilíbrio: papai e Opal no sofá, o braço dele sobre os ombros dela, os pés dela repousando no colo dele. Os dois estavam ruborizados, e o primeiro botão da camisa dela estava aberto.

— *Ai, meu Deus!* — exclamei, a minha voz pareceu incrivelmente alta na sala pequena.

Opal saltou, mexendo no botão enquanto cambaleava para trás, batendo na parede atrás dela. No sofá, papai pigarreou e arrumou uma almofada solta, como se a decoração fosse a coisa mais importante naquele momento.

— Mclean, quando você voltou? — ele perguntou.

— Eu pensei... Eu pensei que você estivesse namorando a representante... — falei. Depois olhei para Opal, que ajustava uma mecha de cabelo atrás da orelha, perturbada e constrangida.



394

— Pensei que você o odiava.

— Bem... — papai começou.

— Ódio é uma palavra *forte* demais — Opal completou.

Olhei para ele, depois para ela, depois para ele de novo.

— Vocês não podem fazer isso. É loucura.

— Bem... Essa palavra também é muito forte. — Opal protestou, limpando a garganta.

— Você não deve estar a fim disso — falei. — Ele está partindo.

Você sabe disso, não é? Para o Havai.

— Mclean... — papai interrompeu.

— Não! — insisti. — Era uma coisa quando era a Lindsay ou a

Sherry em Petree, ou a Lisa em Montford Falls, ou a Emily em Westcott —

Opal franziu a testa, olhando para papai, que mexeu na almofada de novo.

— Mas eu gosto de você, Opal. Você foi legal comigo. E você deveria saber o que vai acontecer. Ele simplesmente vai desaparecer, e você vai ficar aqui, ligando e pensando por que ele não retorna a ligação e...

— Mclean — papai repetiu. — Pare com isso.

— Não. Pare *você*. Não faça isso.

— Não estou fazendo.

Fiquei parada lá, sem ter certeza do que dizer. Podia ver Opal com o canto do olho, observando-me com cuidado, mas eu mantive o olhar no meu pai. Pelo menos por um instante, até de repente observar a cozinha atrás dele. Havia sacolas de compras empilhadas na mesa, e algumas portas de armário estavam abertas, mostrando latas e algumas caixas de comida lá dentro. Macarrão e alguns tomates repousavam empilhados sobre uma tábua e havia uma panela nova de vidro, lavada, sobre o escorredor, esperando ser usada.



395

— O que está rolando por aqui? — quis saber, virando-me para ele.

Ele sorriu para mim, depois olhou para Opal.

— Sente-se aqui. A gente explica tudo — ele disse.



396

Dezessete

— OH, NÃO! — DEB EXCLAMOU. — O que aconteceu com a minha folha TAS? Alguém viu por aí?

— Não. — Heather, que estava curvada em um dos cantos da maquete, colando arbustos perto de um bosque local, respondeu. — Talvez você tenha perdido.

— Heather, pare com isso — Riley falou. — Deb, deve estar por aí, em algum lugar. Onde é que foi o último lugar onde você mexeu nela?

— Se eu soubesse, ela não estaria perdida — Deb respondeu, indo até a mesa e remexendo alguns papéis por lá. — Isso é muito louco! Não vou conseguir terminar hoje sem a TAS.

— Ai, ai — Ellis, do outro lado da maquete, falou. — Fiquem prontos para uma LCD...

Ergui o olhar de onde estava acrescentando algumas lajotas na

calçada.

—LCD?

— Loucura Completa da Deb — Heather explicou.

— Ouvi tudo! — Deb gritou. — E para sua informação, isso nem é uma boa abreviação. Tem de estar conectado com a realidade, não é pra ser inventado.



397

— LCD não faz parte do mundo real? — Ellis perguntou. — Desde quando?

— Que horas são? — Deb perguntou, se agitando toda. — Alguém sabe?

— Você está de relógio — Heather lhe disse.

— São nove e trinta e dois — Riley respondeu. — O que quer dizer...

— Vinte e oito minutos! — Deb gritou assustada. — *Vinte e oito minutos* e depois a gente tem que sair daqui. Ordens da Opal.

— Pensei que a Opal nem trabalhasse mais no Luna Blu — Riley observou.

— Não trabalha mesmo — Deb respondeu. — Mas ela é dona do

prédio. Então, ela faz as regras.

Peguei outro arbusto e o coleí com cuidado.

— Ela ainda não é dona. E mesmo que fosse, seria apenas uma porcentagem. Os Melman e outros sócios vão compartilhar o resto — eu falei.

— Os Melman? — Riley perguntou.

— Os donos anteriores — falei. — Eles começaram este lugar, há muito tempo.

Olhei ao redor da sala lembrando-me de quando Opal me contou a história do restaurante, naquele dia em que apareci pela primeira vez aqui.

Nas duas últimas semanas, muita coisa tinha rolado a respeito do Luna Blu. Primeiro, papai tinha oficialmente sido indicado para o projeto novo no Havaí, enquanto Opal tinha se demitido, deixando-a livre e desimpedida para trabalhar na compra do prédio assim que Chuckles o colocasse à venda. O que ele acabou fazendo a um preço bastante razoável, em troca de duas coisas: uma porcentagem polpuda, e um retorno em pães no cardápio. Este acordo foi celebrado com uma longa refeição lá em casa,



entremeadado de bife Kobe à havaiana e duas garrafas de um tinto muito bom. Quando aos Melman, os antigos patrões de Opal, eles apareceram logo depois, após ela ter voado para a Flórida com um plano de negócios e uma oferta que eles não quiseram recusar. Parece que a vida de aposentados era um pouco monótona demais para o gosto deles: eles sentiam falta da excitação de ter uma rotina diária de trabalho. Enfim, com o dinheiro deles, um empréstimo bancário para abertura de empresa e o preço de barganha de Chuckles, Opal estava conseguindo ter seu próprio restaurante. Mas primeiro, o Luna Blu tinha de ser fechado.

Ninguém ficou feliz com isso. Durante a última semana, enquanto estávamos em cima trabalhando, o restaurante esteve ocupado que era uma loucura, ocupado pela população local que soube das notícias e queria fazer uma última refeição lá. Pessoalmente, eu achava que o lugar todo implodiria sem papai e Opal, mas surpreendentemente, sob a liderança dupla de Jason e Tracey, as coisas tinham rolado bem. Papai surpreendeu-se mais de uma vez, pois ele sempre tivera em conta que Tracey seria o tipo que primeiro pularia do barco. Mas, como se pôde ver, ela provavelmente tinha se garantido na posição de gerente no novo restaurante da Opal.

— Achei! — Deb exclamou, pegando o bloco de papel do chão perto do patamar e erguendo-o. — Graças a Deus. Tudo bem, deixe-me ver o que está faltando... Paisagismo final em andamento, os sinais de trânsito estão — ai, droga, onde está a sinalização?

— Estou fazendo isso agora mesmo — Ellis manifestou-se. —

Respire fundo, tá?

— Então, só faltam os detalhes finais da população — Deb disse, sem mesmo respirar. Ela olhou em volta. — Tinha mais um saco de finalização, ontem, que ainda não havia sido ajeitado. O que aconteceu com ele?

— Eu não consigo dar conta destas árvores e das perguntas ao mesmo tempo — Heather se manifestou.



399

— Ai, pelo amor de Deus, aprenda a ser multitarefa — Ellis comentou.

— Onde estão todas essas pessoas? — Deb perguntou. — Juro que estavam bem aqui...

— Provavelmente, Dave as colocou — Riley respondeu. — Ele esteve aqui na noite passada novamente.

— Esteve? — Deb virou-se, olhando para ela.

Riley fez que sim.

— Quando eu saí, as seis, ele estava chegando. Disse que tinha alguns últimos retoques para terminar.

— Eu passei um torpedo para ele às sete, e ele ainda estava aqui. —

Ellis completou.

Olhei enquanto Deb ia até a maquete, examinando-a vagorosamente de lado a lado.

— Não estou vendo grande diferença — comentou. — Nada que deva ter levado horas, pelo menos.

— Talvez ele trabalhe bem devagar — Heather observou.

— Não, essa é você — Ellis retrucou.

— Dezoito minutos! — Deb exclamou. — Galera, isto é sério. Se alguém tem algo a fazer que leve mais que dezoito minutos, fale agora.

Porque está na hora. Ninguém? Ninguém?

Fiz que não com a cabeça, tinha apenas um punhado de arbustos para acrescentar. No entanto, todos se aquietaram enquanto trabalhávamos, os minutos se passavam rapidamente. Lá embaixo, sabíamos que eles estavam em contagem regressiva também: pois até as dez tudo deveria estar pronto. Parecia tudo que fizemos naquelas últimas semanas tinha sido de mudanças e término. Os começos ainda estavam para surgir.



Mais uma vez, papai e eu tínhamos empacotado as coisas da casa e as pessoais, em caixas. Porém, desta vez, elas iriam para um depósito e não na caminhonete. Quanto ao Havaí, tudo que papai precisava era uma mala. O plano era ele ficar durante o verão, ajudando o restaurante de Chuckles a se pôr em pé, e depois voltar a tempo de ajudar mamãe a me colocar em seja qual for a escola que eu decidir cursar. Depois ele viria a Lakeview onde ocuparia o lugar de chef no restaurante de Opal até ele decidir o que faria em seguida. O relacionamento deles — que aparentemente tinha começado na noite em que ele comentara sobre o fechamento do restaurante, e acabou com ele seguindo-a até a casa dela para terminar a conversa.— era novo. Eles já tiveram de dar conta de coisas estranhas como o rompimento de papai com a Lindsay Barker (Opal tinha desistido de ir ao spinning por um tempo) e estávamos para encarar uma separação.

Nenhum deles era inocente o suficiente para saber se eles realmente conseguiriam. Mas só de saber que ele tinha alguém para quem se voltar de vez em quando, além de mim, era reconfortante. Eu, desta vez, estava torcendo por eles.

Quanto a mim, eu tinha feito as malas também, minhas coisas dobradas dentro das mesmas caixas, prontas para fazerem a viagem de regresso a Tyler. Não foi fácil sair, especialmente com tão pouco que sobrou do ano. Todos falavam dos planos finais: o término da maquete, a formatura, a viagem de carro para Austin, embora Ellis, Riley e Heather estivessem menos animados que antes, pois Dave ficaria de fora. Quanto ao Dave, ele tinha recuado também, em grande parte por ser necessário.

Ele ia para o trabalho, a escola, as aulas na U e para casa.

O carro estava proibido, ficava estacionado na entrada sob a cesta de basquete, assim, todo o tempo livre de que ele dispunha era gasto trabalhando na maquete. Embora agora, por seus próprios motivos, preferisse fazê-lo sozinho, aparecia por uma hora aqui e acolá, quando o resto de nós já tivesse partido.

Ele podia estar ausente, mas seu trabalho tinha destaque, pois durante a última semana as pessoas, aos poucos, começaram a aparecer na



401

maquete, aqui e ali. Ele não as colocou usando o sistema de setor, ou o cata-vento, ou nada. Em vez disso, o número delas parecia crescer, dia a dia, conforme elas se agrupavam por si. Cada figura: homens, mulheres, crianças, pessoas andando com os cachorros, ciclistas e policiais — eram acrescentados meticulosamente, e isso era óbvio, com muito cuidado. Mais de uma vez, fiquei diante da janela da frente, olhando para as janelas dos fundos do Luna Blu e pensava se ele estava acordado, lá, curvado sobre aquele pequeno mundo, adicionando coisas, uma pessoa de cada vez. Muitas vezes pensei em me juntar a ele, mas era como se ele estivesse

fazendo uma coisa sagrada, que ele tivesse de fazer sozinho. Então o deixei.

— Cinco minutos! — Deb gritou, mexendo-se rapidamente por trás de mim, com a lista TAS nas mãos. Voltei o olhar ao redor da maquete até Riley, que arrumava um cruzamento, a testa franzida; depois para Heather, que estava de cócoras, admirando as árvores, Ellis, um pouco à minha esquerda, ajustava um semáforo sobre o local.

— Um minuto! — ouvi Deb dizer, e me afastei, respirei fundo enquanto olhava para a maquete inteira e para os rostos de meus amigos reunidos em volta dela. Conforme o tempo foi passando, ficamos todos sentados lá, em silêncio, depois ouvimos os empregados fazendo a contagem regressiva abaixo de nós. Um coro de vozes, marcando o fim de uma coisa e o começo de outra.

— Cinco! — olhei para o último arbusto que tinha colocado e toquei o dedo nele.

— Quatro! — lancei o olhar para Riley, que sorriu para mim.

— Três! — Deb aproximou-se e ficou em pé na minha frente, mordendo os lábios.

— Dois! — Lá em baixo, alguém já aplaudia.

E naquele segundo, bem antes do final, olhei ao redor da maquete novamente, querendo ver uma última coisa. Quando a encontrei, percebi



402

outra coisa. Mas nessa hora, todos já estavam comemorando, em movimento.

—Um!

— Aonde vai? — papai me chamou quando eu virava a esquina. —

Vai perder a festa.

— Volto já — respondi.

Ele concordou com a cabeça, depois virou-se para o bar, onde todos os empregados e alguns fregueses regulares do Luna Blu, além de Deb, Riley, Heather e Ellis, estavam reunidos, acabando com todo o estoque de sobras de pickles fritos. Opal também estava lá, servindo cerveja, o rosto corado e feliz.

Enquanto subia para o sótão, ainda pude ouvir todos conversando e rindo, as vozes se elevando atrás de mim. Assim que cheguei ao patamar, fez-se silêncio, quase uma paz, e a maquete estendia-se diante de mim.

Com toda a agitação anterior, não tinha conseguido ver de perto o que

queria. Queria ficar sozinha, como agora, quando eu tinha todo o tempo disponível.

Eu me abaixei sobre o meu bairro, observando todas as pessoas que lá estavam. De cara, parecia que encontravam-se arranjadas da mesma forma em que estavam, em todas as outras partes: em formações aleatórias, alguns em grupos, outros sozinhos. Então, eu vi uma figura isolada na parte de trás da minha casa, afastando-se da porta dos fundos, onde havia uma cerca, enquanto outra pessoa, com um distintivo e uma lanterna o seguia. Havia três pessoas sob a cesta de basquete, uma deitada de bruços no chão.



403

Respirei fundo, depois me aproximei ainda mais. Duas pessoas estavam sentadas na calçada entre a minha casa e a de Dave: a alguns centímetros de distância, duas outras caminhavam pela passagem estreita até a porta dos fundos do Luna Blu. Havia um casal em pé na entrada da garagem, se olhando. E naquele prédio vazio, o antigo hotel, havia um conjunto minúsculo de portas de porão abertas, uma figura diante delas. Não estava claro se ela estava subindo ou descendo, e o próprio porão era

um quadrado escuro. Mas eu sabia o que havia lá embaixo.

Ele tinha me colocado em toda parte. Em cada local em que eu já estivera, com ou sem ele, desde a primeira vez em que nos encontramos até a última conversa. Tudo estava lá, disposto cuidadosamente, tão real quanto os prédios e ruas ao redor. Engoli em seco, com dificuldade, depois me adiantei, tocando a garota correndo pela cerca. Não era Liz Sweet. Nem ninguém naquele momento, não ainda. Mas a caminho de ser alguém. Eu. Eu me ergui, depois me virei e, desci a escadaria até a área do bar.

Todos conversavam, o barulho era ensurdecedor, o cheiro de pickles fritos pairava no ar enquanto eu pegava um atalho pela porta dos Fundos. Ouvi Riley me chamando, mas não me virei. Do lado de fora, ajustei melhor a blusa ao redor da cintura e comecei a correr pela ruela até a minha rua.

As luzes estavam acesas na casa de Dave quando subi a entrada de carros, o Volvo estava estacionado onde estivera durante toda a semana, bem embaixo da cesta de basquete. Parei, olhando-o por um instante, lembrando de mim e de papai estacionando no lugar ao lado naquele primeiro dia. Olhei para cima, para a cesta; a sombra, um círculo alongado que se estendia pelo para-brisa e o assento do motorista. Um copo da Frazier Bakery vazio repousava no porta-copos, algumas capas de CDs largadas no banco. E no console central estava um Gert.

O que? Impossível, pensei, aproximando-me para espiar melhor pela janela. O mesmo trançado estranho, as mesmas conchas penduradas. Só para ter certeza, no entanto, abri a porta, tentando alcançá-lo e o virei. Um pequeno GS, em canetinha Sharpie, estava gravado atrás.



404

— Parada!

Uma lanterna explodiu em cena, a claridade preencheu o meu campo visual. Ergui a mão, vendo as estrelas enquanto ouvia o som de passos se aproximando. Um instante mais tarde, a luz foi desligada, e lá estava o Dave. Ele olhou para mim e depois para o Gert.

— Sabe... — ele falou. — Se estiver procurando carros para roubar, acho que você pode fazer melhor.

— Você foi — eu disse com a voz baixa, olhando para o Gert novamente. Eu me virei, olhando para ele. — Você estava lá, no Poseidon, naquela noite. Todo este tempo eu pensei...

Ele deslizou a lanterna para o bolso sem dizer uma palavra.

— Por que você não me disse? — insisti. — Não entendo.

Ele suspirou, olhando para a casa dele e depois começou a descer pela entrada, na direção da rua. Eu o segui com o Gert ainda na mão.

— Eu vi o seu pai quando estava saindo. Ele estava em pânico... então eu lhe disse o que sabia. Depois voltei para casa. Mas continuei pensando no jeito que você tinha me ligado, como não parecia nada com

você, ou daquele você que eu tinha visto na página do Ume.com naquele dia.

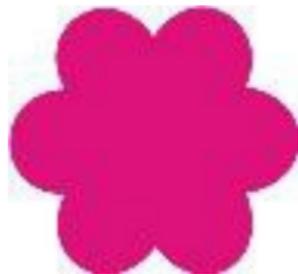
Eu estremei no escuro. Agora subíamos a ruela.

— Então fui até lá para ter certeza de que você estava bem. Peguei o carro, achei o hotel e estacionei. Mas quando eu subi para bater na porta, eu te vi através da janela. Você estava deitada na cama com seu pai e mãe ao lado, e foi só... Você tinha o que precisava naquela hora. Sua família.

Minha família. Que conceito. Então eu disse:

— Daí, você foi embora.

— Só depois de ter parado para comprar uma lembrancinha do único lugar aberto — ele continuou, balançando a cabeça enquanto olhava



405

a minha mão fechada. — Não deu para resistir. Mas nem sei como você reconheceu.

Eu sorri.

— É um Gert. Mamãe e eu comprávamos um sempre que íamos para lá.

— Um Gert. Gosto disso — viramos a esquina até o Luna Blu. —De

qualquer forma, eu apenas dirigi de volta à minha casa. E meus pais

estavam me esperando. Você conhece o resto da história.

Engoli a saliva, sentindo minha garganta ficar tensa. Enquanto

andávamos pelo corredor, pude ouvir o barulho e as risadas ficando cada vez mais altas, o ar quente quando Dave empurrou a porta para abrir, e nós estávamos dentro do restaurante.

— Olha só ele! — Ellis gritou. — Como escapou?

— Bom comportamento — Dave respondeu. — O que andei perdendo?

— Só o fim de tudo. — Tracey falou, do outro lado do bar. Fiquei surpresa ao vê-la, cínica do jeito que era, dando pancadinhas nos olhos vermelhos com um pano de pratos, enquanto Leo, como era de se esperar, mastigava um punhado de picles ao lado dela.

— Não é apenas um fim — Opal lhe disse. — Também é um começo.

— Odeio começos — Tracey respondeu, fungando. — Eles são tão... novos.

Olhei para Dave, sentado ao lado de Ellis no fim do balcão, Riley perto dele, depois a Heather e a Deb, com as cadeiras formando um triângulo, as cabeças juntas enquanto falavam alto para sobrepujar o som, enquanto Opal abraçava Tracey do outro lado das torneiras. Olhei para todos eles, depois para papai, que estava bem no fim do balcão também curtindo tudo. Quando me viu, ele sorriu e pensei em todos os lugares em



406

que tínhamos estado, como ele era minha única constante, minha estrela-guia. Eu não queria deixá-lo nem sair daqui. Mas não tinha outras opções.

Eu me afastei do balcão, virando rapidamente o canto, e subi na direção da maquete. Andei e fiquei por lá, olhando para ela, tentando achar meu eixo. Após um momento, ouvi passos atrás de mim, e mesmo antes de virar-me, eu sabia que era o Dave. Ele estava em pé na escada, olhando para mim, enquanto o barulho da festa lá embaixo pairava no ar atrás dele.

— É incrível — falei para ele. — Nem consigo acreditar que você tenha feito.

— Todos nós fizemos juntos.

— Não a maquete — engoli em seco. — As pessoas.

Ele sorriu.

— Bem, os trenzinhos elétricos realmente ensinam muitas habilidades.

— Sei que você está brincando... mas isto é a coisa mais bacana que já fizeram para mim. Sério — falei balançando a cabeça.

Dave aproximou-se, enfiando as mãos nos bolsos. Sob a luz intensa,

ele parecia claro, visível. Real.

— Você fez todas essas coisas — ele disse apôs um instante. — Tudo que fiz foi documentar.

Senti as lágrimas ardendo nos olhos quando olhei para baixo, na maquete, novamente observando aquela garota e o carinha, na calçada.

Para sempre naquele lugar, juntos.

— Você precisa voltar e descer — ele falou. — Seu pai me enviou atrás de você. Eles estão para brindar ou algo assim.

Assenti, e depois me virei para segui-lo.

— Então eu acho que era isso que você queria dizer, né?



407

— Sobre o quê?

— Olhar mais de perto — respondi, quando ele já começava a descer a escada.

— Mais ou menos — ele respondeu. — Ei, apague as luzes quando sair, tá bem?

Eu parei, dando a última espiada na maquete, extensa e completa, antes de buscar o interruptor e desligar a luz. No começo, no escuro, só

conseguia ver um pouco da luz da rua que entrava da janela mais distante, iluminando o piso. Depois, então, eu localizei mais alguma coisa. Algo pequeno e brilhante, exatamente no mesmo lugar que eu estudara antes. Fui até lá, examinando o Luna Blu, a minha casa e a de Dave. Mas era o prédio atrás deles, aquele hotel vazio, que tinha a luz mais minúscula, que vinha apenas de uma palavra escrita com tinta fluorescente. Talvez não fosse o que estivera ali antes, na vida real. Mas nesta ela dizia claramente: FIQUE.

Eu me virei, olhando para a escada, a luz lá embaixo. Não tinha ideia se o Dave já estava lá embaixo com todo mundo quando corri pela sala, segurando o corrimão para ir atrás dele. Mas apenas após um passo, de repente, estávamos cara a cará. Ele estivera ali o tempo todo.

— É o que dizia de verdade, no telhado do prédio? — perguntei.

Pude sentir a respiração, o calor da pele dele. Estávamos tão perto.

Ele respondeu:

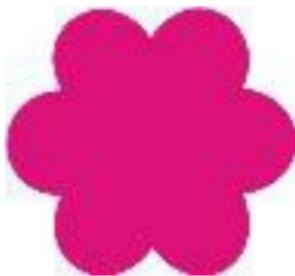
— Não tenho a mínima ideia, mas qualquer coisa é possível.

Sorri. Lá embaixo, eles riam, se alegravam, despedindo-se da última noite neste local sagrado. Logo, eu sabia que teria que me juntar a eles, e fechá-lo juntos. Mas no momento, eu me inclinei para mais perto de Dave, colocando os meus lábios sobre os dele. Ele me envolveu com os braços, e quando ele retribuiu o meu beijo, eu senti algo dentro de mim se abrindo, como o início de uma nova vida. Eu ainda não sabia que tipo de garota ela



408

seria, ou para onde essa vida a levaria. Mas eu ficaria de olhos bem abertos e quando a hora chegasse, eu saberia.



409

Dezoito

— QUE MERDA! — OPAL PRAGUEJOU, ao derrubar uma pilha de pratos vazios com um estrondo. OCIEC! (creio que essa parte ai seja “ outro cliente” mas não tenho certeza...)

— Já? — perguntei. — Estamos abertos há apenas quinze minutos.

— Sim, mas só estamos com uma mesa, essa mesa é da Tracey — ela

disse, enfiando dois pedidos no espeto, na janela entre nós.

— Já estamos no osso.

Ela saiu agitada, resmungando entre os dentes, enquanto eu tirava os tíquetes, olhando para eles.

— Pedidos! — gritei para Jason, que estava sentado à mesa de preparo, atrás de mim, lendo o Wall Street Journal.

— Pode ditar — ele disse, pulando da cadeira.

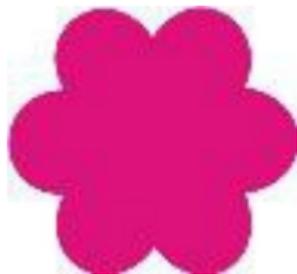
— Tem certeza? Já estamos atrasados.

— Se você vai ficar no buraco, tem de aprender a passar as ordens

— ele insistiu, andando até a estação de grelhados atrás de mim. — Vamos lá.

— Um sanduíche de frango à Mediterrânea. Uma porção de fritas.

Salada de acompanhamento — falei, olhando no início do tíquete.



410

— Bom — ele disse. — Agora, capriche na salada. Vou fazer o filé e pôr as batatas para fritar.

Concordei com a cabeça, virei-me para a mesa de trás e peguei um pratinho da prateleira de cima. Apesar de ter crescido em restaurantes,

trabalhar em um ainda era totalmente inédito. Mas não havia nenhum outro lugar em que eu gostaria de estar.

Na formatura, uma semana antes, eu me sentara com o resto da minha classe, abanando o rosto com um programa úmido enquanto os oradores falavam monotonamente, e as famílias e amigos remexiam-se nos assentos. Quando todos nos levantamos, segurando os chapéus para jogá-los para cima, de repente, uma brisa soprou, elevando todos aqueles quadrados pretos com borlas lá no alto, fazendo-os decolar como pássaros. Então virei-me buscando os rostos de meus amigos. Vi Heather primeiro e ela sorriu.

Sim, eu deveria voltar para Tyler. Mas as coisas mudam. E, às vezes, as pessoas também, e isso não é necessariamente ruim. Pelo menos, é o que eu estava esperando no sábado, após o fechamento do Luna Blu, quando mamãe apareceu para ajudar-me a embalar as minhas coisas. Papai também estava lá, e Opal, todos fazendo viagens entre o meu quarto e o enorme utilitário de Peter, conversando enquanto trabalhávamos. Opal e mamãe se deram bem imediatamente, o que, tenho de admitir, surpreendeu-me. Mas assim que ela descobriu que mamãe tinha tomado conta de todas as questões financeiras do Mariposa, ela começou a pensar em como deveria fazer o melhor no novo local. Quando dei por mim, as duas estavam sentadas à mesa da cozinha, com um bloco entre elas, enquanto papai e eu terminávamos o serviço.

— Isso não o deixa nervoso? — perguntei-lhe, quando tiramos o meu travesseiro e o laptop, passando por elas. Mamãe dizia algo sobre a

folha de pagamento, enquanto Opal anotava na página, balançando a cabeça.



411

— Não — ele disse. — A verdade é que sua mãe manteve aquele restaurante anos a fio, e por mais de dois anos do que deveria. Sem ela, teríamos fechado muito antes.

Olhei para ele sobre o capô do utilitário.

— Verdade?

— É, sua mãe entende das coisas.

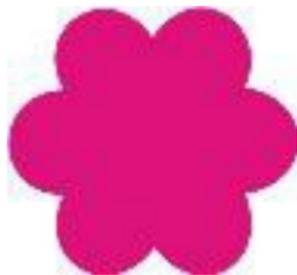
Fiquei pensando sobre isso mais tarde, quando finalmente terminei de empacotar tudo e estávamos prontos para partir. Tinha me despedido de Deb, Riley, Ellis e Heather na noite anterior, no jantar de despedida: frango frito, claro — que a mãe de Riley preparou para mim na casa dela. Minha despedida de Dave foi mais íntima, na hora em que ele estava livre, depois de eu chegar em casa. Sentamos juntos nos degraus que davam para o abrigo de tempestade, as mão entrelaçadas, e fizemos planos. Para o próximo fim de semana, para uma viagem para a praia, se ele conseguisse safar-se, para todos os telefonemas e torpedos e e-mails que esperávamos

que nos mantivessem unidos. Como papai e Opal, não estávamos brincando. Eu sabia o que a distância podia fazer. Mas havia uma parte de mim aqui, agora, não apenas na maquete. Eu planejava voltar para ela.

Quando fechei a porta do carro, com tudo finalmente dentro, olhei em volta e vi a senhora Dobson-Wade em pé na cozinha. Dave estava no serviço, o outro carro estava fora, e ela estava sozinha, folheando as páginas de um livro de receitas. Ao observá-la, pensei em mamãe, e em todos os problemas dos últimos dois anos que tínhamos superado.

Confiança e desapontamento, distância e controle. Parecia algo exclusivo da gente, mas eu realmente sabia que não era. Também sabia que só porque encontramos paz, não significava que todos encontrariam. Mas Dave tinha feito uma coisa por mim. O mínimo que eu poderia fazer era retribuir o favor.

Quando bati na porta dela alguns minutos mais tarde, com mamãe e papai atrás de mim, ela pareceu surpresa. Depois, quando entramos e expliquei por que estava lá, ficou um pouco desconfiada. Assim que



acontecido naquela noite, como o Dave tinha ido até mim e contado ao papai onde eu estava, percebi que o rosto dela relaxou um pouco. Ela não nos prometeu nada, apenas disse que pensaria a respeito do que tínhamos dito. Mas então, algo aconteceu. Para mim.

Foi quando estávamos entrando no carro para partir. Opal e papai estavam na entrada da garagem para se despedirem, a casa quase que totalmente vazia atrás deles. Era tão estranho, como o reverso de quando deixei Tyler com ele, tantos anos atrás. Com todas as minhas partidas, ele nunca tinha me visto partir e, de repente, não tive certeza de poder fazê-lo.

— Não é adeus — ele disse, enquanto eu o abraçava apertado, e

Opal fungava perto dele. — Vou vê-la bem, bem rapidinho.

— Eu sei — engoli em seco e depois me afastei. — É que... eu odeio tanto deixar você.

— Vou ficar bem — ele sorriu para mim. — Agora vá.

Eu consegui controlar-me até entrar no carro e partir. No entanto, quando a casa e eles, ao lado dela, distanciavam-se do espelho lateral, eu desabei, comecei a chorar.

— Meu Deus — mamãe disse, com as mãos tremendo, enquanto ligava o pisca, indicando que iria virar. — Não chore. Você vai me deixar totalmente desconcentrada.

— Desculpe — respondi, esfregando o nariz com as costas da mão.

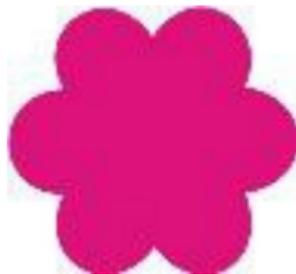
— Estou bem. Estou.

Ela assentiu com a cabeça e virou para a estrada principal. Mas após dirigir por um quarteirão, ela deu o sinal de novo, fez a conversão em um

estacionamento de um banco. Então ela desligou o carro e olhou para mim.

— Não consigo fazer isso com você.

— O quê? — perguntei, enxugando os olhos.



413

— Arrancar as suas raízes, deixar você partir, seja o que for — ela soluçou, fungando de novo, e agitou uma mão enquanto acrescentava: —

Não depois de ter ficado brava por causa disso durante os últimos dias. É hipócrita demais. Não consigo fazer isso.

— Mas — eu disse, enquanto ela buscava um lenço no enorme console central, assoando o nariz —, não tenho outra opção. A menos que você queira que eu vá para o Havai. Certo?

— Não tenho tanta certeza assim — ela disse, ligando o carro de novo. — Vamos ver.

No fim, fizemos um acordo. Mamãe me deixou ficar, em troca de uma promessa de que eu a visitaria regularmente, seja em Tyler ou em Colby. Quanto a papai, ele teve que ser convencido de que Opal, que tinha me oferecido um quarto em troca de trabalho na organização do novo restaurante, não estava entrando em algo que não era da conta dela. Era

minha tarefa ficar sempre conectada com meus pais, respondendo aos telefonemas e e-mails, e ser honesta com o que acontecia comigo. Até agora, tem sido fácil manter a minha parte no acordo.

Amei poder terminar o ano em Jackson. Pela primeira vez, eu realmente fazia parte de uma classe, podia compartilhar de rituais como o Dia de Cabular Aulas e a Distribuição de Anuários, com o meu ano escolar terminando junto com o de todos os outros alunos. Eu estudei para os exames finais com o Dave no sofá da sala dele, ele lendo física adiantada enquanto eu batalhava com a trigonometria. Então, enquanto ele trabalhava, eu fazia sessões de comilança na Fray Bake com a Heather, Riley e Ellis, energizadas pelo Especial Deixa Rolar, que ele fazia pessoalmente. Quando derrubei um guardanapo no chão, no outro dia, e me curvei para catá-lo, vi rapidamente o pé de Riley enrolado no de Ellis. Eles estavam deixando quieto, mas parecia que talvez ela estivesse deixando de ser “mulher de malandro”, também.

Chegando o outono, quando eu comecei na U, mudei-me da casa de Opal para um dormitório, levando junto meus simples hábitos de viver. No



fim, também entrei na Defriese, mas nunca houve o problema de eu continuar a seguir a terceira opção e ficar.

Quanto ao Dave, ele tinha entrado em tudo ao qual se candidatou, naturalmente, mas decidi ficar no MIT. Eu tentava não pensar tanto na distância, mas tinha esperança de que, acontecesse o que acontecesse, pelo menos, poderíamos sempre nos encontrar. Apesar de tudo, fiquei com a sensação de que eu continuaria a usar bem as minhas aptidões de fazer as malas.

— Quando vem a salada? — Jason gritou enquanto eu espalhava um punhado de cenoura.

— Pronto — respondi, virando-me e colocando-a na janelinha.

— Ótimo. Prepare o pão e o molho para este sanduíche e ficará tudo em cima.

Enquanto eu tirava um pão, colocando-o na grelha para dourar, olhei pela janela a tempo de ver a Deb se apressando, amarrando um avental na cintura.

— Achei que você não estivesse trabalhando hoje — falei alto para ela.

— Só passei para pegar as gorjetas de ontem à noite — ela disse, pegando dois copos de água e enchendo com gelo. — Mas Opal estava muito apurada, assim estou a serviço, agora.

Sorri. Com a maquete pronta, Deb viu-se com tempo demais de sobra. E aconteceu que as mesmas aptidões que a tornavam uma ótima organizadora também a transformavam em ótima garçonete. Ela mal tinha

começado, mas já havia melhorado o sistema de trabalho de Opal em

muito. E os acrônimos.

— Cadê o sanduíche? — Tracey falou, apontando a cabeça pela

janela. — Pessoal!

— Já vai — Jason respondeu. — Não precisa arrancar os cabelos.



415

Ela fez uma careta, depois pegou a salada junto com uma tigelinha de molho e os pães sobre a bandeja. Atrás dela, Deb arrancou outra folha do bloco e colocou no espeto de pedidos.

— Pedido — gritei.

—Fale aí.

Olhei para baixo.

— Pizza marguerita, bastante molho, alho adicional.

— Muito bem. Prepare isso no prato e já vou começar o outro.

Ele deslizou o sanduíche com uma espátula e eu o peguei, colocando-o no cesto que tinha preparado. Atrás de mim, o rádio tocava algo e dava para ouvir os clientes que estavam um pouco além da área de espera e a Opal conversando. Pensei no papai, em algum local do Havai,

talvez fazendo exatamente a mesma coisa, e senti a sua falta, como sempre acontecia. Mas então fiz o que eu sabia que ele queria que eu fizesse, e voltei ao trabalho.

Foi um turno corrido, que se manteve por cerca de uma hora e meia.

Muito embora eu tivesse estragado uma quesadilla, deixando-a passar do ponto, e me esquecido de pedir um hambúrguer que depois tivemos de computer, tudo correu razoavelmente bem. Finalmente, por volta de uma e trinta, Jason me disse para dar um tempo. Peguei o celular e uma água e fui para fora na escada dos fundos.

Estava ensolarado e quente, outro dia quentíssimo de verão, quando comecei a verificar minhas mensagens. Tinha um recado de mamãe, indagando se eu ia para Colby naquele fim de semana. Um e-mail de orientação da U. E um torpedo de Dave.

Não havia palavras, apenas uma foto. Eu cliquei, observando-a enquanto ela enchia a tela.



416

A fotografia era de quatro mãos, duas com tatuagens em círculo, todas usando Gerts. Atrás deles, o céu azul e um cartaz: BEM-VINDOS AO

TEXAS.

— Hey, Mclean — Jason gritou. — Pedido chegando.

Enfiei o celular de volta no bolso, depois virei o copo de água.

Quando retornei à cozinha, andando atrás dele, amassei o copo nas mãos, depois me virei para mirar a lata de lixo atrás de mim. Eu acertei, atirando-o em um arco na direção de um centro perfeito. Tão lindo. Nada além de cesta.

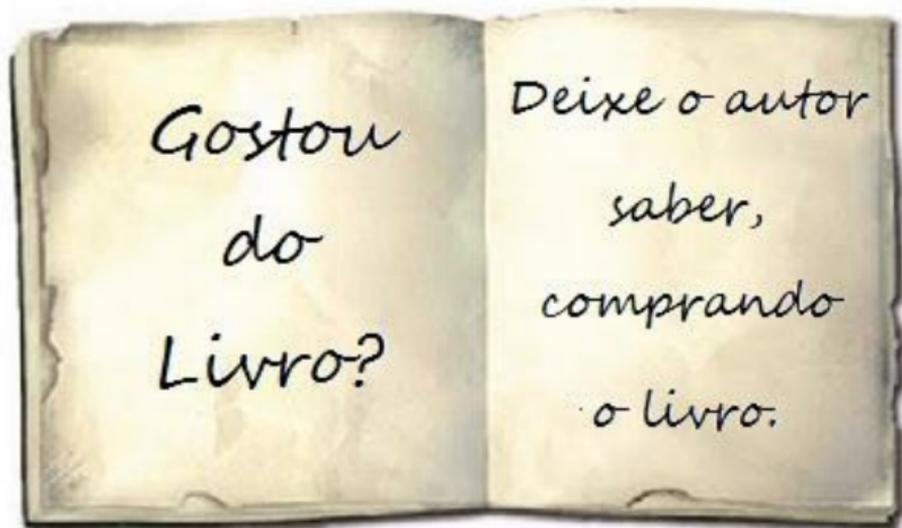












417

Sarah Dessen nasceu em Evanston, Illinois, em 06 de junho de 1970. Ela se mudou com sua família para Virginia Ocidental, e em seguida, na Carolina do Norte, onde agora reside com o marido, a filha Sasha Clementine, e cães. Dois de seus romances, *That Summer* e *Someone Like You*, foram a base para *How to Deal*, um filme de 2003 estrelado por Mandy Moore.





Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>